UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Matheus Cardoso da Silva

As cartas de Londres

George Orwell nas redes Intelectuais entre Londres e Nova York (1941-1946).

**São Paulo
2015**

Matheus Cardoso da Silva

As cartas de Londres

George Orwell nas redes Intelectuais entre Londres e Nova York (1941-1946).

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Doutor em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Sara Albieri.

Área de concentração: História Social

**São Paulo
2015**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Matheus Cardoso da Silva

As cartas de Londres: George Orwell nas redes Intelectuais entre Londres e Nova York (1941-1946).

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Doutor em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Sara Albieri.

São Paulo, 27 de Novembro de 2015

Prof. Dr. Sara Albieri (orientadora) – USP

Sumário

Agradecimentos.	7
Resumos.	10
Introdução.	13
 Capítulo 1 - Capítulo 1 - A experiência da revista nova-iorquina <i>Partisan Review</i> nos anos de 1930.	 36
1.1 - A <i>Partisan Review</i> : um projeto de reação à tradição cultural nos EUA;	36
1.2 - Duas tradições em disputa: marxismo versus modernismo;	40
1.3 - Em torno de uma nova estética social: da adesão ao rompimento com o comunismo nos anos de 1930;	44
1.4 - A refundação da <i>Partisan Review</i> e a luta por uma “arte revolucionária”;	46
 Capítulo 2 - O <i>Left Book Club</i> e o trabalho intelectual no Popular Front britânico.	 63
2.1 - A globalização das ideias dentro da esquerda anglo-saxã no entre guerras;	63
2.2 - O Clube e seu papel na organização do movimento intelectual britânico;	69
2.3 - O Left Book Club como guarda-chuva de uma geração radical;	73
2.4 - A radicalização das ideias na Inglaterra dos anos de 1930;	78
2.5 - O Left Book Club e a Segunda Guerra Mundial;	82
2.6 - As múltiplas faces da esquerda britânica entre as duas Guerras Mundiais;	86
2.7 - A esquerda anti-stalinista britânica durante a Segunda Guerra Mundial;	91
 Capítulo 3 - As cartas de Londres: redes intelectuais dos dois lados do Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial.	 98
3.1- Os caminhos de uma nova literatura engajada;	98
3.2- Em busca de uma definição do papel social do intelectual na virada da Segunda Guerra	

Mundial;	101
3.3 - A aproximação com uma vanguarda radical europeia;	111
3.4 - A Partisan Review e a Segunda Guerra Mundial;	114
3.5 - As Cartas para Londres: a história de uma coluna;	121
3.6 - Orwell e as Cartas de Londres;	130
3.7 - Da luta antifascista à autocrítica nacional;	161
Capítulo 4 - Em torno da recepção do Animal Farm.	167
4.1- O pós-guerra nos EUA;	167
4.2- O pós-guerra em Londres;	179
Conclusão.	213
Bibliografia.	232

Dedico este trabalho à memória da mulher que me deu a vida. Minha querida mãe, Creuza Florêncio Cardoso da Silva. Seu legado se perpetua em seus filhos.

AGRADECIMENTOS

A constituição de uma tese de doutorado que ocupou cinco anos da vida de alguém que a pouco passou dos trinta, é muito mais que a conclusão de uma etapa de uma carreira profissional. Todo o percurso deste trabalho, de seu início no final do ano de 2010 até o presente momento, indica justamente que ela, esta tese, é parte de um processo muito mais amplo, de amadurecimento pessoal. Como parte da minha vida então, este trabalho carrega todas as experiências, os laços de amizade construídos e as memórias de lugares e pessoas que conheci ao longo de todos esses anos.

Da mesma maneira, este trabalho carrega suas perdas, especialmente de minha mãe, Creuza, falecida alguns anos antes da derradeira conclusão deste trabalho. Minha mãe que, como mãe, me apoiou em todas as vezes que mais precisei de apoio e me criticou quando eu achava que não deveria ser criticado. Assim como esse trabalho é parte de mim, ele é parte dela, pois eu, como seu filho, sou seu legado e é nele que sua memória permanece.

Outra parte de mim – e por consequência deste trabalho – são meu pai, Francisco, e irmão, Thiago, que sempre estiveram do meu lado, mesmo que, em determinados momentos de nossas vidas, nossas ideias não confluíssem na mesma direção. Sem seu apoio, contudo, nada disto teria sido possível.

Devo agradecer ainda a minha companheira, amiga, mulher, a pessoa que me ensinou o verdadeiro sentido do amor. É ela também responsável pela pessoa que eu sou hoje. Sem ela, Yuri, esse trabalho também não teria sido possível.

Minha querida orientadora de todos esses anos desde o mestrado, professora Sara Albieri, que há muito deixou de ser apenas uma referência intelectual para mim. Mais do que me ensinar a trilhar os labirintos as vezes confusos, as vezes inquietantes, da academia, me ensinou a ver a vida de uma maneira mais paulatina, calma, organizada e perseverante. Os conselhos de todos esses anos não deram rumo apenas a esta pesquisa, mas à minha formação como indivíduo.

Todos as amizades que construí nos últimos anos, dentro e fora da academia. Todas as pessoas que conheci ao longo de muitas viagens (algumas que permanecem amigas até hoje) e todo o aprendizado que todas elas me proporcionaram. De Cartagena, Telmira e seus filhos Sebastián e David; de Quito, Maria Eugênia e Christian; de Esmeraldas, Maria Cecília e Victor; de Manizales, Paola e Patrícia; de Santa Marta, Adriana; de Bogotá, Amy; de Manaus, Brenayon. Cada uma delas deixou algo em mim, e cada pedaço disto carregarei comigo eternamente. Aos colegas “orwellianos” Débora Tavares e Leonardo Trevas, que desbravam as mesmas terras incógnitas do estudo desse personagem chamado George Orwell por estas bandas do globo; à Luciana Garcia Oliveira pelas parcerias e projetos passados e futuros. Àqueles mais próximos, cuja convivência se estendeu por todos esses anos, agradeço pelo companheirismo sincero, pelas ideias trocadas e os

momentos de convivência “extramuros” universitário, que me fizeram sentir humano quando esquecia o que era isso, e agradeço por me permitirem conviver com suas famílias. Jayme (estendendo à sua esposa Regiane e sua família), Márcio (e sua família), Douglas (e sua família), Erick, Denner, Rineu, Cristiane, Priscila, Bruna, Marcus e sua esposa Ângela, Suzana e tantos outros. Devo um agradecimento especial a Sidnei Oliveira e sua esposa Lenara, amigos conquistados muito recentemente mas cuja sensibilidade e generosidade não cabem nestas linhas. São pessoas como estas que costumam nos renovar o desejo de seguir adiante em um mundo como este.

Devo ainda um agradecimento extremamente sincero ao Governo Federal brasileiro, através do Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela concessão da bolsa de doutoramento no país e, posteriormente, pela bolsa de estágio no exterior (PDSE), que me proporcionou não apenas a tranquilidade financeira necessária desde o ingresso no doutorado, no ano de 2011, mas conhecer uma parte considerável do mundo e daí tirar experiências, profissionais e pessoais, que carregarei pelo resto da vida. Faço questão de dizer também nestas linhas, sem o menor pudor de incorrer em proselitismos, que sou símbolo, em grande medida, de um projeto político, o primeiro na história desse país, que deu condições concretas a filhos e filhas de famílias não abastadas de executar pesquisas científicas nos mais altos níveis possíveis e dali mudar o rumo de suas vidas e de suas famílias. Obviamente tal projeto merece as devidas críticas mas, como o faço aqui, também merece os devidos reconhecimentos.

Graças aos recursos financeiros providos pela CAPES, ainda, me foi possível permanecer durante um semestre letivo no ano de 2015, em pesquisa de campo na Inglaterra. Devo um agradecimento especial ao querido amigo Thomas Farines (e estendendo a sua namorada Gabriela Cavalheiro), cuja generosidade também não cabe nestas linhas esparsas. Sua ajuda foi fundamental em todas as etapas daquela viagem. Thomas é também daquelas pessoas que renovam a crença em um mundo descrente.

Agradeço imensamente ao Professor Gregory Claeys, da Royal Holloway, University of London, que aceitou me acolher prontamente durante minha pesquisa nos arquivos britânicos. Sua simplicidade, apoio irrestrito e incentivo não apenas aumentou o prazer de estar em um ambiente intelectual tão rico mas me permitiu absorver ainda mais de toda a tradição intelectual com a qual me deparei. Minha pesquisa de campo em terras britânicas foi facilitada ainda por algumas pessoas. A pesquisa entre os arquivos relativos a Victor Gollancz papers foi facilitada pela generosidade do staff da Modern Records Center da biblioteca da Universidade de Warwick, a quem agradeço imensamente. Quanto a pesquisa entre a coleção do Left Book Club e da revista Left News, pertencente a University of Sheffield, devo agradecer toda a ajuda dispendida pelo staff da Special

Collections, Western Bank Library, no apoio a minha pesquisa entre seus arquivos, em especial a seu arquivista, Chirs Loftus. Agradeço imensamente ainda a Steven Wright, arquivista da George Orwell Archive, pertencente ao University College London, pela extrema simpatia e acolhida, estendendo os agradecimentos a todo o staff da coleção. Devo agradecimentos gerais ainda aos funcionários das monumentais coleções da British Library e do National Archives, ambos em Londres, e do University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records, da University of Sussex, cuja estrutura e preparo são indescritíveis.

Meus agradecimentos ainda à minha banca de qualificação, formada pelos professores Marcos César de Paula Soares e Francisco Palomanes Martinho. Além das instigantes questões que me colocaram para pensar ainda mais sobre tudo o que propunha à época, os professores Marcos e Francisco me aceitaram como seus estagiários, o que me proporcionou um grande aprendizado durante suas aulas. O professor Francisco Martinho ainda, sempre generoso em todos os nossos encontros em congressos e colóquios, se mostrara sempre generoso e arguto em sua leitura, recomendações e críticas. Devo-lhe também parte do amadurecimento da discussão desta tese nestes anos.

Partes deste trabalho foram ainda publicadas separadamente em formato de artigos e capítulo de livro ao longo desses anos. Agradeço ao staff dessas revistas e seus pareceristas – que, ao final, funcionaram como interlocutores anônimos deste trabalho, me ajudando a amadurecer as discussões propostas com sugestões riquíssimas e que, em grande medida, incorporei no decorrer posterior da tese. Devo ainda agradecimento fraterno aos colegas do Centro de Estudos Marxistas, CEMARX, da Unicamp, pela acolhida em todas as vezes e a oportunidade de publicar e conviver entre um ambiente tão rico em ideias e história.

Por fim, meus agradecimentos gerais aos funcionários e professores do Departamento de História da Universidade de São Paulo por todos esses anos de convivência e aprendizado.

Não é preciso dizer, por fim, que todas às falhas e erros que possam persistir nos resultados que apresento aqui nesta tese são de minha completa responsabilidade.

Resumo

A intenção deste trabalho é compreender a formação de uma rede de debates intelectuais entre dois grupos da esquerda anglófona articulados em torno do Left Book Club, de Londres e em torno da revista *Partisan Review*, de Nova York durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Entendo que, especialmente na primeira metade da década de 1940, os contatos entre estes dois núcleos da esquerda anglo-saxã se estreitaram em dois caminhos: por um lado, por uma crítica comum ao stalinismo; e, por outro, por uma crítica à esquerda da cultura nativa (e tradições burguesas) em ambos os países. Defendemos ainda que essas propostas articuladas por dentro dos movimentos intelectuais de esquerda nos dois países, ora baseadas ideologicamente numa releitura não-institucionalizada do marxismo, ora no trotskismo, ora no pacifismo, ora na reconstrução de um discurso liberal, se aglutinavam em torno da contestação dos rumos do movimento comunista internacional, liderado pelo stalinismo. A articulação dos debates entre esses dois grupos se reforçará no momento em que o célebre romancista anglo-indiano George Orwell, famoso por duas das distopias mais famosas do século XX, o *Animal Farm* (1945) e o *1984* (1949), contribui simultaneamente com ambos os grupos. Na *Partisan Review*, Orwell ficara encarregado da publicação da coluna “London Letters to *Partisan Review*”, entre os anos de 1941 e 1946. A possibilidade de um diálogo franco com ambos os círculos, especialmente pela rede costurada com membros de ambos os grupos, possibilitou a Orwell criar uma ponte de contatos entre os dois ambientes. Entendo ainda que essa articulação construída por Orwell foi decisiva nas futuras participações de outros intelectuais, que já haviam publicado no Left Book Club e que participavam ativamente dos debates britânicos, como contribuintes da *Partisan Review*.

Palavras-chaves: *Partisan Review*; Left Book Club; George Orwell; Segunda Guerra Mundial.

Abstract

The intention of this work is to understand the constitution of a network of intellectual debates articulated among two groups of the Anglophone left around the London's Left Book Club, and around the New York's Partisan Review, during the years of World War II. I understand that, especially in the first half of the 1940s, contacts between the two cores of the Anglo-Saxon left narrowed in two ways: firstly, by a common critique of Stalinism; and on the other, a left-wing critic of the native culture (and bourgeois traditions) in both countries. We argue that those proposals articulated inside the left-wing intellectual movements in the two countries, based ideologically on a non-institutionalized reinterpretation of Marxism, or in Trotskyism, or in pacifism, or in rebuilding a liberal discourse, coalesced around the challenge of the international communist movement course, led by Stalinism. The joint discussions among those two groups will be strengthened at the time that the famous Anglo-Indian novelist George Orwell, famous for two of the most famous dystopias of the twentieth century, *Animal Farm* (1945) and *1984* (1949), contributes simultaneously with both groups. In Partisan Review, Orwell had been in charge of publishing the column "London Letters to Partisan Review", between the years 1941 and 1946. The possibility of an open dialogue with both circles, especially the stitched network with members of both groups, enabled Orwell to create a bridge between the two environments. I also believe that this articulation built by Orwell was decisive in the future participation of other intellectuals, who had already published through the Left Book Club and participating actively in British debates, as contributors of Partisan Review.

Keywords: Partisan Review; Left Book Club; George Orwell; Second World War.

O meio que a natureza utiliza para levar a bom termo o desenvolvimento de todas as suas disposições é o seu *antagonismo* no interior da sociedade, na medida em que este é, no entanto, no final de contas, a causa de uma organização regular dessa sociedade. Entendo aqui por antagonismo a *insociável sociabilidade* dos homens, ou seja, a sua inclinação para entrar em sociedade, inclinação que é contudo acompanhada de uma repulsa geral a entrar em sociedade, que ameaça constantemente desagregá-la.” Emmanuel Kant, *Ideia de um História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*.

A história do espírito humano expressa as consecutivas tensões e reconciliações dos grupos.

Karl Mannheim, *Sociologia da Cultura*.

INTRODUÇÃO

Orwell e as London Letters

Entre 1941 e 1946, o escritor, ensaísta e jornalista anglo-indiano George Orwell, renomado por duas das maiores distopias do século XX, o *Animal Farm* e o *1984*, assinou nas páginas da revista nova-iorquina *Partisan Review* a coluna “London Letters to Partisan Review”.

A história das *London Letters* para a *Partisan Review* (ou em português, “as Cartas de Londres”) começa no ano de 1939, quando Desmond Hawkins, escritor e roteirista britânico, começa a enviar os primeiros artigos à revista. A coluna se estenderia entre 1939 até 1949, contando com um total de 23 “cartas”, sendo então: duas de Desmond Hawkins (1939 e 1940), quinze de George Orwell (1941 a 1946), duas de Arthur Koestler (1947 e 1948), uma de Humphrey Slater (1948) e outras duas de Cyril Connolly (ambas em 1949).

O momento de publicação das London Letters cobre um período importante para os EUA e Grã-Bretanha no século XX: entre a declaração da Segunda Guerra Mundial até o início da chamada guerra fria cultural. A publicação das cartas cobre ainda o período exato em que os EUA e o Império britânico entram definitivamente na Guerra Mundial, com o governo britânico declarando guerra aos países do Eixo em 1940 e o governo dos EUA em 1941.

A *Partisan Review* seria fundada em 1934 como publicação oficial da sessão nova-iorquina do John Reed Club, o principal organismo promotor da cultura do Partido Comunista nos EUA entre o final da década de 1920 e a metade da década de 1930. A revista teria uma periodicidade bimensal, com preço-de-capa variando entre US\$0,25 e US\$0,60 por volume – antes e depois da Segunda Guerra Mundial – em valores da época. A *Partisan Review* seria também uma das publicações mais longevas da história dos EUA, durando até 2003, quando sua publicação é definitivamente encerrada.¹ (GILBERT, 1967; BLOOM, 1986; WALD, 1987; COONEY, 1987; PONTES, 2003)

A comunhão entre a recém-fundada revista e o PC seguiria bem até 1937. A revista, por sinal, adquiriu rapidamente grande preponderância no âmbito do movimento comunista, reunindo os jovens intelectuais recém atraídos pelo PC nos disputados círculos da vanguarda nova-iorquina. Essa posição tornou a *Partisan Review* uma espécie de cronista do nascimento do Popular Front nos EUA. Essa afirmação é de Michael Denning, que relembra a narração de Tillie Lerner no artigo “The Strike”, para a *Partisan Review* 1, de Setembro-Outubro de 1934, sobre a “Terça-Feira Sangrenta”, na primavera de 5 de Julho de 1934, quando aconteceu um massacre de manifestantes

¹ Desde 1978, a *Partisan Review* passou a ser editada pela Boston University que, após o encerramento das atividades da revista em 2003, começou a digitalizar todos os números da revista. Hoje todos os números da PR, desde 1934 até 2003, podem ser consultados on-line através da página eletrônica da Howard Gotlib Archival Research Center, através do link: <http://hgar-pub1.bu.edu/web/partisan-review>

pela polícia de São Francisco que encerrou uma greve geral nas docas da cidade. Aquele evento é considerado o marco inicial do Popular Front, nos EUA. (DENNING, 1997, p.13). Por muitas vezes ainda, as páginas da Partisan serviriam como plataforma para a divulgação desses manifestos intelectuais (e suas repercussões) sobre as grandes greves e movimentações sindicais (e as reações, quase sempre violentas da polícia, dos industriais e fazendeiros) que se espalhavam pelo país e animavam o Popular Front num movimento nacional sem precedentes até então nos EUA.

Na segunda metade da década de 1930, contudo, os rumos do movimento comunista internacional prenunciaram importantes mudanças para o Popular Front nos EUA e todo o movimento cultural que o acompanhou. E a história da Partisan Review é novamente emblemática em meio aos debates da esquerda estadunidense daquele período. A partir de 1936-7 inicia-se um progressivo distanciamento da revista em relação ao PC nos EUA. Os editores da PR, William Phillips e Philip Rahv, assim como parte considerável da esquerda ao redor do mundo, discordavam da proposta das Frentes Populares como estratégia para o combate ao fascismo deliberada no VII Congresso da Internacional Comunista, de 1935. Internamente havia ainda a discordância de seus editores com as crescentes tentativas de controle da linha editorial da Partisan pelo Partido Comunista, seu principal mantenedor, aumentando assim o desgaste. A explosão causada pela repercussão dos Julgamentos de Moscou (1935) e as acusações do regime soviético contra Leon Trotsky, cindiriam ainda mais as relações políticas de seus editores com os círculos comunistas, levando a ruptura definitiva em finais do ano de 1937, quando a revista é momentaneamente fechada.

Em março de 1938, a Partisan Review seria refundada, sob uma nova linha editorial, agora, livre da ingerência comunista. (PHILLIPS, 1987, p.37) Por um lado, a ruptura proporcionaria maior liberdade de reflexão com a incorporação de novos colaboradores e editores. É nesse momento que a Partisan se torna o grande centro aglutinador da esquerda anti-stalinista nos EUA, congregando ao longo do final da década de 1930 e por toda a década de 1940, nomes que ajudariam na formatação de sua nova linha editorial: Dwight Macdonald, Mary McCarthy – os que são imediatamente incorporados – e mais adiante, Hannah Arendt, Irving Howe, Lionel Trilling, James Burnham, Susan Sontag, etc. Por outro lado, contudo, o afastamento dos comunistas traria a revista enormes dificuldades financeiras e grandes conflitos com os agora tornados “opositores”.

George Orwell passa a assinar as London Letters a partir de 3 de janeiro de 1941, momento em que envia a primeira carta a Nova York. Suas contribuições através das London Letters, se estenderiam até o verão de 1946, somando um total de 15 cartas. Além da coluna, Orwell continuou escrevendo esporadicamente para a Partisan Review até poucos meses antes de sua morte, em 21 de janeiro de 1950. Seu ensaio “*Such, Such Where the Joys*”, por exemplo, também publicado

postumamente, em 1951, seria republicado na Partisan no volume de setembro-outubro de 1952. Para a Partisan Review, Orwell publicaria ainda uma série de textos, entre ensaios políticos e literários, sendo ainda comentado e revisado por outros autores que compunham o círculo em torno da PR.

Pseudônimo do escritor anglo-indiano Eric Arthur Blair, nascido na cidade de Motihari, Índia, em 25 de Junho de 1903 e falecido na cidade de Londres, em 21 de Janeiro de 1950, o nome de Orwell é hoje reconhecido como um dos mais lúcidos interpretes da situação Europeia durante as décadas de 1930 e 1940. A partir de 2003, quando se comemorou o centenário de nascimento de Orwell, uma enxurrada de material comentando sua obra surgiu no Brasil, em especial na imprensa, dando fôlego então a republicação de alguns de seus trabalhos já conhecidos do público brasileiro – como no caso do *Animal Farm* e do *1984*² – e de alguns trabalhos dentro academia³. No Brasil a obra de Orwell demorou para ser seriamente considerada para além de suas obras ficcionais, diferente do contexto anglo-americano, no qual o autor é debatido e estudado há décadas, sendo considerado um dos escritores em língua inglesa mais citados do século XX.⁴

² No Brasil o *1984* é publicado pela primeira vez em 1954, pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, em 27 de janeiro de 1954, com uma tiragem de 4.007 cópias. Os dados sobre as primeiras edições do *1984* no Brasil foram retirados dos arquivos da editora em São Paulo, cobrindo o período de 1954 até 2001, e foram apresentados em minha dissertação de mestrado. Fonte: Companhia Editora Nacional: “Movimento de Edições: Biblioteca do Espírito moderno, Série 4ª (Literatura), Volume 24”. Edições do livro *1984*, George Orwell. Acervo histórico IBEP. Pesquisa efetuada entre setembro e outubro de 2007. A editora Companhia das Letras compraria os direitos autorais para a publicação do *1984* no Brasil a partir de 2008, e republicaria a obra, com nova tradução, em 2009. Já o *Animal Farm* é traduzido pela primeira vez no Brasil em 1964, ganhando o título *A Revolução dos Bichos*, por iniciativa do Ipês (Instituto de Pesquisa e Ciências Sociais), órgão da ditadura militar brasileira, dirigida conjuntamente por civis e militares. Para o estudo das traduções do *Animal Farm* no Brasil ver SILVA. Liliam Mara Rodrigues. *Estudo de graus de politização na tradução: Animal Farm em vários contextos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000; e CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos, de George Orwell: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Monografia (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2002.

³ Os trabalhos acadêmicos que tratavam especificamente da obra de Orwell no Brasil, até o início da pesquisa para essa tese, em 2011, se resumiam a umas poucas dissertações, especialmente no campo da literatura inglesa e comentários esparsos na mídia – os quais fiz referência na página 12, nota 5, da minha dissertação de mestrado, defendida no Departamento de História da USP, em 2010. Desde então, alguns outros trabalhos surgiram, ainda no campo da literatura inglesa, em especial na USP, os dois orientados pelo professor Daniel Puglia, do Departamento de Estudos linguísticos e literários em Inglês: TAVARES, Débora Reis. *A revolta contra o totalitarismo em 1984 de George Orwell, a formação do herói degradado*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-12022014-125702/>>. Acesso em: 2015-10-03. e TREVAS, Leonardo Lucena. *Espírito de Cristal: um estudo sobre Homage to Catalonia, de George Orwell*. 2014; Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-18032015-122353/>>. Acesso em: 2015-10-03. Além disso, sua obra – todos os romances e uma parte pequena, mas importante, dos ensaios – ganhou novas traduções desde 2006 pela Editora Companhia das Letras de São Paulo.

⁴ Para se ter ideia, o primeiro trabalho dentro da academia sobre a obra de Orwell só aparece em 1994 – mesmo que sua obra já fosse largamente conhecida no Brasil desde a década de 1960. FRANÇA, Aneta Improla. *A metáfora chomskiana e o problema de Orwell*. Tese. UFRJ, 1994.

No Brasil, até então, a imagem de Orwell mantinha-se estreitamente reduzida a condição de um importante romancista do período pós-Segunda Guerra Mundial, devido a imagem atribuída ao autor relativa ao grande sucesso que seus dois mais famosos livros ganharam na crítica internacional. O livro *Animal Farm* foi publicado pela primeira vez em Londres, por Secker and Warburg, em 17 de agosto de 1945, e em Nova York, por Harcourt/Brace, em 26 de agosto de 1946.⁵ Já o livro *1984* foi publicado pela primeira vez em Londres, por Secker and Warburg, em 8 junho de 1949, e em Nova York, por Harcourt/Brace, 13 de junho do mesmo ano.

Muito do sucesso dos dois livros, deveu-se também aos próprios contextos internacionais em que foram lançados: o *Animal Farm*, poucas semanas após o lançamento das bombas atômicas sobre o Japão, e o *1984*, no mesmo ano em que era criado nos EUA o chamado *Committee of Cultural Freedom*, o qual daria razão ao Congress of Cultural Freedom, criado no ano seguinte (1950) na Alemanha, que dera início ao que mais tarde seria definido como a “Guerra Fria Cultural”. A figura de seu autor, ligou-se imediatamente então às imagens que a crítica e o público internacional (especialmente nos EUA) fizeram destes dois livros. Em ambos, destacando-se, num frenesi inaugurado logo após a declaração da derrota total do Eixo na Segunda Guerra Mundial, as críticas de Orwell a URSS, numa conjuntura que já caminhava para a bipolarização internacional da Guerra Fria. E nas décadas seguintes, era essa a imagem que permaneceria ao grande público, imerso na cultura de massa da Guerra Fria, de George Orwell.

Sua atuação como jornalista – muito mais efetiva do que a de romancista⁶ – representaria, através de sua produção, os grandes dilemas de sua geração nas décadas de 1930 e 1940. Como jornalista, por exemplo, Orwell trabalhou para a seção literária do serviço oriental da BBC internacional, entre os anos de 1941 e 1943, transmitindo para Índia um programa de temas literários;⁷ em 1945, cobriria também, como correspondente para o jornal londrino *Tribune*, a

⁵ O enorme sucesso que os dois livros obtiveram respectivamente em 1945 e 1949, logo após o lançamento de suas primeiras edições, quase que simultaneamente em Londres e Nova York, pode ser atestada, segundo apontam os levantamentos de John Rodden (2006), pela vendagem dos dois livros no período. Ambos se tornaram *best-sellers*, logo nos primeiros meses de venda, construindo uma fama meteórica para seu autor.

⁶ Orwell publicou 7 romances: *Burmese Days* (Nova York, 1934; Londres, 1935); *A Clergyman's Daughter* (Londres, 1935; Nova York, 1936) e *Keep the Aspidochelone Flying* (Londres, 1936; Nova York, 1956), *Coming Up for Air*, (Londres, 1939), além dos já citados *Animal Farm* e *1984*. Além dos romances Orwell publicou 3 livros-reportagens: *Down and Out in Paris and London* (publicado simultaneamente em Londres e Nova York, em 1933) e os já citados *The Road to Wigan Pier* e *Homage to Catalonia*. Todos esses tem traduções para o português, como já dito anteriormente. A massa de sua produção ensaística e jornalística, publicada entre 1928 e 1950, é imensamente maior, ocupando 20 volumes de suas obras completas, publicadas entre 1986 e 1998 além de coleções menores anteriores, as quais farei referência ao longo da tese.

⁷ Função que renderia a publicação de três coletâneas: a primeira, chamada *Talking to India*, organizada pelo próprio Orwell, em 1943, e duas póstumas, Orwell. *The war broadcasts* e Orwell. *The war commentaries*, ambas de 1985. Nestas três, reúnem-se uma série de entrevistas e transmissões, algumas publicadas posteriormente em forma de artigo, cujo interesse principal, se dá no que o próprio Orwell classificou como a “atuação propagandística” de seu trabalho, durante a Segunda Guerra Mundial.

desativação de campos de concentração e os primeiros julgamentos de prisioneiros nazistas em território alemão. Enquanto ensaísta ainda, Orwell produziu uma vasta obra crítica em relação ao colonialismo britânico. Não diferente fora sua atuação enquanto correspondente para o *Left Book Club*, quando imergiu na vida cotidiana dos mineiros das cidades inglesas de Lancashire e Yorkshire, na primeira metade de 1936, a fim de desnudar as condições de vida e de trabalho de uma das classes mais devastadas pela crise econômica europeia da década de 1930 em seu país (experiência da qual resultou o livro *The Road to Wigan Pier*). Ainda, como jornalista, Orwell rumou para a Espanha, logo após a deflagração da Guerra Civil, no final de 1936, a fim de contar a história da Guerra e a luta contra o fascismo para o público inglês – experiência da qual resultaria o livro *Homage to Catalonia*, de 1938.⁸

1941 – o mesmo ano em que Orwell começa a assinar as London Letters – é também o ano em que os EUA entram, por fim, na Segunda Guerra Mundial. Com os ataques japoneses à base naval de Pearl Harbor localizada no arquipélago do Havaí, em 7 de Dezembro de 1941, a guerra – até então distante das vidas do cidadão médio estadunidense – havia sido trazida às portas do país. O governo de Franklin D. Roosevelt já não podia mais tratar a guerra como um problema “europeu”, mesmo que outras partes do mundo já tivessem sido tragadas para dentro do conflito desde o início da guerra, em 1939 – com o norte da África ocupado por Italianos e Alemães, e praticamente toda a Ásia com a expansão militar do Japão. Até Pearl Harbor, os EUA haviam se mantido omissos às agressões violações da lei internacional e aos crimes de guerra já cometidos com o avançar da Wehrmacht; rumores sobre campos de concentração e o tratamento dado aos Judeus alemães já repercutiam entre a comunidade judaica nos EUA, por exemplo, desde o início da década.

Desde o fim da década de 1930, contudo, a entrada dos EUA na Guerra Mundial – ou seu isolamento – já era tema de grande debate entre os círculos da esquerda no país. Na metade da década, o governo estadunidense já havia sido acusado de omissão, especialmente pelos comunistas locais, por ter virado às costas à Segunda República Espanhola, democraticamente eleita, após o Golpe militar de 17 de Julho de 1936, quando se inicia a Guerra Civil, quando já se sabia do apoio nazista as forças rebeldes.

⁸ Que no Brasil ganharia uma série de edições, por editoras diferentes, todas porém sob o título de *Lutando na Espanha* (2006). A importância das experiências na Espanha, transformaram Orwell em testemunha-ocular do conflito espanhol, no evento que mais tarde seria considerado o grande ensaio da Segunda Guerra Mundial, marcou definitivamente a orientação da crítica política e social de Orwell a partir de então. Logo após sua chegada em Barcelona, Orwell alista-se nas fileiras do P.O.U.M. (*Partido Obrero de Unificación Marxista*), uma das inúmeras dissidências comunistas na luta contra Franco. Durante a resistência contra o avanço fascista das falanges franquistas, apoiadas por alemães e italianos, testemunha também o processo político-ideológico de perseguição aos partidos dissidentes da liderança comunista – especialmente os anarquistas. Orwell passa então a denunciar a manipulação das informações publicadas sobre o conflito fora da Espanha, principalmente na Inglaterra, em jornais sob controle ou influência ideológica comunista.

Para o círculo em torno da *Partisan Review*, com isso, a guerra mundial se tornara assunto central antes mesmo da entrada definitiva do país no conflito. Na *Partisan Review* 6, Primavera de 1939, foi afirmado através de seu editorial que: “*War Is the issue!*”. A declaração surgiu a partir dos debates promovidos pela *League for Cultural Freedom and Socialism*, criada entre a esquerda dissidente pouco antes da assinatura do pacto Nazi-soviético em 1939. Como veremos, no entanto, não estava claro ainda o papel dos EUA na Guerra Mundial para muitos intelectuais que ainda mantinham intactas às memórias da Primeira Guerra e seus efeitos para a economia mundial (e local). A divisão dentro do círculo da *Partisan* quanto a participação dos EUA na Guerra Mundial foi então natural. De um lado, os trotskistas - “liderados” dentro da *Partisan* por Dwight Macdonald – viam no pacifismo – ou seja, no isolamento dos EUA – a única solução para, ao mesmo tempo, combater o fascismo (um perigo real, mas para o qual ainda se buscava uma definição clara nos EUA) e o militarismo chauvinista-nacionalista local. Do outro, o grupo liderado por Philip Rahv, via no esforço de guerra e na adesão dos EUA em apoio à Inglaterra, a única solução viável para o combate ao fascismo.

Havia ainda uma segunda questão central para o círculo em torno da PR no período entre 1939 – quando é declarada a guerra mundial, mas quando também é assinado o Pacto de Não-agressão entre Hitler e Stálin que, como veremos, atingiu em cheio os círculos de esquerda nos EUA – e 1941, quando os EUA entram por fim no conflito. Além de assumir a guerra mundial como tema central, a PR concentrou uma série de debates em torno permanência de uma ideia de radicalismo cultural, que funcionava como uma espécie de alternativa às correntes políticas *mainstream* do período, a saber, o comunismo, o liberalismo e o fascismo, conduzidos com tensões internas importantes. Desta forma, no início da década de 1940, a PR e sua *entourage* assumia para si um sentimento de “grupo minoritário” que definiria sua identidade no início da década de 1940:

(...) No período 1939-1941, um cultivo similar de um senso de identidade e propósito de grupo pareceu estar ocorrendo. A ideia de ser uma "minoría literária" defendida através de tempestade e tensão do património intelectual moderno forneceu tanto uma fonte de identidade coletiva e uma fonte de justificação para aqueles em torno *Partisan*.⁹ (COONEY, 1987, p.199)

Orwell, no entanto, publica suas primeiras London Letters antes mesmo da entrada definitiva dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro texto pela PR e também a primeira das London Letters, aparece no Vol. 8, n.2, Março de 1941; a segunda London Letter aparece no

⁹ “(...) In the period from 1939 to 1941, a similar cultivation of a sense of group identity and purpose seems to be taking place. The idea of being a “literary minority” defending through storm and stress the modern intellectual heritage provided both a source of collective identity and a fountain of justification for those around *Partisan Review*.” (COONEY, 1987, p.199)

Vol. 8, n.4, Julho de 1941, e a terceira aparece no Vol.8, n.6, de Novembro de 1941. Mesmo assim, como veremos, desde esses primeiros textos, a Guerra já era tema central nas cartas de Orwell para a PR.

A razão era simples: a guerra mundial começara antes para os britânicos. Em Setembro de 1940, o rei Jorge VI declara guerra contra a Alemanha nazista e, meses mais tarde, a todos os países do Eixo. Em 7 de setembro de 1940, Londres e outras cidades britânicas – como Coventry e Hull – passam a ser alvos de bombardeios massivos da Luftwaffe, que durarão até 21 de Maio de 1941. E Orwell, além de testemunha ocular, já que permanecerá em Londres durante toda a guerra, foi cronista desse período, produzindo intensamente e colaborando diretamente no esforço de guerra.

Os artigos de Orwell para a *Partisan* – assim como sugerido pelos próprios editores estadunidenses, como veremos – deveriam ter como objeto central justamente apresentar um panorama do ambiente britânico durante a Segunda Guerra Mundial ao público estadunidense, discutindo uma série de temas políticos, culturais e sociais, como o socialismo na Inglaterra, o pacifismo, o antissemitismo, a vida em meio ao racionamento, o toque de recolher, os bombardeios a Londres, etc. Efetivamente, as contribuições de Orwell ajudam aos leitores do outro lado do Atlântico a deglutir essas questões em meio ao ambiente de guerra, quando os debates passam a serem conduzidos pelo viés moral da luta contra a barbárie fascista, a desculpa perfeita para a construção de políticas autoritárias internas, encobrendo práticas de racismo, exclusão e repressão dentro dos EUA e Reino Unido.

Tão emblemático então quanto o período em que Orwell passa a assinar as *London Letters*, é o período em que ele se desliga da coluna para a PR, em 1946. Esse ano é emblemático porque, na periodização sugerida por Michael Denning, ele encerra o *Popular Front* nos EUA, quando a *CIO* - “Committee for”, depois “Congress of”, “Industrial Organizations”, uma espécie de aglutinador dos Sindicatos de várias profissões em diferentes Estados e cidades dos EUA – lança a última grande onda de greves coletiva nos EUA.¹⁰ E esse é um marco fundamental na história da esquerda nos EUA, como argumentou Denning, já que muda a partir de então a relação dos intelectuais com o

¹⁰ Denning periodiza o *Popular Front*, a “era da CIO”, com ele conceitua, nos EUA, em quatro etapas: a) o primeiro período – que ele classifica como “insurgência revolucionária” - de 1933 até 1934, marcado pelas grandes greves deste ano, em Toledo, Minneapolis e São Francisco; b) o segundo, no início de 1936 até a primavera ou verão de 1937, marcado pela eleição do *Popular Front* na Espanha (fevereiro de 1936) e na França (maio de 1936), a revolta de Franco contra o governo eleito (julho de 1936) – que leva a organização de um comitê de apoio ao governo legalista espanhol, nos EUA; 1937, como o ano das grandes montagens teatrais nos EUA – *The Cradle Will Rock*, *Pins and Needles*, e o documentário em defesa da República espanhola, *The Spanish Earth*; c) o terceiro período, iniciado em 1939, com a derrota da República espanhola para Franco, simultaneamente o pacto Nazi-soviético, desencoraja o movimento de resistência internacional contra o fascismo. Esse período é marcado, simultaneamente, por uma retomada entre 1940 e 1941, devido a vitórias sindicais dos trabalhadores ligados a CIO nos EUA, etc. (p.23); d) o quarto período é marcado do verão de 1943 às eleições de 1944 – que Denning definiu como o “período de guerra” do *Popular Front*; e) o último período, de agosto de 1945 ao longo de 1946, quando a CIO lança a última grande onda de greves nos EUA. (DENNING, 1997,p.25)

movimento trabalhista local – e, com isso, com a “velha esquerda” – dando os primeiros passos (quando alguns dos intelectuais que produziram conectados ao Popular Front rompem com ele) ao que viria a se constituir na década de 1960 como a “New Left” estadunidense. (DENNING, 1997, p.26)¹¹

1946 é também o ano de publicação do *Animal Farm* nos EUA – quando Orwell é então lido dentro deste contexto de reorganização da esquerda local, entre o rompimento com os velhos ideais e a formação dos novos. Sua sátira acerca da traição de Stálin das ideias da Revolução Russa de 1917, rapidamente torna-se *best-seller* nos EUA, dando a Orwell reconhecimento internacional imediato, como veremos. Ainda no mesmo ano de 1946, Orwell publica dois de seus mais importantes ensaios críticos: *The Prevantion of Literature* e *The Politics of English Language*. Nos dois textos, que podem ser compreendidos como um continuum reflexivo, o autor retomará os debates sobre a transformação da linguagem em campo de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, do qual já havia se ocupado em ensaios anteriores, desde o início da década de 1940, como no texto *New Words*. O alvo de análise de Orwell em todos esses textos serão algumas das ideias em voga na Inglaterra de “simplificação” da língua inglesa, através da redução do número de palavras existentes. Simultaneamente, sua crítica dava conta de um tipo de discurso político no EUA surgido nos anos da Segunda Guerra e elaborado através da propaganda de guerra, onde a conjunção dos antônimos com os sinônimos, criava uma nova forma “homogênea”, e, por consequência, de duplo sentido, na locução. Suas críticas quanto aos usos políticos da linguagem como forma de manipulação coletiva seriam mais tarde instrumentalizadas em sua célebre representação da “*novilíngua*” na narrativa de seu último grande romance, o *1984*, publicado em 1949, como um dos projeto totalitários de manutenção da ordem no regime distópico da “*Oceania*”.¹²

Para Orwell, 1946 é também simbólico pois é o momento em que findam as relações

¹¹ É importante nota, no entanto, que Denning não enxerga uma continuidade na cultura do Popular Front no pós-guerra e ao longo da década de 1950 (DENNING, 1997, pp.24-25). Para o autor, o que se dá na verdade, é uma ruptura política. É nesse sentido que Denning tomará como referência – para falar em continuidades culturais, para além das rupturas políticas – o conceito de “structures of feelings” de Raymond Williams. (DENNING, 1997, p.26). Sobre isso ele escreve: “(...) *To see the Popular Front as a structure of feeling is thus to see it as a political and cultural character for a generation. This is why many figures who broke decisively with the Communist Party, like Richard Whight or Elia Kazan, did not really break with the Popular Front, and continued to produce works within a Popular Front structure of feeling [...]*” (DENNING, 1997, p.26) O marco temporal de encerramento do Popular Front então, se alarga, quando tomada a ideia de “structure of feeling”: “[...] *nem 1939 ou 1948 [...] mas a década de 1960 quando a “New Left” aparece*”. A ascensão da “New Left” marca, não apenas a quebra de paradigma com as organizações e ideologias anteriores da “velha esquerda”, mas a ascensão de uma nova *structure of feeling*, da geração pós-guerra. (DENNING, 1997, p.26)

¹² A crítica de Orwell aos artifícios autoritários de manipulação da linguagem será um dos grandes temas de interesse por sua obra ensaística no pós-guerra. Em especial, posso citar um que (re)instrumentaliza essa crítica justamente no contexto dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial e ajuda a reforçar o nome de Orwell como ensaísta, além de sua já reconhecida fama como romancista: o clássico estudo de Herbert Marcuse, *A ideologia da sociedade industrial*, publicado pela primeira vez nos EUA, em 1963.

contratuais com seu editor desde a década de 1930, Victor Gollancz, diretor-fundador do Left Book Club de Londres e um dos editores mais influentes dos círculos de esquerda britânicos das décadas de 1930 e 1940. Gollancz editara um dos livros de não-ficção mais importantes da carreira de Orwell: o *The Road to Wigan Pier*, que é publicado sob o selo do Left Book Club, em Março de 1937. O mesmo Gollancz, no entanto, recusa dois dos trabalhos mais importantes de Orwell, produzidos durante a vigência do contrato entre ambos: o *Homage to Catalonia* e o próprio *Animal Farm*. A justificativa para a recusa dos dois livros era simples: o teor de suas críticas – até então heréticas – ao papel do Stalinismo dentro da Guerra Civil espanhola e a corrupção do regime stalinista. Como veremos, apesar das tentativas de Gollancz e seus outros editores (John Strachey e Harold Laski) em manter o Left Book Club livre da ingerência do Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB na sigla em inglês) sua posição como guarda-chuva cultural e intelectual central do Popular Front britânico levou o Clube a “evitar”, por muitas vezes, rugas diretas com o comunistas britânicos. Ambos os livros seriam publicados em Londres, no entanto, pela editora Secker & Warburg, respectivamente em 1938 e 1946. E, como veremos, as relações de Orwell com Gollancz e o círculo de intelectuais congregados em torno do LBC indicam muito bem as tensões dentro da esquerda britânica desde a metade da década de 1930 até o final da Segunda Guerra Mundial.

Fundado na cidade de Londres, em finais de 1935, a experiência cultural representada pelo Left Book Club¹³ correspondeu a um movimento maior de reação intelectual dentro do Popular Front britânico à conjuntura de crise que assolava a Inglaterra desde meados da década de 1920. O início da participação em massa dos intelectuais na vida política britânica, somado à inserção das ideias socialistas nos grandes centros intelectuais (Rodden, 1990; Hobsbawm, 2002; Samuels, 1966; Lewis 1970; Hodges 1979; Laity 2001; Russel e Cohn, 2013) teve um efeito imediato nas ideias que circulavam entre esses grupos. Inúmeras organizações e movimentos artísticos – entre grupos de teatro, produtoras cinematográficas, editoras, além de revistas e jornais – tomam corpo num movimento coletivo na cena pública, reivindicando novas formas de organização política para a Inglaterra, todas concebidas através dos ideais revolucionários socialistas.

Victor Gollancz, John Strachey e Harold Laski fundam o LBC – editora, que fazia as bases também de círculo intelectual – com a função básica de promover e difundir as ideias socialistas na Inglaterra. Além da edição de títulos e a promoção de intelectuais de esquerda, o grupo distribuía mensalmente para seus assinantes a revista *Left News*, que contou com 128 números, publicados

¹³ Como veremos, a experiência do Left Book Club londrino daria razão para a criação de outras seções em várias cidades britânicas no formato de “Discussion Groups” como em Sheffield, Manchester, etc. Ao longo de todo o artigo, contudo, faremos referência apenas ao Left Book Club de Londres, também através da sigla “LBC”, comumente usada na língua inglesa para se referir a seção original do Clube.

entre 1935 e 1947¹⁴. Somado a circulação da revista ficava facilitado a promoção de uma ampla rede de debates entre o principais grupos da esquerda britânica na década de 1930, muitos deles com ligações diretas com o Partido Comunista ou com o Partido Trabalhista britânico.

Entre estes, inúmeros nomes reconhecidos do público já a época ou que mais tarde viriam a ter preponderância no universo anglófono como romancistas, ensaístas e críticos. Podemos citar, sem contudo esgotar uma lista que é longuíssima, nomes como dos romancistas e ensaístas tais quais Arthur Koestler, Franz Borkenau, Herbert Read, Ignazio Silone, André Malraux; os poetas C. Day Lewis e Stephen Spender; os cientistas políticos Harold Laski, John Stratchey, Sidney e Beatrice Webb; cientistas como John Desmond Bernal, Hyman Levy e J.B.S. Haldane; políticos como Rajani Palm Dutt (então secretário-geral do CPGB); ativistas como Victor Gollancz, etc.

Fora justamente a possibilidade de flutuar entre esse círculo amplo de intelectuais na esquerda britânica congregados especialmente ao redor do LBC que permitiu a Orwell estabelecer uma ponte de contatos entre ambos os grupos no qual estava inserido, dos dois lados do Atlântico.

Além da coluna que Orwell assinava na revista nova-iorquina, seus contatos pessoais com membros proeminentes da *Partisan Review*, favoreciam a troca de informações sobre os dois ambientes intelectuais e a estruturação de uma estreita relação de troca cultural e intercâmbio de ideias entre os dois universos, representados pelas cidades de Londres e Nova York.

Orwell manteve, por exemplo, uma constante correspondência com Philip Rahv – um dos fundadores da *Partisan Review* e editor sênior da revista – ao longo da década de 1940, grande parte dela reproduzida nas coleções póstumas que reúnem as obras completas de Orwell¹⁵. Da mesma forma, Orwell manteve estreito contato com Dwight Macdonald, outro membro proeminente da *PR* após o racha da revista com CPUSA em 1937-8, e grande articulador intelectual da revista na primeira metade da década de 1940. Macdonald fora responsável por uma série de contatos e o estabelecimento de uma rede importante de colaboradores para a revista, principalmente a partir de 1937, quando sua linha editorial se definia efetivamente por uma oposição ao stalinismo e a política das Frentes Populares e ao CPUSA. Para se ter ideia, David Costello (COSTELLO, 2005) estima que a correspondência entre Macdonald e Orwell atingiu um total de 35 cartas, trocadas entre março

¹⁴ A coleção da University of Sheffield reúne também boa parte das edições da revista *Left News* em microfilme. Nela estão disponíveis os números 15(1937) e 21 a 128 (1938 a 1947), faltando então os primeiros 14 números da revista. Devo agradecer toda a ajuda dispendida pelo staff da Special Collection da Western Bank Library, da University of Sheffield no apoio a minha pesquisa entre seus arquivos, em especial a seu arquivista, Chirs Loftus.

¹⁵ Na tese, farei referência a duas destas coleções que reúnem a totalidade da produção de Orwell, entre literatura, ensaísmo e jornalismo. A primeira delas (também a primeira reunião póstuma das obras de Orwell) foi organizada por Ian Angus e Sonia Orwell. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. London: Secker and Warburg, 1968. 4 volumes. A segunda (e definitiva, pois reúne as obras completas do autor) coleção das obras de Orwell que faremos referência aqui foi organizada por Peter Davison, *The Complete Works of George Orwell*. London: Sacker and Warburg, vol.1-9,1986; vol.10-20, 1998.

de 1941 e outubro de 1949, as quais podem ser encontradas em sua maioria nos Arquivos pessoais de Dwight Macdonald, disponíveis na Yale University, EUA. Além disso, pela revista *Politics*, fundada e editada por Macdonald entre 1944 e 1949, Orwell contribuiu em novembro de 1944 e setembro de 1946. (DAVINSON, 1998, Nota 1, p. 291, Volume XIV)

Fica claro, com isso, que a estreita ligação de Orwell com um círculo importante de intelectuais da esquerda em seu país, permitiria a aproximação entre os dois grupos, numa fase de acirramento das críticas dos intelectuais que constituíam o círculo em torno da *Partisan Review*, ao stalinismo e aos rumos do movimento socialista internacional. Sua contribuição constante com a PR, através das “Cartas de Londres” permitiriam a Orwell não apenas debater questões comuns aos dois contextos – o britânico e o estadunidense – em um momento de acirramento da crise internacional que puxaria os EUA, inevitavelmente, para dentro do conflito, mas também ler e ser lido pelo público local, tanto quanto pelos chamados Intelectuais de Nova York, que, ao final, ajudariam a moldar a imagem de Orwell nas décadas seguintes dentro de seu país. Mais ainda, seus diálogos contemporâneos com esses homens e mulheres que pensavam questões muito parecidas com as quais os britânicos se defrontavam, permitiu, ao longo da década de 1940, uma aproximação deste grupo importantíssimo da esquerda anti-stalinista estadunidense, centralizado localizado em Nova York, com um grupo da esquerda anti-stalinista britânica, em particular daquele que havia se aglutinado ao longo da década anterior em torno do *Left Book Club*.

A articulação dos debates travados dentro da *Partisan Review*, tendo as London Letters publicadas por Orwell entre 1941 e 1946 como mediadoras, funcionou também como ponto de ligação para debates paralelos travados em outras revistas, favorecendo a construção simultaneamente de uma intrincada rede de debates entre os grupos da esquerda anti-stalinista dos dois lados do Atlântico.

A título de exemplo disso que considero aqui como uma “rede de debates” formada entre os dois círculos de intelectuais, tendo então Orwell funcionando como uma espécie de mediador, há os debates travados entre Orwell e Dwight Macdonald (editor da *Partisan Review* entre 1938 e 1943) e George Woodcock (escritor anarquista canadense, radicado na Inglaterra) nas páginas da *Politics* ao longo da segunda metade da década de 1940, a qual analisaremos mais detidamente ao longo desse trabalho.

Se desconsiderou durante muito tempo a auto definição de Orwell como um socialista. Esse me parece então outro ponto central que permite, ao mesmo tempo, entender seus temas de interesse nas décadas de 1930 e 1940, ao mesmo tempo que reforça a ideia de que ele pode ter funcionado como uma ponte de contatos entre dois grupos da esquerda anti-stalinista anglo-saxã. Pois desde trabalhos publicados na metade da década de 1930, alguns deles indisponíveis ao grande público até

o final da década de 1960¹⁶, Orwell defendia não apenas um tipo de militância socialista, como já pregava também sua necessária aplicação efetiva enquanto regime político como saída para a crise econômica e social da Inglaterra durante a grande depressão que se seguia desde a década de 1920. Muitas destas ideias, como veremos, tinham reverberação do outro lado do Atlântico, entre o círculo da PR, não apenas quanto a sua crítica aos stalinistas mas na defesa de projetos políticos específicos (como a defesa do socialismo democrático em detrimento do autoritarismo stalinista).

É preciso reafirmar assim que Orwell não estava isolado no universo intelectual britânico de meados da década de 1930, nem suas ideias representavam uma ilha em meio ao mar revolto dos debates da esquerda, quando, por um lado, defendia a aplicação de um programa socialista para seu país, e por outro, levantava severos questionamentos quanto a práxis do movimento socialista internacional.

A recuperação de seus diálogos contemporâneos são, em minha leitura, o melhor dos caminhos para buscar uma compreensão quanto à suas definições em relação ao conceito de socialismo, e sua possibilidade de aplicação através de um programa político, em meio a suas críticas ao stalinismo e a *intelligentsia* de esquerda em seu país. Ao mesmo tempo que, rastreando os caminhos e redes nas quais ele costurou suas relações contemporâneas, será possível delinear os círculos onde seu pensamento não só fora recebido – lido e debatido – mas a confluência com intelectuais que, assim como ele, buscavam uma alternativa entre as correntes *mainstream* da política do período, sem, contudo, abandonar a crença no socialismo. É daí que me parece surgir um ponto de intersecção entre estes dois grupos da esquerda anti-stalinista anglo-saxã situados em contextos políticos diferentes.

Em meio a estes diálogos, e sua larga produção enquanto ensaísta, crítico literário e correspondente, a qual pudemos devassar em nossas pesquisas anteriores, há ainda uma outra a ser explorada em sua obra, inclusive fora do Brasil¹⁷, onde, como já dito acima, Orwell é muito mais reconhecido como crítico sério desse período da história mundial: a condição de Orwell ao longo de sua carreira profissional enquanto editor e produtor, sendo esta, ainda, um vasto campo a ser explorado. Atividades resultaram num vasto material editado ao longo de sua vida, nas décadas de 1930 e 1940, e depois de sua morte, em janeiro de 1950, em várias coleções póstumas que reúnem

¹⁶ Quando é lançada na Inglaterra, em 1968, em 4 volumes, a primeira grande reunião póstuma de sua obra de não-ficção, *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, pela editora Secker and Warburg, de Londres. Esta coleção, organizada por sua última esposa, Sonia Brownell Orwell e Ian Angus, recuperou um série de ensaios e artigos até então desconhecidos pelo grande público, todos publicados por Orwell ao longo das décadas de 1930 e 1940, a maioria deles em jornais e revistas de pouca repercussão.

¹⁷ Há apenas um único livro publicado fora do Brasil em meio aos estudos internos da obra de Orwell que considera sua posição enquanto articulador entre os intelectuais da época, e tratou de rastrear os temas debatidos entre um pequeno grupo organizado em torno dos trabalhos da BBC de Londres, na primeira metade da década de 1940, justamente o já citado trabalho de Kristin Bluemel (2004)

trabalhos até então inéditos do grande público, que conhecera em Orwell apenas o autor dos famosos *Animal Farm* e *1984*.¹⁸

Em todas estas experiências como “articulador” dos veículos ao qual respondia como editor, e somadas é claro, as outras como ensaísta, comentando e sendo comentado por outros intelectuais, Orwell pode estabelecer relações muito mais estreitas com inúmeros nomes de sua geração, criando em muitas medidas, uma ponte de contatos entre estes intelectuais e seus debates, tal qual já defenderam outros estudiosos de sua obra (Rodden, 1990; Bluemel, 2004; Marks, 1995)¹⁹. Da mesma forma, esta condição permitiu-o, de certo modo, “superar” seu distanciamento dos grandes centros intelectuais britânicos da década de 1930 e 1940 – por exemplo, o círculos de Oxbridge e os importantes grupos intelectuais de esquerda surgidos ali – permitindo-o estabelecer diálogos estreitos com muitos de seus integrantes²⁰. Dois desses grupos se destacam em meio a outros em que Orwell esteve inserido nas décadas de 1930 e 1940, ambos ainda muito pouco explorados no Brasil.²¹ E é seu estudo que propomos aqui: um deles fora formado em torno do *Left Book Club*, de

¹⁸ Uma dessas experiências foi no jornal londrino *Tribune*, para o qual Orwell contribuiu entre 1939 e 1947, entre outras, assinando a coluna “As I Please”. A partir de novembro de 1943, até fevereiro de 1945, Orwell ocuparia efetivamente as funções de editor literário do *Tribune*, sendo responsável inclusive por angariar novas contribuições para o jornal. Outro momento importante nesta função, foi o período passado na BBC de Londres, da qual Orwell fora empregado entre 1941 e 1943. Na emissora, Orwell desempenhou, no Serviço Oriental, as funções de apresentador e produtor de um programa de temas “literários”, produzidos para a Índia, sob o nome de “*Through eastern Eyes*”. Dessa experiência, resultaram três coleções organizadas com os textos produzidos por Orwell: uma delas organizada pelo próprio Orwell, sob o título *Talking to India*, publicado em Londres, em 1943, e outras duas organizadas postumamente, sob os títulos de *Orwell. The war broadcasts* e *Orwell. The war commentaries*, ambas por W.J. West, em 1985. Além destas duas experiências, Orwell atuaria ainda como membro do corpo editorial da revista *Polemic*, junto com A.J. Ayer e outros – que publicava debates entre importantes intelectuais, e com a qual Orwell também participou como colaborador.

¹⁹ Um dos poucos trabalhos que consideram a condição de Orwell como *mediador* intelectual entre grupos de intelectuais é o de Kristin Bluemel (op.cit.). Para a autora, Orwell estabeleceu com sua obra e sua atuação profissional em importantes centros intelectuais britânicos da década de 1940 – em especial na BBC – a posição de *interlocutor* entre os debates do centro e a periferia de grupos intelectuais de sua geração, especialmente por seus contatos constantes com membros destacados destes dois círculos. Como exemplo dessa posição de *mediador*, a autora cita as correspondências trocadas por Orwell com o poeta T.S. Eliot e com o indiano Mulk Raj Anand, possibilitando uma troca constante de informações entre estes dois grupos – um hegemônico e outro periférico. Além disso, a autora estabelece ainda, Orwell como uma espécie de “aglutinador intelectual” durante o período em que trabalhou na BBC, reunindo em torno de si um grupo de intelectuais “periféricos” (no sentido de estarem também colocados fora dos grandes círculos intelectuais de Londres), e do debates de temas centrais de sua geração como o feminismo, o anti-semitismo, o movimento nacional indiano, etc.

²⁰ Há, por exemplo, uma série de referências desses contatos intelectuais em meio a produção ensaística e de crítica literária e política na coleção *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell* (op.cit.). Ali, além de várias resenhas e artigos comentando a produção intelectual na Inglaterra ao longo das décadas de 1930 e 1940, há uma série de cartas trocadas entre Orwell e muitos membros destacados dos principais grupos de intelectuais de sua geração – como aquele situados nos círculos de Oxbridge; entre estes E.M. Forster, Stephen Spender, Louis MacNeice, C. Day-Lewis, etc. A importância dessa condição, no entanto, ainda muito pouco explorada na historiografia sobre sua obra, apesar de alguns estudos existentes, como os de Bluemel e Rodden citados, revela-nos uma imensa riqueza em seus diálogos contemporâneos como fonte para um estudo em história das ideias, em especial na reconstrução de possíveis diálogos entre os grupos de intelectuais em que Orwell estava inserido.

²¹ Especificamente sobre o *Left Book Club*, não existem estudos no Brasil, segundo nosso levantamento para a presente pesquisa. Sobre a *Partisan Review*, além da minha produção específica, que venho publicando durante a pesquisa para esta tese, há apenas um artigo que trata da *Partisan Review* e suas

Londres, e o outro em torno da revista *Partisan Review*, em Nova York.

O que me interessa nesta tese, assim, é considerar como a participação de Orwell entre o círculo constituído em torno do LBC durante o Popular Front britânico permitiu ao autor estabelecer estreito contato com nomes importantes da esquerda britânica que gravitaram em torno da órbita do Clube e, favorecidos pelas afiliações múltiplas de Orwell com Nova York, puderam ser costuradas redes de contatos com o círculo em torno da *Partisan Review*.

Uma história conectada

Esse trabalho começará e terminará sob uma hipótese: a de que as ideias podem ser rastreadas, pois elas deixam rastros, marcas, traços no tempo e no espaço. E dessa hipótese a certeza: de que ao historiador é possível reconstruir seus caminhos, recosturando os nós onde elas, as ideias, interligaram homens e mulheres.

A hipótese central desta tese é então de que uma ideia – a do socialismo democrático – tomou forma, mesmo que de maneira difusa, sem a força dos grandes debates teórico-filosóficos, entre um grupo de intelectuais situados no universo anglo-saxão dos dois lados do Atlântico. A contraposição entre “democrático” e “autoritário” na visão desses intelectuais socialistas, que no começo da década de 1940 tomará forma na resistência ao stalinismo, entendido então como corrupção dos valores propostos pela Revolução de Outubro de 1917, ao correr da década, se dissipará entre as críticas daqueles envolvidos nestes debates dando sentido a uma reação que oporá, já no final daquela década, o ocidente “democrático” contra o oriente “autoritário”, dando então sentido à Guerra Fria. E, em parte, minha hipótese se sustenta justamente na diferença entre uma ideia que se elabora como *reação* ao autoritarismo soviético no final da década de 1930 e outra ideia, ao meu ver, que moldará o “liberalismo de choque” que dará sentido à Guerra Fria Cultural dos anos de 1950. O percurso que trilharei neste trabalho no correr da década de 1940, talvez dê um sentido a esta transformação, pois marcará a mudança gradual não apenas nos argumentos intelectuais mas na própria conjuntura política que aqui é pano-de-fundo. É preciso afirmar desde já, contudo, que não é objeto desta tese propor uma solução para esse dilema, a saber: porque e como muitos destes intelectuais enveredaram pelo caminho neoconservador e da direita especialmente na década de 1950, já que, além de fugir do escopo deste trabalho, ele não pretende funcionar como uma espécie de divã psiquiátrico a fim de investigar os humores morais dessa

relações intelectuais: Heloisa Pontes (2003), “*Cidades e Intelectuais: os 'nova-iorquinos' da Partisan Review e os 'paulistas' da Clima entre 1930 e 1950*”. E a recente monografia de conclusão de curso de Gustavo Mor Malossi: *Os americanismos e o marxismo. semânticas em confronto no Simpósio “What is Americanism?” da revista Partisan Review (1936)*. Monografia [“Trabalho de Conclusão de pesquisa histórica”, para a obtenção do grau de Bacharel em História], Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. 52p.

geração.

Fora essa ideia – a do socialismo democrático – contudo, que permitiu, especialmente na primeira metade da década de 1940, a interação concreta de dois grupos de importantes intelectuais situados nas cidades de Londres e Nova York. E essa interação se inicia justamente numa fase decisiva da história do século XX: o raiar da Segunda Guerra Mundial.

Como veremos, há, especialmente em Orwell, nosso ator principal num palco multifacetado, não apenas a defesa do socialismo democrático, mas um programa constitutivo, no qual uma ideia de revolução socialista deveria equilibrar-se entre a luta antifascista e a superação do liberalismo nacional britânico. Essa ideia que perpassa os argumentos de Orwell desde suas *London Letters*, permitirá a reconstrução do caminho que esta ideia toma dentro de sua obra, seus outros trabalhos, publicados inclusive dentro da *Partisan Review*. Ao mesmo tempo servirá como mote, numa espécie de imã na reconstrução que proponho neste trabalho, para atrair os argumentos ao seu redor, não apenas trazendo para o embate argumentos diferentes, mas perspectivas que não apenas completam suas ideias em termos teóricos, refinando-as, mas incorporam outros conceitos e desdobram seus argumentos em outros ângulos.

O escopo desta tese se norteará então sob as balizas temporais marcadas pelo início e o final da publicação das *London Letters* de George Orwell na revista *Partisan Review*, ou seja, os anos de 1941 e 1946. A colocação de Orwell em luz alta neste trabalho se dará pelo simples fato de ele ter sido aquele que, entre os outros intelectuais ingleses que publicaram a coluna, mais cartas enviou à Nova York (como disse anteriormente, somando um total de 15 cartas). E, também como já foi dito, Orwell começa e termina a enviar estas cartas também em dois momentos decisivos, entre a entrada definitiva dos EUA na Segunda Guerra Mundial e o lançamento do livro de Orwell *Animal Farm*, nos EUA. No entanto, como já se pode notar, essas balizas temporais não conterão a necessidade de extrapola-las sempre que necessário, expandindo então as dimensões temporais desta tese mais ou menos entre o final da década de 1930, quando as *London Letters* começam a serem publicadas na *Partisan Review* e o final da década de 1940, quando a seção é encerrada.

Como esta tese aponta, o tema central é pensar como esse conjunto de ideias, essas não tão difíceis de serem rastreadas pelo historiador já que estão acessíveis através de seus suportes materiais – as revistas, os manifestos, as cartas, os livros, etc. – puderam circular entre ambientes diferentes e serem debatidas por homens e mulheres situados naquilo que Quentin Skinner chamou de seus “contextos linguísticos” específicos, ou os contextos onde os conceitos são retrabalhados dentro das tradições e do repertório disponível de uma sociedade ou grupos de indivíduos. (SKINNER, 1988).²²

²² SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In: TULLY, James. (Ed.). Meaning and context: Quentin Skinner and his critics. Princeton: Princeton University Press, 1988. p. 29-67.)

Dois aportes teóricos me parecem nortear bem a discussão a qual tentarei rastrear nesta tese. A primeira delas é uma noção de *história global*. Definida como uma tendência da historiografia do século XXI (IGGER, 2010; KOCKA, 2012; HARTOG, 2013)²³, a história global tem por objeto, segundo Arif Dirlik,

[...] [first] historical phenomena[s] and processes across boundaries of all kinds, vastly expanding the spaces available for inquiry and explanation; second, [...] the proliferation of spatialities and therefore temporalities, and allows for a more complex understanding of the processes of history; and third, [...] the cognizance of totality that it enforces, it enables a more critical historical consciousness. (DIRLIK, 2005, p.10)²⁴

O historiador Hugo Vengoa²⁵, que talvez tenha o primeiro trabalho teórico que busca delimitar esse campo na América Latina, lembra que a história global não surgiu de um “vazio historiográfico”. Mais especificamente, a Global history atua em um campo que pode ser compreendido como o de reação ao “giro linguístico” das décadas de 1970-80 (IGGER, 2010), e da historiografia pós-moderna que viu nos fragmentos a única possibilidade de evitar as grandes sínteses históricas e as narrativas totalizantes. Neste sentido ela vai buscar alternativas considerando as “interações múltiplas para além das divisões estatais (nacionais ou imperiais) e em escalas diversas”.²⁶

Muitos são os enfoques então que tomam como ponto de partida uma história global: partindo da proposta de economia mundo de Fernand Braudel, passando pelo sistema mundo de Immanuel Wallerstein, pela sociologia histórica, a geo-história, a História Mundial, a história conectada ou *croisée* (por exemplo, com Serge Gruzinski), até os enfoques comparativistas e simultaneistas. (VENGOA, 2009, p.306) Vengoa lembra ainda que na multiplicidade das investigações que tomam como perspectiva uma (ou alguma) ideia de construção de uma história

²³ IGGERS, Georg. "Desafios do século XXI à historiografia". IN: História da Historiografia. Ouro Preto, n. 4, mar/10, p. 105-124. e KOCKA, Jürgen. "Global History: Opportunities, Dangers, Recent Trends". IN: CULTURE & HISTORY DIGITAL JOURNAL 1(1) June 2012. p. 1-6. HARTOG, François. "Experiência do tempo: da história universal à história global?". IN: história, histórias. Brasília, vol. 1, n. 1, 2013. p. 164-179.

²⁴ DIRLIK, Arif. "Performing the World: Reality and Representation in the making of World Histor(ies)". "Teaching World History" conference at the GHI, March 3, 2005. In. Bulletin of the GHI Washington, n 37. 2005. pp.1-18. Disponível em: https://muse.jhu.edu/journals/journal_of_world_history/.../16.4dirlik.html

²⁵ VENGOA, Hugo Fazio. La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente. *Historia Crítica Edición especial*, Bogotá, Noviembre 2009, pp. 300-319. No ano de 2015, os professores Rafael Marquese e João Paulo Garrido Pimenta, do Departamento de História da USP, publicaram artigo interessante que busca rastrear as tradições da história global na América Latina e Caribe, servindo também como um bom mapa histográfico. MARQUESE, R; PIMENTA, J.P.G. As tradições de história global na América Latina e no Caribe. *História, Historiografia*. Ouro Preto, n.17, Abril, 2015. pp.30-49. Disponível em: www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/.../529

²⁶ A definição é de Vengoa, citando o artigo de Sanjay Subrahmanyam, para a revista *Annales*, “ [em] el estudio de las interacciones múltiples, más allá de las divisiones estatales (nacionales o imperiales), y en escalas diversas”. (SUBRAHMANYAM, 2001. Apud VENGOA, 2009,p.304)

global, é preciso diferenciar entre a corrente praticada nos EUA, a História Mundial, e fora dele:

[...] la historia global há sido el resultado de desarrollos historiograficos que no se inscriben ni pertenecen a ninguna tradición nacional particular. La explicación de esta circunstancia puede encontrarse en la misma globalization que há alterado la diacronia de los desarrollos historiograficos y los há sincronizado, incluyendo los de los países de mayor peso em este campo disciplinar. (VENGOA, 2009, p.306)

A *Global History* se diferencia, desta forma, da “história universal” proposta, por exemplo, já no final da vida por Leopold Von Ranke, que, apesar de conceber uma “história pluralista”, ainda verá o Estado-nação como objeto político *tout court*. (MARTINS, 2010; FERNANDES, 2006; DA MATA, 2011)²⁷. Ou ainda daquela proposta por Oswald Spengler, onde o tempo – do “Ocidente” em “declínio” – se transforma, parafraseando François Hartog, em “lógica do destino”. (HARTOG, 2013, p.171)²⁸

O foco da Global History será então aquilo que Darlik chama de “modernidade global” (DARLIK, 2005, p.10), ou seja, nas diferentes formas de interação entre as sociedades (e os grupos humanos) sob o capitalismo da era moderna ao século XXI. Mais do que propor similaridades ou diferenças nos tempos históricos (esses no plural), a *Global History* propõe considerar as intersecções temporais onde o nacional e o global se *conectam* (GRUZINSKI, 2001;2012) e passam a interagir entre si criando tensões e resistências, através da apropriação e (re)significação dos sentidos em meio as trocas e circulação de bens materiais e imateriais em contextos transnacionais.²⁹

Entre as perspectivas historiográficas que se cruzam dentro da Global history, aquela que me parece mais pertinente para minha tese, é a chamada história conectada ou *croisée*. O campo da

²⁷ RANKE, L.V. O conceito de história universal (1831). In: Estevão de Rezende Martins (org.). *A história pensada. Teoria e método na historiografia europeia do séc. XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 202-215. FERNANDES, C.S. *Concepção de Estado e conhecimento histórico entre Leopold von Ranke e Jacob Burckhardt*. Seminário Facetas do Império na História.ProDoc/Capes – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 6 a 10 de Novembro de 2006. Disponível online: people.ufpr.br/~andreadore/cassio.pdf ; DA MATA, S. *Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal*. História da Historiografia, Ouro Preto, N. 6, Março, 2011, 247-251.

²⁸ SPENGLER, O. *O Declínio do Ocidente. Esboço de uma morfologia da história universal*. São Paulo: Forense Universitária, 2014. François Hartog definirá assim a filosofia da história de Spengler e sua busca por uma história universal: “Spengler apela para a analogia, o instrumento da história, e lança a pesquisa a partir do paralelo, incontestável segundo ele, entre os séculos do declínio da Antiguidade e a fase que se iniciava da história universal. O tempo se transforma então em “lógica do destino” e esse novo olhar sobre a história, com finalidades preditivas, ambiciona ser nada menos que uma “filosofia do destino”. Para retomar uma fórmula de Raymond Aron, Spengler recusa e refuta o otimismo racionalista do Ocidente, apoiando-se em um decreto metafísico sobre a realidade das civilizações.” (HARTOG, 2013,p.171)

²⁹ GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. IN: Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195. e GRUZINSKI, Serge. *Que horas são...lá, no outro lado? América e Islã no limiar da época moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

história conectada fora definido há pouco mais de uma década e foi bem delineada pelo historiador indiano Sanjai Subrahmanyam³⁰, que definiu o trabalho do historiador como um “eletricista” que deveria “reconstruir as conexões continentais e intercontinentais”, renegadas pelas historiografias nacionais. (VENGOA, 2009, p.310)

Outro trabalho que oferece uma definição do campo da história *croisée* é o de Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, que, em artigo de 2009 para a revista dos *Annales*³¹, a definem como uma “história relacional, que interroga os vínculos entre diferentes formações” e que se ocupam por “[...] *reflexionar sobre cuestiones generales como las escalas y las categorías de análisis, la relación entre diacronía y sincronía, los regímenes de historicidad y la reflexividad.*” (VENGOA, 2009, p.310) Com isso, retomando Vengoa, a história *croisée*,

[...] tiene como fundamento la intersección que se produce entre distintos cruces, encuentro “donde pueden producirse acontecimientos susceptibles de afectar en diversos grados los elementos en presencia, en función de su resistencia, permeabilidad, maleabilidad, y de su medio”. De la intersección se derivan varias consecuencias: es una noción que excluye el razonamiento a partir de entidades individuales, rompe con una perspectiva unidimensional [...] (VENGOA, 2009, p.311)

E citando Werner e Zimmerman novamente em seu artigo,

“las entidades o los objetos de investigación no son considerados simplemente unos en relación con los otros, sino que también unos a través de los otros, en términos de relaciones, interacciones, circulación y, además, la intersección permite comprender el entrelazamiento de temporalidades múltiples. Las entidades, personas, prácticas u objetos cruzados o afectados por el encuentro no permanecen intactos ni idénticos a cómo eran antes de los respectivos contactos” (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p.15-16. Apud VENGOA, 2009, p.311)

A história conectada aparece então, não como o resumo da história global, mas aquele que melhor responde, metodologicamente, a uma compreensão da interação de pequenas esferas em regiões de intersecção que, ao mesmo tempo que permitem a interação, preservam suas diferenças:

[A história conectada] Es una historia reflexiva que requiere de un observador activo, porque su producto se construye en un movimiento de ida y venida entre el investigador y el objeto de estudio, a través de un permanente juego de escalas que conjuntamente van diseñando las

³⁰ SUBRAHMANYAM, Sanjai, “Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, en *Beyond Binary Histories. Re-imagining Eurasia to c. 1830*, ed. V.Lieberman (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997), 289-315. (Apud VENGOA, 2009, p.310.)

³¹ Michael Werner y Bénédicte Zimmermann, “Penser l’histoire croisée: entre empirie et réflexivité”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales* (2003): 8. Apud VENGOA, 2009, p.310

dimensiones empíricas y reflexivas de la historia croisée. (VENGOA, 2009, p.311)³²

O ponto que me parece mais importante a ser considerado nas propostas da história global – partindo então da perspectiva da *história conectada* – é a proposta de superação das barreiras impostas pelo Estado-nação na produção e circulação, tanto de projetos políticos, quanto de ideias.³³

A migração das ideias de um contexto nacional a outro, seja através do papel do intelectual que imigra por razões diversas – como por questões políticas e econômicas; seja através de grupos de imigrantes que se deslocam; seja através de jornais, livros, manifestos, revistas, etc., que fazem circular determinados conceitos, reafirma que as barreiras impostas pelos limites territoriais entre os Estados é completamente artificial, fator que corrobora na perspectiva do rastreamento de ideais transnacionais. (FICKER, 2014)³⁴

Com isso, desejo tomar como referência o conceito central da *Global History*, tendo então a *história conectada* como suporte para a compreensão das relações entre os dois grupos que são foco da minha tese, a saber: a ideia de que as sociedades são conectadas – e de que essas conexões podem ser rastreadas – no campo político e econômico, mas também no campo da cultura, sem, no entanto, perder suas peculiaridades locais – onde o caráter nacional não deixa de existir enquanto entidade política, mas é entendido como um arquétipo identitário, baseado na memória coletiva (tradição) e em uma língua comum, o que, por fim, não sustenta barreiras fortes o suficiente para

³² Hartog será enfático também, ao considerar tanto as benesses da história conectada quanto seus problemas: “Conectada” não é, contudo, uma palavra neutra, é também uma palavra do momento: positiva (é preciso estar conectado), mas, ousaria dizer, bastante elástica. Onde começa e onde termina uma história conectada? A identificação de conexões é, antes de tudo, um instrumento para revisitar, substituir histórias excessivamente unívocas, dissimétricas, desiguais, e para sair das empacadas histórias nacionais e coloniais. Obtém-se assim ganhos de conhecimento. O historiador conexonista enxerga com outros olhos suas fontes, alarga desse modo a noção de documento, multiplica seu questionário. A busca por conexões, todavia, desenhando, no fim, uma rede, não pressupõe, ao contrário, que exista uma história do mundo e um possível ponto de vista único sobre ela. A história não poderia ser muito menos a soma (mesmo em potência) dessas conexões, já que as combinações podem ser re-agenciadas diferentemente, em função das próprias questões que coloca o historiador.”(HARTOG, 2013, pp.178-9)

³³ Não a toa, é fundamental nesse escopo a noção da artificialidade das fronteiras do Estado-nação – sustentada por uma série de *tradições inventadas* da era moderna – como um simulacro político para dar certa coesão, muitas vezes tênue, a *comunidades imaginadas* em torno de uma língua ou ensejos políticos comuns. HOBBSAWM, E; RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. E também ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. A obra de Benedict Anderson somara aos debates sobre os nacionalismos no Reino Unido da década 1970, segundo argumentam Curto, Jerónimo e Domingos (2012), “[...] uma dimensão que lhe parecia estar ausente – a do nacionalismo anticolonial – e promover um olhar “histórico global e comparativo”, caracterizado pelo privilégio das “comparações negativas” (desvalorizadas, ou dificilmente apreendidas, pela ciência política)”. CURTO, D.R.; JERÓNIMO, M.; DOMINGOS, N. Nações e nacionalismos. (a teoria, a história, a moral). *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 24, n. 2, novembro, 2012.p.33-58.

³⁴ FICKER, Sandra Kuntz. “Mundial, trasnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales”. IN: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 27 mars 2014. Disponível online em: <https://nuevomundo.revues.org/66524>

evitar a circulação das ideias.

O contexto da Segunda Guerra Mundial pode ser entendido como um momento em que inúmeras ideias são “globalizadas”: desde a expansão internacional do fascismo (BERTONHA, 2012; CAPELATO, 1991; THURLOW, 2006)³⁵, passando pela luta antifascista que o acompanha (HOBSBAWM, 1989)³⁶, até os debates sobre o pacifismo que, até 1939, por exemplo dentro das correntes trotskistas da esquerda (inclusive dentro da *Partisan Review*, com Dwight Macdonald), reforçam a ideia do isolamento como saída para o embate entre as potências imperiais capitalistas e o fascismo.

Temas como o pacifismo, o antissemitismo, o fascismo, a revolução socialista, o nacionalismo, etc., serão todos alvos de análise de Orwell em suas *London Letters*, indicando então não apenas a confluência de interesses intelectuais entre os dois grupos, mas o estreitamento de seus contextos linguísticos, já que era necessário um léxico comum para que o debate sobre esses temas fluíssem entre estes homens e mulheres localizados em contextos geográficos diferentes³⁷. O enquadramento de uma história dos intelectuais e suas relações no campo da *Global History* pode elucidar as trocas construídas através de redes que não se limitam ao espaço das fronteiras nacionais. Ao mesmo tempo, pode ajudar a compreender como as ideias debatidas entre esses intelectuais circulam em espaços transnacionais, criando intersecções entre grupos localizados em contextos políticos e econômicos diferentes.

Não seria nenhuma tendência historiográfica nova sugerir então uma “história global das ideias” afim de compreender as relações de trocas culturais que permitiram percorrer percursos transnacionais de ideias. Nesse sentido, uma vez mais, o papel dos intelectuais – e das redes costuradas por eles – ajudaria a retratar essas rotas por onde as ideias migrariam de um grupo ao outro e, no processo de recepção e leitura mútua, como elas seriam realocadas nos contextos

³⁵ BERTONHA, João Fábio. Los fascismos en América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en una perspectiva comparada. In: *El fascismo en Brasil y América Latina. Ecos Europeos y desarrollos autóctonos*. México (DF), ENAH, 2012, no prelo. CAPELATO, Maria Helena. Fascismo, uma ideia que circulou pela América Latina. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 16., 1991, Rio de Janeiro, RJ. Anais... p. 51-63. THURLOW, R. *Fascism in Britain. From Oswald Mosley's Blackshirts to the National Front*. London: I.B. Tauris, 2006.

³⁶ HOBSBAWM, E. Os intelectuais e o antifascismo. In HOBSBAWM, E. (org.) *História do Marxismo. O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. Vol. 9. pp.257-315. Ou ainda a reunião de artigos do trotskyista Socialist Workers Party, nos EUA, da luta local contra o fascismo, de 1939 até 1975. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/education/antifascism/index.htm>

³⁷ Pode-se argumentar, no entanto, que os contextos estadunidense e britânico não representariam aspectos culturais tão diferentes – como por exemplo na relação colonial entre Índia e Grã-Bretanha, por exemplo – pelo aspecto da cultura anglo-saxã compartilhada, especialmente pela língua. Contudo, o choque entre os radicalismo locais e marxismo europeu nos EUA do século XIX – e os ecos dessas tensões ainda no século XX, em especial dentro da PR – como aponta Buhle, por exemplo, indica que há sim diferenças culturais específicas – aquilo que Buhle indica, por exemplo, como a “Questão nacional” nos EUA – que devem então ser levadas em consideração ao tratarmos aqui dos debates entre os dois contextos. E é aí que, devo sustentar, a conceitualização de Skinner sobre “contextos linguísticos” se encaixa e ajuda a entender tais readaptações de ideias e conceitos entre os dois ambientes intelectuais.

linguísticos locais. Nesse sentido, seria possível compreender então como um grupo de intelectuais situados em lados opostos do Atlântico, inseridos em contextos políticos e econômicos diferentes, não apenas puderam debater os mesmos conjuntos de ideias, mas, para debater esses mesmos conjuntos de ideias, puderam partir dos mesmos referenciais teóricos.

Há ainda um segundo aporte que me parece nortear os caminhos da minha tese é a compreensão da formação das redes humanas³⁸. O que me interessa no escopo desta pesquisa, mais especificamente, contudo, é a formação de *redes de intelectuais* – já que são eles, os intelectuais, meu objeto central de análise.³⁹ E como pretendo argumentar a frente, o estudo das redes de intelectuais parece se coadunar muito bem com as propostas da Global History⁴⁰.

O estudo das *redes* já é uma ferramenta consagrada entre as ciências sociais desde a década de 1940, quando foram propostas, primeiro na antropologia por Radcliffe-Brown e depois, na década de 1950, empregada no campo da sociologia por Georg Simmel⁴¹. Na historiografia Latino Americana, a reconstrução das *redes* (então substantivada sobre a derivação “religación”) aparece na obra pioneira do uruguaio Ángel Rama, na década de 1980, e é extremamente difundida nos estudos de interação e trocas tanto no espectro local e regional latino-americano, quanto destas sociedades (ou grupos específicos) com a Europa e o restante do mundo, assim como os itinerários intelectuais em meio a esses circuitos.⁴²

³⁸ Esse, por exemplo, será o título de um dos trabalhos de referência no campo da Global History nos EUA: J. R. Mc Nelly y H. William Mc Nelly, *Las redes humanas. Una historia global del mundo* (Barcelona: Crítica, 2004);

³⁹ Robert Darnton, em muitos de seus livros, falará ainda de *redes de comunicação*, dando conta de circuitos por onde as ideias circulam tendo os livros – no seu caso, os livros sediciosos que carregavam a crítica ao *Anciën Regime* – como seu suporte material. Cito apenas a título de referência aqui, seu último livro publicado no Brasil e que tem como subtítulo justamente o conceito de “redes de comunicação”. DARNTON, R. *Poesia e Policia. Redes de Comunicação na Paris do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁴⁰ Os pontos de confluência entre os estudos que consideram redes de intelectuais e seus múltiplos caminhos de interação se cruzam claramente com muitos dos tópicos propostos pela Global History. Os historiadores evitam nominar essas intersecções – e aqui eu me arrisco não seguindo essa fórmula – justamente por aceitar as barreiras epistêmicas de cada um dos “domínios” da historiografia. Com isso, por exemplo, é extremamente comum a aproximação em trabalhos que tratam de intelectuais de domínios institucionalizados como a História das Ideias, a História Intelectual, a História das redes, ou a Global History, isso sem falar nos campos fora da história, como a sociologia, a antropologia, a economia, etc.. O que não se pode fazer é dizer que o trabalho irá navegar em algum(uns) ponto(s) de confluência – de intersecção – entre um ou mais campos da historiografia, sob o risco de ser acusado de pairar em sobrevoo sobre eles, sem contudo adentrar em suas problemáticas epistêmicas.

⁴¹ RADCLIFFE BROWN, A.R. “On Social Structure”, *Journal of the Royal Anthropological Society of Great Britain and Ireland*, 70. 1940. SIMMEL, Georg. *Conflict: The Web of group Affiliations*. Glacoe Free Press, 1955.

⁴² Ángel Rama, *Algunas sugerencias de trabajo para una aventura intelectual de integración*. In: Ana Pizarro (org.), *La literatura latinoamericana como proceso*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985. Sobre o caso brasileiro há também uma série de trabalho que tomam como referência o estudo das redes em variados sentido, em especial durante o período do Império. Apenas para citar um, que dialoga de maneira mais próxima com essa tradição latino-americana, há o estudo do antropólogo argentino Gustavo Sorá, mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Museu Nacional da UFRJ, intitulado, *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003.

Os estudos das redes intelectuais dão conta dos chamados “espaços de sociabilidade” onde esses homens e mulheres se encontram: os clubes, os cafés, as universidades, os partidos políticos, mas também as revistas, os livros, os manifestos, as cartas, os encontros informais onde a oralidade é um mecanismo central de trocas, etc.(SIRINELLI, 2003)⁴³ O objetivo do estudo dessas redes é então mapear os caminhos de contato e interação destes homens e mulheres tanto quanto denotar os pontos de intersecção onde se dá estritamente as trocas e a circulação de ideias – objeto primevo do trabalho intelectual. Pode-se argumentar ainda que o intelectual toma a forma de uma figura de mediação entre os espaços privados de cultura, os quais os círculos intelectuais – assim como as universidades, por exemplo, podem ser sinônimos – e os espaços públicos da sociedade, divulgando e repercutindo em escalas maiores os assuntos discutidos dentro destes.⁴⁴

O estudo das sociabilidades intelectuais, que cerca o mapeamento de suas redes, envolve compreender que existem demandas e interesses específicos que aproximam esses homens e mulheres, criando práticas de sociabilidade internas também específicas. Essas seriam decisivas, por exemplo, para a compreensão de determinadas agregações sociais dentro de contextos históricos específicos. Com isso temos conjuntos de valores compartilhados, tais quais afinidades políticas, a paixão pelo debate, sensibilidades ideológicas e culturais, uma mesma apreensão da relação com os espaços públicos, etc. (SIRINELLI, 2003; ELIAS, 2001;2009; HOBBSAWM; RANGER, 2002)

A historiografia, já consagrada, que tratou das redes de sociabilidades intelectuais, deu centralidade as instituições ou aos espaços de legitimação profissional dos intelectuais. Daí também decorrem os estudos das revistas, dos círculos privados onde esses homens e mulheres se encontram, dos partidos políticos, etc.⁴⁵ Há, obviamente, estudos que tratam dos percursos públicos

⁴³ SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). Por uma nova história política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. A noção de “espaços de sociabilidade” foi também consagrado na obra de Norbert Elias: *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001; O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 2 vol. Há ainda uma outra proposta de entendimento desses espaços de sociabilidade, no estudo dos clubs britânicos na Índia colonial e seu papel na aglutinação da classe administrativa britânica, no também clássico estudo organizado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁴⁴ Há ainda o conceito de *afiliações múltiplas*, estabelecido na obra de Karl Mannheim, que me parece útil para pensar essas relações em rede. Assim como Norbert Elias, Mannheim terá os saloons franceses como foco de análise daquilo que ele definiu como “associação moderna”. O autor vai considerar o salão como a grande expressão da *associação moderna*, já que ele defini, tal qual propõe também Georg Simmel, um tipo de relação social parcializada e heterogênea, entre indivíduos social, econômica e intelectualmente diferentes, congregados, no entanto, pelas mesmas “opiniões” (para usar uma expressão recorrente em Mannheim. MANHEIM(2001,pp.112-3)

⁴⁵ Não é nova também a ideia de que as revistas culturais e a imprensa representam um espaço privilegiado de mapeamento dessas redes. Ver, por exemplo, os trabalho de OLIVERIA, Angela Meirelles de, O papel da imprensa na circulação de ideias e de intelectuais antifascistas entre a Argentina, o Uruguai e a França (1933-1939). *Revista Faces da História*, Assis-SP, v.2, n.1, p.159-171, janeiro-junho, 2015. GONZÁLES, A. P.; GRILLO, M. Revistas culturales y redes intelectuales: uma aproximación metodológica. *Temas de Nuestra America*, n.54, julio-diciembre, 2013. pp.177-194. E ainda GONZÁLEZ, A. P.; GRILLO, M. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, v.5,n.1, junio, 2015. pp.1-30 Disponível em: <http://www.relmecs.fahce.unlp.edu.ar/article/view/relmecs05n01a06> . A professora Alexandra Pita

dessas redes, em especial na consideração do espaço público também como um mediador de debates ou mesmo de aglutinação política. O ponto central no estudo das redes, no entanto, é a possibilidade de traçar os caminhos de interação para além das fronteiras nacionais, comunitárias e culturais. E é aí que seu escopo se reencontra com as preposições da Global History.

A ideia de que estas redes de intelectuais possam ser transnacionais indicam que estas interações – as mesmas que se dão nos espaços privados de sociabilidade ou então no espaço público não são extáticas e nem sincrônicas, assim como as culturas não são estáticas e nem sincrônicas e por isso podem ser aproximadas (RUSEN,1996)⁴⁶. Ou seja, elas variam tanto no tempo histórico como no espaço geográfico. O ponto de intersecção entre a Global History e a história das redes de intelectuais pode justamente ser cimentada pelas propostas da história conectada, já que ali está considerada a maleabilidade tanto do investigador quanto de seu objeto de estudo, dando a plena noção de que essas interações entre os intelectuais são movediças, se intercalam no espaço-tempo e criam intersecções, ponto de confluência, onde ao mesmo tempo em que se preservam suas tradições locais (por vezes nacionais) se reelaboram conceitos e ideologias.⁴⁷

Gonzáles, da Universidade de Colima, México, dirige ainda um grupo que visa investigar as redes intelectuais em latino-americanas em caráter transnacional durante as duas Guerras Mundiais.. O grupo pode ser visitado através do site (o qual oferece ainda um apanhado bibliográfico recente sobre os debates entre redes, história intelectual e história global): <https://sites.google.com/a/ucol.mx/rede/>

⁴⁶ RÜSEN, Jörn. "Some Theoretical Approaches to Intercultural Comparative Historiography". *History and Theory* Vol. 35, No. 4, Chinese Historiography in Comparative Perspective (Dec., 1996), pp. 5-22. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2505441>

⁴⁷ E aqui me parece assertiva a preposição de François Hartog sobre *regimes de historicidade*, a qual, ele próprio, indica que pode oferecer um aporte teórico concreto às interações sociais, tal qual nas preposições da Global History, entre diferentes contextos sociais, cada um com uma "temporalidade" específica. Sobre isso, Hartog escreve o seguinte: "(...) O recurso ao regime de historicidade não pretende, evidentemente, ser a solução, o coelho tirado da cartola, mas poderia permitir começar a trabalhar, aqui e ali, disjunções e conjunções de formas de temporalidade: interações, imbricações, ocultamentos, entrechoques, defasagens, descolamentos dos regimes de historicidade. Articulam-se assim, velho sonho, espaço e tempo. Pois, se não há um tempo único, tão diversas foram e são, aqui e ali, ontem e hoje, as experiências do tempo, há, por toda parte, maneiras homólogas de fabricar tempo humano ou social em um mundo que nunca ignorou, em maior ou menor escala, trocas, interações, conflitos." (HARTOG, 2013,p.179)

Capítulo 1 - A experiência da revista nova-iorquina *Partisan Review* nos anos de 1930.

Signs of a new turn are now appearing; notes of rebellion are heard on all sides, and as the work of the younger writers is straining to break through the creative formulas of the thirties, the urge to reevaluate the immediate past can no longer be denied.

William Phillips and Philip Rahv, *Literature in a Political Decade*, 1934.

1.1 - A *Partisan Review*: um projeto de reação à tradição cultural nos EUA

“Sinais de uma nova virada aparecem agora”, prenunciavam William Phillips e Philip Rahv, antecipando já em 1934, mesmo ano em que juntos fundariam em Nova York a revista *Partisan Review*, a “rebelião de jovens escritores” que se “esforçavam para romper com as fórmulas criativas da década de 1930”. Filhos da segunda geração de imigrantes judeus que ali se situaram, suas palavras fizeram ecoar as previsões para a “literatura de uma década política”; ou, os símbolos que definiriam os horizontes, desafios e controvérsias daquela geração e que transformariam as páginas da *Partisan* em seu mais acabado retrato.

Na retrospectiva daqueles anos, elaborada em sua autobiografia intelectual publicada em 1983, William Phillips exaltaria o frescor das ideias que transformariam a *Partisan Review* em um dos principais projetos alternativos para a modernidade daquela geração. (Phillips, 1983, p.17) A “rebelião” de que falam ele e Phillip Rahv, tinha como cerne um duplo horizonte cultural, prenunciando o choque de gerações em que os jovens e suas novas ideias se rebelariam contra os “velhos” e o passado, afim de superá-los. Por um lado, dizia respeito aos efeitos do esgotamento que as ideias modernistas da geração anterior detinham sobre esses homens e mulheres que amadureciam durante a crise do final da década de 1920. (Phillips, 1983, p.22) O desejo era de algo novo e que respondesse de maneira efetiva a crise geral do liberalismo e sua forma de representação na cultura. Por outro lado, essa era uma “rebelião” contra sua própria tradição pessoal incrustada na herança do judaísmo através da qual grande parte dos “Intelectuais de Nova York”, o círculo em que a *Partisan* foi gerada, foi educada. (Wald, 1986; Bloom, 1986). Alan Wald analisa a própria definição do grupo em torno do nome “New York Intellectuals”. Segundo ele, um “eufemismo místico”, para um grupo originalmente chamado de “Trotskyist Intellectuals”:

Historicamente, a frase "intelectuais de Nova York" foi episodicamente usado para se referir a simpatizantes não partidários e aliados durante os anos 1930 e início dos anos 1940. Na década de 1950, quando tinha um significado mais amplo, o ponto de referência eram os ex-revolucionários que tinha conseguido alguma reputação em revistas intelectuais de Nova

torque, combinados com novas amizades e associados que se identificavam de várias formas com experiências anteriores. Assim, Max Eastman, uma figura crucial na formação de esquerda anti-stalinista, nunca é considerado um "New York intelectual", enquanto Alfred Kazin, que era apenas periféricamente envolvido na década de 1930 e nunca fora simpático com o trotskismo, às vezes é confundido como uma figura representativa. (Wald, 1986, p.11)⁴⁸

E esse terreno seria fertilizado pelas ideias socialistas. Apoiados na crença de que a Revolução socialista e o marxismo eram os guias para esse horizonte crítico, aquela geração enxergou no “radicalismo”, seu caminho mais frutífero. (Phillips, 1983, p.33)

A revista nasceria como publicação oficial da cessão nova-iorquina do John Reed Club, o principal organismo agitador da cultura do Partido Comunista nos EUA entre o final da década de 1920 e a metade da década de 1930. O mesmo movimento comunista que, em pleno crescimento, iria se constituir no grande aglutinador político e cultural nos anos do Popular Front quando ainda rugiam fortes os ecos da crise geral produzida pelo colapso de Wall Street que retirou a sociedade estadunidense do êxtase onírico dos anos dourados magistralmente retratados, por exemplo, na figura do playboy Jay Gatsby de F. Scott Fitzgerald. No plano cultural, a crise que “gerou” a década de 1930 nos EUA, foi a mesma que produziu um dos momentos de maior inventividade criativa para as artes e para a crítica progressista nos vários discursos que tentavam interpretar os turbulentos anos após 1929. (Denning, 1997)

O comunismo agitou os círculos intelectuais nas principais cidades estadunidenses nos anos seguintes. (Phillips, 1983, p.33) Nova York era um desses grandes centros urbanos que catalisaram as condições adequadas em que as vanguardas modernistas puderam ascender no final do século XIX e primeiras década do século XX. Esse ambiente urbano, cosmopolita, em que as ideias circulavam, estava pronto, com isso, para receber as novas ideias advindas de várias partes do mundo com as levas de migrantes e imigrantes, fervendo ao ponto de gerar um novo estado de consciência diante de um mundo em gestação. E entre essas ideias estavam o marxismo.

A Partisan teria nesse caldeirão cultural, segundo seus idealizadores, a função primordial de preencher um espaço vazio nos meios intelectuais comunistas de discussão sobre literatura e o estado da arte da crítica estética e cultural entre a esquerda estadunidense. (Phillips, 1983, p.37)

⁴⁸ “Historically, the phrase “New York Intellectuals” was episodically used to refer to nonparty sympathizers and allies during the 1930s and early 1940s. By the 1950s, when it had wider currency, the point of reference was those former revolutionaries who had achieved some reputation in New York intellectuals journals, combined with newer friends and associates who identified in various ways with former experience. Thus Max Eastman, a crucial figure in the formation of the anti-Stalinist left, is never considered a “New York intellectual”, while Alfred Kazin, who was only peripherally involved in the 1930s and never be sympathetic to Trotskyism, is sometimes mistaken as a representative figure.” (Wald, 1986, p.11)

Phillips e Rahv, entraram em contato com Joseph Freeman, diretor do jornal *New Masses*, em 1933, afim de sugerir a ideia da criação da nova revista. Até aquele momento, o *New Masses* era o grande agregador dos intelectuais que viram no marxismo uma saída – Sidney Hook, Max Eastman, Edmund Wilson, Michael Gold, o próprio Freeman, etc. O jornal, no entanto, tinha como foco central o debate de temas políticos ligados ao movimento operário ao redor do país e ao desenvolvimento do socialismo no terreno político e teórico nacional. Seu editorial fornecia então pouco espaço para discussões sobre literatura, arte e crítica estética. Uma série de reuniões aconteceram nas sessões do John Reed Club de Nova York, em 1933, para discutir a criação da *Partisan Review*. Com o apoio de Freeman e Michael Gold, chamados de “líderes culturais comunistas”, Phillips e Rahv conseguiram arrecadar US\$800 em uma conferência de John Strachey – expoente do movimento intelectual comunista na Grã-Bretanha e um dos fundadores do Left Book Club, de Londres – tendo Gold, como debatedor. Assim fora criada a *Partisan Review*.

A comunhão entre a recém-fundada revista e o PC seguiria bem até a metade da década de 1930. A revista, por sinal, adquiriu rapidamente grande preponderância entre o movimento comunista, tornando-se um guarda-chuva importante para os jovens e as jovens intelectuais recém cooptadas pelo PC nos disputados círculos da vanguarda nova-iorquina. Essa posição tornou a *Partisan Review* uma espécie de cronista do nascimento do Popular Front nos EUA. Essa afirmação é de Michael Denning, que relembra a narração de Tillie Lerner no artigo “The Strike”, para a *Partisan Review* 1, de Setembro-Outubro de 1934, sobre o “Terça-Feira Sangrenta”, na primavera de 5 de Julho de 1934, quando aconteceu um massacre de manifestantes pela polícia de São Francisco que encerrou uma greve geral nas docas da cidade. Aquele evento é considerado o marco inicial do Popular Front, nos EUA. (Denning, 1997, p. 13) Por muitas vezes ainda, as páginas da *Partisan* serviram como plataforma para a divulgação desses retratos intelectuais (e suas repercussões) sobre as grandes greves e movimentações sindicais (e as reações, quase sempre violentas da polícia, dos industriais e fazendeiros) que se espalhavam pelo país e animavam o Popular Front num movimento nacional sem precedentes até então nos EUA.

Passada a metade da década de 1930, contudo, os rumos do movimento comunista internacional prenunciaram importantes mudanças para o Popular Front nos EUA e todo o movimento cultural que o acompanhou. E a história da *Partisan Review* é novamente emblemática em meio aos debates da esquerda estadunidense daquele período. A partir de 1936-7 inicia-se um progressivo distanciamento dos editores da revista com PC nos EUA. Ambos, Phillips e Rahv, assim como parte considerável da esquerda ao redor do mundo, discordavam da definição das Frentes Populares como estratégia para o combate ao fascismo deliberada no VII Congresso da Internacional Comunista, de 1935. Internamente havia ainda a discordância de seus editores com as

crescentes tentativas de controle da linha editorial da *Partisan* pelo Partido Comunista, que ainda representava seu principal mantenedor, aumentando o desgaste. (Cooney, 1987) A explosão causada pela repercussão dos Julgamentos de Moscou (1935) e as acusações do regime soviético contra Leon Trotsky, cindiriam ainda mais as relações políticas de seus editores com os círculos comunistas, levando a ruptura definitiva em finais do ano de 1937, quando a revista é momentaneamente fechada.

A presença de Trotsky no México já quando as acusações contra ele foram feitas por Stálin, causou grande comoção entre a esquerda nos EUA, inclusive para aqueles em torno da *Partisan Review*. Alan Wald lembra da formação do Committee for the Defense of Leon Trotsky. Ao lado dessa comissão, os esforços de uma outra, encabeçada por John Dewey – a *Dewey Commission of Inquiry into the Charges Against Leon Trotsky in the Moscow Trials* – que esteve por 8 dias na cidade de Coyoacan, no México, entrevistando Trotsky sobre as acusações de Stálin, forneceu material suficiente para o apoio dos intelectuais estadunidenses a ele. (Wald, 1986, p.131). Em 2 de Abril de 1937, numa quinta-feira, um grupo liderado por Dewey desembarcou na Cidade do México, financiado pelo *Trotsky Defense Committee*, onde foram recebidos por Diego Rivera e Frida Kahlo em sua casa, afim de organizar as entrevistas com Trotsky (ibid.:132) Os testemunhos de Trotsky à comissão e seus resultados foram publicados como *The Case of Leon Trotsky* (1937) e *Not Guilty* (1938). Na reabertura da *Partisan*, em 1938, já assumido seu novo editorial anti-stalinista, houve uma tentativa frustrada de aproximação com Trotsky, que fora convidado para colaborar com artigos. Suas intenções de exercer um controle centralizador sobre o editorial da *Partisan*, porém, fizeram Phillips e Rahv, desistir da ideia.

Em março de 1938, a *Partisan Review* seria refundada, como faz questão de afirmar Phillips, sob uma nova linha editorial, agora, livre da ingerência comunista. (Phillips, 1983, p.37) Fator que, por um lado, lhe daria maior liberdade reflexiva com a incorporação de novos colaboradores e editores. É nesse momento, que a *Partisan* se torna o grande centro aglutinador da esquerda anti-stalinista nos EUA, congregando ao longo do final da década de 1930 e por toda a década de 1940, nomes que ajudariam na formatação de sua nova linha editorial: Dwight Macdonald, Mary McCarthy – os que são imediatamente incorporados – e mais a frente, Hannah Arendt, Irving Howe, Lionel Trilling, James Burnham, Susan Sontag, etc. Por outro lado, contudo, o afastamento dos comunistas traria a revista enormes dificuldades financeiras e grandes conflitos com os agora “opositores”.

A crença no marxismo como uma das alternativas possíveis para o dilema modernista, contudo, ficará intocada nesse processo de transição editorial da *Partisan Review*. Agora, a força do marxismo como uma possibilidade interpretativa do mundo que os circundava pareceria ainda mais

clara, com o afastamento do dogmatismo centralizador das linhas oficiais do PC e com a adesão dessas novas cabeças e das novas perspectivas críticas que as acompanhavam, e que moldaria sua relação com a cultura por toda a década de 1940.

1.2 - Duas tradições em disputa: marxismo versus modernismo

Daniel Aaron brinca com a expressão de Edward Newhouse, em “*You Can't Sleep Here*” (1934), quando pensa nas motivações históricas que levaram os intelectuais pelo caminho do comunismo nos anos de 1930: diferente da geração de Hemingway e Faulkner, essa não era a “*lost generation*” mas a “*crise generation*”. Ou seja, foi a própria crise dos anos de 1930 – o desemprego em massa e a falta de oportunidades de carreira, as ondas de famintos pelas ruas e por todo o país, a incapacidade do governo liberal em responder a crise, etc. – ou nas palavras de Aaron, o reflexo das “forças sociais operando na vida das pessoas reais”, que produziu a conversão dos intelectuais ao comunismo. (Aaron, 1992, p.152)

É justamente a “*crise generation*”, parafraseando Newhouse, que emerge do pós-1929 que nos interessa diretamente. De volta ao campo da cultura, nosso foco, as expressões intelectuais que melhor representam todo esse movimento em Nova York, são retratadas na ascensão dos *John Reed Clubs* e do jornal *New Masses*, no final da década de 1920 e início da década de 1930. O Reed Club que mais tarde se espalharia por outras cidades estadunidenses, fora fundado em Nova York, em outubro de 1929, por um grupo ligado ao *New Masses*. Em 1932, já após sua transformação, dois anos antes, num órgão filiado *International Union of Revolutionary Writers* (IURW), ligado a URSS, os John Reed Clubs já contavam com 12 núcleos espalhados por todo o país, inclusive com representações internacionais no Japão, na Alemanha, na China e França.

O nome fora inspirado na já então mítica figura de John Reed, que representou um símbolo para o radicalismo daquela geração. Sua figura foi a que melhor representou o espírito inquieto do jovem burguês que escolheu o comunismo como bandeira e a revolução socialista como horizonte e que saiu dos corredores conservadores da Escola de Jornalismo da Harvard University (onde sua figura ainda é tida como incômoda para a memória da instituição) para morrer no inverno russo e ser consagrado como um herói da Revolução de Outubro de 1917, enterrado na Praça Vermelha ao lado de Lênin. Seu livro *Ten Days that shock the World*, que em 1919 já era um best-seller nos EUA com três edições publicadas, fora considerado uma bíblia para os jovens estudantes que viam na revolução socialista o caminho para a solução dos problemas nos EUA.

Já a revista *New Masses* é criada originalmente com o nome de *Dynamo*, em 1926. Sua ideia original, segundo Marquardt, era “expressar simpatia e estabelecer aliança com o movimento

trabalhista internacional”, numa revista mensal, sem qualquer filiação partidária. Para a autora, esse desejo inicial expressava as “duas face do comitê geral da revista”: de um lado, autores responsáveis pelo “renascimento literário” dos EUA – Waldo Frank (primeiro editor-chefe da revista), Lewis Mumford, Edmund Wilson, Gorham Munson, Sherwood Anderson e Van Wyck Brooks. De outro, um grupo radical constituído por ex-colaboradores de dois periódicos, o *The Masses* (1911-1917) e o *The Liberator* (1918-1924) – entre os mais destacados, Maurice Becker, Max Eastman, Joseph Freeman, Michael Gold e o cartunista Art Young. (Marquardt, 1989, p.58) A transição política para a adoção das linhas oficiais do comunismo se dá quando a *New Masses* passa a ter Michael Gold como seu editor-chefe, em Junho de 1928. A intenção de Gold era a de transformar a revista numa publicação totalmente “proletária”: escrita por e para trabalhadores e aqueles que detinham um histórico de associação aos trabalhadores, em detrimento do que era feito até então, quando se privilegiava a capacidade profissional de seus contribuidores. (Marquardt, 1989, p.65) A criação de ambos os grupos se deu em meio ao debate sobre a arte nos anos de 1930: a arte abstrata versus o realismo artístico, característico da chamada “arte proletária”. A interpretação leninista da “arte proletária” se tornaria neste contexto, a expressão mais radical da arte na década de 1930.

O alinhamento da *New Masses* ao comunismo se tornou explícito com a filiação do próprio Michael Gold, seu editor-chefe, ao Partido Comunista, em 1928. Só se tornaria oficial, no entanto, com a adesão do *New Masses* e do John Reed Club a *International Union of Revolutionary Writers* (IURW) e a *International Bureau of Revolutionary Artists* (IBRA), na Segunda Conferência Internacional de Escritores Revolucionário e Proletários, ocorrida em Kharkov, Rússia, em novembro de 1930. (Marquardt, op.cit.). Fatos que, como argumenta a autora, provocou significativas mudanças na escolha dos temas e do estilo dos trabalhos exibidos pelo John Reed Club. Após a filiação do *New Masses* ao IURW (1930), o jornal começa então a expressar sua direção política melhor definida às linhas leninistas, através da publicação de desenhos e cartoons de conteúdo destacadamente político, demonstrativos de sua aliança à Rússia soviética. Já o John Reed Club, frente a orientação estilística do *New Masses*, adota a ideia da “arte revolucionária” como slogan. Tomando como referência as preposições de Lênin para a função social da arte e somado às definições oficiais do programa da IBRA, seus artistas defendiam o uso das técnicas e avanços da arte burguesa para o desenvolvimento da arte proletária como arma da luta de classes ao mesmo tempo que caminho para a crítica das injustiças sociais, advogando os “germes da sociedade dos trabalhadores” (Marquardt, 1989, p.68-69)

Os John Reed Clubs e a *New Masses* eram agora, juntos, o guarda-chuva cultural para a esquerda nova-iorquina. O que não apenas ajudaria a cidade ascender como um dos epicentros das

ideias daquela geração de “intelectuais radicais” (em NY, por exemplo, se localizava o centro nervoso e o comitê executivo dos John Reed Clubs), como encaminhariam as ideias marxistas a outros rumos. Com o correr da década de 1930, e muito influenciado pelo caldeirão cultural que era Nova York, no entanto, o marxismo já seria tomado como um movimento mais amplo, para além de sua primeira expressão como um programa político de reconstrução da sociedade e da economia estadunidense. E como veremos mais a frente, a ruptura com as linhas oficiais do PC e com o stalinismo contribuiriam em grande medida para uma nova leitura do marxismo. E os debates em torno da *Partisan Review* serão fundamentais nesse processo.

A inserção do *marxismo* entre a segunda geração de intelectuais que emergem em Nova York, teria como seu marco cultural mais emblemático a crítica de Edmund Wilson. Wilson era herdeiro dos debates entre a crítica neo-humanista dos EUA do início do século XX que implicava bases éticas para a arte, e que tinha entre suas principais figuras William Crary Brownell; o pensamento pragmático do filósofo e professor da Columbia University, John Dewey; e o marxismo. A leitura de Wilson para o marxismo, contudo, lembra Aaron, não satisfazia nem os neo-humanistas nem os marxistas. A crítica liberal que Wilson exibia no período de 1930-34, atacava as elucubrações marxistas em relação ao papel social da arte, ao mesmo tempo que enxergava a debilidades nas análises daqueles que seguiam o neo-humanismo de Brownell. O neo-humanismo e marxismo, pareciam desta forma saídas abstratas para solucionar o papel social que a arte deveria ocupar como veículo de crítica da sociedade e suas estruturas ideológicas; o humanismo, preso num passado teórico ideal; o marxismo num futuro pós-revolução. Wilson tampouco parecia se comprometer com a ideia da “arte proletária”. Parecia-lhe claro, porém, que o socialismo poderia significar um guia para a cultura dos EUA, já que era impossível que o pensamento pudesse operar num vácuo social, conduzido apenas pelo “apetite econômico” das relações sociais da sociedade industrial. (Aaron, 1992, p.251-252)

A publicação do livro *Axel's Castle*, de Wilson, em 1931, reflete esse embate de ideias. Mesmo discordando de seu abstracionismo, que deveria ser transformada numa teoria social adaptada à realidade dos EUA, Wilson enxergava o marxismo, ainda sim, como a melhor resposta, não apenas enquanto programa político para a crise social e econômica, já que ele dava o norte a seguir – coisa que o velho liberalismo já não era capaz de fazer a seus olhos – mas enquanto “esperança crítica”, já que delineava o papel da cultura nesse processo. (Wilson, 1987)

Há, no entanto, mesmo nesse retrato que Wilson nos oferece sobre sua geração e seus paradigmas, uma clara divisão entre uma “teoria política marxista”, desenvolvida numa fase posterior, poderíamos dizer, de amadurecimento político destes intelectuais, nesta segunda geração de intelectuais que estamos analisando aqui, no correr da década de 1930, e um conjunto de “ideias

radicais” - na verdade, catalizadoras do processo de formação desses jovens intelectuais dos quais Wilson fora um dos porta-vozes. Em parte, o centralismo do movimento comunista internacional na década de 1930 e sua influência sob os órgãos agitadores da cultura tornaram ideal o modelo organizacional comunista para os jovens intelectuais que ascendiam no espaço público dos EUA, através dos Partidos leninistas, mas também de associações culturais, clubes literários, editoras, etc. - algumas delas anteriores ao Popular Front nos EUA, mas que na década de 1930 foram reunidos sob uma mesma bandeira. A partir destas experiências organizacionais, estabeleceu-se novas possibilidades para a construção de redes de comunicação e associações e o estabelecimento de relações profissionais que ajudaram esses jovens intelectuais a publicar seus próprios trabalhos. Possibilidades que tornaram ainda mais atraente o tipo de organização intelectual sugerida pelos comunistas. (Cooney, 1986, p.47; Phillips, 1983, p.57) Como resultado disso, emergiria uma espécie de “radicalismo organizado” diante das oportunidades profissionais que este movimento permitiu. Frente a cooptação dessa intelligentsia pelos organismos e associações comunistas, incluindo os John Reed Clubs, as ideias marxistas se tornariam então, a base para a elaboração de uma nova crítica cultural e estética, tendo como temática a possibilidade de construção de uma nova forma de representação para a literatura e para a arte.

O momento de inauguração da Partisan Review em Fevereiro-Março de 1934, no entanto, já podia ser considerado como o de transição para a esquerda intelectual nos EUA. Para Daniel Aaron, a criação da Partisan como órgão oficial do John Reed Club de Nova York, representava a ideia do clube de promoção extensiva dos ideais revolucionários e da arte proletária; no entanto, a função da revista seria fazê-lo através da publicação de textos mais eruditos, de crítica estética e literária, algo que fugisse da linha *agitprop* comum dos grupos comunistas. Granville Hicks, lembra Aaron, definiu a Partisan como um reduto de intelectuais já estabelecidos cuja função seria oferecer reflexões sobre “os problemas teóricos e práticos da cultura proletária” - especializados demais para o grande público operário do New Masses. (Aaron, 1992, p.297)

Ao passo que William Phillips e Philip Rahv enxergavam as ideias marxistas como o caminho para a superação do modelo estético modernista estabelecido e considerado por esta nova geração como representante de uma cultura “burguesa”, superá-la não era tarefa fácil para quem crescera lendo Hemingway, Faulkner, F. Scott Fitzgerald, T.S. Eliot, etc. O modernismo, enquanto quebra com as tradições nativas dos EUA do século XIX – de uma estética rural, voltada para si e à revelia dos problemas do mundo moderno – ainda detinha um caráter redefinidor dos desejos de construção da identidade nacional dos EUA, lembra Phillips (Phillips, op.cit). Havia nessa leitura dualista da herança modernista, uma tentativa, quase utópica, de conciliação da *tradição crítica* herdada do modernismo e das *novas ideias radicais* (entre elas, as marxistas), nestes jovens

intelectuais que fundam a *Partisan Review*. Característica que permeava a “primeira fase” da revista, quando a “tradição modernista” ainda é exaltada, apesar de ter suas falhas enquanto teoria crítica reconhecida: ou seja, havia, tomando como base uma linha interpretativa da *proletkult*, um reconhecimento de sua condição “burguesa”; a qual, porém, não renegava sua força contestadora da sociedade industrial nos EUA do século XIX e início do XX. E essa dualidade em relação ao modernismo permanecerá dali em diante.

1.3- Em torno de uma nova estética social: da adesão ao rompimento com o comunismo nos anos de 1930

O processo no qual a *Partisan Review* passou de uma publicação sob influência direta do Partido Comunista em Nova York, para, poucos anos depois, romper com o PC e tornar-se o principal veículo de crítica intelectual ao stalinismo nos EUA, foi relativamente rápido. Obviamente, o apertar de cintos do centralismo da linha internacional do movimento comunista no correr da década de 1930, repercutiu mal entre os intelectuais em terras estadunidenses, muito mais do que, por exemplo, na Inglaterra, cujos ecos só seriam efetivamente sentidos em larga escala duas décadas mais tarde, em 1956, com o rompimento de muitos intelectuais com o Communist Party of Great Britain (CPGB), após a Primavera de Praga. Nos EUA, a ação emblemática foi o fechamento dos John Reed Clubs, em 26 de abril de 1935, quando da organização do Primeiro Congresso de Escritores dos EUA. Junto com a League of American Writers, ambos alinhados ao Popular Front e ao PC, a influência comunista na organização do congresso se daria exatamente no momento em que foram definidas as bases organizacionais comunistas de luta contra o fascismo. O papel da Liga de Escritores dos EUA, seria o de clamar pela união dos jovens escritores num projeto político-estético de construção de uma cultura baseada nas ideias marxistas (sob a leitura oficial do Comintern, é claro), contrapondo a ideia já em declínio, da “literatura proletária”. No primeiro número da reorganizada *Partisan Review*, lançada em dezembro de 1937, agora já representando o rompimento total de sua linha editorial com o PC nos EUA, Phillips e Rahv referem-se ao movimento Comunista internacional como “totalitário”: uma “religião” baseada na crença soviética da luta entre o bem e o mal, que encobria muitas das posições “reacionárias” do PC. Esse movimento de rompimento com uma leitura oficial do marxismo oficializado pela política internacional das Frentes Populares, na verdade, já estava em curso entre os intelectuais da *Partisan Review*, mesmo antes de 1935. E, mais uma vez, foram os debates em torno da tradição modernista que os orientariam.

Phillips e Rahv publicam nesse momento uma série de artigos e ensaios na *Partisan* e em

outras revistas em que o dilema modernista é contrastado com a reivindicação do marxismo como uma nova possibilidade de crítica. Um desses textos, publicado na *Partisan Review* 1, número 4, de setembro-outubro de 1934, foi assinado por Phillips sob o pseudônimo que usou muitas vezes para assinar seus trabalhos, “Wallace Phelps”, e tinha como título, “Three Generations”. Nele, Phillips estabelece aquilo que compreendeu serem “fases” na formação das “gerações literárias” nos EUA, todas elas, baseadas num tipo de crítica estética da sociedade, carregada por traços sociais e econômicos específicos. Para Phillips, duas gerações precederam a sua própria: a geração formada antes da Primeira Guerra Mundial, que se baseava, segundo suas análises, em interesses voltados para os problemas nativos dos EUA, adquiriu ao mesmo tempo, uma carga de “provincianismo” e “naturalismo” que os tornava mais próximos de um “EUA rural”, do que dos avanços da literatura europeia. Já a “geração perdida” da década de 1920, ao contrário, repudiava esses valores; tomava como exemplo os ideais modernistas europeus, “simbolistas, cubistas, dadaístas, e surrealistas”; esta “abertura” proporcionava um salto para a produção literária dos EUA, abrindo-a para a “infiltração” de novos valores; baseava-se agora, muito mais na “cosmopolitização” de seus intelectuais e, conseqüentemente, tornando-a mais preocupada com o “desenvolvimento urbano” do país. É dessa perspectiva renovada da geração de 1920, que emergirá aquela que tornaria o “radicalismo intelectual” sua expressão mais coesa. (Cooney, 1986, p.69-70) Outro texto também assinado por “Wallace Phelps” (William Phillips) que parece fundamental nesse momento em que a revista encarava a crise do movimento comunista nos EUA, foi publicado na *Partisan Review* 2, número 6, de janeiro-fevereiro de 1935, com o título de “Form and Content”. Nele, Phillips analisa, tomando como referência a dialética marxista, a relação entre forma e conteúdo na literatura, considerando as visões de Platão, Plotino, Kant, Hegel, Croce e Dewey. Para Phillips, qualquer tentativa de separação entre as duas era falsa, já que a maneira com que a arte era representada deveria expressar sua finalidade social. (Wald, 1986, p.80)

A perspectiva sobre o modernismo e o marxismo exposto nestes dois artigos, comporia a base, por exemplo, da crítica elaborada na *Partisan Review* a um dos principais expoentes da tradição modernista: o poeta T.S. Eliot. A definição da figura de Eliot como o símbolo do “formalismo” da tradição cultural modernista, se estabelecerá como contraponto aos ideais da revista na década de 1930, servindo ao mesmo tempo, como base da autoafirmação identitária dos intelectuais ao seu redor. A “tradição” modernista se estabelecia não como uma continuação intelectual, no sentido de incorporar, por exemplo, as conceitualizações de Eliot para a arte e a cultura; ao contrário, Phillips e Rahv repudiavam essas definições, fazendo surgir assim o modernismo simplesmente como um “legado do passado”, parte da “herança literária”, a qual a revista e seu círculo de intelectuais se propunham a discutir e debater. É nesse momento em que a

herança do modernismo é revisita e problematizada que se dá, nas palavras de Terry Cooney, a “síntese” entre a permanência da “tradição modernista”, e as ideias marxistas na formação de um ideal por uma “nova literatura” nos EUA, que mesclasse, ao mesmo tempo, a boa escrita e a crítica social. (Cooney, 1986, p.147)

A base crítica ao modernismo será, desta forma, fundamental para os intelectuais em torno da *Partisan Review* para o rompimento com a primeira geração de intelectuais marxistas nos EUA, que adotaram suas ideias como resposta à crise da década de 1920: Joseph Freeman, Michael Gold, Joshua Kunitz, etc. - ou seja, aquele círculo de intelectuais que participou ativamente do avivamento cultural em torno do movimento comunista alguns anos antes. Na visão de Phillips e Rahv, para essa primeira geração de intelectuais, o marxismo correspondia muito mais a um discurso político de reação conjuntural, do que uma saída cultural aos valores e ideais burgueses. Fator que reprimia a capacidade da análise social do marxismo (e dos marxistas, excetuando poucos casos, como Van Wyck Brooks e mais tarde o próprio Edmund Wilson) a um ponto de vista puramente político-econômico, estrutural, da sociedade (aliás, eco das críticas de Wilson). A cultura (seus valores simbólicos, arraigados, por exemplo na literatura), fonte fundamental de sustentação ideológica da sociedade liberal burguesa estadunidense, ficava então intocada. Fora contra essa “incapacidade” dos “primeiros marxistas” nos EUA que Phillips e Rahv elaboraram os parâmetros da crítica exibida nos primeiros números da *Partisan Review*: ou seja, uma crítica acentuada ao “esquerdismo”, numa releitura da crítica de Lênin, definido pela “crença vulgar” no “materialismo histórico”, que, lido rigidamente, resumia às bases econômicas à produção de ideologia.

1.4 - A refundação da *Partisan Review* e a luta por uma “arte revolucionária”.

A “nova” *Partisan Review*, surge no início de 1938. Seu editorial, agora abertamente crítico ao stalinismo, passa a defender ao mesmo tempo a liberdade de expressão para os intelectuais da esquerda nos EUA e uma avaliação mais cuidadosa das questões apontadas pelos Julgamentos de Moscou e as acusações contra os dissidentes de Stálin – entre eles Trotsky, já estabelecido no México, e grande expoente político e intelectual nos EUA. O trotskismo, aliás, seria fundamental para a conceitualização teórica de uma esquerda anti-stalinista em favor dos preceitos democráticos, entre aqueles que compunham o círculo em torno dos Intelectuais de Nova York.

Para a *Partisan*, os contatos com o trotskismo se dariam ao longo dessa nova fase, a partir de seu rompimento com o PC. Alan Wald, por exemplo, rememora a aproximação do círculo em torno da *Partisan Review* com Leon Trotsky, através da trotskista *Socialist Workers Party*, em 1939. No mesmo ano, junto com outros intelectuais, Phillips formou uma frente dentro do *Socialist Workers*

Party, para constituir a *League for Cultural Freedom and Socialism* – grupo de artistas e intelectuais revolucionários inspirada no manifesto assinado conjuntamente por Trotsky, André Breton e Diego Rivera. (Wald, 1986, p.27) Entre a metade e o final da década de 1930, deram-se os primeiros passos para a formação de uma esquerda independente, depois do racha dentro do PC – em especial entre os intelectuais situados em Nova York – que causou a excomunhão de muitos que, a anos, lutavam em prol das ideias socialistas e do movimento comunista. Entre esses “heréticos”, agora renegados pelo oficialato soviético, estavam grandes figuras como Joseph Freeman – grande agitador cultural do movimento comunista no início da década – e Max Eastman – um dos primeiros, junto com Sidney Hook, a propor uma leitura nativa da teoria marxiana nos EUA.

Os debates entre comunistas e anti-stalinistas nos círculos intelectuais de Nova York, tomaram proporções de grande vulto na esquerda daquele país. A *Partisan Review*, mais uma vez, acabou se tornando o centro destes debates e alvo das acusações comunistas, justamente por representar um centro aglutinador de um grupo cada vez maior de dissidentes nos EUA, a partir do final de 1937. A melhor expressão desse ambiente fora representado pelos debates entre a *Partisan Review* e o *New Masses*. Do lado comunista, O *New Masses* foi o grande aglutinador dos debates intelectuais no período de cisão da esquerda de Nova York, desde 1936-7, simplesmente pelo fato de estar melhor equipado intelectualmente à fazê-lo – pelos intelectuais que congregava – do que, por exemplo, o *Daily Worker*, jornal oficial do PC. Entre os vários artigos e editoriais acusando os agora anti-stalinistas de “traição”, apontando sua aproximação do Socialist Workers Party, dirigido desde o México por Trotsky, os de Michael Gold e Granville Hicks foram os mais incisivos. Hicks aliás, autor do artigo intitulado, “Nation Divided”, publicado no “Suplemento Literário” do *New Masses*, 25, de 7 de dezembro de 1937. (Cooney, 1986, p.116)

Cada revista defendia em seu editorial uma visão da esquerda nos EUA, alimentadas pelo debate teórico exposto ali: de um lado, a *Partisan* defendendo a primazia das questões culturais como foco irradiador da crítica à sociedade e aos valores burgueses; do outro, a *New Masses*, reivindicando a necessidade dos debates políticos precederem os culturais, já que a base econômica da sociedade, segundo sua análise, determinava os rumos da cultura (como sucedâneo da superestrutura social). Cooney destaca, por exemplo, o “*Suplemento literário*” lançado pela *New Masses*, em 1937, que em seu primeiro número dedicou 8 de suas 11 páginas, a atacar a *Partisan Review* e seus editores. (Cooney, 1986, p.116-117) Os debates pareciam, no entanto, inócuos, quando buscada uma saída para o movimento comunista nos EUA. Agora cindido entre stalinista e anti-stalinistas, ambos os grupos pareciam muito mais querer defender sua imagem como portadores da tocha da verdade e reais defensores das ideias de Marx, do que pensar para onde estavam indo.

Estava posto então, outro desafio para Phillips e Rahv, enquanto editores da *Partisan Review*: *reconstruir a identidade* da revista – e de sua posição enquanto grupo intelectual – longe da tradição judaica (base intelectual para muitos); do nativismo intelectual e, agora, do comunismo. A declaração aberta da revista como um espaço de crítica ao stalinismo, no entanto, colocou-a no meio do fogo cruzado, num momento em que toda a dissidência era acusada de colaboração ao fascismo ou, num grau “interno”, de “trotskismo” - sinônimo para “traidor” no jargão soviético da década de 1930. Essa chuva de acusações forçaria seus editores, no correr de 1938, a definir a “nova *Partisan*” como um periódico estritamente “literário”, ou seja, preocupado com discussões sobre cultura e literatura, deixando os debates políticos à segundo plano.

A cisão com os comunistas teve, por outro lado, um efeito tremendamente positivo. “Deixar de lado” os debates sobre “política”, ao que parece, clarificou o projeto de transformar o marxismo num crítica sociológica da cultura, num sentido mais amplo. E esse caráter da segunda fase da *Partisan Review*, podia ser visto, por exemplo, na retomada das reflexões sobre a influência de escritores europeus e seu ideal de literatura, através de várias resenhas publicadas nesse momento, e em que criticavam suas visões pessimistas do homem e da arte. Um desses exemplos pode ser visto nas críticas de Phillips ao escritor alemão radicado nos EUA, Thomas Mann. Por exemplo, nos artigos, “Thomas Mann: Myth and Reason”, publicado na *Partisan Review* 5, junho de 1938, e “Thomas Mann: Humanism in Exile”, *Partisan Review* 4, maio de 1938 – Phillips, contrapõe aquilo que entendia ser uma descrença na ciência e no homem no pensamento de Mann, à crença na positividade do “pensamento científico”. (Cooney, 1986, p.155-156) Parece, porém, que Phillips desconsiderou em muitas medidas o antifascismo de Mann e seu horror para com o nazismo e seu uso da tecnologia, por exemplo, com a apropriação do cinema como importante peça na máquina de propaganda de Goebbels. Posição que ficaria mais clara após sua mudança como exilado para os EUA, em 1939. (Mann, 2009)

As considerações de Phillips são, mesmo assim, importantes, pois há ali uma defesa sóbria em relação a relevância da ciência, em especial do pensamento pragmático, para a construção de uma arte e uma literatura engajadas em compreender as mudanças em curso na sociedade. Essa afirmação da positividade do pensamento científico, mais uma vez, colocava a visão de Phillips e da *Partisan*, em contraposição a imaginação pura, sinônimo da arte pela arte, a qual Mann ainda estava vinculado. Era esse aspecto crítico que reafirmava, uma vez mais, o papel do marxismo – agora tomado em contraposição as ideias de Mann – como solução para o “dilema” modernista. O enfoque, desta vez voltado para um ideal de literatura engajada (em contraposição a literatura modernista “imaginativa”), refletia uma perspectiva para a análise das estruturas sociais. A arte, com isso, tomava a forma de um sucedâneo crítico extremamente importante, tanto em seu papel de

diagnosticar os sintomas dos males da sociedade (inclusive os econômicos), quanto de propor as soluções para eles.

E nesse movimento dialético, o foco se voltava, mais uma vez, para uma discussão interna do marxismo. O expoente máximo dessa crítica exposta na *Partisan* da interpretação corrente (economicista) da teoria marxista seria, novamente, Edmund Wilson. Em 1938, Wilson publica na *Partisan Review*, número 6, o artigo “The Myth of Marxist Dialectic”. Esse mesmo texto, ampliado, seria incluído dois anos mais tarde no livro *To the Finland Station*, publicado em 1940.

Dois anos antes de texto de Wilson sair na PR, em 1937, o biólogo inglês John Desmond Bernal publicaria na revista britânica *Science & Society* o texto *Dialectical Materialism and Modern Science*, no qual defenderia a aplicação do materialismo dialético como método analítico das ciências naturais. Para Bernal, assim como para outros expoentes da “ciência vermelha”, como ficou conhecido o projeto institucional em torno da fundação da Social Relations in Science (SRS), em Londres (1931)⁴⁹, era justamente a dialética de Hegel aplicada como método de sistematização das relações humanas por Marx, que transformava o materialismo dialético em peça-chave para a superação de paradigmas epistêmicos que mantinham a pesquisa científica, em muitos sentidos, afastada daquele que deveria ser seu verdadeiro fim: a melhora da vida das pessoas em sociedade.⁵⁰

Do outro lado do Atlântico, Wilson responde as indagações propostas pela SRS britânica. Para Wilson, ao contrário de Bernal, a dialética (como ferramenta filosófica) representava uma barreira para a plena compreensão do significado do pensamento de Marx. A má interpretação do papel filosófico da dialética, assim como dos primórdios filosóficos do pensamento marxiano, produziam a redução do marxismo a uma teoria mecânica das relações econômicas no capitalismo.

Entre a visão positiva apresentada pelos “cientistas vermelhos” (dos quais Bernal era expoente) e a visão negativa de Wilson quanto ao papel da dialética no pensamento marxista estava posto um debate sobre as tentativas de alargamento das fronteiras do marxismo com o fim de transformá-lo em uma espécie de “teoria geral do conhecimento”, encabeçada institucionalmente

⁴⁹ As origens da fundação da “ciência vermelha” estão em uma conferência realizada em Londres em 1931. A conferência serviu para aglutinar todo o movimento internacional em gestação da “ciência vermelha” em torno do que ficou conhecido como *Social Relations in Science*, ou SRS. Inúmeras figuras-chave na cena acadêmica britânica assistiram a apresentação de uma série de trabalhos por N. Bukharin, em que expusera as relações do materialismo dialético para a iluminação das ciências naturais e sua relação com a sociedade. Iluminadoras foram as leituras que B. Hessen fez do *Principia*, de Newton, de um ponto de vista do materialismo histórico, e a crítica de V. Zaradovsky do debate vitalista/mecânico da biologia à luz do *Dialética da Natureza* (até então sem tradução do russo), de Engels.

⁵⁰ Além das proeminentes figuras de John Desmond Bernal e John Haldane, estavam ligados à SRS outros importantes nomes da cena científica britânica, como Hyman Levy, matemático e pioneiro da teoria aeronáutica; Joseph Needham, químico e embriologista e que se tornaria depois grande historiador da ciência chinesa antiga; e o biólogo social Lancelot Hogben, considerado um dos expoentes da área. Convertidos ao marxismo e crentes que a URSS era uma sociedade comprometida com a ciência, esses homens se dedicaram a partir daí a pensar o papel da ciência na sociedade britânica e explorar as possibilidades do materialismo histórico contribuir com a epistemologia científica.

pelos soviéticos na III Internacional Comunista de 1919, e que se expandiriam para o universo cultural anglo-saxão em torno dos debates entre os círculos intelectuais de Londres e de Nova York, no final da década de 1940.⁵¹

Apesar de ter sua obra reconhecida muito mais como crítico literário e jornalista, Wilson flertou com a teoria marxista, sem, no entanto, ter produzido substancialmente nesse campo. Suas contribuições para a renovação do marxismo entre o que se convencionou chamar de “Intelectuais de Nova York” foram fundamentais, mesmo assim, especialmente por seus esforços de aplicação do marxismo no campo da teoria e da crítica literária. Trabalhos como seu *Axel's Castle* (1931) seriam fundamentais na releitura da tradição modernista nos EUA, se não ainda sob uma perspectiva explicitamente marxista, ao menos como o preâmbulo de uma crítica à sociedade industrial dos EUA e à sua tradição. Crítica que influenciara definitivamente, por exemplo, o círculo de intelectuais em torno da revista nova-iorquina *Partisan Review* (do qual Wilson era dileto integrante) depois de sua separação do PC nos EUA, em 1937. Ainda, a posição de Wilson enquanto um dos símbolos intelectuais daquela geração ajudou a consolidar entre as novas gerações as posições independentes de crítica ao dogmatismo comunista nos EUA. Com isso, ele foi capaz de estabelecer uma ponte entre os círculos privados da *intelligentsia* marxista boêmia da Nova York que ascende no cenário público estadunidense nos anos de 1920 e um público mais amplo, compondo o modelo ideal do “intelectual público” nos EUA (SAMUELS, 1996, p. 20).

O debate teórico em torno das projeções do pensamento marxista como método analítico em outros campos do conhecimento já estava posto EUA, no entanto, antes da publicação do texto de Wilson. E sua melhor confluência se deu através das páginas da revista *The Modern Quarterly* (mais tarde renomeada como *Modern Monthly*). Criada em Nova York, em 1923, a publicação durou até a morte de seu criador e editor-chefe, V.F. Calverton, em 1940. A revista representou um dos principais núcleos de debates teóricos sobre o marxismo daquela geração, aglutinando ao seu redor os principais teóricos do marxismo nos EUA até então – Sidney Hook, Max Eastman, Granville Hicks, Edmund Wilson, etc. (BUHLE, 1992, p. 482-483) Para a revista, contribuiriam também nomes de expressão do pensamento marxista internacional, entre os quais os britânicos John Haldane e J.D. Bernal, expoentes do movimento SRS britânico. Em grande medida, os debates

⁵¹ Os debates em torno do alargamento das fronteiras conceituais do marxismo rumo à constituição de um método epistemológico, como o sugerido pela “ciência vermelha” na década de 1930, não era algo novo para a tradição marxista. Seus primórdios filosóficos já estavam delineados nos debates dos marxistas na década de 1920, em especial, nas controvérsias entre Lukács e Bukharin. O lançamento do *História e Consciência de classe*, de Georg Lukács, é emblemático. Lançado pela primeira vez em Berlim, em 1923, Lukács elabora uma espécie de síntese de sua obra até então, reunindo em duas partes uma série de artigos lançados na Hungria e na Alemanha, onde havia a formulação de alguns conceitos fundamentais: o conceito de “totalidade concreta”, da “identidade sujeito-objeto na práxis social”, do “conceito de consciência de classe” e de “reificação”. Outro ponto fundamental na *História e Consciência de Classe* foi a recusa de Lukács da “dialética da natureza” de Engels, fundamental para a elaboração da “ciência marxista” soviética nos anos de 1940 (SOCHOR, 1987, p. 19).

sobre a teoria marxista entre estes intelectuais em torno da *The Modern Quarterly*, estreitou as relações entre esses homens e mulheres. E dali foi permitido à geração de jovens intelectuais radicais estadunidenses, recém-saídos da Era de Ouro pré-1929, ler e confrontar ideias produzidas pelos britânicos do outro lado do Atlântico.

Em 1938, Bernal encabeçaria a fundação da versão britânica da *The Modern Quarterly*, que foi rapidamente aceita pelo *Communist Party of Great Britain* (CPGB) pela oportunidade de ampliação dos debates em torno do marxismo. Ali se concentraria parte importante dos textos que os membros da SRS discutiriam as relações das ciências para com o marxismo. Claramente, o que estava em jogo nos debates travados na revista ao longo da década de 1940 era o papel desempenhado pelo movimento SRS como um contraponto intelectual ao fascismo e à crise econômica da década de 1930, enxergando na ciência uma saída para a reconstrução da sociedade⁵².

Internamente, as reflexões em torno da aplicação da dialética marxista na epistemologia científica passaram, inevitavelmente, por um debate filosófico entre os “cientistas vermelhos” e seus críticos do CPGB. O aprofundamento teórico nos campos da filosofia dos cientistas extrapolavam as barreiras da ortodoxia do partido. Uma vez mais, Edwin Roberts lembra o caso de Heyman Levy que tentara provar, através das “*leis da probabilidade a veracidade das leis da dialética de transformação da quantidade em qualidade e a união dos opostos (também continuando as reflexões de Lenin sobre a teoria do conhecimento)*”. A crítica do lado do CPGB veio através de Clements Dutt, primeiro tradutor do *Dialética da Natureza* de Engels na Grã-Bretanha, e a acusação de que a leitura da dialética praticada por Levy ignorava o corpo da teoria do materialismo dialético produzido fora da Grã-Bretanha e, ainda, de que Levy forçava a dose, tentando modificar o significado do conceito de dialética para agradar ao público britânico (ROBERTS, 2005, p. 536).

John Haldane exploraria ainda em um livro, *Advances of Science*, publicado em Nova York, em 1948, a influência da URSS para o desenvolvimento de vários campos das ciências, como a climatologia, a geologia, a arqueologia, a hematologia e a genética, combinando a genética tradicional com o materialismo histórico. Haldane também seria enfático em sua crítica do racismo nazi, comparando-o as escolas britânicas e a história imperial de seu país. (ROBERTS, 1995, p. 535).

A adesão de Haldane ao marxismo se daria, contudo, ainda na década de 1930. Por volta de 1938, Haldane se torna um defensor do marxismo e de sua aplicação na epistemologia das ciências na interpretação das leis da natureza. Antes de sua adesão e de outros cientistas britânicos à “ciência

⁵² Entre estes há uma série de artigos que Haldane publicou nas páginas da *The Modern Quarterly*: “Biology and Marxism”. *The Modern Quarterly*, 3:4, outono, 2-11, 1948; “In Defense of Genetics”. *The Modern Quarterly*, 4:3, verão, 194-202, 1949; “Marxism and History”, *The Modern Quarterly*, 3:2, primavera, 52-64, 1948.

vermelha”, lembra Edwin Roberts, o grande expoente internacional entre os intelectuais da aproximação entre as ciências e o materialismo histórico fora o filósofo do Comintern, L. Rudas, cujo *Dialectical Materialism and Communism* (1935) fora largamente difundido na Grã-Bretanha pelo CPGB (ROBERTS, 1995, p.535)

Após estar totalmente inteirado do *Anti-Duhring*, de Engels, e do *Materialismo e Empiocrítica*, de Lenin, relembra autobiograficamente o próprio Haldane, já no final da década de 1940, ele adotaria o materialismo dialético como base para o entendimento do mundo natural. Roberts cita como exemplo o artigo inovador *A dialectical Account of Evolution*, de 1937, em que Haldane expõe muito mais sua já conhecida fórmula das contradições dos mecanismos de evolução, através de seu darwinismo/mendelianismo, do que uma exposição sistemática sobre o materialismo dialético. Sua visão sobre a dialética era ainda desarticulada, baseada numa leitura “anglófona” da tríade Hegeliana, de “tese-antítese-síntese”, e também não distinguindo claramente se a dialética era para ele ontológica ou lógica (ROBERTS, 2005, p. 535-536).

Bertrand Russel, outra figura proeminente entre os cientistas e os comunistas britânicos, também entrou no debate que se seguia entre Dutt e os membros da SRS. Russell, que já havia demonstrado simpatia para com as preposições da SRS, publica em 1938 o artigo *Philosophy and Common Sense* na revista conservadora britânica, *The New Statesman and Nation*. Neste texto, Russell critica duramente o materialismo dialético como uma teoria metafísica e um sistema irracional, criticando os cientistas que aderiam à leitura da SRS sobre as ciências como dogmáticos e filosoficamente simplistas. O artigo de Russel exibe um tipo de crítica da dialética que me parece bem parecido, como veremos a seguir neste artigo, com a crítica que Edmund Wilson apresentará quase que simultaneamente nos EUA. O tema central, a saber: a dialética como um circuito fechado (ao invés de universalista, ou, adaptável aos diferentes métodos de pesquisa) que, ao contrário do que propalavam os projetos da “ciência vermelha”, reduzia ainda mais as capacidades do marxismo como uma filosofia metafísica.

Dentro do movimento da SRS, no entanto, uma visão positiva do papel da dialética permanecia. J.D. Bernal, se alinharia a Haldane quanto a defesa das aplicações da dialética nas ciências duras, argumentando que ela, a dialética, auxiliaria as ciências a entender “não coisas, mas processos”, além de oferecer às ciências uma visão de seu *background* histórico. Bernal, contudo, seria mais contundente em suas reflexões sobre a aplicação do materialismo dialético na epistemologia científica, antecipando um debate crítico sobre o tema ainda no final da década de 1920. Mesmo antes da formação da SRS, Bernal antecipou em muitas medidas seus temas-chave em seu livro, *The World, The Flesh, and the Devil*, de 1929 (ROBERTS, 2005, p. 538). Por isso, Bernal já estava devidamente convencido das possibilidades da aplicação do marxismo na

epistemologia científica quando da apresentação dos soviéticos no Congresso da História das Ciências e da Tecnologia, em Londres, em 1931. Sobre aquele momento, encantado com o “projeto soviético”, Bernal escreveria, em 1949: “A história da ciência era de tão vital importância para eles; não era apenas enquanto estudo acadêmico, mas como um guia de ação.” “Para Bernal”, completa Roberts, “ciência era história e história era política”⁵³.

A partir daqui ele viu que a ciência e a tecnologia devem ser integradas na forma de desenvolvimento industrial planejado. Ele rejeitou o trabalho científico com base em desejos ou necessidades individuais, em favor da ciência como uma atividade social, democraticamente organizado e desenvolvido. (ROBERTS, 2005, p. 538. Citado um apartir do artigo de Bernal, "Science and Man", *Left Review*, 2, novembro, 1935, p. 69-74)

Tal projeto porém fora visto em alguns círculos mais afastados de intelectuais, como no contexto dos EUA, como uma tentativa de ampliação dos alcances do pensamento marxiano para muito além do que havia pensado Marx, mesmo em suas reflexões sobre as ciências humanas ou naturais (como n'*A Ideologia Alemã*, na *Introdução a crítica da economia política* e n'*O Capital*). Mesmo Engels, que se ocupou mais detidamente no final do século XIX sobre a aproximação do marxismo e as ciências duras, por exemplo, no *Anti-Duhring*, ainda tinha reservas quanto às funções do materialismo dialético na elaboração de uma ciência que retratasse a luta de classes como algo orgânico, intrínseco às relações humanas.

Essa crítica emerge nos círculos intelectuais dos EUA ainda na década de 1920 e ocupa toda a década de 1930, especialmente nas reflexões de nomes como Max Eastman, Sidney Hook e o próprio Edmund Wilson. Em todos estes autores, frutificaram tentativas originais de construção de uma leitura nativa do pensamento marxiano ou, no mínimo, de uma adaptação do marxismo às condições históricas dos EUA (BUHLE, 1997, p. 30).

Max Eastman, por exemplo, que junto com Wilson, Hook, Granville Hicks e John Reed, entre outros, compuseram a primeira geração de intelectuais que transformaram a cidade de Nova York no epicentro do radicalismo filosófico-literário daquela geração, viajaria à Rússia em 1922, permanecendo nove meses pesquisando no Instituto Marx e Engels de Moscou. Sua passagem por entre os arquivos do Instituto que publicara pela primeira vez muitos dos textos de Marx ainda inéditos até então, credenciou-o como um dos primeiros tradutores da obra de Marx do russo para o inglês nos EUA e depois da obra de Trotsky. No período em que passou em Moscou, Eastman passou a estudar seriamente as obras de Marx e Lenin, e dali elaboraria, mais tarde, sua conclusão da corrupção do Stalinismo e seu dogmatismo na interpretação do marxismo. Essa crítica ficaria

⁵³ John Desmond Bernal, “The Biological Controversy in the Soviet Union and its Implications”, *The Modern Quarterly*, 14:3, summer, 203-17, 1949. Citado por Roberts, 2005:358.

bem clara em um panfleto que Eastman lança em Londres, em 1938, intitulado *The End of Socialism in Russia*, publicado pela editora Martin Secker and Warbourg. Ainda ao longo da década de 1930, Eastman produziria também textos fundamentais para a reflexão da relação entre o marxismo, a filosofia (em especial, ao pragmatismo de John Dewey, cuja relação seria aprofundada por seu colega Sidney Hook) e as ciências. Um exemplo dessas aproximações é o artigo, “Marxism: Science or philosophy?”, publicado na revista nova-iorquina de orientação trotskista *New International*, em agosto de 1935. Pensando então o papel da dialética para a tradição marxista, Eastman foi taxativo ao afirmar que:

Em vez de libertar a mente do homem, a Revolução Bolchevique trancou-a na prisão de um estado mais forte do que nunca. No vôo de pensamento era concebível, não um passeio poético, não esgueirar-se através das portas ou o pio de uma janela neste calabouço pré-darwinista chamado Materialismo Dialético (Max Eastman, “*Journey through an Epoch*”. Apud Aaron, 1992, p. 124).

Como é possível apreender na leitura do *To the Finland Station*, de Wilson, ambos, Max Eastman e Sidney Hook, desempenhariam papel fundamental entre os intelectuais marxistas dos EUA que emergiriam dos círculos boêmios de Nova York, não apenas como comentadores e tradutores de Marx e Engels, mas por suas tentativas originais em refletir a relação entre o marxismo, a filosofia pragmática e as ciências. Comentando as tentativas de Engels de continuar as reflexões de Marx após sua morte sobre a dialética, primeiro no *Anti-Duhring*, e depois ao longo de suas cartas, Wilson rememora também as tentativas de conexão das reflexões de ambos por Eastman em, *Marx, Lenin and the science of revolution* (1927), e Hook em, *Towards the Understanding of Karl Marx* (1933). (WILSON, 1986, p.176)

Em grande parte, as críticas do papel do materialismo dialético elaboradas por Eastman influenciariam todo o círculo intelectuais ao seu redor – com especial reflexo em Hook e em Wilson. O próprio Wilson viajara para a Rússia em 1935, como parte do projeto de pesquisa para o seu livro *To the Finland Station*, que seria publicado por fim em 1940⁵⁴.

Antes da publicação do *To the Finland Station*, Wilson já havia publicado outros trabalhos, entre artigos e livros, nos quais colocava em xeque a ortodoxia da leitura oficial soviética do marxismo, adotada pelos PC ao redor do mundo, inclusive em sua seção estadunidense. Entre estes, por exemplo, *Travels in Two Democracies* (1936), no qual o autor “expressava sua crítica à burocracia soviética ao mesmo tempo que não hesitou em criticar os comunistas dos EUA de maneira mais direta” (WALD, 1986, p. 157). Outro foi *The Triple Thinkers* (1938), onde denunciava

⁵⁴ As memórias de suas viagens, inclusive para a Rússia stalinista, foram narradas no livro *Red, Black, Blond and Olive: studies in Four Civilizations*, uma compilação que Wilson lança em 1956.

o stalinismo como uma perversão do marxismo e não sua continuidade. Por fim, no *To the Finland Station*, Wilson queria relembrar a importância da Revolução de Outubro para o pensamento marxista.

Na primavera de 1938, Wilson publicaria na revista *Partisan Review*, o artigo *The Myth of Marxist Dialectic*. Esse mesmo texto, ampliado, seria incluído dois anos mais tarde no livro *To the Finland Station*⁵⁵. Os anos de pesquisa sobre a teoria e a história do pensamento marxista para o livro marcariam a transição que a relação de Wilson com a teoria marxista sofreu. Neste texto Wilson partirá da tentativa de recuperação da ideia original da dialética de Hegel e da interpretação de sua utilização no materialismo dialético por Marx (WILSON, 1986, p. 173-174). Wilson começa, a partir daí, a diferenciar o pensamento de Marx (inclusive sua aplicação na história da dialética hegeliana) da leitura da tradição marxista desse pensamento que, incapaz de entender o distanciamento filosófico de Marx para com Hegel, tornou o marxismo uma mera reprodução mecânica das formas (ou “fases”) da dialética hegeliana.

Na abertura do ensaio, Wilson se propõe a analisar as diferenças entre a dialética para Platão e para Hegel: “A dialética utilizada por Platão era uma técnica de chegar à verdade através da conciliação de duas afirmativas opostas.” Já para Hegel, segundo a leitura de Wilson,

[A dialética] era uma lei que também envolvia contradição e conciliação, só que para Hegel, ela atuava não apenas no domínio da lógica, mas também no mundo natural e da história. O mundo está sempre mudando, diz Hegel; porém, há nessas transformações um elemento de uniformidade: o fato de que cada processo de mudança atravessa necessariamente um ciclo de três fases” (WILSON, 1986, p. 173)

Definidas as linhas centrais da dialética para Hegel, cabia então desmontá-la para compreendê-la. Wilson passa então a investigar cada fase da dialética de Hegel:

A primeira delas, que Hegel denomina *tese*, é um processo de afirmação e unificação; a segunda, a *antítese*, é um processo de dissociação e negação da tese; a terceira é uma nova unificação, que concilia a *antítese* com a *tese* e é denominado *síntese*. Estes ciclos não são simples recorrências, que deixem o mundo tal como era antes: a *síntese* é sempre um avanço em relação à *tese*, pois ela combina, numa unificação mais “elevada”, o que há de melhor na *tese* e na *antítese*. Assim, para Hegel, a unificação representada pelo início da República Romana constituiu uma *tese*. Essa unificação inicial fora realizada por grandes patriotas como os Cipiões, porém com o passar do tempo o patriota republicano assume um caráter diverso: a “individualidade

⁵⁵ Wilson, E. “O Mito da Dialética”. *Rumo a Estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986. p.173-191. Nossa referência aqui será essa versão estendida incluída como capítulo no livro de Wilson e traduzido para o português do artigo publicado originalmente na *Partisan Review*, em 1938.

colossal” da era de César e Pompeu, uma individualidade que tende a perturbar o Estado à medida que a ordem republicana começa a se deteriorar sob a influência da propriedade romana – esta é a antítese que se dissocia da *tese*. Porém por fim, Júlio César derrota seus rivais, as outras individualidades colossais e impões à civilização romana uma nova ordem, autocrática, uma *síntese*, que promove uma unificação maior: o Império Romano. (WILSON, 1986, p. 173-174)

Para Wilson, fora esta a fórmula empregada por Marx e Engels em sua tipificação do materialismo dialético, transformando a dialética em uma ferramenta para a análise do futuro, coisa que não estava em Hegel:

Marx e Engels adotaram esse princípio, e projetaram sua atuação no futuro, coisa que Hegel não havia feito. Para eles, a tese era que a sociedade burguesa, que constituía uma unificação em relação ao regime feudal que se desintegrava: a antítese era o proletariado, que fora gerado pelo desenvolvimento da indústria moderna, mas que depois fora dissociado, através da especialização e do aviltamento do corpo principal da sociedade moderna, e que um dia teria que se voltar contra ela; a síntese seria a sociedade comunista que resultaria do conflito entre a classe operária e as classes patronais e do controle da indústria pela classe operária, e que representaria uma unidade mais elevada na medida em que harmonizaria os interesses de toda a humanidade (WILSON, 1986, p. 174).

Salientando a oposição de Marx e Engels ao idealismo filosófico, Wilson partirá para criticar a tradição e a *intelligentsia* marxista, devido a sua leitura rarefeita e oblíqua do próprio marxismo e das relações humanas na sociedade capitalista, a qual cabe ao marxismo investigar. “Marx e Engels haviam rejeitado o que eles denominavam de 'mecanicismo puro' dos filósofos franceses do século XVIII”, lembra Wilson. “Assim, na sociedade – para citar mais uma carta de Engels – não é verdade que a situação econômica seja a única causa atuante e tudo o mais não passe de um efeito passivo” (WILSON, 1986, p. 175).

O que interessava a Wilson neste texto específico, mas que compõe o projeto geral de seu livro, era recuperar em Engels e em Marx suas reflexões para além das bases econômicas da sociedade – das relações entre a base, formada pelos meios de produção e a superestrutura da sociedade e seus troncos – “o direito, a filosofia, a religião e a arte” (WILSON, 1986, p. 177). O autor citará como exemplo disso um trecho de Marx em um manuscrito da *Introdução à crítica da economia política*, quando Marx vai pensar a relação entre a arte e a sociedade na Grécia antiga:

Num rascunho de *Introdução à crítica da economia política*, Marx havia tentado explorar as dificuldades de se estabelecerem [relações] entre arte e condições econômicas. Observa ele que os períodos de maior desenvolvimento artístico não coincidem com os de maior progresso na

sociedade. Grandes obras de arte – como as epopeias gregas, por exemplo – não são necessariamente produtos de um período de elevado desenvolvimento social. Em relação a qualquer caso específico, é possível entender por que uma forma específica de arte floresceu num momento específico: a própria ingenuidade dos gregos, que não haviam ainda inventado a imprensa, sua proximidade à mitologia primitiva numa época em que ainda não fora inventado o para-raios, quando ainda era possível imaginar que um relâmpago era sinal da ira de Zeus, o encanto infantil de uma sociedade ainda em sua infância – tudo isso fez com que a arte dos gregos antigos se tornasse, “sob certos aspectos, um padrão e modelo inatingíveis”. O difícil era descobrir as leis gerais que determinam a relação entre desenvolvimento artístico e desenvolvimento social (WILSON, 1986, p.177-178)⁵⁶.

O outro ponto fundamental na crítica de Wilson à tradição marxista e sua tentativa de transformação do pensamento marxiano numa “teoria universal” (o que, por fim, iria esvaziá-la) era sua relação com as ciências. O autor, neste sentido, ressaltará outro problema em Marx e Engels: enquanto “tinham que acreditar” na validade de seu trabalho como um trabalho científico, ou seja, que terá algum impacto sobre a sociedade, tinham, ao mesmo tempo, que reconhecer que ele também era *ideologia*, estando, assim também, na superestrutura (WILSON, 1986, p. 178). Neste sentido, Wilson recordará um trecho do prefácio de Marx do *Crítica da Economia política*, na qual afirma que:

[...] deve-se sempre fazer uma distinção entre a transformação material das condições econômicas de produção, que pode ser determinada com a precisão da ciência natural, e as formas legais, políticas, religiosas, estéticas ou filosóficas – em suma, ideológicas – por meio das quais os homens se conscientizam desse conflito e nele se engajam” (Marx, *Crítica da Economia política*, citado por Wilson, 1986, p. 178).

Para o autor, analisando esse trecho retirado de Marx, “[...] a ciência natural não se inclui entre as formações ideológicas da superestrutura, porém possui uma precisão que as outras não podem ter; e essa precisão está ao alcance da ciência social” (WILSON, 1986, p. 179).

Wilson apontará que essa afirmação – que legitima e dá força às ciências (humanas e naturais) em detrimento aquelas áreas afetadas pela ideologia por pertencerem à superestrutura, como a arte – seria, no entanto, desmentida por ambos em trabalhos posteriores: na *Ideologia Alemã*, quando Marx e Engels escrevem que “até mesmo as ciências naturais 'puras' inicialmente derivam seus objetivos, bem como materiais, do comércio e da indústria, das atividades perceptíveis dos seres humanos”; e em *O Capital*, quando Marx escreve o mesmo sobre os perigos dos interesses

⁵⁶ Wilson lembraria ainda que Marx tocou na questão das relações entre desenvolvimento artístico e desenvolvimento social, assim como o fez nas *Teses sobre Feuerbach*, porém, sem nunca chegar a uma conclusão.

individuais (capitalistas) com que as ciências se defrontam (WILSON, 1987, p. 179). Engels também, no *Anti-Duhring*, vai afirmar a complexidade na percepção das relações entre as formas de evolução econômicas e políticas das sociedades e o pensamento humano, através da lógica e da dialética. Wilson, com isso, tentará demonstrar um processo de evolução nas ideias de Marx e Engels através de pequenas contradições internas expostas em importantes trabalhos como os citados acima.

Mais do que humanizar seus autores e as origens do pensamento marxista em suas raízes, Wilson provocava seus contemporâneos, em meios aos debates da esquerda estadunidense de finais dos anos de 1930 e início de 1940. A exposição dessas contradições internas nas obras de Marx e Engels, desse vai-e-vem de ideias, explora a complexidade em se propor uma crítica estética da arte e da literatura baseada no pensamento marxista, tanto quanto ignorá-la completamente, em detrimento de seu fechamento no universo da *ideologia* e da superestrutura. E isso se aplica também, segundo Wilson, na visão da possibilidade de um equilíbrio das forças sociais e políticas dentro do Estado, por classes antagônicas. O que contraria a premissa básica de que o Estado é um instrumento de dominação da burguesia sobre o proletariado⁵⁷.

De volta à interpretação do papel das ciências para o pensamento marxiano, Wilson fará referência aos estudos de Marx no final de sua vida sobre a matemática e aos estudos de Engels, sobre matemática, física, química e zoologia, “na tentativa de provar que o processo dialético regia o mundo natural” (WILSON, 1986, p.184). E neste ponto, Wilson retomaria os debates incitados pela “ciência vermelha” britânica, na preposição de uma ciência baseada no materialismo dialético. No entanto, sob uma perspectiva muito mais pessimista de suas possibilidades de alcance do que, como vimos acima, John Desmond Bernal e a SRS o fez.

O uso da dialética na tentativa de uma interpretação da ciência por Engels era, na visão de Wilson, uma clara mostra das dificuldades de sua aplicação em todos os campos do conhecimento humano:

Não foi difícil criticar Engels – que utilizou alguns exemplos tirados diretamente da *Lógica* de Hegel – mostrando que ele estava distorcendo os fatos ao argumentar que a “negação da negação” (ou seja, a atuação da antítese sobre a tese) podia ser demonstrada matematicamente, verificando-se que a negação da negação de a era $+a^2$, “a grandeza positiva inicial, porém em um nível mais elevado”. A negação de $-a$, obviamente, não é a^2 e sim a ; e para obter-se a^2 sequer é preciso negar: basta multiplicar $+a$ por $+a$. É bem verdade que Engels reconhece a necessidade de construir desse modo a primeira negação para que a segunda “permaneça ou se torne possível”. Mas como, nesse caso, o materialista dialético é sempre obrigado a impor

⁵⁷ Wilson apontará essa contradição através do *18 Brumário de Louis Bonaparte*, de Marx, e no *A origem da Família* de Engels, ambos analisando a situação histórica da sociedade francesa (WILSON, 1986, p. 179).

suas próprias condições para chegar a resultados dialéticos, como sustentar que a dialética é inerente a todos os processos da natureza? (WILSON, 1986, p. 184-185).

E Marx, para Wilson, analisava da mesma maneira:

O mesmo se dá com a “transição da quantidade para a qualidade”, um princípio hegeliano cuja atuação Marx julgava encontrar tanto na transformação do chefe da guilda medieval em capitalista quanto nas transformações dos compostos da série do carbono através do acréscimo de moléculas (WILSON, 1986, p. 184-185).

Nesse ponto, Wilson citará Sidney Hook e seu artigo *Dialectic and Nature*, publicado na revista *Marxist Quarterly*⁵⁸, em 1937. Como Hook argumentará neste texto, o exemplo citado por Engels acima detinha, em sua argumentação, o exato problema dos exemplos retirados das experiências de Bernal e Haldane na Inglaterra. Como escreve Wilson, lembrando as argumentações de Hook, “as descobertas citadas por Bernal foram feitas sem que se utilizasse o raciocínio dialético”, assim como “[...] a elaboração da tabela periódica de Mendeleev, que tanto impressionou Engels como exemplo da qualidade determinada pela quantidade nada teve a ver com antítese e síntese [...]” (WILSON, 1986, p. 185).

O projeto de aplicação da dialética na epistemologia científica em pesquisas financiadas por Moscou com o intuito de validar a leitura soviética do marxismo como “teoria científica geral”, e que seria a base, como vimos, de fundação da SRS britânica é, com efeito, apresentada por Wilson com ironia:

No caso de mais uma teoria de Bernal – a teoria freudiana da repressão dos desejos – o ciclo dialético, sem dúvida alguma, nada tem de inevitável. O instinto é a tese; a repressão é a antítese; a sublimação é a síntese: até aí, tudo bem. Mas digamos que o paciente não consiga sublimar e enlouqueça, ou se suicide: onde está a conciliação dos opostos na síntese? Onde está a progressão do mais baixo para o mais elevado? Sem dúvida é verdade que em diversos campos ocorrem mudanças através de acumulações que nos dão a impressão de serem qualificados. É possível que, como afirma J. B. S Haldane, a transformação do gelo em água ainda seja um fenômeno misterioso. Mas de que modo isso prova a existência da Trindade dialética? E de que modo a prova do professor Haldane, ao apresentar os processos de mutação e seleção sob a forma de tríades? Ou Hegel, ao dispor toda a sua argumentação em três partes? Ou Vico, quando insiste em ver tudo em trincas: três tipos de idiomas, três sistemas de direito, três formas de governo etc.? Ou Dante, quando divide seu poema em três seções com trinta e três cantos cada uma? (WILSON, 1986, p. 186).

Wilson conclui que, diante da incapacidade de aplicação geral da dialética em todos os campos do pensamento humano, e sua falha de aplicação nas ciências duras, que ela, a dialética, se

⁵⁸ Sidney Hook. "Dialectic and Nature," *Marxist Quarterly*, Aprl.-June 1937, pp255-283.

transformava nesses projetos (como o da SRS britânica) em uma redoma filosófica impenetrável, em meio a leitura oficial do marxismo soviético, tornando-o (o marxismo) quase que uma doutrina divina, que só podia ser acessado pelos iniciados em seu culto oficial. O resultado disso: a dialética, por fim, tomava as formas de “um mito religioso”:

Assim, a dialética é um mito religioso, dissociado da personalidade divina e vinculado à história da humanidade. “Odeio todos os deuses”, Marx dissera quando jovem; porém ao mesmo tempo ele se projetara na personagem do marinheiro decidido que traz no peito a autoridade dos deuses, e um de seus primeiros artigos sobre liberdade de imprensa publicados no *Rheinische Zeitung*, ele afirma que o escritor deve, “a seu modo, adotar os princípios do pregador religiosos, adotar o princípio 'obedecer a Deus e não ao homem', em relação àqueles seres humanos entre os quais ele se vê confinado por seus desejos e necessidades humanas” (WILSON, 1986, p. 187).

Wilson foi muito claro em apontar que para ele a dialética serviria como uma espécie de círculo hermético, inclusive ideológico, no qual o processo de interação das relações humanas em sociedade é reduzida ao jogo eterno (“idealístico”, contrariando seu princípio fundamental de negação da filosofia idealista da leitura de Marx e Engels de Hegel) do jogo de forças dos opostos:

A dialética simplifica desse modo as coisas: parece reduzir as complexidades da sociedade à convicção de que a luta não apenas será vitoriosa, mas também dará fim a todos os conflitos dessa ordem, para sempre. Assim, a verdadeira validade da tríade dialética é servir de símbolo da eterna insurreição das forças da vida jovem e em crescimentos contra tudo que é velho e estéril, dos instintos cooperativos da sociedade contra o que é bárbaro e anárquico. Representa um progresso em relação ao ponto de vista por ela substituído - “Abaixo o tirano! Queremos liberdade!” - na medida em que concebe o processo revolucionário como um desenvolvimento orgânico com base no passado, o qual vem sendo preparado, de certa forma, pelas próprias forças da reação, e que combina em si os diferentes recursos das duas partes em conflito ao invés de limitar-se a substituir uma coisa por outra (WILSON, 1986, p. 188).

Wilson será enfático ao afirmar não apenas a necessidade em se compreender a “temporalidade” da crítica de Marx como teoria crítica da sociedade da Europa no século XIX. Será um dos primeiros críticos a reconhecer, nos EUA, as limitações no pensamento de Marx, e apontar lacunas importantes em sua teoria. Para Wilson, a crítica dialética da sociedade capitalista exposta em Marx, não conseguiu (por razões históricas) alcançar pontos importantes da sociedade. Com isso, o autor nunca pretendeu, no entanto, subestimar ou, menos ainda, refutar Marx e a importância de sua obra. Sua crítica, na verdade, era dirigida à esquerda que apropriara seu pensamento como

“testamento”, ou como um “mito religioso”, desconectando-o de sua função primordial de compreender as desigualdades da sociedade, sobre a qual a rememoração das premissas básicas da teoria marxista ajudaria a recuperar (COONEY, 1986, p. 175).

Nos EUA, o projeto da SRS fora visto por críticos como Wilson como uma tentativa malfadada de “alargamento de fronteiras” do marxismo, baseada principalmente numa interpretação rígida do materialismo dialético. Essa leitura “mecânica” do papel da dialética no pensamento marxiano e sua aplicação nas ciências naturais (mas também humanas) produzia, segundo Wilson, os mesmos problemas que reduziam (ao contrário de ampliar) o marxismo a uma teoria “economicista”, que transformava todas as esferas da sociedade em subproduto das superestruturas. Conclusão precipitada que ignorava o fato de outros campos das relações humanas, como a arte, a literatura e a crítica estética, atuarem como ideologia, sendo possível através delas a promoção das ideias socialistas e do marxismo como uma teoria sociológica de análise da sociedade.

Em muitos sentidos, essa dualidade de visões acerca do papel da dialética, apresentada na crítica de Wilson ao projeto da SRS britânica, criaria uma importante rede de comunicação entre os dois universos intelectuais – o britânico e o estadunidense – em torno dos debates teóricos sobre o marxismo. Mesmo que os círculos nova-iorquinos (em especial nesse caso) não tivessem algum integrante diretamente envolvido com o grupo da SRS, a quantidade de reflexões teóricas que o debate gerou ali, transformou sua visão (contrária aos auspícios dos “cientistas vermelhos”), num importante contraponto a esse projeto e produziu importantes reflexões teóricas acerca das possibilidades de aplicação do marxismo como uma teoria social ampla, para além das limitações impostas pelo dogmatismo dos PC's em ambos os países.

Entre a visão negativa de Wilson sobre o papel da dialética no pensamento marxista e, por exemplo, a visão positiva de J. D. Bernal, estava delineado um sério debate sobre as extensões do marxismo como teoria crítica. Cada uma dessas visões expressava, contudo, uma clara certeza: de que o marxismo tinha mais a dizer à sociedade do que a ortodoxia stalinista permitia-lhe. De um lado ou de outro do Atlântico, o que estava em jogo, de fato, era a liberdade de reflexão dos intelectuais marxistas em sua busca pelos reais alcances teóricos do pensamento de Marx e Engels na práxis social daquela geração.

Seguindo aquilo que examinamos até aqui, podemos concluir que três grandes questões então, permeavam o debate sobre o marxismo naquele momento entre os intelectuais em torno da *Partisan Review*. A primeira delas, se referia as razões que tornavam o marxismo importante para a compreensão das relações sociais, transformando-o, de um conjunto de ideias em um método sociológico de crítica social. A segunda grande questão, era até que ponto, e em que medida, as

desigualdades sociais eram reconhecidas e, até que ponto e em que medida, a arte podia ajudar na compreensão – ou, ao menos, no desenvolvimento de uma consciência de classe. O terceiro ponto fundamental nas reflexões dos intelectuais em torno da *Partisan* sobre o marxismo, se referia a capacidade do pensamento marxista em compreender os fenômenos políticos contemporâneos, entre eles o fascismo e o próprio stalinismo.

Como dissemos no início, o marxismo se tornou nas páginas da *Partisan Review*, um dos mais desafiadores projetos alternativos para a modernidade nos EUA das primeiras décadas do século XX. A leitura do pensamento marxiano por Phillips, Rahv, Wilson, entre os que vimos aqui e que contribuíram diretamente em seus debates, ao mesmo tempo que incorporou os paradigmas dentro da esquerda nos EUA, não evitou confrontá-los. O marxismo, mais do que um projeto político de reconstrução da sociedade, como era defendido pelo *mainstream* dos intelectuais comunistas afiliados as linhas diretivas do comunismo internacional, surgiu para o círculo em torno da *Partisan* como um projeto alternativo justamente por apresentar-se, como vimos em Wilson, por exemplo, como uma revigorada *linguagem* em que, seguindo Raymond Williams, estavam simbolizados ao mesmo tempo, a maneira com que as vanguardas modernistas se estabeleceram e propuseram a quebra com o passado. (Williams, 1992) Com isso, essa leitura do marxismo estava simultaneamente dentro e fora da tradição que incorporará o modernismo: ao mesmo tempo que propunha sua superação, devido ao esgotamento das formas estéticas das velhas tradições modernistas (expressa por exemplo na contradição entre “arte imaginativa” e arte socialmente engajada), se apoiava nelas para superar o enrijecimento do marxismo como uma teoria economicista, que ignorava a cultura e as artes como arma e caminho de transformação da sociedade.

Capítulo 2 - O *Left Book Club* e o trabalho intelectual no Popular Front britânico

“What is the work and role of Communists who belong to the bourgeois intellectual strata and have joined the Party? Answer: — there is no special work and role of Communists from the bourgeois intellectual strata. There is only the work and role of all Communists . . . the fight for Communism, the winning of the workers, the pressing forward of the class struggle . . . he should forget that he is an intellectual (except in moments of necessary self-criticism) and remember only that he is a Communist and begin to act and work and behave as a Communist in all his activity, like any other Party member.”

R. Palm Dutt, ‘Intellectuals and Communism’, 425. Apud Roberts, p. 223

This class struggle plays hell with your poetry.

Jack Reed.

2.1 - A globalização das ideias dentro da esquerda anglo-saxã no entre guerras

A história da esquerda internacional, em muitos sentidos, pode ser considerada como sinônimo de um processo de globalização das ideias na era moderna. A partir da organização do Primeiro Congresso da Internacional Comunista de 1864, quando foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores, integrando organizações operárias em vários países europeus e dos EUA, vê-se claramente delineado um processo de expansão de um conjunto de ideias para além das fronteiras do Estado-nação. É nesse momento que a figura de Karl Marx, então um dos dirigentes do Conselho Geral da associação, assume a liderança do maior grupo dentro do Primeiro Congresso da Internacional, e toma a forma de um guia para o movimento operário global. A internacionalização dos debates ali, através das várias seções operárias locais, não apenas permitiu às ideias de Marx se expandir, subjugando os sectarismos dos vários grupos envolvidos e baseando a luta do operariado internacional como uma questão de classes, como começou a tomar forma como um conjunto quase coeso de conceitos teóricos lidos e debatidos a partir de então ao redor do mundo. O *Marxismo* deixa de ser então um mero conjunto de preposições teóricas para o entendimento da evolução do capitalismo industrial europeu para tornar-se um guia de ação política para grande parte do ocidente capitalista. (HOBSBAWM, 1977; MUSTO, 2014; WOODCOCK, 2002; MARX, 1871)⁵⁹

⁵⁹ É verdade que a corrente principal liderada por Marx acabou por subjugar as correntes dissidentes dentro da Primeira Internacional, tal qual a liderada pelos anarquistas. O que não quer dizer, obviamente, que as preposições políticas dos dissidentes foram perdidas. Ao contrário, foi a cisão com a corrente principal liderada por Marx que deu força a Mikhail Bakunin e seus seguidores a ampliar seu movimento, propondo alternativas ao centralismo dos marxistas (então, compreendidos como aqueles que seguiam a direção proposta por Marx dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores). Paul Buhle (1987), por exemplo, vai lembrar dos efeitos do centralismo marxista para o contexto dos EUA, quando as preposições diretivas da Internacional esmagavam os movimentos socialistas autóctones de origem imigrante e vai discutir os efeitos disso para a história da esquerda nos EUA do século XIX. Hobsbawm, Eric. *A Era do Capital (em português)*. [S.l.]: Paz e Terra, 1977. p. 124-129. E Musto, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos!: Antologia Política da Primeira Internacional (em português)*. [S.l.]: Boitempo, 2014. Woodcock, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas: Volume I - A Ideia (em*

Em 1889, quando da organização da Segunda Internacional Comunista, outras duas ideias são “globalizadas”: o *internacionalismo*, que defendia a união internacional dos movimentos operários sob bandeiras comuns e que tinha no *Manifesto do Partido Comunista*, publicado pela primeira vez em 1890, por Marx e Engels, seu guia programático, sob o slogan “*Proletários de todos os países – Uni-vos!*”; a melhora das condições de trabalho, com a diminuição das jornadas e o aumento dos salários; e o *pacifismo*, que via na recusa das guerras coloniais uma forma de combater o capitalismo e o imperialismo europeu, e que foi dominante na esquerda comunista internacional até idos da Primeira Guerra Mundial (BUHLE, 1987).

Os efeitos da globalização desse conjunto de ideias, agora transnacionais, tem de ser avaliados de maneira individual, sem no entanto, perder o horizonte de onde elas são irradiadas. Tomemos como primeiro exemplo o caso dos EUA, já que também esse é o terreno que dará razão, nas décadas seguintes, ao lançamento de uma série de publicações dentro da esquerda, entre elas a *Partisan Review*, meu foco central nesta tese. Paul Buhle (1987), em seu clássico *Marxism in the USA*, destaca que é preciso separar as trajetórias do movimento marxista nos EUA, e do movimento da classe operária naquele país. Ambos nem sempre coincidiram. Citando exemplos históricos de movimentos sociais e políticos nacionais, desde a guerra de independência e a organização do movimento rebelde anti-britânico, com Jack Tar; passando pelos primórdios do movimento pelos direitos da população negra, durante a Guerra de Secessão; até as ondas imigratórias europeias e migratórias do sul para as regiões em desenvolvimento industrial do nordeste do país; para pôr fim chegar nos movimentos Latino e Asiático – Buhle lembra que nem sempre houve um processo de radicalização das ideias desses movimentos. Quando isso se dava, baseara-se numa “cultura socialista autodidata”, dentro desses grupos. A presença política do marxismo “*tendia a se concentrar em setores específicos das comunidades imigrantes e nativas, com necessidades e recursos culturais especiais.*” (BUHLE, 1987, p.13) O “Marxismo autodidata” dos radicais locais tomou forma de maneira diferente de sua contraparte europeia, baseando-se muito mais num sentido moral do que político. E a razão disso era o próprio contexto produtivo em que essas ideias foram inseridas: diferente de uma economia industrial em desenvolvimento e o início da proletarianização da vida nos grandes centros europeus, nos EUA o contexto era ainda de uma economia de subsistência, baseada na pequena produção para trocas e consumo próprio, concentrada nos pequenos núcleos familiares e no trabalho relativamente autônomo, tendo como base a ideia da liberdade individual. (BUHLE, 1987, p.61)

Para Buhle, com isso, o marxismo, ao mesmo tempo, adaptou-se perfeitamente à Questão

português). [S.l.]: L&PM Pocket, 2002. MARX, Karl. “Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores - 24 de Outubro de 1871”. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1871/10/24.htm>

nacional, e deu novo sentido teórico ao discurso de identidade nacional. Da mesma forma como alemães e outras nacionalidades se organizaram em torno dos auspícios socialistas durante o século XIX, lembra Buhle, o mesmo se deu com sucessivos grupos nos EUA – europeus, afro-americanos, latinos e asiáticos. Para estes grupos:

(...) As ideias Marxistas fortalecera o sentimento de auto-identidade e dignidade em uma América estrangeira e exploradora. Através de um paradoxo mais aparente do que real, o marxismo ajudado simultaneamente a libertar indivíduos das restrições de nascimento em particular para uma visão mais ampla do socialismo na América e no mundo. (Buhle, 1987, p.14)⁶⁰

Outro aspecto que parece ter moldado o “caráter nacional” do Marxismo nos EUA, foi sua adaptação às “típicas aspirações democráticas locais” - a saber “radical”, “universalista” e “utópica”, nas palavras de Buhle.

Ao mesmo tempo em que daria uma nova roupagem teórica para o discurso identitário local, o marxismo nativo seria alimentado por ele, forçado a estender suas fronteiras tradicionais das relações de classe, e adaptar-se a necessidade das pressões culturais dos grupos que buscavam reconstruir suas vidas num renovado contexto cultural. Ou seja, em grande medida, as dificuldades de relacionamento entre o pensamento “cientificamente avançado” dos Marxistas de origem europeia – os imigrantes alemães e judeus, por exemplo – com os radicais locais (e, claro, dialeticamente, desses para com os imigrantes) estava em ajustar a teoria marxista – surgida para dar razão às lutas de uma sociedade urbana, em franco desenvolvimento industrial – com a cultura local, e seu contexto semi-industrial e, ainda por cima, moralmente influenciado pelo utopianismo das ideias radicais locais. Antes de se fazerem ouvir, os imigrante teriam de ser adaptar a esse contexto.

E os ecos desse debate persistiriam ainda por muito tempo dentro da esquerda estadunidense e puderam ser ouvidos ainda na década de 1930. E a *Partisan Review* é grande símbolo disso, quando em 1936, organizou o Simpósio *What is Americanism?* publicado na *Partisan Review*, vol. 3, no. 3, Abril 1936 e que contou com a participação de importantes intelectuais da esquerda nova-iorquina, como Joseph Freeman, Waldo Frank, William Carlos Williams, Kenneth Burke, Theodor Dreisser, etc. O simpósio surge em um momento fundamental de debates identitários da esquerda local, repercutindo as reverberações da definição das Frentes Populares como tática de combate internacional ao fascismo pelo VII Congresso da Internacional Comunista, um ano antes e cujos

⁶⁰ “(...) Marxists ideas have fortified the sense of self-identity and dignity in an alien, exploitative America. Through a paradox more apparent than real, Marxism has simultaneously helped free individuals from constraints of their particular birth-right for a broader vision of Socialism in America and in the world.” (BUHLE, 1987, p.14)

efeitos para o CPUSA foi o de impor uma linha de ação mas também uma linha de reflexão para a militância local. Fator que acabou por reprimir linhas dissidentes e resultou no isolamento de intelectuais com uma militância histórica no movimento comunista local.

Vinte anos antes da organização do VII Congresso, os debates entre a identidade da esquerda local e sua relação com um movimento global, já ardiam forte em solo local estadunidense, quando em 1917 houve a globalização de outra ideia: a da possibilidade concreta da Revolução socialista. Com a Revolução de Outubro, os auspícios utópicos do marxismo haviam atingido seu ápice, no primeiro lugar em que o capitalismo havia sido superado pelo socialismo. E essa *ideia* – mas do que um programa político concreto – foi globalmente disseminada através de todo movimento comunista e suas células internacionais.

Buhle aponta que o raiar da Revolução Russa, em 1917, no entanto, eclipsou entre os socialistas nos EUA os horizontes das transformações (em seu ritmo próprio) da sociedade estadunidense. A tradução dessa “confusão” criada pelos ecos da Revolução de 1917 entre os socialistas nos EUA, estava, entre outros problemas, na relação dos socialistas (e das ideias marxistas) com a “questão nacional”, a saber, nas palavras de Buhle: “*a extrema consciência nacional, racial, étnica da variegada classe trabalhadora*” local, a qual “*não podia se apreendida via slogans imediatistas ou injunções telegráficas de Petrogrado*” (BUHLE, 1987, p.117).

Com isso, os efeitos da Revolução de Outubro de 1917 nos EUA foi o de eclipsar o radicalismo nativo em nome da organização e centralização do leninismo; uma tradução ortodoxa da experiência soviética pelos internacionalistas locais que sufocou as especificidades locais em nome de um “caminho que deu certo”, como se a fórmula dos vitoriosos revolucionários russos pudesse ser simplesmente transplantada para os contextos locais. E o resultado disso nem sempre foi positivo, como no caso dos EUA. E Buhle continua, tratando das dificuldades da transposição da prática revolucionária vitoriosa em 1917 para o contexto dos EUA:

No sentido mais amplo, toda a transição de um suposto socialismo utópico a um suposto socialismo científico tinha sido feita com muita facilidade, de maneira descuidada. A falta de auto-consciência neste empreendimento traiu a ânsia de evitar a realidade do eu, para escapar em abstrações reconfortantes. Reivindicações marxistas, textos marxistas, nenhum garantiu entendimento político nem continuidade política. Eles validaram conceitos de classe e expectativas de classe para setores específicos, e permitiu uma interpretação das crises econômicas recorrentes. Sua pior falha foi na área exata onde eles pareciam ter mais sucesso, induzindo a auto-confiança nos ativistas para saber oniscientemente os próximos desenvolvimentos a frente. Sem esse tipo de humildade, a contribuição criativa do marxismo permaneceria para sempre suspeita. (Buhle, 1987, p.120)⁶¹

⁶¹ “In the larger sense, the entire transition from supposedly utopian to supposedly scientific socialism had

Em 1919, com a organização da Terceira Internacional, agora sob a liderança dos Comunistas russos, vitoriosos dois anos antes, outra ideia é “globalizada”: a da preponderância dos Partidos Comunistas (então definidos sob os auspícios das teorias de Lênin) em liderar o movimento comunista internacional. A partir desse momento, os PC's ao redor do mundo deveriam seguir as diretrizes do Comintern e fazer circular em cada contexto nacional as definições do Partido Comunista da União Soviética para o movimento comunista. (AGOSTI, 1988; HÁJEK, 1988)⁶²

No outro contexto que me interessa diretamente neste tese, o britânico, o caso foi semelhante, no entanto, não em relação a introdução das ideias marxistas entre os ingleses – muito mais próximos do pensamento marxiano do que os estadunidenses – mas em relação a “bolchevização” do Communist Party of Great Britain (CPGB), ainda na década de 1920.

John Mcllroy, em artigo de 2006⁶³, comenta a crítica de W.N. Ewer, editor do *Daily Herald* (periódico conservador britânico), em 1930, sobre o abismo existente entre os intelectuais marxistas britânicos e a linha oficial definida para o movimento internacional comunista pelo Comintern e pelo CPGB (Communist Party of Great Britain). Ewer argumentara sobre as dificuldades intelectuais entre o exercício da crítica marxista e a linha dura do pensamento soviético; e pior, a impossibilidade destes intelectuais criticarem qualquer deliberação “oficial” sem caírem em desgraça. (MCLLROY, 2006, p.187) As críticas de Ewer foram rapidamente respondidas por Rajane Palm Dutt, um dos intelectuais testas-de-ferro do CPGB, que classificou as “acusações” de Ewer de loucuras de um jornalismo sensacionalista. (MCLLROY, 2006, p.188)

Mcllroy lembra que as críticas de Ewer emergem no chamado “terceiro período” do Comintern, entre 1928 e 1933. Momento no qual se dá a “limpeza” político-ideológica da dissidência stalinista. (MCLLROY, 2006, p.188) Esse era o momento ainda do Plano quinquenal de Stalin, e o momento de maior coletivização do Estado, que enviou milhares de pessoas para a Sibéria. Desde 1922 ainda, já estava definida a tática da frente unida, que qualificou os

been made too easily, too carelessly. Lack of self-consciousness in this enterprise betrayed an eagerness to avoid the reality of the self, to escape into comforting abstractions. Marxist claims, Marxist texts, neither guaranteed political understanding nor political continuity. They validated class concepts and class expectations for specific sectors, and permitted an interpretation of the recurrent economics crises. They failed worst in the precise area where they seemed to succeed best, inducing self-confidence in the activists to know omnisciently the next developments ahead. Without that kind of humility, the creative contribution of Marxism would remain forever suspect.” (BUHLE, 1987, p.120)

⁶² AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira-Internacional: os “Estados-maiores”. In. HOBSBAWM, E. (org). *História do Marxismo: O marxismo na época da Terceira Internacional – da Internacional Comunista de 1919 às Frentes populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Volume 6. p.99-168. HÁJEK, Milos. A bolchevização dos Partidos Comunistas. In HOBSBAWM, E. (org). *História do Marxismo: O marxismo na época da Terceira Internacional – da Internacional Comunista de 1919 às Frentes populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Volume 6. p.197-218.

⁶³ MCILROY, John. The Establishment of Intellectual Orthodoxy and the Stalinization of British Communism 1928–1933. *Past & Present*, n. 192, August, 2006, pp. 187-230. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/ptp/summary/v192/192.1mcilroy.html>

socialdemocratas como os principais inimigos da revolução comunista, já em curso na Europa. E, por fim, a stalinização dos partidos comunistas, a partir de 1928, pôs um ponto final no florescimento criativo de muitos intelectuais, que mais tarde se desfilariam dos PC's. (MCLLROY, 2006,p.188)

As mudanças em curso dentro do movimento comunista internacional no final dos anos de 1920, representavam na verdade, a cristalização das ideias já presentes na criação do CPGB, no início da mesma década. O caminho traçado entre a centralização democrática, de 1924, a bolchevização dos PC's, no mesmo ano e, por fim, a solidificação do modelo leninista, parece óbvio, se considerados os próprios escritos de Stalin, daquela década: *Foundations of Leninism* (1924) e *Problems of Leninism* (1926). (MCLLROY, 2006, p.189)

A desfiliação de inúmeros intelectuais, alguns ligados a Labour Party e as *trade unions*, e que foram fundamentais no momento de fundação do CPGB e no desenvolvimento de seus primeiros projetos educacionais, foi inevitável:

(...) Estes acontecimentos viu a saída do CPGB de muitos dos intelectuais que tinha inicialmente sido atraídos [pelo partido]. Eles incluíram Frank e Winifred Horrabin, Francis Meynell, J. Walton Newbold, Raymond Postgate e Ellen Wilkinson, todos com ligações com o Partido Trabalhista e os sindicatos, especialmente com os sindicatos das faculdades com o qual o PCGB rompeu em 1924. Eles [estes intelectuais] tinham desempenhado um papel significativo no trabalho do jovem partido, especialmente em sua imprensa e [programas de] educação. Formados em um mundo mais aberto pré-marxista do CPGB, eles reagiram contra crescente subserviência ao Comintern, a disciplina em desenvolvimento e aos métodos faccionais do centralismo democrático, bem como do crescente afastamento partido da corrente principal trabalhista. (MCLLROY, 2006, p.189)⁶⁴

A partir de 1928, o CPGB passa então por uma reorganização interna, adequando-se as linhas oficiais do Comintern. Outros intelectuais se engajam, assim como aqueles que haviam se oposto as novas linhas internacionais do partido são também afastados. Define-se internamente então a doutrina do “socialismo em um país” e o próprio Stalin indicia Harry Pollit como secretário-geral do CPGB. (MCLLROY, 2006, p.189)

Na URSS, segundo John Barber (1979)⁶⁵, que também é citado por Mcllroy, a política do

⁶⁴ “(...) These developments saw the exit from the CPGB of many of the intellectuals it had initially attracted. They included Frank and Winifred Horrabin, Francis Meynell, J. Walton Newbold, Raymond Postgate and Ellen Wilkinson, all of whom had links with the Labour Party and the trade unions, particularly with the labour colleges movement with which the CPGB broke in 1924. They had played a significant role in the work of the infant party, especially in its press and education. Formed in the more open world of pre-CPGB Marxism, they reacted against growing subservience to the Comintern, the developing discipline and factional methods of democratic centralism as well as the party's increasing detachment from labour's mainstream.” (MCLLROY, 2006,p.189)

⁶⁵ BARBER, John, “The Establishment of Intellectual Orthodoxy in the USSR, 1928–1934”, *Past and Present*, no. 83, May, 1979.

partiinnost – a obrigação dos intelectuais em retratar aquilo que se compreendia ser os interesses do proletariado, sem cair em contradição com os interesses do partido – tornou-se uma obrigação, depois de 1928. Em muitos aspectos, McIlroy enxerga um espelhamento nas ações do CPGB às linhas de atuação do PC soviético em relação aos intelectuais, a partir de 1928. Usando das definições de Barber, dos intelectuais como aqueles melhores educados e com a função de estabelecer o arcabouço simbólico do partido, os intelectuais tornam-se cada vez mais instrumentos oficiais do Estado, tendo a liberdade reflexiva diminuída até quase a iniquidade:

(...) Isso ilustra que na Grã-Bretanha, como na Rússia, os intelectuais desempenharam um papel na subordinação de seus companheiros intelectuais, em um processo que envolveu resistências e que continuou de forma ad hoc. Ele demonstra que os atores britânicos tomaram a frente das iniciativas russas e que os novos limites sobre o que era permissível foram definidos por rituais russos, críticas públicas e auto-crítica, confissões e arrependimentos. (McIlroy de 2006, pp.190-1)⁶⁶

As ações dos intelectuais em torno do CPGB eram assim, uma espécie de subproduto ideológico das diretrizes do Comintern para os intelectuais russos. Mesmo que houvesse espaço para reflexões, as mediações e trocas entre os intelectuais dos dois países, indicavam ainda sim, um “filtro oficial” que limitava a tomada de decisões independentes.

2.2 - O Clube e seu papel na organização do movimento intelectual britânico

No campo cultural, o exemplo do processo de globalização das ideias que atrairiam o CPGB para seu centro de gravidade, como vimos acima, se desdobraria na formatação do Left Book Club que, por sua vez, desde sua fundação em 1935, passou a atuar como o centro orbital dos intelectuais da esquerda britânica durante os anos do Popular Front naquele país. E meu interesse em aproximá-lo com o contexto da Partisan Review nesta tese, se dá pelo fato do LBC ter funcionado como o ponto de onde as ideias que se cruzariam dentro da Partisan Review poucos anos depois, emanariam.

Como dito acima, pelo LBC, Orwell publicaria um de seus principais livros-reportagem: o *The Road to Wigan Pier*, em 1937, no qual descreve a situação de trabalho e moradia dos mineiros do norte da Inglaterra, durante a depressão da década de 1930. Victor Gollancz, um dos fundadores do clube, seria também o primeiro editor de Orwell, publicando todos os seus livros na década de

⁶⁶ (...) It illustrates that in Britain, as in Russia, intellectuals played a part in the subordination of fellow intellectuals, that the process involved resistance and that it proceeded in ad hoc fashion. It demonstrates that British actors took their lead from Russian initiatives and that new limits on what was permissible were defined by Russian rituals, public criticism and self-criticism, confession and repentance. (MCLLOY, 2006, pp.190-1)

1930, e mantendo vínculos editoriais com o autor até a metade da década de 1940.

A função do LBC como o principal guarda-chuva dos intelectuais que integraram o Popular Front britânico permitiu ao clube reunir ao seu redor uma gama imensa de posições dentro da esquerda local – entre pessoas mais ou menos próximas dos partidos mainstream, como o CPGB ou o Labour Party, ou mesmo de correntes que buscavam certa independência política dentro da esquerda britânica, como o *Independent Labour Party* (do qual Orwell fora membro), ou mesmo intelectuais independentes e sem filiação política direta, como no caso do próprio Gollancz. Os efeitos da Guerra Civil espanhola – no caso britânico muito mais do que a definição, um ano antes, das Frentes Populares como tática de combate ao fascismo pelo VII Congresso da Internacional Comunista – foram decisivos para a formação de um corpo dissidente aos auspícios do Stalinismo dentro da esquerda britânica. Fora mesmo ao redor do LBC, já que ele representava, em grande medida, o núcleo de coesão dessa militância, que se constituiria assim, já no final da década de 1930, um núcleo destacado da esquerda anti-stalinista local. E em grande parte, o próprio LBC seria cronista do nascimento da esquerda anti-stalinista na Grã-Bretanha, publicando, por exemplo, alguns dos mais importantes (e primeiros) trabalhos críticos dentro da Grã-Bretanha, da ação comunista durante a Guerra Civil espanhola – esta que, como veremos, foi tema importante do LBC, não apenas como tema editorial, mas no engajamento do Clube, através principalmente da figura de seu editor-sênior, Victor Gollancz, em diversas causas humanitárias, como o apoio à refugiados bascos, o envio de suplementos médicos às vítimas da guerra na Espanha, etc.

O Clube fora fundado por uma tríade de peso no universo intelectual britânico do entre guerras. Victor Gollancz (1893-1967) foi educado em Oxford e fundou sua editora, a Victor Gollancz Ltda., em 1928. A correlação entre política e editora fez de Gollancz um dos mais importantes editores britânicos do século XX. Fator que favoreceu a criação do Left Book Club, em finais de 1935. Conciliou sua filiação comunista com uma árdua militância humanitária, incluindo o pacifismo, a abolição da pena-capital, a situação da população civil na Espanha durante a Guerra Civil espanhola (1936-39) e na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, etc. Manteve ainda fortes laços com membros do National Indian Congress e o movimento de independência indiano e militou em diversas causas humanitárias ao longo da Segunda Guerra Mundial, empenhando também o Left Book Club nessas causas.⁶⁷

John Strachey (1901-1963), foi membro do Partido Trabalhista britânico, ao qual se filiou em 1923. Mais tarde, foi secretário-geral do New Party, dirigido por Sir Oswald Mosley. Com a aproximação do partido de Mosley do fascismo, Strachey se filiou ao Communist Party of Great

⁶⁷ Informações disponíveis no catálogo da coleção Victor Gollancz papers, Modern Records Center, University of Warwick, Coventry, Reino Unido. Disponível online: <http://www2.warwick.ac.uk/services/library/mrc/holdings/>

Britain (CPGB), ainda no começo da década de 1930, para retornar ao Labour Party em 1945 – após a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop e a invasão soviética da Finlândia – no qual permaneceria filiado até sua morte em 1963. Em 1936, colaborou com Gollancz na fundação do Left Book Club, com o qual contribuiu com 7 livros.⁶⁸

Harold Laski (1893-1950), foi economista e cientista político, professor da London School of Economics, e presidente do Labour Party entre 1945-46. Laski compunha, junto com Gollancz, o centro-nervoso do Left Book Club, respondendo junto com seu editor-chefe, pela escolha dos títulos que comporiam a edição do mês oferecida pelo Clube a seus assinantes. Pelo Left Book Club, Laski colaborou com um livro: “Faith, reason and civilization: an essay on historical analysis”, publicado em 1944.⁶⁹

Segundo define o catálogo de títulos publicados pelo LBC, entre 1936 e 1948, da coleção pertencente a Universidade de Sheffield, na Inglaterra, o clube detinha uma função, ao mesmo tempo, bem ampla e direta:

Os principais objectivos do Clube eram promover os valores progressistas de esquerda, uma definição que abraça tanto socialismo como o liberalismo, a opor-se a propagação do fascismo, e para evitar a eclosão de uma guerra cuja força crescente do fascismo parecia pressagiar, incentivando tanto o desenvolvimento de uma Frente Popular em casa (parecido com o Front Populaire liderada por Léon Blum na França), e a segurança coletiva na Europa. (Catálogo “Left Livro Coleção”, da Universidade de Sheffield, s / d: 2.)⁷⁰

Esse catálogo estima também que o LBC tenha publicado ao longo de seus anos de atuação enquanto editora cerca de 250 títulos diferentes – estimativas imprecisas, contudo, que não alcançam o número indicado de 255 título diferentes publicados pelo LBC -, disponibilizados de maneira exclusiva a seus assinantes e em edições especiais abertas a não-membros, tal qual ocorrera com o livro de George Orwell, em 1937⁷¹. Até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o clube oferecia a seus assinantes dois títulos mensais – o título normal de cada mês e o chamado “livro do

⁶⁸ Informações disponíveis no catálogo do John Strachey Papers, The National Archives, Londres, Reino Unido. Catálogo Disponível online: <http://www.nationalarchives.gov.uk/nra/lists/GB-800819-Strachey.htm#Papers%201936-38%20%282%20boxes%29>

⁶⁹ Informações disponíveis no Catálogo Harold Laski Papers – Universty of Hull, Hull, Reino Unido. Catálogo disponível online: <http://catalogue.hullhistorycentre.org.uk/catalogue/U-DLA?tab=search>

⁷⁰ The principal aims of the Club were to promote the progressive values of the Left, a definition embracing both Socialism and Liberalism, to oppose the spread of Fascism, and to prevent the outbreak of war which the growing strength of Fascism seemed to presage, by encouraging both the development of a Popular Front at home (akin to the Front populaire led by Léon Blum in France), and collective security in Europe. (Catálogo “Left Book Collection”, University of Sheffield, s/d.:2)

⁷¹ A lista dos que publicaram pelo clube também é extensa. Entre aqueles que atingiram maior repercussão crítica podemos citar a título de exemplo, além do próprio Orwell, Leon Blum, H.N. Brailsford, R. Palme Dutt, G.D.H. Cole, Joseph Freeman, Leo Huberman, Frank Jellinek, Otto Katz, Arthur Koestler, André Malraux, Stephen Spender, Stephen Swinger, Konni Zilliacus, Sidney e Beatrice Webb, etc..

mês”, escolhido como uma edição especial para os membros – ao custo de 1/8 de Libra por título, passando a disponibilizar um único título após 1939⁷². Pode-se ler então no catálogo da coleção pertencente a University of Sheffield o seguinte:

O Clube operava numa base de subscrição, garantindo assim um nível de vendas que permitam que livros fossem oferecidos a um preço baixo. Embora um título cada mês fosse o escolhido como "Livro do Mês", como a associação cresceu rapidamente antes da guerra, várias outras opções poderiam ser oferecidas; por outro lado, durante a austeridade dos anos de guerra e pós-guerra apenas um livro por mês estava disponível. Todos os títulos, bem como os que eram oferecidos aos membros Left Book Club em uma edição especial custando apenas meia coroa (um oitavo de libra), também seria publicado em capa dura para venda ao público em geral, com preço várias vezes maior. Edições do clube apareceram durante os primeiros anos com uma capa laranja distintiva com a legenda 'Edição do Left Book Club Edition. NÃO PARA A VENDA AO PÚBLICO' - substituído em 1938 por uma capa rígida vermelha (Catálogo "Left Livro Coleção", da Universidade de Sheffield, s / d, p. 2-3.)⁷³

Para se ter ideia da importância adquirida pelo clube logo em seus primeiros anos de atuação, John Rodden (1990, p.257) estima que em 1938 (ou seja, apenas três anos após sua fundação), considerando a ascensão em grande escala do clube entre os grupos intelectuais da esquerda britânica, o LBC contava com 57,000 associados, servindo como “guarda-chuva para muitos desses intelectuais e suas atividades culturais”.

⁷² As informações sobre a organização do LBC e seu funcionamento podem ser lidas, por exemplo, na resposta (MSS.157/3/LB/2/6.i), de 21 de novembro de 1956, à carta de Roy Hill (MSS.157/3/LB/2/5 de 20 de novembro de 1956), solicitando detalhes sobre a organização do LBC para um livro sobre o tema, em que a secretária de Victor Gollancz dá os seguintes detalhes: 1) o clube foi fundado em 1936, e foi, provavelmente o primeiro clube do livro da Grã-Bretanha, precedido no modelo pelo Book Society; 2) o Clube fechou as portas em novembro de 1948, quando o Labour Party ascendeu ao governo e a necessidade pelo modelo proposto pelo Clube havia cessado; 3) o preço de venda dos livros distribuídos era usualmente 2/6 do preço de publicação para os assinantes; a edição do mês e a escolha do mês eram publicadas simultaneamente; os assinantes tinha que se credenciar por no mínimo seis meses e não podia devolver os livros recebidos; havia ainda a possibilidade da escolha de outros títulos diversos, livros educacionais, panfletos, e assim por diante; 4) o número de títulos lançados pelo LBC foi de 255. Victor Gollancz papers, Modern Records Center. University of Warwick.

⁷³ The Club operated on a subscription basis, thereby guaranteeing a level of sales which would enable books to be offered at a low price. Although one title each month would be the selected “Book of the Month”, as the membership grew rapidly before the War several other choices could be offered; by contrast, during the austerity of the War years and post-War period only one book per month was available. All titles, as well as being offered to Left Book Club members in a special edition costing only half a crown (one eighth of a pound), would also be published in hard covers for sale to the general public at several times the cost. Club editions appeared for the first few years in distinctive orange limp covers bearing the legend ‘LEFT BOOK CLUB EDITION. NOT FOR SALE TO THE PUBLIC’ - replaced in 1938 by a red stiff binding (Catálogo "Left Livro Coleção", da Universidade de Sheffield, s / d, p. 2-3.)

2.3 - O Left Book Club como guarda-chuva de uma geração radical

Contudo, é interessante notar que o LBC surge como o principal guarda-chuva dessa geração de jovens e velhos intelectuais e artistas de várias nacionalidades, em um dos epicentros do movimento comunista internacional na década de 1930, a cidade de Londres. Não apenas dentro da Inglaterra, onde o Clube se espalhou por várias cidades através de grupos de leitura e ou outras instituições culturais se não criadas através do clube, aglutinadas ao redor deste, a experiência inovadora da criação do clube em Londres motivou a criação de outros clubes pelo mundo, por exemplo na Austrália, Canadá, China, África do Sul, Índia, Noruega, Bélgica, França, Palestina⁷⁴, Israel, Chile, etc. Além da possibilidade da circulação das edições produzidas pelo LBC, essas redes internacionais demandavam também a disseminação da *Left News* por entre os leitores internacionais⁷⁵, criando assim uma grande rede, inclusive internacional, com a finalidade de difusão dos debates da esquerda e a promoção do socialismo. (Samuels, 1966, p.83)⁷⁶

As relações transnacionais criadas pelo LBC ao redor do mundo criaram laços estreitos entre os intelectuais britânicos e diversas causas internacionais, como as lutas de independência das colônias britânicas na África e Ásia, tal qual o movimento de Independência Indiano, a questão Palestina e os primeiros assentamentos imigratórios na região, etc. Todos esses temas seriam debatidos também em artigos para a *Left News*. O contato entre os membros do LBC com o movimento nacional indiano, por exemplo, foi tão grande que despertou o interesse do Foreign Office e da Scotland Yard, ao ponto dos dois órgãos produzirem um consistente material documental sobre as atividades do Clube dentro e fora da Inglaterra – incluindo listas de livros lançados pelo LBC que deveriam ter suas publicações proibidas⁷⁷; a relação de intelectuais reunidos

⁷⁴ Ver, por exemplo, a carta de Arthur Key (da Middle East Press service, situada em Londres) para Victor Gollancz de 11 de Junho de 1945, perguntando sobre a possibilidade de desenvolver a circulação do Left Book club no Egito e na Palestina, através do contato com Robert Schindler, editor da Middle East Press para o Cairo. (MSS.157/3/LB/1/2, Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick)

⁷⁵ Ver, por exemplo a carta do Padre R. Conesa (MSS.157/3/LB/1/13, Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick), bibliotecário do St. Xavier College, Bombaim, Índia, de 25 de outubro de 1945, sobre a assinatura da revista *Left News*, comentando brevemente o interesse pelos temas debatidos na revista e a publicidade que ela poderia alcançar ali, local com 2500 alunos, segundo ele. Da mesma forma é a requisição de Feroze S. Wadia, em carta de 7 de janeiro de 1946, em que é solicitada o envio de cópias gratuitas da *Left News* para Bombaim, na Índia, em troca de publicidade gratuita da revista por lá. (MSS.157/3/LB/1/15, Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick)

⁷⁶ Interessante e enriquecedora sobre as extensões internacionais do Left Book Club, foi ainda a apresentação do paper de Chloe Elizabeth Ward, intitulado "The Left Book Club and the adult education in Britain and Australia, 1936-1940.", no Instituto de Educação da University College London, em 11 de Junho de 2015. No trabalho, a pesquisadora da Universidade de Melbourne e doutoranda na UCL falou das relações transnacionais propiciadas pelo Left Book Club nos dois países e os projetos de educação para adultos fomentados pelo Clube.

⁷⁷ CO 273/633/1 Descrição: "Left Book Club, London: prohibition of publications". Date: 1937. Local: The National Archives, Kew.

em torno do Clube com o movimento nacional indiano⁷⁸ e a participação de indianos nos comícios, manifestações e encontros organizados pelo LBC em Londres⁷⁹.

O interesse dos órgãos de segurança e inteligência britânicos sobre as atividades do LBC dentro e fora da Inglaterra percorreram todos os anos do entre guerras desde a fundação do Clube em 1936 e continuariam por toda a Segunda Guerra Mundial até o fim das atividades do Clube já no pós-guerra, em 1947. É claro que o tópico do anticomunismo do governo britânico desde Nevil Chamberlain até Churchill antes e durante a guerra mundial, faria crescer as atenções sobre as atividades do Clube e como esse servia de base de disseminação das atividades do CPGB, do Labour Party, do Independent Labour Party e outros órgãos socialistas organizados ao longo dos anos do Popular Front britânico.⁸⁰

A coesão, por muitas vezes tênue, proposta pela ideia das Frentes Populares entre a esquerda internacional daqueles anos, criou uma aura de autocensura inevitável em torno das atividades do LBC. Devido ao anticomunismo da política nacional britânica, tanto quanto das tentativas de ingerência do CPGB às atividades e publicações do LBC⁸¹, quanto pelo próprio engajamento do LBC (ao menos como o havia pensado Gollancz) na constituição de um movimento amplo de combate ao fascismo e a guerra, o terreno em que o LBC atuava era movediço. Gollancz deixa isso claro, por exemplo, em resposta à carta de R. Wood, de Leeds, enviada em 4 de fevereiro de 1946⁸², quando afirmaria não saber como tratar de temas ligados à URSS, pois “[...] *O problema é que eu não quero 'assustar' uma parcela grande dos membros, porque eu acredito que eles podem ser educados*” (tradução livre, grifo meu). Gollancz respondia à sugestão de R. Wood pela publicação do livro *The Betrayal of the Left* (organizado por Gollancz, Strachey e Orwell) no formato de artigos, pela *Left News*. No diálogo estabelecido em ambas as cartas entre Woods e Gollancz, há dois pontos fundamentais em minha leitura sobre as atividades do LBC: a) de que a *Left News* tinha

⁷⁸ IOR/L/PJ/12/504: Arquivo 1025/36. Descrição: "The Left Book Club: reports on members, activities and Indian interests (Dec 1936-Feb 1938)". Local: The British Library.

⁷⁹ HO 144/21529 Descrição: "Distúrbios": "Reports on the activities of the 'Left Book Club'". Data: 1936-1941. Local: The National Archives, Kew.

⁸⁰ Isso é confirmado, por exemplo, na carta que Carta de Geoffrey Cumine (MSS157/3/LB/1/9, Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick) envia a Victor Gollancz em 17 de setembro de 1945, em que comenta as pressões exercidas sobre o LBC durante os anos que precederam a II Guerra Mundial, no sentido dos esforços do governo de Nevil Chamberlain especialmente, por suprimir as atividades consideradas ligadas de alguma maneira com o comunismo, fato que afastou muitos membros de reter qualquer ligação com o LBC.

⁸¹ A afirmação de que houve sim alguma tentativa de ingerência do CPGB sobre as atividades do Left Book Club é dada pelo próprio Gollancz em resposta (MSS.157/3/LB/2/3.i), de 18 de fevereiro de 1952, a carta de Morley Kennerley (MSS.157/3/LB/2/1), de 14 de fevereiro de 1952: "(...) On two occasions, indeed, the Communist Party strongly requested to me not to publish, in the Left Book Club, two books which they thought offensive to them: of course I published them." (Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick.)

⁸² Para a carta de R. Wood ver o documento MSS.157/3/LB/1/28 e para a resposta de Gollancz de 7 de fevereiro de 1946, ver MSS.157/3/LB/1/29, ambos no Victor Gollancz Papers, Modern Records Center, University of Warwick.

maior repercussão do que os livros publicados pelo LBC; ou seja, os textos na revista, provavelmente, causavam maior impacto entre os associados do LBC e por isso era necessário algum tipo de “cautela estratégica” para não “cindir” com “grande parcela dos membros”, nas palavras de Gollancz e sim, buscar sua “educação”, e b) de que Gollancz se autocensurava, e ao clube, evitando publicar temas que levassem a um choque grande de opiniões com os comunistas (isso já no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial), como aconteceu com o livro de George Orwell, *Homage to Catalonia*, em 1937, como veremos mais à frente.

Outra função do clube, era servir como órgão de organização cultural, participando na montagem de peças teatrais, seções de leituras, mostras artísticas, grupos de discussão, etc. Para se ter ideia do alcance desse trabalho como agitador cultural promovido pelo clube, apenas a Theater Guild promovida pelo LBC, financiava cerca de 250 companhias de teatro amador, produzindo montagens de cunho social tal qual a famosa peça do autor estadunidense Clifford Odets, “Waiting for Left”, que ficou famosa durante a ascensão do Popular Front nos EUA. A peça de Odets seria ainda escolhida como suplemento a ser publicado pelo Clube em junho de 1937.

O crescimento do grupos aglutinados ao redor do LBC foi exponencial ao longo de seus primeiros anos de funcionamento. Na edição da revista Left News de julho de 1937, por exemplo, há uma lista indicando o endereço de 600 “círculos” locais do LBC ao redor da Grã-Bretanha (onde há referências sobre os clubes de Leeds, Liverpool, Wolverhampton, Cambridge, etc.)⁸³. Na *Left News* de janeiro de 1938, o número de círculos ligados ao clube é anunciado como o de mais de 800 “local circles” - ou seja, 200 a mais do que os 600 anunciados na edição de julho de 1937. Já no número 36, de março de 1939, era anunciado o crescimento para 1500 grupos em torno do LBC.⁸⁴ O que mostra um crescimento exponencial do clube nesse período.⁸⁵ O crescimento do número de assinantes do clube entre 1936 e 1938 foi denotado em detalhes para seus assinantes no número 26, de 26 de junho de 1938. Nesse número, em resposta aos questionamentos enviados por carta por assinantes, Gollancz publica um gráfico detalhado indicando que entre janeiro e abril de 1938, o clube ganhara mais 7 mil novos assinantes, atingindo uma marca que nem mesmo os organizadores do clube esperavam com a venda mensal de “livros de esquerda”.⁸⁶

Fica claro com isso que, mais do que criar outros grupos, o LBC aglutinou grupos ao seu redor – alguns que já faziam trabalho cultural em suas cidades e outros surgidos com a demanda da década de 1930. A *Left News*, por exemplo, tinha clara função organizacional, no sentido de expor aos membros do clube não apenas a estrutura de funcionamento dessa máquina cultural –

⁸³ “Left Book Club Summer School”. *Left News*. n.14, 15 de julho de 1937, p.436.

⁸⁴ *Left News*. n.36, Março de 1939. p.1119.

⁸⁵ *Left News*. n.21. 21 de janeiro de 1938. p.704.

⁸⁶ “The membership: 7.000 new members 'net' from the end of january to end of april”. *Left News*. n.21. 21 de janeiro de 1938. p.831.

apresentando, por exemplo, balanços financeiros – mas seu conteúdo programático: a agenda mensal/semanal dos vários grupos em torno do clube, suas atividades e propostas, etc. Na edição de 21 de janeiro de 1938, o editorial assinado por Victor Gollancz para a *Left News* denotava a função dos grupos de leitura organizados ao redor do clube: discutir as escolhas de cada mês para os títulos especiais⁸⁷. É possível notar ainda através desse acompanhamento mensal das atividades dos vários grupos culturais aglutinados ao redor do LBC o nascimento de inúmeros grupos que mais tarde dariam vazão à novas ideias dentro do movimento socialista britânico. No número 14, de julho de 1937 da revista *Left News*, por exemplo, há referência sobre a fundação de um grupo de cientistas encabeçada por H. Levy, dando conta, possivelmente, ao início dos trabalhos do movimento *Social Relations in Science*⁸⁸, cujos debates posteriores em torno do papel do marxismo para as ciências duras iriam forçar as tentativas de alargamento da teoria marxista para além das fronteiras impostas pelas ortodoxia do Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB). Apesar de mais tarde o grupo da SRS ter se organizado em torno da revista *The Modern Quarterly*, reconhecida como a publicação mais importante para o debate teórico do marxismo na Inglaterra da primeira metade do século XX, o nascimento do movimento de “cientistas vermelhos”, como ficaram conhecidos mais tarde alguns dos mais brilhantes nomes das ciências britânicas, como J.B.S. Haldane, John Desmond Bernal, H. Levy, Joseph Needham, etc., pode ser acompanhado de perto através dos debates travados em torno do LBC.

É possível notar, desta forma, que o LBC representou um importante papel na própria organização do Popular Front britânico, através de inúmeras iniciativas pedagógicas de difusão das ideias socialistas e organização de centros de leitura, grupos de estudo, etc. Outra iniciativa que denotava a função pedagógica do LBC eram as chamadas “Summer Schools” organizadas mensalmente pelo Clube. Os encontros geralmente organizados em duas semanas de cada mês consistiam em dois períodos no qual se debatiam textos pré-definidos pelos organizadores: o primeiro, pela manhã, com “lectures”, e uma seção à tarde com a “discussion”, separadas por uma hora e meia de intervalo. A estrutura de um desses encontros seria apresentada, por exemplo, no número 15, de 15 de julho de 1937 da revista *Left News*. Na “summer school” que ocorreria entre os dias 31 de julho e 14 de agosto de 1937, por exemplo, estavam programadas aulas e discussão de títulos publicados pelo LBC de importantes intelectuais que integravam o Clube, como G.D.H. Cole e J.D. Bernal, além de títulos publicados por membros do staff organizacional do clube, como John Lewis, John Strachey.⁸⁹ O projeto de “educação política de classes” era um dos desafios tácitos do clube, como foi declarado pelo próprio Gollancz em editorial para o número 22, de fevereiro de

⁸⁷ “Editorial”. *Left News*. n.21, 21 de janeiro de 1938. p.661.

⁸⁸ “Special groups”. *Left News*. n.14, 15 de julho de 1937. p.432.

⁸⁹ *Left News*. n. 15, 15 de julho de 1937. p.451.

1938, da *Left News* em que eram apresentados aos assinantes as “tarefas” do Clube para aquele ano:

(...) A nossa segunda peça importante do trabalho neste ano, como eu também anunciei na Conferência de Convener e no comício, será fornecer instalações para uma educação política mais sistemática e mais profunda para os nossos membros. Acreditamos que chegou o momento para complementar as publicações do Clube, e as discussões nos grupos locais com base nelas, por uma série de aulas cuidadosamente planejadas, a partir do qual deve emergir um grupo de militantes altamente educados e também quadros de líderes capazes de guiar-nos para a vitória. Os membros do clube que utilizarem estas instalações se tornarão, se posso colocá-lo assim, a elite, as tropas de choque, de nosso movimento. (Gollancz, "aulas de educação política". *Esquerda News*, n.22, fevereiro de 1938, p.678)⁹⁰

O tipo de literatura editada pelo LBC cumpria então um claro papel propagandístico na difusão das ideias socialistas, através de livros baratos e com um conteúdo claro, ao mesmo tempo que atual e diverso. E Gollancz não apenas tinha para si como claro o papel de instrumento de propaganda ao qual o LBC podia muito bem desempenhar, como aglutinava seus leitores para ajudá-lo na empreitada, como escreve ainda na edição de fevereiro de 1938 da *Left News*:

(...) [O objetivo d'] A criação das aulas políticas será completar o processo de aprendizagem: ao mesmo tempo que temos de converter os membros mais ativos do clube em um corpo consciente de missionários e professores. Os membros já estão, é claro, fazendo uma quantidade tremenda de tal trabalho em sua própria maneira: e ações individuais desse tipo provavelmente devem permanecer como o principal método pelo qual avançaremos. (...) Mas queremos completar esta atividade através da conversão de nossos membros em uma máquina de distribuição, através da qual iremos fornecer a primeira abordagem para os indiferentes, os ignorantes e até mesmo os vagamente hostis, e que será tão barato que alguns membros vão se sentir capazes de compra-los em quantidades, e distribuir-lhes. (Gollancz, "aulas de educação política". *Esquerda News*, n.22, fevereiro de 1938, pp.679)⁹¹

⁹⁰ (...) Our second major piece of work this year, as I also announced at the Convener's Conference and the Rally, will be provided facilities for a more systematic and more profound political education for our members. We believe that the time has come to supplement the publication of the Club, and the discussions in the local groups based on them, by a series of a carefully planned classes, from which there should emerge both highly educated rank and file and also cadres of leaders capable of guiding us to victory. Members of the Club who avail themselves of these facilities will become, if I may put it so, the elite, the shock troops, of our movement. (GOLLANCZ, "Political education classes". *Left News*, n.22, fevereiro de 1938, p.678)

⁹¹ (...) The setting up of the political classes will be complete the process of learning: simultaneously we have to convert the more active Club members into a conscious body of missionaries and teachers. Members are, of course, already doing a tremendous amount of such work in their own way: and individual action of this kind must probably remain the chief method by which we will do our proselytism. (...) But we want to supplement this activity by converting our membership into a distributing machine by which will provide the first approach to the indifferent, the ignorant and even the vaguely hostile, and which will be so cheap that some members will feel able to purchase them in quantities, and given them

2.4 - A radicalização das ideias na Inglaterra dos anos de 1930

A causa magna desse processo de “radicalização das ideias” entre a classe intelectual britânica que se aglutinou em torno do Popular Front na Inglaterra é a crise da década de 1930. A grande depressão que se seguiu pelo mundo após o crash da bolsa de Wall Street, em 1929, produziu uma onda devastadora, principalmente nos países industrializados europeus, provocando, já nos princípios da década seguinte, um efeito quase que imediato nas economias locais. A produção, em países como a Inglaterra e a Alemanha, por exemplo, atingiu em todos os setores uma queda vertiginosa (Hobsbawm, 2002; Mazower, 2001) transformando o desemprego numa pandemia global.⁹² E os intelectuais não escaparam da Depressão dos anos de 1930: ela acabou por forçar inúmeros estudantes universitários, mesmo advindos dos tradicionais centros de formação da elite intelectual, política e administrativa britânicos, como Oxford e Cambridge, a se dedicar, entre outras profissões, ao jornalismo e o ensino privado, ou ainda, se voltar para as colônias, como saída para o desemprego. John Rodden analisa de maneira muito significativa esse processo:

Os tempos difíceis forçaram graduados da classe média para fazer face às despesas a atuar como jornalistas, editores, mestres e professores particulares. W.H. Auden, C. Day-Lewis, Evelyn Waugh, Rex Warner, Orwell e centenas de outros se ocuparam em empregos de baixa remuneração em escolas privadas. Outros graduados viajaram pela Europa, ou (como Malcolm Muggeridge, Empson William e Orwell) observaram a forma como o Império Britânico funcionava fora de casa.”⁹³ (Rodden, 1990, p.255)

Essas experiências, quase que simbolizando formas de exílio sociais e econômicos para a maioria desses graduados (advindos quase todos das classes-médias), representaram pontos fundamentais no processo final de sua formação. Elas estão marcadas, com tinta forte, nas memórias de proeminentes membros dessa geração de intelectuais, como D.H. Lawrence, T.S. Eliot, W.H Auden, Evelyn Waugh (STORER, 2010).

O próprio Orwell teve essa experiência. Sua ida para a Índia, em 1922, logo após o término

away. (GOLLANCZ, “Political education classes”. Left News, n.22, fevereiro de 1938, pp..679)

⁹² Hobsbawm (2002:97) estima que a taxa de desemprego no período mais drástico da depressão europeia, entre 1932 e 1933, atingiu na Inglaterra a faixa dos 22% a 23% - seguindo um longo caminho desde a década de 1920 – e na Alemanha, uma faixa de 44% dos trabalhadores não tinha emprego.

⁹³ Hard times forced middle-class graduates to make ends meet as journalists, publishers, schoolmasters, and private tutors. W.H. Auden, C. Day-Lewis, Evelyn Waugh, Rex Warner, Orwell and hundreds of others took poor-paying jobs in private schools. Other graduates travelled to Europe, or (like Malcolm Muggeridge, William Empson, and Orwell) observed how the British Empire operated away from home. (Rodden, 1990, p.255)

de seus estudos no *Eton College*, marcou, como suas memórias registram, a falta de perspectivas quanto a seu futuro naquele momento. Como Orwell relata em várias passagens de sua obra – experiência também narrada em forma de ficção em seu *Burmese Days*, publicado pela primeira vez em 1934 – a falta de perspectivas econômicas, que lhe possibilitassem, por exemplo, a continuidade de seus estudos numa das tradicionais universidades britânicas – caminho natural de muitos de seus colegas de *Eton* - logo após o término de seus estudos secundários, transformou a Índia numa opção interessante, ao menos por um período curto, afim de buscar a estabilidade financeira que sua família não poderia oferecer-lhe e que nem os horizontes econômicos da sociedade britânica no período parecia oferecer num espaço razoável de tempo.

As condições sociais e econômicas da Inglaterra nos anos de 1920 e início de 1930, forçaram muitos desse jovens graduandos recém-saídos das universidades, a procurar outras formas de sustento para suas formações intelectuais. Muitos deles também viriam na possibilidade de viajar para fora da Inglaterra, uma perspectiva de encontrar novas oportunidades intelectuais e econômicas. E um desses destinos, foi a URSS. O Estado socialista, fundado a partir da Revolução de outubro de 1917, iluminou os sonhos de renovação das relações econômicas e sociais daqueles que viam (e sentiam na pele), a falência total do liberalismo vitoriano. A imersão das economias nacionais numa grave crise e a incapacidade de seus governos em responder efetivamente a ela, elevou o socialismo e a União Soviética, a condição de grande esperança dessa geração desiludida. Rodden escreve ainda, sobre esse fascínio que o Estado socialista soviético provocou neste grupo de jovens intelectuais deslocados, como saída para a crise em seus países, na década de 1920:

“(...) Eles [Esse grupo de intelectuais] não viu condições melhores no estrangeiro, o capitalismo parecia estar falhando em todos os lugares. Como a algum tempo, o novo Estado soviético e sua promessa romântica de igualdade e prosperidade - e sua celebração, e não apenas tolerância, dos intelectuais - surpreendeu muitos jovens intelectuais como um paraíso cultural.” (RODDEN, 1990, p.255)⁹⁴

O melhor reflexo dos efeitos dessa conjuntura histórica, na formação desses jovens intelectuais ingleses, é a chamada *Geração de Auden*. O grupo se constituiu nos anos de 1920, como o primeiro grupo “radical” de intelectuais na Inglaterra. Formado em Oxford, em torno de um grupo literário de elite conhecido como “Left Poets”, era constituído por nomes como W.H. Auden, Stephen Spender, C. Day-Lewis, Louis MacNeice, Hugh Gaskell, Isaiah Berlin, Edward Upward,

⁹⁴ (...) They saw conditions no better abroad; capitalism seemed to be failing everywhere. As the sometime, the new Soviet state and its romantic promise of equality and prosperity – and its celebration, rather than merely toleration, of intellectuals – struck many young intellectuals as a cultural paradise. (RODDEN, 1990, p.255)

A.J.P. Taylor, entre outros. No início da década de 1930, Auden, Spender, Isherwood, Upward, David Guest, e outros integrantes do grupo, encontraram em Berlim, seu refúgio intelectual. (STORER, 2010) O grupo foi atraído pela “*decadência, que transformou a Berlim de Weimar no que Paris havia sido alguns anos antes.*” (Rodden, op.cit.256). Porém, mais uma vez, os efeitos da crise da década de 1930, alcançaram o grupo, que além da queda no abismo da economia alemã, o desemprego e a miséria que acompanhou a depressão, logo no início dos anos 1930, viu ascender, como resposta quase imediata a crise, a reação autoritária através do discurso nacional-socialista e da ascensão do partido nazista na vida pública alemã. No retorno a Inglaterra porém, logo depois da ascensão de Hitler no Reichstag, em 1933, muitos desses intelectuais encontraram condições sociais ainda piores, no momento mais dramático da crise na Grã-Bretanha.

A reação intelectual a essa conjuntura foi quase imediata. A primeira aparição do grupo (e de suas ideias) se daria através da publicação de uma revista, em 1932, intitulada *New Signatures*. Como Rodden denota, “[...] *foi primeiramente uma rebelião contra um tipo de poesia esotérica, desregrada, e [que] também marcou o início dos primeiros passos dos Left Poets, para a definição de um tipo [de] posicionamento político.*” (Rodden, 1990, p.257). Em seguida, aparece a publicação intitulada *New Country*, de 1933. Nesta, já estava claro um “*posicionamento de crítica aos valores burgueses e o grito pela revolução socialista*” (ibid.). Nas palavras de Spender, em 1936, como cita Rodden (ibid.), os intelectuais “se distanciavam do liberalismo” em busca de novas saídas – estéticas e políticas – para a crise que atingira em cheio sua geração.

A adoção de ideias socialistas, como resposta direta a falência cultural, ideológica e econômica do liberalismo, por vários intelectuais na década de 1930, respondeu também a um ensejo maior por mudanças sociais. Rodden mais uma vez é nosso guia, quando assinala que, no início da década de 1930, o Partido Comunista britânico contava com um número de 1,356 filiados, para, em 1938, atingir o número de 15,570 filiados (Rodden, 1990, p.257). Muitos desses novos membros, advindos de estratos da classe-média, onde inúmeros intelectuais se encontravam socialmente colocados. O início da participação em massa dos intelectuais na vida política britânica, teve um efeito imediato nas ideias que circulavam entre esses grupos. Inúmeras organizações e movimentos artísticos – entre grupos de teatro, produtoras cinematográficas, editoras, além de revistas e jornais – aparecem na cena pública, reivindicando novas formas de organização política e ideológicas para a Inglaterra, todas concebidas através dos ideais revolucionários socialistas. Como Rodden escreve:

“(...) Inspirado pela concepção de Lenin do Partido como vanguarda revolucionária, os intelectuais começaram a liderar as atividades de esquerda, de conscientização dos trabalhadores através da organização de

sociedades e patrocinando publicações. Liderados por John Strachey, cujo *The Struggle for Power Coming* (1932) demonstrou ser um dos livros mais influentes da década, os intelectuais de classe média em 1934, formaram uma secção de *Writer's International*, presidido por Daniel Day-Lewis e representados pelo jornal *Left Review*. A filial britânica da *International Artists* foi formada no mesmo ano. Grupos dramáticos de esquerda, como *Theater Unit*, *Left Theater*, e o *Theater Group*, surgem. O grupo *GPO Film Unit*, de John Grieson, se constitui como um movimento revolucionário no filme documentário.” (Rodden, 1990, p.257)⁹⁵

Nesta toada, outras organizações intelectuais são criadas, como forma de aglutinar esse conjunto de ideias e manifestações políticas. O ano de 1935, quando é fundado o LBC, foi, como já foi dito neste trabalho, o mesmo quando foi definida a tática frentista pelo VII Congresso da Internacional Comunista que visava a formação de uma aliança entre os partidos de esquerda e liberais pelo combate ao avanço do fascismo na Europa. Rapidamente, o LBC toma a forma de um organizador central das atividades dispersas dos diversos outros grupos que existiam, através, especialmente, de uma tática organizada de produção, distribuição e circulação de livros, panfletos políticos e uma revista em que se concentrasse o debate produzido pela esquerda britânica naquele momento. A experiência de Gollancz como editor e a estrutura logística pronta, possibilitada pela editora Victor Gollancz Ltda., que existia desde 1928, deu as ferramentas necessárias para que o LBC e seus editores tomassem a frente na organização do Popular Front britânico.

Muito do sucesso atingido pelo LBC em sua empreitada, contudo, foi favorecida pelas posições privadas de seus editores – e em especial do próprio Gollancz – e das conexões particulares estabelecidas por seus membros. Gollancz, por exemplo, detinha um grande círculo de contatos, não apenas por sua carreira como editor já reconhecido, mas também por sua militância humanitária em diversas causas: Gollancz assumiria protagonismo no cenário político britânico, por exemplo, quanto a questão dos órfãos da Guerra Civil espanhol, entre 1936-39, tanto quanto dos refugiados da guerra na Espanha, ou quanto ao apoio aos desabrigados alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Os contatos de seus editores com o Popular Front nos EUA também – o que favoreceu a criação de uma intrincada rede de contatos e circulação de ideias - é anterior a própria fundação do LBC. Como também já foi dito neste trabalho, Strachey participou do debate organizado pela sessão nova-iorquina do John Reed Club, ligado ao Communist Party of United States (CPUSA), que angariou fundos para a fundação da *Partisan Review*, em 1934; também, junto

⁹⁵ “(...) Inspired by Lenin's conception of the Party as revolutionary vanguard, intellectuals began to spearhead left-wing activities, raising workers' consciousness by organizing societies and sponsoring publications. Led by John Strachey, whose *The Coming Struggle for Power* (1932) proved one of the most influential books of the decade, middle-class intellectuals set upon 1934 a section of *Writers' International*, chaired by Day-Lewis and represented by the journal *Left Review*. A British branch of *Artists' International* was formed that same year. Politically minded leftist dramatic groups, like *Unity Theatre*, *Left Theatre*, and *Group Theatre*, sprang up. John Grieson's *GPO Film Unit* also launched a revolutionary movement in documentary film.” (Rodden, 1990, p.257)

com Laski, contribuiu com o *New Masses*, jornal oficial do CPUSA em Nova York, etc.

2.5 - O Left Book Club e a Segunda Guerra Mundial

O caráter pedagógico do clube teria um papel ainda mais determinante com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Desde a metade da década de 1930 o perigo do fascismo já era um tema recorrente nas publicações do Clube. Na verdade desde o início da Guerra Civil espanhola e os inúmeros trabalhos dedicados ao tema – a própria *Left News* dedicou duas edições especiais à guerra, além de inúmeros artigos tratando dos acontecimentos na Espanha. Contudo, com o início da guerra mundial, a ideia de educação das massas trabalhadoras se reforçou como um dos temas-chave do Clube. Isto estava claro em vários dos editoriais assinados por Gollancz para a *Left News* a partir de 1939, em que a guerra mundial se apresentava não mais como uma ameaça, mas como uma realidade latente. No número 41, de setembro de 1939, essa afirmação era clara no editorial assinado conjuntamente pelos três editores do LBC, Gollancz, Strachey e Laski:

Temos dado, naturalmente, a máxima atenção à posição do Book Club Esquerda na Guerra.

É necessário recordar que todo o propósito do Clube foi anunciado no cabeçario de seu primeiro prospecto e repetido sem alteração em cada número até ao momento presente: "O objetivo do Left Book Club é simples: é para ajudar na luta terrivelmente urgente pela Paz Mundial e uma melhor ordem social e econômica e contra o fascismo, dando (a todos os que estão determinados a desempenhar o seu papel nesta luta) o conhecimento que vai aumentar imensamente a sua eficiência ". Esta declaração está em vigor de um lado como objetivo e por outro lado como método. O objetivo é triplo – a preservação da paz, a luta contra o fascismo e da luta por uma melhor ordem social e econômica: o método já está claro, ou seja, é educacional. (GOLLANCZ, STRACHEY, LASKI, "The L.B.C. In a War time". *Left News*, n.41, setembro de 1939, p.1381)⁹⁶

Ao mesmo tempo em que se reconhecia a importância dos projetos educacionais para a classe trabalhadora, afirmava também que a luta contra o Fascismo se daria ao mesmo tempo em que se buscava condições econômicas e sociais mais apropriadas. É interessante notar, no entanto,

⁹⁶ "We have naturally given the most careful attention to the position of the Left Book Club in the War. It is necessary to recall the whole purpose of the Club was announced at the head of its first prospectus and repeated without alteration in every prospectus up to the present moment: "The aim of the Left Book Club is a simple one: it is to help in the terribly urgent struggle for the World Peace and a better social and economic order and against Fascism, by giving (to all who are determined to play their part in this struggle) such knowledge as will immensely increase their efficiency". This statement is in effect a statement on the one hand of aim and on the other hand of method. The aim is three-fold – the preservation of peace, the struggle against Fascism and the struggle for a better social and economic order: the method is giving of knowledge- namely, it is educational." (GOLLANCZ, STRACHEY, LASKI, "The L.B.C. In a War time". *Left News*, n.41, setembro de 1939, p.1381)

que nesse momento a palavra “revolução” pouco aparecia nos editoriais da *Left News* (mas não nos artigos assinados pelos diversos colaboradores que contribuíam com a revista). Em contraposição, a palavra “educação” parecia substituí-la no sentido de indicar um caminho para transformações políticas, econômicas e sociais profundas, talvez, com um sentido planejado de afastar as diretrizes centrais do LBC do jargão oficial do CPGB e do Cominterm – ao que parece, ainda fruto das cicatrizes deixadas pelas controvérsias criadas pelo Pacto de não agressão entre Hitler e Stálin, assinado em 1939. Esse caráter “independente” do LBC parecia ser necessário reafirmar também no mesmo editorial:

Também é preciso lembrar duas coisas que têm sido repetidamente enfatizado em comícios, discursos e publicações oferecidas pelo Clube. A primeira é que o clube não tem uma política, que não seja o objetivo tríplice geral invocado no prospecto. Isto foi explicitamente declarado, sob a forma de palavras, por Gollancz no primeiro grande comício em Albert Hall. O segundo ponto que tem sido constantemente enfatizado é que o Left Book Club é e deve permanecer completamente independente de qualquer partido político. (GOLLANCZ, STRACHEY, LASKI, “The L.B.C. In a War time”. *Left News*, n.41, setembro de 1939, p.1381)⁹⁷

Gollancz, por exemplo, sempre fez questão de afastar-se da militância oficial entre as fileiras do CPGB ou mesmo do Labour Party, diferentemente de Strachey que foi filiado aos trabalhistas antes e depois do Popular Front e Laski, que integrava a linha de frente do partido. Esse distanciamento entre as atividades do LBC e do próprio Gollancz é afirmado por ele próprio, por exemplo, em carta-reposta⁹⁸ de 18 de fevereiro de 1952 a carta de Morley Kennerley, enviada quatro dias antes, em 14 de fevereiro de 1952⁹⁹, que tratava da organização do livro “European Communism” e falava das palavras de Franz Borkenau (que havia publicado pelo LBC) sobre Gollancz em artigo sobre suas memórias dos anos do Popular Front britânico. Contrariando Borkenau, Gollancz afirma que nunca fora filiado ou ligado de alguma maneira ao CPGB, mas que manteve estreitas ligações com membros do CPGB pois atuava dentro das linhas do Popular Front, cuja ideia era justamente reunir um grupo amplo da esquerda na luta internacional contra o fascismo:

(...) “Romper com o partido” sugere que eu era um membro do partido. Em tempo algum eu fora membro do partido comunista, direta ou indiretamente, oficialmente ou não, secreta ou abertamente. O Partido Comunista estava

⁹⁷ “It is also necessary to recall two things that have been repeatedly emphasized in rallies, speeches and the literature put out by the Club. The first is that the Club has no policy, other than the general three-fold aim put forward in the prospectus. This was explicitly stated, in the form of words, by Gollancz at the first great Albert Hall Rally. The second point which has been constantly emphasized is that the Left Book Club is and must remain completely independent of any political party.” (GOLLANCZ, STRACHEY, LASKI, “The L.B.C. In a War time”. *Left News*, n.41, setembro de 1939, p.1381)

⁹⁸ MSS.157/3/LB/2/3.i. Victor Gollancz paper, Modern Records Center, University of Warwick.

⁹⁹ MSS.157/3/LB/2/1. Victor Gollancz paper, Modern Records Center, University of Warwick.

ativo, de 1936 a algum tempo em 1939, forçando políticas com que eu era (e ainda sou) retrospectivamente de grande acordo. Ele forçou, por exemplo, a idéia de uma associação da Grã-Bretanha, França e União Soviética para torná-lo claro para Hitler com antecedência de que eles estariam juntos caso ele atacasse. Isso me pareceu a forma mais esperançosa de prevenção da guerra, e eu ainda penso assim. O Partido Comunista era ativo no apoio aos republicanos espanhóis: na minha opinião, ele era totalmente certo em fazê-lo (quaisquer eram suas razões) e eu ainda penso assim. (Gollancz to Kennerley, 18 de fevereiro de 1952, Modern Records Center, University of Warwick)¹⁰⁰

O papel central de Gollancz a frente do LBC, com isso, pareceu forçar o Clube a, também, não vincular-se oficialmente a nenhum dos partidos da esquerda britânica. Sua centralidade em meio ao Popular Front britânico, no entanto, tornou-o um suporte das atividades da esquerda e de onde os partidos de esquerda angariavam novos membros e difundiam seu programa e estratégias. Sobre isso, Gollancz continua na mesma carta-reposta endereçada a Morley Kennerley:

O Left Book Club estava intimamente associado com o movimento da Frente Popular, e, como os comunista eram muito ativos na Frente Popular, eles estavam ativos no Left Book Club também. Mas é grotesco dizer que a qualquer momento eles tinham "controle" do mesmo, ou qualquer coisa como isto, ou que era um de seus instrumentos "propaganda". O controle dos três editores - Harold Laski, John Strachey e eu - era absoluto, e minha própria influência foi, sem dúvida, o mais forte das três. Eu não sou o tipo de pessoa, como você provavelmente pode adivinhar, que pode ser "controlada" por ninguém. É pouco provável que o Sr. [Clement] Attlee teria escrito uma das "escolhas" para o Left Book Club - "O Partido Trabalhista em Perspectiva" - que tinha sido controlada pelos comunistas. Em duas ocasiões, na verdade, o Partido Comunista fortemente me solicitou não publicar, pelo Left Book Club, dois livros que eles achavam ofensivo para eles: é claro que eu os publiquei. (Gollancz to Kennerley, 18 de fevereiro de 1952, MSS.157/3/LB/2/3.i e MSS.157/3/LB/2/3.ii)¹⁰¹

¹⁰⁰ (...) "Broke with the party" suggests that I was a member of the party. I was at no time member of the Communist party, directly or indirectly, officially or unofficially, secretly or openly. The Communist party was active, from 1936 to some time in 1939, in pushing policies with I was (and still retrospectively am) in strong agreement. It pushed, for instance, the idea of an association of Great Britain, France and the Soviet Union to make it clear to Hitler in advance that they would be together if he attacked. That seemed to me the most hopeful way of preventing war, and I still think so. Communist party as was active in supporting the Spanish Republicans: in my view, they were wholly right in doing so (whatever their reasons may have been) and I still think so. (Gollancz to Kennerley, 18 de fevereiro de 1952, Modern Records Center, University of Warwick)

¹⁰¹ "The Left Book Club was closely associated with the Popular Front movement, and, as the Communist were very active in the Popular Front, they were active in the Left Book Club also. But it is grotesque to say that at any time they had "control" of it, or anything like it, or that it was one of their "propaganda" instruments. The control of the three selectors - Harold Laski, John Strachey and myself - was absolute, and my own influence was no doubt the strongest of the three. I am not the sort of person, as you can probably guess, to be "controlled" by anyone. It is hardly likely that Mr. Attlee would have written one of the "choices" for the Left Book Club - "The Labour Party in Perspective" - if it had been controlled by the Communists. On two occasions, indeed, the Communist Party strongly requested to me not to publish, in the Left Book Club, two books which they thought offensive to them: of course I publish them." (Gollancz

A partir das argumentações dos editores do LBC é possível argumentar que a ideia de “unidade” por trás da noção de guarda-chuva intelectual é mais forte ainda do que aquela tratada pela historiografia, por exemplo, da revista nova-iorquina da *Partisan Review*, nos EUA. Por deter uma linha editorial e de publicação clara, os editores do Clube, apesar de defender em teoria ideia dos debates no seio da esquerda como parte do processo de empoderamento do próprio movimento comunista britânico, eram, na prática, reativos ao dirigismo do CPGB. E muitos intelectuais sentiriam ao longo de suas histórias pessoais como membros do partido, a mão pesada da ortodoxia sobre seus ombros. No campo da historiografia, por exemplo Maurice Dobb (que participou de inúmeros seminários organizados pelo LBC) e Christopher Hill são bons exemplos das dificuldades criadas pela ortodoxia do CPGB para a produção de uma nova perspectiva baseada no marxismo que não seguisse os cânones interpretativos oficiais. Mesmo entre aqueles que publicaram no clube e que tinham laços mais estreitos com o CPGB (e mantiveram esses laços depois das polêmicas em torno da estratégia frentista, de 1935 e da Guerra Civil espanhola, em 1936-7), como por exemplo os expoentes do movimento SRS.¹⁰²

Parece haver, no entanto, uma clara contradição na ideia de “unidade” por trás das linhas diretivas propostas por seus editores para o LBC. De um lado, ela é reforçada por essa direção forte dos editores e por objetivos dirigidos: a saber, a promoção do movimento comunista britânico. Ao analisarmos os catálogos dos livros publicados pelo clube, porém, vemos que essa “unidade” (ideológica) era extremamente rarefeita. Muitos dos títulos e seus autores, mais tarde, seria execrados pelo movimento comunista britânico por suas opiniões dissonantes das linhas oficiais stalinistas ou mesmo encontrariam dificuldades de publicação pelo próprio LBC, contrariamente ao que afirmara Gollancz em suas cartas privadas.¹⁰³

Vemos com isso, que a própria função de guarda-chuva desempenhada pelo LBC, ao contrário do que sugeriam as diretrizes editoriais traçadas por Gollancz, Strachey e Laski, aglutina uma diversidade de posições ideológica muito maior do que, de fato, os próprios editores do LBC

to Kennerley, 18 de fevereiro de 1952, MSS.157/3/LB/2/3.i e MSS.157/3/LB/2/3.ii)

¹⁰² Pelo Left Book Club, dois dos principais expoentes do movimento SRS que publicaram ali foram, J.B.S Haldane, que publicou dois de seus principais livros, *A.R.P.* (Setembro de 1938) e *How to be safe from air raids*. (Novembro de 1938, este tomando como referência as experiências das equipes médicas britânicas durante a Guerra Civil espanhola) e Joseph Needham, que o pseudônimo de “Henry Holorenschaw”, publicou *The Levellers and the English Revolution*. (Março de 1939). (Catálogo da Left Book Club Collection, Sheffield University)

¹⁰³ Entre estes autores estavam Frank Jellinek, que publica pelo Left Book Club, dois livros: *The Civil War in Spain*. (Junho de 1938) e *The Paris Commune of 1871*. (Fevereiro de 1937), Arthur Koestler, que publica ali também dois livros: *The scum of the earth*. (Maio de 1941) e *Spanish testament*. (Dezembro de 1937), André Malraux, que publica *Days of contempt*. (Agosto de 1936), George Orwell que publica um livro, *The Road to Wigan Pier* (Março de 1937), Stephen Spender, que publica, *Forward from Liberalism*. (Janeiro de 1937), etc. Esses são alguns nomes que seriam identificados mais tarde como “dissidentes” do movimento comunista britânico. (Catálogo da Left Book Club Collection, Sheffield University Disponível em: librarysupport.shef.ac.uk/leftbook.pdf)

estavam preparados para aceitar sob sua guarda. E fora a partir dessa diversidade, que as redes de comunicação costuradas pela aglutinação favorecida pelo clube, dariam vazão a formação de novas associações longe do núcleo duro, ligado, mesmo que informalmente ao CPGB e ao Labour Party, de seus editores. É possível dizer, contudo, que, inclusive seus editores seniors foram beneficiados por essas redes de contato estabelecidas fora do círculo em torno do Left Book Club. O próprio Gollancz, por exemplo, contribuiu com alguns artigos com a revista nova-iorquina *Politics*, fundada e dirigida por Dwight Macdonald no começo da década de 1940.

2.6 - As múltiplas faces da esquerda britânica entre as duas Guerras Mundiais

Talvez não haja melhor caminho para avaliar as políticas editoriais adotadas pelos organizadores do Left Book Club, do que considerar sua relação com um de seus autores cujo obra teve maior repercussão no século XX: George Orwell.

Victor Gollancz fora o primeiro editor de Orwell, publicando o livro *The Road to Wigan Pier*, em 1937 – o qual tratava das condições de vida e trabalho dos mineiros do norte da Inglaterra. Em 1938, Rodden estima que o LBC contava com um número de 57,000 associados, servindo como “guarda-chuva para muitos desses intelectuais e suas atividades culturais”. (Rodden, 1990)

Jeffrey Meyers (1975) analisou a recepção da obra de Orwell entre a publicação do livro *The Road to Wigan Pier*, em 1937 e a publicação do ensaio *The Lion and the Unicorn*, em 1941. E esse momento pode ser encarado como o grande início das controvérsias em torno das críticas de Orwell e a seu posicionamento político. No primeiro texto, que corresponde justamente a reportagem encomendada pelo LBC, dirigido por Victor Gollancz, com fins de proporcionar um retrato das condições de vida e trabalho dos mineiros das cidades de Yorkshire e Lancashire, no norte da Inglaterra, devastada pela crise da década de 1930, Orwell tece duras críticas a esquerda britânica. Para nosso autor, a situação de miséria, desnutrição, insalubridade e abandono, de várias famílias de mineiros nas regiões industriais da Inglaterra, contrastava de maneira muito clara com a situação das classes intelectuais nas grandes cidades, como Londres. Para Orwell, o distanciamento social e econômico entre a intelligentsia de esquerda britânica e as classes trabalhadoras, em meio a derrocada social provocada pela Grande Depressão, contrastava com o distanciamento entre o discurso dessa classe intelectual – principalmente do Partido Trabalhista Inglês – e a realidade cotidiana efetiva desses milhares de trabalhadores mergulhados na miséria e da degradação daqueles anos. Meyers considera contudo, que apesar da polêmica causada por esse posicionamento diante da *intelligentsia* de esquerda britânica, suas opiniões proporcionaram uma maior atenção dos críticos e o crescimento do interesse por sua obra. Como Meyers escreve: “[...] *Orwell published*

his idiosyncratic and unpopular attacks on Socialism and Stalinism, became a controversial but respected and sympathetic figure, and received longer and more perceptive reviews.” (MAYERS, 1975, p.11)

As críticas as opiniões de Orwell tecidas no *The Road to Wigan Pier*, causaram alguns dos principais problemas que Orwell teria com a publicação de seus trabalhos nos anos seguintes, inclusive com seu próprio editor, o diretor do LBC, Victor Gollancz. Gollancz aliás, foi o primeiro a criticar duramente a posição de Orwell no livro, e seus ataques a intelligentsia de esquerda na Inglaterra. Numa “nota introdutória”, que Gollancz insistiu que fosse incluída na edição lançada apenas para os membros assinantes do LBC¹⁰⁴, o editor tratou de “pacificar os sentimentos ultrajados” de seus membros, como assinala Meyers (1975, p.12). Nessa nota, publicada junto a primeira edição do livro, em 1937, é possível ler uma clara tentativa de Gollancz em se distanciar e ao clube, das opiniões de Orwell e sua visão sobre a esquerda de então. Sua análise, mesmo que brevemente, é muito interessante, pois denota em parte o ambiente intelectual em que Orwell esteve inserido, e no caso específico, em meio aos grupos intelectuais da esquerda britânica, da qual o LBC representava um centro aglutinador.

Gollancz inicia a nota, esclarecendo aos leitores do clube, sua própria posição enquanto editor. Ao mesmo tempo, Gollancz trata de definir as linhas editoriais do clube, e seus critérios para a escolha dos títulos. Pode-se ler então, nas palavras de Gollancz que,

(...) O Left Book Club não tem "política": ou melhor, não tem nenhuma outra do que a de equipar as pessoas para lutar contra a guerra e a política do fascismo. Como já disse em outro lugar, não seria mesmo verdade dizer que a Frente Popular é a "política" do Left Book Club, embora todos os três editores são entusiasticamente a favor dela. O que prefiro sentir é que, dando uma ampla distribuição de livros que representam muitos tons de opinião Esquerda (e talvez, acima de tudo, pelo fornecimento de instalações para a discussão desses livros nos 300 centros locais e círculos que surgiram em todo o país) estamos criando a base de massa, sem a qual uma verdadeira Frente Popular é impossível. Em outras palavras, a Frente Popular não é a "política" do Left Book Club, mas a própria existência do Left Book Club se deve a Frente do Povo. (Gollancz, 1937. Apud Meyers, 1975, p.92)¹⁰⁵

¹⁰⁴ O livro *The Road to Wigan Pier* foi lançado pela primeira vez em 1937, pela editora dirigida por Gollancz – simultaneamente em edição pública e em edição especial para os membros do *Left Book Club*, em tiragem de 43.000 cópias. (Mayers, 1975, p.12)

¹⁰⁵ (...) The Left Book Club has no 'policy': or rather it has no policy other than that of equipping people to fight against war and Fascism. As I have said elsewhere, it would not even be true to say that the People's Front is the 'policy' of the Left Book Club, though all three selectors are enthusiastically in favour of it. What we rather feel is that by giving a wide distribution to books which represent many shades of Left opinion (and perhaps, most of all, by providing facilities for the discussion of those books in the 300 local centre and circles that have sprung up all over the country) we are creating the mass basis without which a genuine People's Front is impossible. In order words, the People's Front is not the 'policy' of the Left Book Club, but the very existence of the Left Book Club tends towards a People's Front. (Gollancz,

Nesta passagem, podemos ver, uma vez mais as linhas editoriais do clube bem definidas, o que nos dá outras pistas sobre seu funcionamento e alcance. Em resumo, segundo as palavras de seu editor e co-fundador, o LBC, tinha como intenção, e não “política” (editorial), difundir as ideias socialistas entre os grupos e círculos intelectuais britânicos que se formavam em bom número, ao longo dos anos de 1930. A intenção, nas palavras de Gollancz, era criar “as bases de massa”, sem a qual uma “genuína Frente popular” seria impossível de se estabelecer. Aqui, podemos desdobrar a argumentação de Gollancz em dois sentidos, buscando as aspirações para a formatação das próprias linhas editoriais do clube: primeiro, essa ideia da criação de uma “base de massas” - ou seja, de um *público*, pronto para receber e deglutir as ideias socialistas que, como vimos, chegaram de maneira mais contundente na Inglaterra, na década de 1930, em grande parte, favorecidas pela Grande Depressão e a falência do discurso liberal. Vê-se aí, uma vez mais, uma intenção quase pedagógica, em educar esse “novo público”, para a compreensão das ideias socialistas, com o intenção de criar “bases populares” com fins de promover a ascensão do socialismo na Inglaterra¹⁰⁶. Neste sentido, a intenção de seus editores era financiar, tal qual se dera com Orwell, livros que proporcionassem “várias faces das opiniões da esquerda”, que “contribuíssem de maneira geral no combate a guerra e ao Fascismo”. Segundo, há claramente uma influência da Guerra Civil espanhola nas ideias de Gollancz, ao menos, das organizações populares que empreendiam a defesa da República e a luta contra Franco.

A ideia das “Frentes populares” como forma de organização social e política, estabeleceu ao longo dos anos da guerra na Espanha, uma série de debates nos círculos da esquerda pela Europa. Tanto anarquistas quanto certa parte da esquerda, discordava dessa forma de organização para o combate ao fascismo e a Franco, devido, especialmente, a centralização do comando das Frentes populares espanholas, nas mãos comunistas das Brigadas Internacionais, e, conseqüentemente, da URSS. Sua formação, para outra parte, se estabeleceu como uma organização genuinamente popular, em prol da liberdade e da revolução social na Espanha. E a Guerra na Espanha também foi motivo de grande atenção por parte do LBC, com a publicação de importantes trabalhos que relatavam os acontecimentos quase que em primeira mão, como o livro de Arthur Koestler, “*Spanish Testament*”, lançado pelo Club em dezembro de 1937, o livro de Isabel Oyazarbal, “*Smouldering freedom: the story of the Spanish republicans in exile*”, publicado em 1946, e o livro de Thomas Jefferson Hamilton, “*Appeasement's child: the Franco Regime in Spain*”, publicado em 1943. No entanto, um dos livros que mais chamaria a atenção sobre a Guerra Civil espanhola entre aquela geração foi recusado para publicação por Gollancz: justamente o *Homage to Catalonia*, de

1937. Apud Meyers, 1975, p.92)

¹⁰⁶ Fator que, como vimos também, não passou de intenção inicial, devido a restrição dos debates em torno da difusão das ideias socialistas restringir-se aos círculos intelectuais da década de 1930, não alcançando a mesma popularidade fora destes círculos e grupos de intelectuais.

Orwell, que seria publicado em 25 de abril de 1938, pela Editora Secker and Warburg, em Londres. A razão da recusa foi simples: a crítica de Orwell contra a atuação soviética na Espanha embutida em sua análise do problema espanhol.

Veja-se que, ao estabelecer como intenção primordial do clube a divulgação de “várias faces da esquerda”, Gollancz mantém, ao mesmo tempo, a legitimidade editorial do clube – seu caráter não ortodoxo ou restrito a uma linha partidária claramente definida – e a própria capacidade do livro de Orwell, em proporcionar uma dessas “faces” da esquerda. E a primeira referência ao livro *The Road to Wigan Pier*, segue essa linha, reconhecendo a relevância de sua visão:

Mas nós sentimos que um prefácio para o *The Road to Wigan Pier* é desejável, não só tendo em vista o equívoco a que me referi, mas também porque acreditamos que o valor do livro, para alguns membros, pode ser muito maior se apenas algumas pistas forem dadas sobre certas considerações vitais que surgem a partir de uma leitura do mesmo. Seu valor pode ser aumentado: quanto ao valor positivo em si, ninguém de nós tem a menor dúvida. Para mim, faz um longo tempo desde que eu li um livro tão vívido assim, ou um tão ardente de indignação geração contra a pobreza e a opressão. (Gollancz, 1937. Apud Meyers, 1975, p.92)¹⁰⁷

Depois desse “reconhecimento” do trabalho de Orwell, ao menos, em se “indignar com a pobreza e a opressão”, Gollancz inicia uma dissecação do livro, parte por parte, no que ele entende serem pontos importantes na argumentação de Orwell e da qual ele próprio, e, como consequência o próprio clube, discordavam. A primeira parte do livro, que trata descritivamente, numa prosa jornalística, das observações de Orwell das condições de vida e trabalho dos mineiros nas cidades de Lancashire e Yorkshire, e descrita por Gollancz como um retrato vívido das reais condições da classe trabalhadora na Inglaterra dos anos de 1930:

(...) Na Parte I o Sr. Orwell dá um relato em primeira mão da vida da classe trabalhadora de Wigan e em outros lugares. É um retrato terrível de más condições de habitação, falta de pagamento, de desesperança e desemprego e as vilanias das condições materiais: é também uma homenagem à coragem e paciência - paciência muito grande. Não podemos imaginar nada mais propensos a despertar os “não convertidos” de sua apatia do que uma leitura desta parte do livro; e estamos anunciando no número atual da *Left News* um esquema por meio do qual esperamos que os membros possam fazer uso do livro para este fim. Estes capítulos são realmente o tipo de coisa que faz

¹⁰⁷ “But we feel that a Foreword to *The Road to Wigan Pier* is desirable, not merely in view of the misconception to which I have referred, but also because we believe that the value of the book, for some members, can be greatly increased if just a hint is given of certain vital considerations that arise from a reading of it. The value can be *increased*: as to the positive value itself, no one of us has the smallest doubt. For myself, it is a long time since I have read so living a book, or one so full of a burning indignation against poverty and oppression.” (Gollancz, 1937. Apud Meyers, 1975, p.92)

conversões. (Gollancz, 1937. apud Meyers, 1975, p. 92)¹⁰⁸

A capacidade descritiva e informativa de Orwell, como está colocado nas palavras e no reconhecimento de Gollancz, é inquestionável. A força de sua indignação com aquilo que presenciara constituiu um retrato de tal forma vívido, que, como pode-se ler no final da citação, Gollancz entendia como passível de “fazer conversões” a causa socialista. É, porém, a partir da segunda parte do livro, que, segundo o editor do clube e patrocinador do livro, os “problemas” começam. Para Gollancz, toda a segunda parte, baseada num “estudo autobiográfico”, no qual Orwell, ao mesmo tempo que admite sua conversão ao socialismo, critica duramente a intelligentsia de esquerda na Inglaterra, reflete, única e exclusivamente, sua própria trajetória pessoal. Gollancz escreve sobre isso:

[...] O Sr. Orwell é ainda uma vítima daquela atmosfera primitiva, de sua casa e esdola pública, que ele mesmo tão eloquentemente expõe. Sua consciência, seu senso de decência, sua compreensão das realidades diz-lhe para declarar-se socialista, mas lutando contra essa compulsão [classista] há nela o tempo todo uma compulsão muito menos consciente quase – embora, infelizmente, não muito – tão forte: a compulsão em conformidade com os hábitos mentais de sua classe. É por isso que Sr. Orwell, olhando para um socialista, sente o cheiro de [...] uma certa escuridão nele; e ele encontra, como exemplos desse mau humor, um ódio da guerra (pacifismo), o desejo de ver mulheres não oprimidas pelos homens (feminismo), e uma recusa de reter o conhecimento que irá adicionar um pouco de felicidade a certas vidas humanas (controle de natalidade). (Gollancz, 1937. Apud Meyers, 1975, p.95)¹⁰⁹

A argumentação de Gollancz segue então por toda a nota introdutória ao livro, a linha argumentativa de um membro do partido comunista nos anos de 1930; para ele as opiniões de Orwell, além de refletirem seu “dogmatismo” e seu “ódio a Rússia” (Gollancz Apud Mayer, 1975, p.97), refletiam apenas a posição de um membro da classe-média em relação ao socialismo.

É preciso esclarecer aqui, que nossa intenção não é opor as visões sobre o socialismo de

¹⁰⁸ “(...) In Part I Mr. Orwell gives a first-hand account of the life of the working class population of Wigan and elsewhere. It is a terrible record of evil conditions, foul housing, wretched pay, hopeless unemployment and the villainies of the Means Test: it is also a tribute to courage and patience – patience far too great. We cannot imagine anything more likely to rouse the 'unconverted' from their apathy than a reading of this part of the book; and we are announcing in the current number of *The Left News* a scheme by means of which we hope members may make use of the book for this end. These chapters really are the kind of thing that makes converts.” (Gollancz, 1937. apud Meyers, 1975:92)

¹⁰⁹ “[...] Mr. Orwell is still a victim of that early atmosphere, in his home and public school, which he himself has so eloquently exposed. His conscience, his sense of decency, his understanding of realities tell him to declare himself a Socialist: but fighting against this compulsion there is in him all the time a compulsion far less conscious but almost – though unfortunately not quite – as strong: the compulsion to conform to the mental habits of his class. That is why Mr. Orwell, looking at a Socialist, smells out [...] a certain darkness in him; and he finds, as examples of this crankiness, a hatred of war (pacifism), a desire to see woman no longer oppressed by men (feminism), and a refusal to withhold the knowledge which will add a little happiness to certain human lives (birth control).” (Gollancz, 1937. Apud Meyers, 1975, p.95)

Gollancz, em relação as visões de Orwell sobre o mesmo tema. Da mesma forma, não pretendemos estabelecer um debate entre “duas linhas” teóricas em relação ao socialismo nos anos de 1930, tentando aí, encontrar o “lugar” de Orwell, nestas discussões. O que pretendemos aqui, ao expor as visões de seu primeiro editor – e no caso, um intelectual com visões políticas diferentes da de nosso autor – em relação a seu trabalho e, conseqüentemente, ao pensamento exposto ali, são os debates em que Orwell esteve inserido, inclusive dentro dos círculos intelectuais do qual fizera parte. É preciso lembrar também, os efeitos dessa simples “discordância de opiniões” de seu editor. Gollancz deteve os direitos de publicação da obra de Orwell até 1946, recusando, depois da publicação do *The Road to Wigan Pier*, vários outros trabalhos de Orwell, entre eles, seu livro sobre a Espanha, o *Homage to Catalonia*, que seria lançado logo depois do *The Road to Wigan Pier*, em 1938, e o *Animal Farm*, sete anos depois, em 1945 – ambos por seu teor anti-stalinista. Orwell só conseguiria se “libertar” do contrato com Gollancz, após acertar contrato com Frederic Warburg, que passou a ser seu editor definitivo na Inglaterra, a partir de 1946 (tendo, no entanto, antes publicado o livro de Orwell sobre a Guerra Civil espanhola, ainda em 1938).

2.7 - A esquerda anti-stalinista britânica durante a Segunda Guerra Mundial

É importante que se diga, no entanto, que Orwell não estava isolado dentro do Clube por suas posições anti-stalinistas. Ao contrário, como vimos, é errôneo imaginar que houvesse qualquer “coesão ideológica” que engessasse os trabalhos do Clube em torno de sua função enquanto guarda-chuva intelectual de um grupo tão multifacetado. E, como vimos, o próprio Gollancz não parecia ter qualquer pretensão dogmática em homogeneizar o discurso crítico provindo de dentro do Clube.

Com isso é fundamental pensar o Left Book Club também como um rico fórum de debates entre a parcela da esquerda intelectual de Londres congregada em torno de seus trabalhos nos anos de sua atuação. As várias tensões criadas em torno das discordâncias político-ideológicas que surgiram desses debates tinham como suporte o próprio Clube, que publicou inúmeras vezes livros e/ou artigos através da *Left News*, em que autores que publicavam pelo Clube discordavam de outros autores do próprio Clube, em relação à suas análises sobre a conjuntura daquele momento. E o período que antecedeu a entrada da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial foi de especial importância, pois dividiu os autores em torno do Clube entre aqueles que suportavam o Stalinismo e um grupo já declaradamente anti-stalinista desde a Guerra Civil Espanhola, alguns anos antes – como no caso de Orwell, Koestler, Jellinek, etc. Com o correr da década de 1930 e o avanço sistemático do fascismo, manter ou não uma ligação com a URSS, frente a falência do liberalismo que se mostrava incapaz de resistir a sedução do fascismo, se tornou questão-chave nos debates da

esquerda londrina do final da década de 1930.

No entanto, com a face autoritária do stalinismo sendo revelada (mesmo que, anos antes, as denúncias daqueles que estiveram na Espanha tivessem sido duramente criticadas), o suporte dos intelectuais britânicos à URSS no final da década de 1930 já não podia ser simplesmente tomada como uma luta entre ideologias opostas. Como ignorar então a assinatura do Pacto de não-agressão germano-soviético, em 1939, seguido da invasão da Polônia e da declaração da Guerra Mundial? Em resposta a estas indagações, ainda em 1939, a escolha do mês do LBC, o livro de Leonard Woolf, “Barbarians at the Gate”, teceu duras críticas à política soviética. Strachey respondeu duramente ao livro de Woolf em artigo para a revista *Left News*, em sua edição de novembro de 1939¹¹⁰, o qual, por sua vez, foi duramente criticado por Laski em artigo seguinte da *Left News*, no número de dezembro de 1939.

E a publicação do livro de Woolf ilustra muitíssimo bem as relações do Clube com a política mainstream da esquerda britânica no final da década de 1930, quando a Inglaterra caminhava pelo caminho irremediável da entrada na guerra mundial. A primeira proposta que sugeria a ideia para o livro viria em carta de Gollancz para Leonard Woolf de 19 de outubro de 1938¹¹¹. Gollancz escreve sobre os principais objetivos do LBC, indicando que a mudança da política internacional depois do pacto de não-agressão entre Hitler e Stalin provocou uma mudança na sua própria concepção sobre os caminhos para o socialismo:

Durante os dois anos e meio de sua existência, o Left Book Club tendia em suas publicações a concentrar-se (mais ou menos) em dois temas - a) o perigo do fascismo; b) a necessidade do socialismo. Enquanto eu acho que deve continuar a dar grande ênfase ao primeiro e alguma ênfase para o segundo, creio que, no que eu considero como a nova situação criada por Munich, deve, no futuro, dar, pelo menos, tão grande, e talvez maior, ênfase a um terceiro tema. (Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)¹¹²

E continua,

¹¹⁰ STRACHEY, J. “Barbarian at the Gate – a critique”. *Left News*. Novembro de 1937, pp.1398-1342.

¹¹¹ Todas as referências as cartas trocadas entre Gollancz e Woolf relativos à publicação do livro “Barbarians at the Gate” (1939) pertencem à pasta SxMs-13/1/L/3/1 da coleção sob guarda da University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records. Os arquivos da pasta, no entanto, não apresentam referências individuais em cada folha ou grupo de folhas, por exemplo, em cartas com mais de uma página. Por isso faço essa referência geral à pasta em que os documentos podem ser encontrados.

¹¹² “During the two and a half years of its existence, the Left Book Club tended in its publications to concentrate (more or less) on two themes – a) the danger of fascism; b) the necessity of socialism. While I think it must continue to give great emphasis to the first and some emphasis to the second, I believe that, in what I regard as the new situation created by Munich, it must in future give at least as great, and perhaps greater, emphasis to a third theme.” (Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)

Eu vejo futuro cada vez mais dominado pela propaganda mentirosa, histeria em massa, violência, falta de escrúpulos e ódio. E eu acredito que a coisa mais importante de tudo é preservar, tanto quanto eles podem ser preservados, a tolerância, o espírito aberto, liberdade de pensamento e discussão, e assim por diante. (...) Eu tenho, portanto, me preparado - embora com extrema relutância - para defender a supressão dessas coisas na União Soviética, com o fundamento de que a sociedade socialista não pode ser trazida à existência, exceto por meio de ditadura, e que, neste caso, portanto, , "o fim justifica os meios" (Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)¹¹³

Claramente, a grande decepção causada depois da assinatura do Pacto de não-agressão entre Hitler e Stalin em 1939, forçou grande parte da esquerda que militava dentro do Popular Front mundo afora a retomar suas relações com as ideias liberais, especialmente com a defesa de uma ideia de democracia – no sentido muito mais estrito de defesa de alguns conceitos liberais como o de liberdade de expressão, por exemplo, mais do que no sentido daquele modelo de regime político baseado na ideia grega de “governo do povo” – que parecia contrariar o alinhamento ideológico, e com isso também político, do stalinismo com o fascismo. Sobre isso Gollancz ainda escreve na mesma carta dirigida a Woolf:

Sinto-me em dúvida agora se esse ponto de vista foi sempre o correto: mas se era ou não, minhas próprias idéias sobre o assunto foram alterados pela nova situação em que nos encontramos. Eu acredito que aqui e agora, sem qualquer compromisso, essas "idéias liberais" têm de ser imediatamente defendidas e preservadas. Se isso não puder ser feito, vejo a extinção de tudo de decente na humanidade. (Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)¹¹⁴

A ideia sugerida por Gollancz então era um livro mais ou menos chamado, “Em defesa da sociedade ocidental”, como um contraponto do livro de Aurel Kolnai “The war against the West”, publicado pelo LBC em Julho de 1938. E sugere ainda que o livro deveria abordar o socialismo de um ponto de vista liberal e que Woolf seria ideal para escreve-lo.

¹¹³ “I see future more and more dominated by lying propaganda, mass hysteria, violence, unscrupulousness and hatred. And I believe the most important thing of all is to preserve, so far as they can be preserved, tolerance, the open mind, freedom of thought and discussion, and so on. (...) I have therefore been prepared – though with extreme reluctance – to defend the suppression of these things in the Soviet Union, on the ground that socialist society cannot be brought into being except by means of dictatorship, and that in this case, therefore, “the end justifies the means” (Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)

¹¹⁴ “I feel doubtful now whether that point of view was ever right: but whether it was or not, my own ideas on the subject have been altered by the new situation in which we find ourselves. I believe that here and now, without any compromise, these “liberal ideas” have got to be immediately defended and preserved. If this cannot be done, I see the extinction of everything decent in humanity.”(Gollancz para Woolf, 19 de outubro de 1938, University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records.)

Woolf responde a Gollancz em duas cartas. Na primeira, de 23 de outubro de 1938, afirma estar atarefado com o término da segunda parte de um livro em produção, “After the Deluge”, e que gostaria de terminá-lo antes do verão, e que, depois disso, poderia pensar em se comprometer com outro livro. Na segunda carta de Woolf a Gollancz, datada de 27 de outubro de 1938, vem o aceite, por fim, ao pedido de Gollancz, afirmando que poderia traçar algo em torno da linha reflexiva imaginada pelo editor, em torno de 50 mil palavras, no mínimo. Woolf avisa, contudo, que muitas de suas opiniões poderiam desagradar os leitores do LBC por possíveis críticas aos comunistas e pede que tenha total liberdade de expressão para escrever esse livro. E Gollancz responde positivamente a Woolf em carta de 1 de novembro de 1938, garantindo a total liberdade para que Woolf escrevesse. Por fim, Woolf envia uma cópia do manuscrito à Gollancz, em carta de 9 de maio de 1939. O título escolhido para o livro foi: “The Barbarians at the Gate”.

Em carta de Gollancz a Woolf de 22 de junho de 1939, Gollancz comenta a recepção “interna” do livro de Woolf pelos outros dois editores do LBC, Strachey e Laski. O primeiro repudiou completamente a possibilidade do livro ser transformado em “escolha do mês” do LBC, já que apresentaria pontos extremamente inconclusivos e difíceis de serem defendidos de ataques “reacionários”. Já Laski considerava que ele podia se transformar na “escolha do mês” desde que sob grandes alterações – muitas delas já sugeridas pelo próprio Gollancz no início da carta, como a troca de algumas palavras para que não tivessem seu significado “confundido” e tomado como “reacionário”. A proposta de Gollancz foi então a seguinte, tentando conciliar todos os pontos de vista como editor: Strachey revisaria o livro em artigo para a *Left News* e essa resenha seria enviada a Woolf. No meio tempo, Gollancz e Laski comporiam suas próprias resenhas. Depois disso, haveria uma reunião onde todos os editores discutiriam cada um sua leitura do livro de Woolf e dali deveria sair a proposta de algumas alterações – ou “acréscimos”, como sugere Gollancz – para Woolf.

Woolf responde a carta com as preposições de Gollancz em 23 de Junho de 1939, irritadíssimo. Não pelas “sugestões” que apareceriam da leitura de Gollancz, Strachey e Laski sobre seu texto, ao qual concordaria no final em adequar ao público do LBC; o autor queria, segundo suas palavras, parecer “hostil à URSS”, mas, “crítico a ela”, em um ponto indicado por Gollancz na carta anterior. No entanto, Woolf afirma na carta a Gollancz que a publicação do livro pelo LBC já havia atrasado em demasia e que isso faria com que sua publicação nos EUA também atrasasse – a qual, nesse caso, Woolf teria que negociar um adiamento com a editora Harcourt and Brace, responsável pela edição nos EUA. A discussão entre Woolf e Gollancz se estendeu longamente por mais uma dúzia de cartas nas quais ambos discutiam os atrasados na publicação do livro pelo LBC, muito mais do que as posições políticas assumidas por Woolf no livro – essas ficariam para trás, nas primeiras

cartas trocadas entre ambos. Por fim, após muitos rearranjos entre o debate via carta e reuniões com os editores do LBC, Woolf recebe a confirmação em carta enviada por Gollancz de 29 de setembro de 1939, de que seu livro seria, por fim, a “escolha do mês” de novembro de 1939 do LBC.

Assim é possível ver a amplitude dos debates criados dentro do próprio LBC entre seus membros, tanto com os livros escolhidos para a publicação do Clube quanto pelos artigos publicados na revista *Left News*, formando um suporte amplo para os debates da esquerda intelectual britânica das décadas de 1930 e 1940, sob o guarda-chuva formado pelo LBC.

Tanto quanto na relação de Gollancz com Orwell, que vimos anteriormente, o ponto interessante da discussão relacionada à publicação do livro de Leonard Woolf é poder acompanhar a relação de Gollancz – e de Strachey e Laski como membros do corpo editorial do LBC – em relação a seus autores. As escolhas, inclusive das datas em que os livros seriam publicados, ou a ordem em que eles seriam publicados, ficava a inteira disposição dos editores do LBC, mesmo que, com isso, houvesse grandes controvérsias com seus autores, como foi nesse caso com Woolf. O exemplo dado pelas cartas trocadas entre Gollancz e Woolf, poderia então ser um bom caminho para compreender as relações editoriais do LBC e seu círculo de autores.

O movimento de transformação das ideias rumo a um radicalismo revolucionário – contestador das bases culturais, políticas e econômicas tradicionais da Inglaterra – e que deu origem ao LBC e outras experiências culturais na Inglaterra, contudo, não se tornou popular. Ou seja, não atingiu a sociedade, no âmbito dos debates públicos, sobre formas de solucionar a crise que abalava a sociedade britânica na década de 1930. Como a historiografia que trata desses grupos reconhece, esse movimento de ideias restringiu-se quase que totalmente aos círculos intelectuais, permeando porém, seus estratos “periféricos” – ou seja, grupos que se formaram longe dos grandes centros universitários e das grandes cidades.

Mesmo assim, como vimos, seria erro negligenciar o alcance que estas experiências tiveram, especialmente em um momento de crise econômica e social de uma sociedade regida por uma economia de guerra. O número de 57.000 associados atingidos em 1938, dava ao LBC não apenas a condição do grupo mais popular e de maior alcance entre os projetos culturais da esquerda britânica; mas dá a clara noção também de como as pessoas estavam ávidas por uma saída para as agruras de seu tempo.

E a comprovação da receptividade do LBC e dos alcances de sua atuação pode ser confirmada na mudança da opinião pública britânica que, por fim, levaria à vitória do Labour Party nas eleições gerais de 1945.¹¹⁵ E o encerramento das atividades do Clube, em 1947, foi por vezes

¹¹⁵ O papel do LBC na campanha do Labour Party para as eleições gerais que levariam a vitória do partido em 1945, é afirmado, entre outras fontes, na carta-resposta da secretaria de Victor Gollancz a Richard Rose (MSS.157/3/LB/2/18) de 2 de janeiro de 1958 para sua tese de doutorado in Oxford sobre a influência socialista na política externa do Labour Party. Ambos os documentos pertencentes ao Modern

atribuído à vitória do Labour Party três anos antes, e ao esgotamento do projeto proposto com a fundação do LBC com a chegada dos trabalhistas ao poder. Ou mesmo antes disso, se considerado que alguns dos livros que mais tiveram impacto na opinião pública britânica na segunda metade da década de 1940, foram lançados pelo LBC no contexto do Popular Front britânico, pouco antes da entrada do Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial, entre eles, “Fallen Bastions” (1939) de G.E.R. Geyde, sobre os estupros na Checoslováquia durante a II GM; “Walls have Mouths” (1937), de Wilfred Macartney, que expunha a condição nas prisões britânicas e teve papel decisivo na reforma penitenciária do país, quando foi permitido o fumo por detentos; e “The Labour Party in Perspective” (1937), de Clement R. Attlee, que viria a se tornar primeiro-ministro britânico logo após o fim da Segunda Guerra Mundial,¹¹⁶

O próprio Labour Party entendeu que a atuação dos LBC como difusor e organizador da esquerda não comunista britânica foi fundamental para sua subida ao poder logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Tanto que, por diversas vezes, tentou estreitar oficialmente seus laços com o LBC, como em cartas endereçadas a Victor Gollancz, sugerindo a criação de um vínculo que permitisse a publicação de obras selecionadas por um comitê do partido sob o selo do Clube. Na segunda metade de 1946, por exemplo, há duas cartas entre os documentos relativos aos papéis privados de Victor Gollancz, sob os cuidados da Modern Records Center, da University of Warwick, de dirigentes do Labour Party, solicitando um estreitamento de relações com o LBC. Há ainda um documento intitulado “Note on the Left Book Club”¹¹⁷ que parece ter sido produzido pelo Labour Party (sem assinatura), descrevendo a posição estratégica do LBC no sentido da difusão de material de propaganda e livros escolhidos pelo partido. A nota aponta ainda que Gollancz não abriria mão do controle sobre as escolhas dos livros a serem publicados; nomeia os membros do conselho editorial; e, caso a parceria fosse fechada, que os livros indicados pelo partido poderiam ser acompanhados de uma tarja “labour party choice” ou algo similar. Já a ligação entre o partido e o LBC se daria através de Harold Laski e o Comitê político do partido para as escolhas, caso fosse concretizada a parceria.

Na revista *Controversy*, em sua edição de janeiro de 1939, há um pequeno mas interessante artigo de duas páginas assinado por J.F. Horrabin sobre a mudança de posição de Gollancz em um editorial para a *Left News*, intitulado “Thoughts after Munich”, para a edição de novembro de 1938 da revista oficial do LCB, assumindo o caráter de órgão “agitador” do Clube, muito mais do que um

Records Center, University of Warwick.

¹¹⁶ Todas as informações estão na resposta da secretária de Gollancz (MSS.157/3/LB/2/6.i), de 21 de novembro de 1956, à carta de Roy Hill (MSS.157/3/LB/2/5) de 20 de novembro de 1956, em que Hill solicitava detalhes sobre a organização do LBC para um livro sobre o período, já citado anteriormente neste trabalho.

¹¹⁷ MSS.157/3/LB/1/68. Victor Gollancz papers, Modern Records Center, University of Warwick.

corpo “pedagógico”. Horrabin afirma também que (em 1939) o LBC representava a maior influência para a jovem militância de esquerda desde o fechamento temporário do Independent Labour Party em 1939, após sua desfiliação do Labour Party e, dois anos antes, em 1937, da Socialist League, grupo ligado ao Labour Party (entre eles, Harold Laski) que organizava um movimento de 3000 intelectuais que tentavam “puxar” os trabalhista para a esquerda. O mais interessante, no entanto, era o tipo de crítica “à esquerda” feita por Horrabin ao LBC. Justamente por sua importância como um órgão singular em meio ao movimento criado pelo Popular Front britânico, Horrabin acredita que a ascensão massiva da número de assinantes que o LBC atingiu em 1938 (ou seja, no auge do Popular Front e um ano antes da publicação de seu artigo na *Controversy*) de cerca de 57 mil associados, somado a juventude do próprio LBC (fundado em finais de 1935), “atropelou” um amadurecimento necessário da militância de esquerda dentro da Inglaterra, inclusive para a “autocrítica” do próprio Popular Front britânico.¹¹⁸ “Autocrítica” que, talvez, como vimos acima, seria assumida pelos editores do LBC poucos meses mais tarde à publicação do artigo de Horrabin, com a publicação do livro de Leonard Woolf e sua assunção das duras críticas ao stalinismo às portas da entrada da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial.

É inegável, contudo, o alcance que o projeto proposto pelo Left Book Club assumiu em seus anos de atuação, entre sua fundação, em finais de 1935 e seu fechamento, em 1947. Fosse através de reportagens sobre a condição da classe operária nas zonas de mineração de carvão do norte da Inglaterra, tal qual o livro de Orwell; fosse através de esboços de tentativas de ampliação da teoria marxista para outros campos do conhecimento humano, tal como os livros de John Haldane, um dos proeminentes líderes da chamada “ciências vermelhas” britânicas; fossem com análises marxistas da questão nacional indiana, como nos livros de Rajane Palm Dutt, secretário-geral do CPGB, etc., O LBC oferecia uma gama variada de possibilidades de interpretação da conjuntura nacional e internacional para seu público de um ponto de vista marxista, é verdade, sob a ótica interpretativa do discurso oficial do Partido Comunista Britânico, do qual era braço cultural. No entanto, mesmo os conflitos que essa rigidez impunha a seus membros e os debates que ela causou – como no caso da relação de Victor Gollancz com George Orwell – produziram efeitos frutíferos para a esquerda britânica, como mais tarde a historiografia emergida junto com a *New Left* iria assumir (é fundamental nesse sentido a reverência que nomes como E.P. Thompson e Raymond Williams prestam a Orwell) tornam a história do LBC fundamental para os qualquer estudo sobre a esquerda britânica.

¹¹⁸ HORRABIN, J.F. *Controversy (The Monthly Socialist Forum)*. n.28, January 1939, pp.9-10. MSS.157/1/62/6. Victor Gollancz papers.Modern Records Center, University of Warwick.

Capítulo 3 - As cartas de Londres: redes intelectuais dos dois lados do Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial

History as he [Wells] see it is a series of victories won by scientific man over the romantic man. Now, he is probably right in assuming that a “reasonable”, planned form of society, with scientists rather than witch-doctors in control, will prevail sooner or later, but that is a different matter from assuming that is just round the corner.

George Orwell, “Wells, Hitler and the World State”, *Horizon*, Agosto, 1941.

3.1 - Os caminhos de uma nova literatura engajada

O calor das ideias convulsionadas pelo ambiente do Popular Front nos EUA da década de 1930, há muito se extinguiu. Fora naquele ambiente que, dialeticamente – entre a aceitação daquela efervescência criativa como “síntese de radicalismo” e a recusa de seus caminhos literários – ficou claro que o monstro que daria origem a *Partisan Review* havia sido alimentado. Com o correr da década, no entanto, e as várias quebras de continuidade no processo de (re)formação dos caminhos político-ideológicos dos intelectuais da esquerda de Nova York, outros problemas foram sendo (im)postos como obstáculos a serem superados no processo de reorientação identitária da *Partisan Review*.

Tem-se, com isso, o ano de 1939 – que marcou simultaneamente o fim do Popular Front, com a assinatura do Pacto Nazi-soviético e o início da Segunda Guerra Mundial. Tanto quanto os dilemas trazidos pela conjuntura político-econômica internacional e seus possíveis reflexos internos nos EUA – cujo a memória da Primeira Guerra e seus efeitos para o universo intelectual do país ainda estavam tremendamente vivos, como vimos acima – havia então dilemas relacionados aos efeitos ideológicos da aproximação da URSS com o fascismo, o que cindiu definitivamente a esquerda dentro dos EUA. Para a *Partisan*, já há muito afastada do *mainstream* partidário comunista, sua identidade se baseava em sua crítica à crise do movimento comunista internacional (e seus reflexos nacionais). Da crise da esquerda dentro dos EUA surgiu a possibilidade também para, uma vez mais, reafirmar o caráter independente da revista, tanto quanto reafirmar os valores que deveriam guiar essa independência. O papel social do intelectual, em torno de sua posição como um “grupo social especial”, com suas tradições próprias, criatividade e integridade individual, agora apareciam como centrais na ideia da “missão cultural” da *Partisan Review*.

A rememoração de valores fundamentais ao trabalho intelectual e ao papel da *Partisan Review* foram temas centrais para Philip Rahv e James T. Farrel em seus últimos artigos da década de 1930, que pareceram prenunciar os desafios do porvir. Em seu artigo, Intitulado, “Twilight of the

Thirties”, e publicado na *Partisan Review* 6, verão de 1939, p.4-5. - Rahv argumentara que a defesa da revolução social como um aspecto fundamental para a construção de uma cultura emancipatória, fora, não apenas justa, mas acertada na metade da década de 1930. Foi a defesa da revolução social que elevou a cultura ao um novo nível – aqui, há que se notar, Rahv faz uma referência indireta ao afastamento dos intelectuais de sua geração dos valores culturais tradicionais nativos, baseados, também no modernismo. O que impedira a continuação desse projeto de construção de uma literatura radical e emancipatória, havia sido a intransigência autoritária dos stalinistas. Foi a influência comunista, segundo Rahv, que provocou a supressão dos sonhos de construção de uma cultura emancipatória, tanto dentro da *Partisan Review*, quanto na literatura ocidental. É preciso entender que nesse momento, Rahv tece suas reflexões como uma espécie de autocritica da esquerda, dentro e fora dos EUA. Por isso suas palavras são direcionadas diretamente ao stalinismo, sem tocar, no entanto, no fascismo ou nas pressões políticas internas dos EUA, por exemplo, expostas nas políticas governamentais que direcionaram a produção cultural para o esforço de reconstrução da economia do país na década de 1930, através das políticas públicas do New Deal. (DENNING, 1997)

Assim, como autocritica, tanto da esquerda como das próprias experiências da *Partisan Review* e de seus círculo de intelectuais em meio à ela, Rahv não evita reconhecer seus próprios (e, obviamente, da revista) erros. Insiste, no entanto, que a *Partisan* sempre trilhara o caminho na tentativa de conjugar a arte e as ideias radicais. Com isso, Rahv faz um raio-x do papel da política para a arte na década de 1930: do então caminho mais frutífero para a percepção das relações entre a imaginação literária e a realidade social, a política passa a ser uma barreira para os impulsos da criação imaginária e, por consequência, sua auto aniquilação. O ponto central da argumentação de Rahv era de que a política *tout court* não podia ser estabelecida como um simulacro e que, se assim fosse, não se podia esperar bons resultados para a literatura.

Nesse momento, mais uma vez, as relações tradicionais do artista moderno para com a sociedade que o cercava retornavam com força criadora na argumentação de Rahv sobre o papel do intelectual contemporâneo. Ao tratar dos labirintos criados pela *intelligentsia* para si própria – valores morais e éticos que mantinham o intelectual introjetado em si mesmo e, muitas vezes, isolado da sociedade¹¹⁹ – Rahv reconhece a construção de valores extremamente críticos a sociedade

¹¹⁹ Aqui é possível sugerir como guia metodológico as reflexões de Karl Mannheim, já que o autor vai pensar às particularidades do desenvolvimento social desse grupo em meio à divisão do trabalho na sociedade capitalista moderna. Sobre isso Mannheim escreve o seguinte: “(...) O surgimento da *intelligentsia* marca a última fase do desenvolvimento da consciência social. A *intelligentsia* foi o último grupo a adotar o ponto de vista sociológico, pois sua posição na divisão social do trabalho não lhe propicia acesso direto a nenhum segmento vital e ativo da sociedade. O gabinete recluso e a dependência livresca só permitem uma visão derivada do processo social. Não é por acaso que essa camada ignorou por tanto tempo o caráter social da mudança.” (2001, p.78)

burguesa. Apesar do isolamento do artista moderno, esse isolamento fora frutífero na manutenção de sua “Integridade intelectual”.

Frente às pressões exercidas pelo fascismo, pelo stalinismo e pelo nacionalismo sobre a literatura, essa volta a um passado onde o intelectual se encontrara no *sprit de corps* criado pelo sentido da definição de “intelligentsia”, parecia, segundo as argumentações de Rahv, o melhor caminho para a reconquista de um espaço criativo independente. A volta ao modernismo do final do século XIX, parecia querer recuperar o avivamento que a cultura moderna dera ao mundo – com “o romantismo, o naturalismo, o simbolismo, o expressionismo, o surrealismo, etc.”. “*A tradição do desapego e da dissidência fora também a tradição da diversidade e da vitalidade*”. “*O que Rahv queria claramente encontrar na tradição da intelligentsia e na literatura moderna era uma força para sustentar a Partisan Review durante o período de colapso e conflagração do mundo [dos anos da Segunda Guerra Mundial]*”, conclui Cooney. (COONEY, 1987, p.199)

Desencadeada a guerra, e mergulhado o mundo nas disputas entre ideologias que pareciam tão autoritárias umas quanto as outras para o intelectual independente, o otimismo não podia mais ser uma saída aceitável. O retorno ao passado modernista – mais uma vez, como fora para a Partisan Review antes, quando da separação dos comunistas, em 1937 – podia assegurar, com isso, a manutenção do tradicional senso de integridade intelectual que parecia necessária para, dali, fazer avançar um projeto renovado, alternativo as narrativas (políticas, mas também estéticas) do presente.

A tentativa de recuperar valores tradicionais da ação intelectual como base para um projeto alternativo no presente, fez reviver, nas ideias de Rahv para a Partisan, também outro valor que fora fundamental em 1937: um senso de identidade de grupo muito forte. As reflexões de Rahv daquele ano de 1939 se dirigiam a situação cultural interna dos EUA no momento em que explode a guerra mundial, dominada por um sentimento nacionalista e pró-guerra. Para o círculo da Partisan, os liberais pró-guerra produziam um discurso tão nocivo para a literatura quanto os fascistas e os stalinistas. A Partisan Review se foca então em uma crítica ao reavivamento dos ideais liberais recuperadas do contexto da Primeira Guerra Mundial, principalmente baseados em valores culturais nacionais tradicionais.

Recuperar as relações da literatura modernista com uma crítica da sociedade, uma vez mais, como fora para os anos de 1920 nos EUA, e como fora para a própria Partisan Review em 1937, quando do racha com o CPUSA, fora o caminho dialético trilhado pelo seu círculo de intelectuais, para reafirmar os valores de independência da revista e manter firmes a crítica às narrativas correntes – o nacionalismo, o fascismo e o stalinismo. A grande vantagem desse projeto – uma vez mais afirmo, alternativo as narrativas correntes – para o círculo ao redor da Partisan Review foi

permitir a continuidade do radicalismo de suas ideias, enquanto se afastavam progressivamente do marxismo ao longo da década de 1940. Fora esse projeto, por exemplo, que permitiu a muitos dos intelectuais situados em torno da *Partisan Review* se realinhar a uma noção de uma “cultura elevada”, forçando-os a um retorno a uma literatura do passado. Movimento que possibilitou a estes homens e mulheres se ancorar em valores como o pensamento crítico e o cosmopolitismo – fundamental para a formação cultural dos intelectuais em Nova York, como demonstrou, por exemplo, Heloísa Pontes (PONTES, 2003) – ao mesmo tempo que erigiam sua crença nos valores básicos de uma sociedade democrática. Esse caminho forçosamente baseado em uma leitura historicista da tradição modernista, traduzido na afirmação dos desafios em se publicar um “trabalho seriamente criativo”, reafirmou os valores tradicionais da intelligentsia entre o círculo da *Partisan Review*, que lhe serviu bem como norte nos anos da Segunda Guerra Mundial. (COONEY, 1987, p.206)

3.2 - Em busca de uma definição do papel social do intelectual na virada da Segunda Guerra Mundial

Afim de compreender então o que dizer aqui com “valores tradicionais da intelligentsia” para me referir à um conjunto simbólico de temas que são retomados dentro da *Partisan Review* no final da década de 1930 e começa da década de 1940, me parece pertinente recorrer neste momento a um estudo específico sobre o papel social da intelligentsia moderna, que dará sentido, espero, a minha argumentação.

Em seu clássico estudo sobre *A função social da Intelligentsia* (2001), Karl Mannheim vai definir muito bem a posição desse grupo, dando conta de sua posição particular na divisão social. Mannheim avalia a posição social do intelectual diante da sociedade dividida em classes: ele não está *acima* dessa divisão – tornando-se um ente privilegiado ou neutro; mas, segundo Mannheim, está *entre* as classes, permeado por elas:

Pode-se resumir as características essenciais desse grupo [intelectuais] do seguinte modo: é um agregado situado entre e não acima das classes. O membro individual da intelligentsia pode ter, como frequentemente ocorre, uma orientação particular de classe, e em conflitos reais ele pode alinhar-se com um ou outro partido político. Mas ainda, suas posições podem revelar uma clara posição de classe. Mas além e acima dessas afiliações, ele é motivado pelo fato de que seu treinamento o equipou para encarar os problemas do momento a partir de várias perspectivas e não apenas de uma, como faz a maioria dos participantes de controvérsias. (MANNHEIM, 2001, p.81)

Neste sentido, Mannheim vai propor uma diferença entre “posição social” e “posição de classe”. Para o autor, “posição de social”, é aquela que é criada por uma “exposição contínua” de um grupo de indivíduos as mesmas condições e oportunidades, e “posição de classe”, que se refere a construção de interesses comuns em meio à diversidade dos grupos humanos, tais quais os interesses econômicos ou pelo poder. Com isso escreve:

(...) Já foi apontado anteriormente que o termo “posição social” é mais inclusivo que “posição política”. Posição social é um termo geral que se refere à exposição contínua de alguns indivíduos a influências semelhantes ou às mesmas oportunidades, persuasões e restrições. (...) *Posição de classe*, por outro lado, implica uma certa afinidade de interesses no interior de uma sociedade diversificada que distribuiu poder, prerrogativas diferenciais e oportunidades econômicas de modo seletivo. (MANNHEIM, 2001, p.82-3)

Para compreender o papel social da intelligentsia, há então que se compreender o papel da 'posição de classe' na ação social do intelectual. Mannheim vai ligar seu conceito de “posição de classe” à ação social do intelectual, no sentido que ela permite compreender sua interação com outras classes, ao mesmo tempo, que resguarda sua própria posição na hierarquia da sociedade:

Praticamente todas as pessoas tem motivações ambivalentes e mais de um habitat social. A posição de classe, portanto, é uma posição entre outras e uma das várias motivações para a ação. Isso se aplica especialmente ao intelectual, devido principalmente a seu maior envolvimento na comunicação interclasses. Suas opções políticas dependem não só de sua posição de classe, mas de entendimentos mantidos com membros de outras classes. (MANNHEIM, 2001, p.84)

Para Mannheim ainda, não é possível, diferente da concepção marxista/hegeliana, priorizar, nos estudos das relações sociais humanas, os agrupamentos particulares – “classe, raça, igreja ou nação” - em detrimento dos estudos sobre os indivíduos em si. Com isso, Mannheim propõe que a própria *conscientização individual* (seu auto reconhecimento enquanto *indivíduo*) só se dá através da interação social e na contraposição com o *outro*. Interação esta múltipla, diversificada e superposta, em diferentes níveis.

(...) Acreditamos que o indivíduo enquanto tal só pode ser compreendido através de sua participação numa multiplicidade de agrupamentos, alguns dos quais coordenados e outros superpostos ou mesmo em conflito. O que torna o indivíduo sociologicamente relevante não é o seu comparativo desvinculamento da sociedade, mas seu envolvimento múltiplo. O processo de individualização tem lugar no próprio processo através do qual o

indivíduo se identifica com grupos superpostos e conflitantes, (MANNHEIM, 2001, p.86)

Mannheim sugere então, os princípios para os estudos sociológicos sobre os intelectuais, em quatro pontos: a) a origem social dos intelectuais; b) suas associações particulares; c) sua mobilidade ascendente ou descendente; d) sua função na sociedade inclusiva. (MANNHEIM, 2001, p.97)

Em resumo, sua proposta se baseia em dois pontos: A) A origem social dos intelectuais: “[...]permite esclarecer os impulsos grupais por eles frequentemente expressos”; (MANNHEIM, 2001, p.97) e B) As afiliações de intelectuais e artistas:

“Entre a organização compacta e estamental e o grupo fluído e aberto, existem vários tipos intermediários de agregados nos quais os intelectuais podem situar-se. Seus contatos mútuos são em geral informais, sendo o grupo pequeno e íntimo que fornece o padrão mais frequente.” (MANNHEIM, 2001, p.97)

Segundo Mannheim, é a partir destas “afiliações”, dadas justamente nos interstícios da organização social, que permite o surgimento da *intelligentsia*:

(...) Códigos diferentes em si não se chocam na medida em que os estratos que os possuem não se interpenetram. As situações de conflito só surgem quando grupos em mobilidade ascendente ou descendente, funcionando como amortecedor, ligam-se tanto aos estratos de cima quanto aos de baixo e adotam seus valores. É dessas situações, quando se torna possível o acesso a mundos até então separados, que se origina uma genuína *intelligentsia*. (MANNHEIM, 2001, p.101)

Baseando-se nestas definições propostas por Karl Mannheim, posso propor agora algumas perguntas que me parecem centrais para enquadrar o objeto de estudo desta tese no problema que está posto: (1) como se articularam essas redes de intelectuais, as quais nos propomos estudar neste trabalho? (2) Como se deu a comunicação entre esses homens e mulheres, separados por um oceano de distância e mediados por uma guerra mundial sobre seus ombros? (3) Até que ponto essas trocas tendiam a formatar redes (no sentido de trocas múltiplas) e não apenas criar (mais uma) mera relação entre um produtor e um receptor de discursos? (4) De que maneira podemos interpretar as ideias debatidas nestas redes em meio a produção intelectual da esquerda de Nova York e de Londres?

Quanto a primeira pergunta. É sempre uma tarefa árdua ao historiador tratar das formações de grupos humanos em contextos históricos diferente do seu próprio. Não apenas pelas especificidades temporais óbvias que devem ser consideradas pelo ofício – e as dinâmicas dentro das diferentes durações do tempo histórico – mas e, principalmente, pelas especificidades culturais

que separam gerações diferentes.

Outra dificuldade que nunca é resolvida a priori, mas apenas na relação dialética com as fontes, é a possibilidade de reconstrução dessas dinâmicas históricas, podendo ou não conseguir de maneira satisfatória ao interesse próprio e ao do leitor, uma narrativa que seja a mais fiel possível com o tempo do objeto tratado, no sentido de recosturar as relações em suas múltiplas conjunturas da maneira mais fiel possível.

E não é diferente quando o historiador se propõe a considerar as dinâmicas dos debates entre grupos de intelectuais dentro de uma dada conjuntura histórica. Considerar as relações intelectuais de grupos específicos, numa conjuntura nacional ou, mais complicado ainda, numa conjuntura transnacional, como proponho aqui, nos anos que separaram as duas guerras mundiais, é diferente de tratar de relações intelectuais nos dias atuais, quando eu penso e escrevo sobre a história desses homens e mulheres que deram vida um dia a cada um desses grupos. Basicamente pelo fato de que as relações sociais de trabalho são diferentes. Vivemos hoje num universo social pós-fordista da hiper-especialização em que as relações, inclusive as de trabalho, se pulverizaram em dinâmicas microeconômicas, que já não reconhecem mais os espaços de fronteira nacional, cultural e étnica – relações que permanecem verticalizadas apenas pela relação com o capital, esse também multinacional, multiétnico, polissêmico, etc. As relações humanas no mundo atual, entre elas as intelectuais, tem a velocidade mediada pelo fluxo digital de informações que redimensionaram as possibilidade de comunicação entre os indivíduos. Não há mais UM produtor de mensagem; há “produtores” de “mensagens”, interconectados por redes que se dinamizam entre si, por mais que a relação com a produção do capital cognitivo tente impor de cima para baixo uma lógica centralizada de produção e mediação, o que resulta também num determinado modelo de recepção daquilo que é produzido como informação.

Obviamente, os anos de 1930 eram outros tempos. Não apenas porque as dinâmicas sociais de trabalho eram outras, mas porque as dinâmicas de produção da informação eram mediadas por diferentes possibilidades de associação, compartilhamento e circulação dessa produção cognitiva. Contudo, se olharmos mais de perto, com uma lupa mais apurada – não nas relações macroscópicas de produção, mas nos microcosmos sociais – encontraremos semelhanças entre esses dois contextos históricos diferentes, especialmente se considerarmos as relações entre intelectuais.

A crise da sociedade liberal do pós-Primeira Guerra Mundial, rompeu momentaneamente com os laços produtivos do capitalismo fordista, criando uma massa de desempregados nos grandes países industrializados que, por força do desespero, redimensionaram as relações sociais de trabalho para além dos seus contextos nacionais. E isso atingiu, obviamente, os intelectuais, que não estavam fora do mundo do trabalho. Os velhos laços empregatícios, muitos deles assegurados pelas relações

sociais piramidais de sociedades rigidamente hierarquizadas já não podiam mais garantir muita coisa.

O caso da Inglaterra é emblemático, nesse sentido, como vimos anteriormente quando tratamos do papel do Left Book Club para essa geração. Muitos daqueles jovens de boa família que saíam das grandes universidades britânicas diretamente para postos de trabalho administrativos do império britânico ao redor do mundo, ou na administração nacional ou no exército, viram-se agora envoltos numa nova conjuntura, onde o Estado já não podia mais abraça-los profissionalmente como antes. Tal possibilidade só voltaria à baila durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles são cooptados pelos esforços de guerra e encontram em trabalhos institucionais – como na BBC ou no Ministério da Informação – um ganha-pão. Antes disso porém, cabia fazer o que estivesse a mão para sobreviver.

Esse contexto intensificou profissões que, obviamente, já existiam antes, mas nunca tiveram a proporção massiva que o século XX daria a elas. O jornalismo, por exemplo, se torna uma vez mais (como fora para os intelectuais no século XVIII) a principal profissão desses intelectuais, especialmente por permitir um fluxo de relações contínuas entre diferentes revistas e jornais e editores, onde a colaboração mútua criava oportunidades para todos. O trabalho de freelancer dos jornalistas que viviam de pequenos artigos, resenhas, comentários diversos sobre política, cultura e arte, etc., contudo, sem vínculos empregatícios com o jornal ou revista, se intensifica, atraindo muitos desses homens e mulheres. Por essa própria dinâmica das relações sociais de trabalho para os intelectuais, a criação de redes de comunicação entre diferentes grupos em diferentes contextos políticos e linguísticos eram inevitáveis e, mais ainda, faziam parte desse universo produtivo rearticulado em micro relações produtivas.

Nesse sentido, os dois universos da produção intelectual – o nosso, de onde escrevo e o deles – se aproximam. A produção intelectual (aqui e lá) não se dá em grupos, mas em micro relações dentro destes. A ideia de unidade de um “grupo” é equivocada, como afirmamos na primeira parte deste trabalho.

A noção da participação dentro de um “grupo” – e da circulação cultural que acontece ali – pode ser bem entendida quando vista nas experiências dos saloons franceses da sociedade de corte do séculos XVI e XVIII, que já fora tema de grandes estudos, da sociologia de Georg Simmel (Waizbort, 2003) e de Norbert Elias (2001), ao romance de Stendhal, *Armance* (2000), ou nos *clubs* britânicos – ambos como experiências de sociabilidade criado pela sociedade burguesa. O modelo dos clubs, aliás, largamente difundidos nas colônias imperiais britânicas ao longo do século XIX, como um recanto simbólico onde estavam reguardadas os laços de identidade do homem-branco-dominador com a cultura metropolitana (o lugar de reunião dos oficiais do aparelho burocrático e

militar da administração colonial para o chá das cinco, o jogo de cricket, polo e tênis, as lutas de boxe, etc.)¹²⁰ Em ambos esses “grupos” – ora delimitado pela corte e a *entourage* de bajulação do rei de França, ora pelo *Club* – o que havia era um espaço de compartilhamento de traços comuns, inventados como tradições coletivas, de que todos ali envolvidos queriam, de alguma forma, se identificar ou dizer aos outros – em público! - que se identificava e que partilhava dessas “características coletivas”: o patriotismo, a nacionalidade, o “bom gosto” estético, as ideias políticas e econômicas sobre as finanças nacionais, etc. (HOBSBAWM; RANGER, 2002)

Uma vez mais, Karl Mannheim surge como um guia interessante dessa reflexão. Novamente em seu trabalho sobre o papel social da intelligentsia, o autor pensará o “papel social” desempenhado pelos *salões* franceses, sucedendo às *cortes*, na função de promover as relações entre os escritores, editores e o público – mesmo que ainda especializado:

[...] o salão serve de campo de cultivo da demanda literária, de agência de intercâmbio e de mercado para os produtos dos escritores independentes. Por sua vez, aos escritores, que já não dispõem de patronagem estável, são oferecidas oportunidades de estabelecer contratos com editores – agentes do público anônimo emergente – e de familiarizar-se com as flutuações da demanda. Esta nova situação fornece ao autor um novo autoconceito: ele encara seu atual empregador, o público, como um igual em termos sociais e desdenha a dependência permanente para com um único empregador[...]” (MANNHEIM, 2001, p. 109)

E ainda, quando vai pensar na relação entre o artista/escritor e o público, *mediado* pelo *saloon*, Mannheim escreverá o seguinte:

(...) Os salões conservaram suas funções sociais e literárias só enquanto o público continuou sendo uma entidade tangível, de proporções acessíveis. Numa democracia de massa o centro da seleção gradualmente se desloca da pequena reunião para o público anônimo. Além do mais os salões constituem o *habitat* dos poetas e artistas que se emancipam das classes superiores e não se aliam com os estratos inferiores, mas procuram manter uma existência livre e independente. (MANNHEIM, 2001, p.109)

Para avançarmos um pouco mais na digressão temporal proposta por Mannheim, por mero interesse histórico, é preciso lembrar que o autor considerará então que, diante do processo de dispersão dos intelectuais em meio a individualização da sociedade burguesa do século XIX, a ascensão e fundamentação social dos *cafés*, substituiu ao *salão* setecentista como espaço dinâmico de interação social e, com isso formação, da intelligentsia:

¹²⁰ Magistralmente registrado no romance de George Orwell, *Os dias na Birmânia*, escrito em 1934, fruto de suas experiência como funcionário da policial imperial na Índia britânica. (1983)

(...) Cada vez mais eles perdem seus contatos prévios com a sociedade, de modo que pelo século XIX, a maioria se encontra num estado de isolamento social. É essa existência marginal numa sociedade de massa que faz surgir novos tipos de amálgama: as *tertúlias* boêmias e, mais importante, os *cafés*. (MANNHEIM, 2001, p.110)

E Mannheim prosseguirá, dando conta da sua função social deste espaço reformulado:

(...) Sua rápida expansão [dos cafés] na Inglaterra nos dá uma ideia de suas novas e oportunas funções: os cafés tornaram-se os primeiros centros de opinião numa sociedade parcialmente democratizada. Os jornais ainda estavam na infância. Periódicos parecidos com os jornais circulavam depois de 1662, mas eram censurados e não havia hábito de leitura estabelecido. Por outro lado, o café oferecia um lugar para a expressão livre, onde se liam panfletos e se pronunciavam discursos. O potencial político do café ficou evidente na Revolução Francesa. (MANNHEIM, 2001, p.110)

O autor escreverá ainda em nota muito interessante na página 110 de seu estudo, a função social dos *clubs* (enquanto fenômeno “caracteristicamente inglês”, ressalta Mannheim, na mesma nota), tomando como referência o trabalho de Robert Allen, *The Clubs of Augustan London* (1933). Para este autor, os *clubes*, enquanto espaço de aglutinação social, guardavam muito das características dos *cafés*:

“Os clubes conservavam muitas das características dos cafés. Em primeiro lugar, a maioria se formava em torno de um núcleo de opiniões comuns. Um clube se unia em torno da defesa de uma tradução de Homero; outro em defesa da sucessão de Hanover; um terceiro em defesa dos antigos contra os modernos. Desde que cada homem tende a ...procurar seus iguais, a sociedade de cavalheiros assumiu um caráter de facção, fossem seus interesses literários, políticos, econômicos ou filosóficos.” (sic.) (ALLEN, 1933, Apud MANNHEIM, 2001, p.110)

Diante da reflexão sobre esses espaços sociais dinâmicos, Mannheim proporá uma projeção interessante: a de que a ascensão social dos *cafés* e dos *clubes*, está diretamente ligada ao processo de democratização da sociedade no século XX: de uma estrutura social semifeudal, dos *saloons* do século XVIII, para a sociedade industrial moderna, da primeira metade do século XIX:

É claro que esses logradouros devem sua importância à democratização da sociedade e suas elites. Enquanto os próprios salões exerceram uma influência democratizadora numa sociedade semifeudal dentro dos limites de pequenos grupos, os cafés quase não tinham limites. E ao passo que o acesso ao salão dependia de apresentação e aceitação social, a sociedade dos cafés tornou-se em última análise acessível a quem concordasse com as

opiniões correntes. A base do amálgama já não é mais o estilo de vida e as amizades comuns, mas opiniões semelhantes. A metrópole, que tende a desligar o indivíduo de seu meio original, torna possível este novo tipo anônimo de integração. A diferença entre a associação moderna e aberta e sua precursora, a irmandade greco-romana que agrupava as pessoas a despeito do parentesco, esclarece a vasta distância histórica que as separa. (MANNHEIM, 2001, p.111)

Mannheim vai argumentar então em seguida, sobre a formação de um tipo novo de *associação*, possibilitado pela ascensão social dos cafés e clubes no século XIX, agora, baseado num “consenso de opiniões”:

A associação moderna, que se consolida a partir dos cafés ingleses e franceses, despreza a posição e os laços de família; é o produto de uma sociedade de massa liberalizada na qual o indivíduo isolado e sua opinião constituem a base das afiliações políticas. (MANNHEIM, 2001, p. 111)

O salão se transformará então na maior expressão da “*associação moderna*”, já que ele defini, tal qual propõe também George Simmel, um tipo de relação social parcializada e heterogênea, entre indivíduos social, econômica e intelectualmente diferentes, congregados, no entanto, pelas mesmas “opiniões” (para usar uma expressão recorrente em Mannheim):

O salão exemplifica outro traço da associação moderna – suas limitadas exigências sobre o indivíduo. [...] a associação moderna só afeta o indivíduo tangencialmente, envolve apenas preocupações limitadas, deixa-o relativamente livre e mantém indefinida sua situação. O mesmo indivíduo participa de vários grupos entrecruzados, e é essa afiliação múltipla que produz a personalidade diferenciada do início do século XIX. O indivíduo possui mecanismos de escape, já que pode passar de um grupo ao outro, dado que sua participação em qualquer um deles é limitada, é o salão que primeiro estabelece um padrão de comportamento numa situação fluída e improvisada: na ausência de prescrições, valoriza-se a sensibilidade e a argúcia; e quando as questões são limitadas, pode-se discuti-las sem rancor. (MANNHEIM, 2001, p.112-113)

A ideia de “grupos” (num sentido hermético) se esvaia se tomada como exemplo a experiência antropológica dos *saloons* ou dos *clubs*, no sentido de que as relações de troca e circulação apenas se redinamizam, se renovam, se reforçam dentro dos “grupos” através dos canais de comunicação criados por estes, mas não exclusivos destes “círculos”. Contudo, e esse é o ponto central, esse processo não se dá apenas no centro, mas, e muitas vezes de maneira muito mais intensa, nas periferias desses grupos, que acabam por criar intersecções com outros grupos – também com suas periferias, seus “arredores”. No caso das décadas do entre guerras, esses

microcosmos, eles mesmos como reflexo da reorganização do mundo e das relações de trabalho na nova sociedade de massas.

Quanto à segunda pergunta. Será justamente na criação dessas intersecções por entre os “grupos” que se formará um canal de diálogo, não apenas entre o centro e a periferia dos grupos, mas, como dissemos, entre seus arredores. Empiricamente como isso se dá? Tomemos o caso de Dwight Macdonald. Integrado ao círculo da *Partisan Review* no final da década de 1930, Macdonald trouxe consigo suas próprias articulações entre o amplo complexo de redes costuradas entre os “Intelectuais de Nova York”. Entre essas, suas conexões diretas com o trotskista *Socialist Works Party*, o qual ajudara a fundar, após a cisão entre os trotskistas nos EUA. Naquele momento, a rede de articulações políticas de Macdonald era essencial para Phillips e Rahv, editores da *Partisan Review*, justamente porque eles precisavam de uma nova fonte de financiamento depois de romper com os comunistas e com o Congresso de Escritores dos EUA, que agora, depois da dissolução dos John Reed Clubs, centralizaram as verbas do partido distribuídas para os grupos de intelectuais, suas revistas e clubes literários. Por um momento, a *Partisan* passa a ser financiada pelos trotskistas, graças à intervenção de Macdonald, como veremos a frente.

Do outro lado do Atlântico, a coisa não muda muito. E Orwell também é um bom exemplo. Por flutuar bem entre diferentes círculos de intelectuais, Orwell pode, ao mesmo tempo que participar de grupos “ideologicamente” distintos, rearticular esses contatos em intersecções paralelas a elas, ao mesmo tempo, dentro e fora, desses grupos hegemônicos, como no caso do Left Book Club, que, como vimos anteriormente, se constituiu por um momento como o principal guarda-chuva cultural da esquerda londrina. Entre esses grupos “paralelos” podemos citar o grupo formado dentro da BBC, no momento em que Orwell trabalha ali, entre 1942 e 1946 (ou seja, simultaneamente à sua participação na *Partisan Review*). Kristin Bluemel (2004), estudou, por exemplo, um subgrupo de intelectuais formado dentro dessa rede constituída através da BBC. O alvo de Bluemel foram as relações entre Orwell e três outros intelectuais que trabalharam simultaneamente na BBC no mesmo período: o indiano Mulk Raj Anand, diretor do serviço oriental da BBC para a Índia, e duas escritoras feministas londrinas: Inez Holden e Stevie Smith. Entre os temas debatidos dentro deste “círculo paralelo”, estavam o nacionalismo, o imperialismo britânico na Índia, e o feminismo. Bluemel vai assim, re-costurando as tramas sociais tecidas nas inter-relações desses quatro intelectuais com seus círculos particulares e entre si, e dali fazendo emergir uma interessante rede de intelectuais, até então ignorada pela historiografia, ocupada demais com as análises dos grupos intelectuais hegemônicos da esquerda britânica das décadas de 1930 e 1940.

Da mesma maneira como se deu entre esse grupo que Bluemel foca seu estudo, é possível compreender a posição de Orwell como articulador entre outros “grupos” e seus “subgrupos”,

criando intersecções dentro das quais se estabelecem essas redes. É assim, por fim, que se dá a articulação entre os círculos de Londres e Nova York. Será o contato múltiplo de Orwell com os intelectuais que foram lançados no cenário público londrino, se não pela primeira vez, ao menos, com maior repercussão, haja vista o público garantido por seus assinantes – através do Left Book Club - e os EUA – na Partisan, mas também em outras revistas – conectadas entre si por suas próprias redes intelectuais. E essa é também a resposta para a terceira pergunta que formulamos no início desta seção.

A quarta questão, ou seja, de que maneira podemos interpretar as ideias debatidas nestas redes em meio a produção intelectual da esquerda de Nova York e de Londres – também pode ser pensada no sentido das razões que levaram esses homens e mulheres a se aproximarem em intersecções paralelas a esses grupos hegemônicos. Minha resposta é objetiva: por afinidades ideológicas, tanto quanto por afinidades afetivas. Nesse sentido, nos surgem como fonte primária de pesquisa, tanto quanto os manifestos assinados conjuntamente – que dão ao historiador a possibilidade de rastrear a aproximação de intelectuais distanciados pela geografia, pela língua, por afiliação partidárias, etc. – as cartas trocadas entre estes homens e mulheres são fundamentais. Nelas é possível apreender, não apenas as trocas formais de ideias que compõe o debate intelectual e político, mas a afetividade e os laços de amizade que, de certa maneira, mediavam muitas dessas relações.

Algumas ideias debatidas dos dois lados do Atlântico para então não apenas confluir dentro das London Letter, aproximando então os grupos em Londres e Nova York, mas são redinimizadas, retrabalhadas e resignificadas nestes debates. Por exemplo, é possível ler uma ideia de revolução socialista não mais atrelada a noção clássica do marxismo-leninismo, por exemplo, nas argumentações de Orwell nas Cartas de Londres. Neste sentido, a noção de socialismo democrático é fundamental, e será trabalhada também do outro lado do Atlântico, no sentido de estabelecer um contraponto ao stalinismo entre a esquerda de Nova York. Outra ideia surge com as tentativas de aproximação do modernismo com o marxismo, numa releitura do primeiro através do segundo, na medida de excluir sua “essência burguesa” e fazer restar sua crítica a cultura nativa – o provincianismo, o racismo, etc. – serão fundamentais para estabelecer as bases em que a própria Partisan redefinirá sua linha editorial, logo após romper com o PC nos EUA.

AI tratando de um problema mais específico, interno, digamos, nas relações destes intelectuais mediadas pela figura de George Orwell, a recepção de seu livro *Animal Farm* nos EUA, sugere a ideia de revolução como um conceito dialético e que se estabelece como um movimento contínuo, em um momento em que a utopia marxista já havia sido abandonada por grande parte dos intelectuais congregados ao redor da Partisan Review (onde o livro de Orwell será resenhado).

A tentativa de construção de uma teoria positiva da ciência como ferramenta social, será reelaborada no pensamento de James Burnham, também integrante dos círculos intelectuais de Nova York, ex-membro dos *Socialist Workers Party* trotskista e contribuidor da *Partisan* na segunda metade da década de 1940. Burnham pensará uma proposta paralela, já no contexto de derrota do fascismo, entre o dirigismo burocrático dos regimes autoritários e a ideia de um progresso positivo liberal, tendo a especialização científica como sua mediadora. E Orwell será, não apenas leitor crítico dessa ideia – da qual retirará muitos elementos que serão retrabalhados no seu texto de combate, no *1984*, publicado no final da década – como um duro crítico dessa reelaboração liberal do dirigismo centralizado da década anterior, numa nova forma de totalitarismo.

3.3 - A aproximação com uma vanguarda radical europeia nos anos da Segunda Guerra Mundial

Defender a cultura moderna, possibilitou aos editores da *Partisan Review* outros horizontes na década de 1940. Enquanto a PR da década de 1930 teve o apelo dos ideais da esquerda de Nova York, a *Partisan* da década seguinte tem um apelo internacional.

Entre 1939 e 1941, a *Partisan Review* viu uma volta aos anos de 1920, com a publicação de artigos memorialísticos que recordavam a ascensão da geração modernista europeia – como os artigos de Louis MacNeice sobre o nascimento da geração de Auden; Eugene Jolas, sobre James Joyce; Marianne Moore sobre a efervescência das ideias das vanguardas modernistas. Ao mesmo tempo, os editores da *Partisan*, aproximaram relações com suas contrapartes europeias. Os primeiros europeus a serem incorporados como colaboradores fixos foram André Gide, encarregado de uma coluna chamada “Pages from a Journal”, em 1939, e Stephen Spender, com uma coluna chamada “September Journal”, em 1940. “Cartas” de correspondentes estrangeiros também aparecem nesse momento: as primeiras vindas de Paris e Londres. Terry Cooney, uma vez mais, sugere que a incorporação de intelectuais europeus nessas novas sessões criadas dentro da *Partisan Review*, reforçaram a ideia da importância de uma intelligentsia, independente, e detentora de valores políticos e estéticos autônomos. (COONEY, 1987, p.207)

A aproximação da geração modernista, no entanto, teve como caminho também o estreitamento de relações com os modernistas nos EUA. Em 1939, o *Symposium on American Writing*, organizado pela *Partisan Review*, reuniu uma gama diversa de autores que contribuíram diretamente com a literatura estadunidense da década de 1920, reafirmando o papel da cultura local para a experiência moderna.¹²¹ Ainda no final da década de 1930, Cooney lembra da

¹²¹Entre eles John Dos Passos, Allen Tate, James T. Farrell, Kenneth Fearing, Katherine Anne Porter, Wallace Stevens, Gertrude Stein, William Carlos Williams, John Peale Bishop, Harold Rosenberg, Henry Miller,

“reaproximação” do círculo em torno da *Partisan Review* para com os poetas modernistas do sul dos EUA – e foca a análise brevemente na relação entre Philip Rahv e Allen Tate. Cooney não hesita em afirmar assim, que a *Partisan Review* ganhou força com essas novas conexões com o “sul” – seus escritores e críticos. Além disso, a possibilidade de estender suas redes de comunicação com os europeus, os veteranos da década de 1920, poetas e escritores emergentes, além dos escritores do sul dos EUA, ajudou a guiar a revista pelo caminho crítico da década de 1940. (COONEY, 1987, p.208-9)

As novas fronteiras estabelecidas pela *Partisan Review* no final da década de 1930, seriam as mesmas que guiariam a revista até o final da Segunda Guerra Mundial: a crença em uma literatura, ao mesmo tempo, engajada nos problemas contemporâneos, mas que pudesse estar alheia as tipificações das narrativas políticas hegemônicas em disputa no presente – ou a tríade nacionalismo, fascismo, stalinismo. Para isso, reforçava-se o ideal não apenas de uma arte independente, mas de uma *intelligentsia*, como dissemos acima, no sentido estrito de um grupo social com valores éticos e morais próprios.

Sobre o retorno dessa noção de “ideal” dentro da *Partisan Review* no começo da década de 1940, são emblemáticos os ensaios de Delmorte Schwartz, “The Poet as Poet”, *Partisan Review* 6, primavera de 1939, p.55-6, e de F.W. Dupee, “The Discussion was Lively”, *Partisan Review* 8, novembro-dezembro de 1941, p.512-13. Especialmente em Dupee, pode-se ler a defesa de uma literatura que reflete a si mesma e se preocupa com seus valores internos. Além disso, para Dupee, “talvez” fosse apenas fazendo referência a situação histórica sobre o momento em que a obra literária era produzida que podia-se entendê-la como um todo. (COONEY, 1987, p.209)

Da mesma maneira, o esgotamento das formas marxistas como cimento da relação entre a arte e a política entre o círculo da *Partisan*, aparece em uma resenha de William Phillips sobre um livro do escritor italiano Ignazio Silone, publicado em 1942 (Cooney, que cita a resenha de Phillips, no entanto, não dá o título do livro de Silone). Para Silone, um dos fundadores do Partido Socialista Italiano e um dos mais influentes intelectuais anti-stalinistas europeu, a saída para o stalinismo estava na readmissão de valores éticos tradicionais baseados na vida campesina e na religião. Para Phillips, a argumentação de Silone parece uma recusa da cultura urbana a favor de um “estoicismo campesino”. Além disso, seu retorno a religião parecia explicar, para Phillips, seu interesse na vida rural, o que, em ambos os casos, abria caminho para todos os tipos de mistificação. A análise que Phillips oferece de Silone deixa claro, mais ainda, seus próprios valores cosmopolitas, ao mesmo tempo que ressalta sua incapacidade em propor uma saída paralela entre os valores tradicionais do

Sherwood Anderson, Louise Bogan, Lionel Trilling, Robert Penn Warren, Robert Fitzgerald, R. P. Blackburn, Horace Gregory. Como ressalta Cooney, a intenção, com isso, era transformar a revista em um centro contínuo de cultivação da escrita moderna. (COONEY, 1987, p.208)

marxismo e a “saída” ética de Silone. Para Phillips, o que Silone fez foi apontar o espelho uma vez mais para os intelectuais radicais que desistiam do marxismo, mantendo-se crentes quanto a sua possibilidade de redenção (leia-se aqui redenção frente ao stalinismo). (COONEY, 1987, p.210)

Outro ponto fundamental no processo de redefinição das fronteiras críticas da *Partisan Review* no início da década de 1940, estava na dedicação a uma reinterpretação da tradição nacional. O Estudo do “Americanismo”, como já tratamos aqui neste trabalho, foi fundamental, por exemplo, para Philip Rahv. Seu artigo, “Twilights of the Thirties” foi emblemático na redefinição dos horizontes críticos da *Partisan*, no qual Rahv já havia considerado o peso da tradição nacional para a cultura moderna. Além desse, Rahv se dedicou a inúmeros outros trabalhos, entre artigos para as maiores revistas literárias de seu tempo nos EUA – além da *Partisan Review*, a *Southern Review* e a *Kenyon Review* – e alguns livros, como sobre Kafka e “a literatura em uma época política.” Além dos trabalhos de Rahv, outros artigos foram fundamentais entre esses estudos sobre a cultura nativa. Entre esses, o artigo de Edmund Wilson sobre Henry James, intitulado, “The last phase of Henry James”, para a *Partisan Review* 4, fevereiro de 1939, p.3-8. (COONEY, 1987, p.212-3)

Junto com Henry James, a recepção crítica à Franz Kafka desempenhou papel fundamental nas apreciações dos intelectuais em torno da *Partisan* sobre os alcances críticos do modernismo, ou, através do modernismo, o destaque a valores primordiais, como o cosmopolitismo, a secularidade e a racionalidade.¹²²

Fora na *Partisan Review* – no artigo “The death of Ivan Ilyich and Joseph K.”, para a *Southern Review* 5, 1939-1940, p.174-185 – no entanto, que Rahv deu uma carga “ideológica” a suas análises sobre Kafka. Nesse texto, em que comparava o trabalho do escritor tcheco com o russo Tostoy, Rahv considerou que, apesar de carregarem uma dura crítica a vida burguesa, ambos se afastavam do cosmopolitismo e do pensamento crítico. Com isso, ao rejeitarem a civilização e o presente em favor da religião, do passado e do país, ambos rejeitavam o racionalismo. “O problema”, para Rahv, “estava, novamente, em justificar uma alta avaliação dos insights da literatura moderna sem aceitar as conclusões “reacionárias” que os escritores tendiam a alcançar”, conclui Cooney. (COONEY, 1987, p.215)

¹²² Na nota 43, da p.215, Cooney destaca que o primeiro livro de Kafk publicado nos EUA foi *The Castle*, em 1930. No entanto, só foi a partir da publicação do *The Trial*, em 1937, que o escritor tcheco ganhou destaque. A primeira crítica à Kafka dentro da *Partisan* aparece em 1938, como uma biografia crítica elaborada por Max Brod, amigo pessoal de Kafka e seu editor. A partir de então – incluindo as tentativas de publicação de três textos do próprio Kafka em 1939, 1941 e 1942 – várias resenhas são publicadas na *Partisan*, incluindo textos de William Phillips, F.W.Dupee, Max Brod e Philip Rahv.

3.4- A Partisan Review e a Segunda Guerra Mundial

Antes do final da década de 1930, quando a guerra mundial passou a ocupar o foco central dos debates internos da Partisan Review, ocorreu uma espécie de “migração ideológica” dos intelectuais de Nova York rumo à Rússia soviética – o berço do comunismo, da libertação do proletariado do capitalismo, da esperança humanista de redenção da sociedade do jugo inescrupuloso do capital, etc. Ao final daquela década, contudo, esse fluxo emotivo regressava à casa, “desmoralizado” com a assinatura do Pacto de não agressão Nazi-soviético, em 1939. Sentimento que Delmore Schwartz, outro importante contribuidor da Partisan Review na década de 1940, caracterizou em carta a Dwight Macdonald de setembro de 1940, ao traduzi-lo para o campo literário da esquerda intelectual nova-iorquina, como uma “sensibilidade pós-Munique”. (COONEY, 1987, p.167)

O fator ideológico que havia canalizado os esforços de reconstrução identitária da própria Partisan em meio aos círculos da esquerda nos EUA na década de 1930 – ou os caminhos de seu anti-stalinismo, sem perder a crença irrestrita no marxismo-leninismo (BUHLE, 1987) – já não podia se sustentar mais com o avanço do conflito europeu e o desencadear da guerra. O fato é que a luta contra o fascismo, agora abertamente posta literalmente no campo de batalha, mesmo tendo as feridas das rusgas fratricidas dentro da esquerda estadunidense abertas e em carne viva, não podia mais ser ignorada. O avanço da blitzkrieg sob a Europa, a fúria da Wehrmacht e da Luftwaffe, transformara o fascismo, de uma ideologia perigosa, em um monstro faminto e à solta, devorando tudo o que via a sua frente, deixando para trás um rastro de destruição e escravos subjugados pela fúria bélica de uma máquina de guerra inimaginável até então. Para a esquerda internacional, no entanto, mesmo com a invasão da Polônia, da Áustria, da Tchecoslováquia – tudo isso logo no primeiro ano de guerra – o constrangimento pela assinatura do pacto de não agressão entre Hitler e Stálin parecia ser ainda maior para os comunistas, inclusive nos EUA, do que a invasão e subjugação de nações inteiras pelas tropas nazi. Dessa culpa, no entanto, a Partisan Review e seu círculo de intelectuais estavam livres, podendo rapidamente assumir a guerra contra o fascismo como seu principal alvo logo no início da década de 1940.

A guerra mundial como problema central foi assumida abertamente pelos editores da revista na *PR* vol. 6, n.1, Primavera de 1939, em seu editorial intitulado: “*War Is the issue!*”. O objetivo claro de tomar a guerra como o principal tema a ser debatido pela Partisan logo após a declaração do conflito na Europa, surgiu a partir dos debates promovidos pela *League for Cultural Freedom and Socialism*, criada entre a esquerda anti-stalinista pouco antes da assinatura do pacto Nazi-soviético em 1939. A segunda e última declaração da Liga foi exatamente: “A guerra se tornou o

assunto!”.¹²³ (“War has become *the* issue!”) (COONEY, 1987, p.167)

Como aconteceu com outros intelectuais europeus, mesmo antes de 1939, quando o fascismo já mostrava sua face perigosa e belicista, por exemplo, na Espanha, durante a Guerra Civil (1936-9), três anos antes, já se esperava que a catástrofe da guerra poderia ganhar dimensões globais.

Fora na Guerra Civil espanhola, aliás, que se desenhou a antessala para a confrontação ideológica que se veria em confronto na Segunda Guerra Mundial: de um lado os fascistas, apoiando o golpe militar contra a II República e, de outro, os comunistas que suportavam a luta internacionalista de defesa ao governo eleito em 1934. (ROVIDA, 1988; MEIHY, J. C. S. B. e BERTOLLI FILHO, C. 1996) Da mesma forma, fora durante a Guerra Civil na Espanha que ficou claro para muitos intelectuais as posições autoritárias do stalinismo, especialmente durante a supressão de sua dissidência em 1936, quando do racha com anarquistas e demais grupos trotskistas, desencadeada em Barcelona. (ORWELL, 2001) Essa era, por exemplo, a posição de Orwell desde 1937, quando ele lança seu primeiro texto acerca de sua participação na Guerra Civil Espanhola onde denunciara, ambos, o stalinismo e o fascismo, como perigos irremediáveis, não apenas para o avanço progressista das forças de esquerda, mas para a própria paz, irremediavelmente instável no continente. Este primeiro texto, foi intitulado *Spilling the Spanish beans*, publicado na revista New English Weekly, em 29 de Julho e 2 de Setembro de 1937. E antecedeu inclusive o trabalho de Orwell mais conhecido do grande público, e que se ocupa da Guerra Civil espanhola, *Homage to Catalonia* (no Brasil publicado com o título de *Lutando na Espanha*), publicado pela primeira vez em 1938.¹²⁴

Desde o contexto internacional da definição do Popular Front como a tática internacional de combate ao fascismo, em 1935, a Partisan Review era contrária a uma nova guerra mundial, combinando, nas palavras de Terry Cooney, “a polêmica anti-stalinista com a doutrina radical das “lições” aprendidas com a Primeira Guerra Mundial”. Na primavera de 1938, a guerra se tornou tema dos debates da revista no editorial da Partisan (já em sua fase anti-stalinista), no editorial intitulado “This Quarter”, dividido em cinco temas: o primeiro deles, “This Quarter: Munich and

¹²³ A definição da guerra mundial como o assunto central a ser debatido pela Liga angariou uma massiva adesão entre os intelectuais que compunham o círculo em torno da Partisan Review: Lionel Abel, James Burnham, F.W.Dupee, James T. Farrell, Clement Greenberg, Dwight Macdonald, George L.K. Morris, William Phillips, Philip Rahv, Harold Rosenberg, Meyer Shapiro e Delmore Schwartz, além de outros contribuidores que escreviam para a Partisan.

¹²⁴ Em 2001, a editora Penguin Books, de Londres, lançou uma coleção que reúne isoladamente todos os escritos de Orwell relativos a Guerra Civil espanhola, intitulado *Orwell in Spain*. Textos que, no entanto, já haviam sido publicados em outras coleções de sua obra, como aquelas que já nos referimos neste artigo. Produção que analisamos em grande parte na dissertação de mestrado defendida em 2010, no Departamento de História da Universidade de São Paulo, intitulada “O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não-ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949”, a qual contou com financiamento da FAPESP.

the Intellectual”, *Partisan Review* 6, primavera de 1938, p.7-10 – que tratou da Conferência de Munique de finais de setembro (1938), e que “denunciava” a “manipulação de políticas social-patrióticas, idênticas às ilusões supraclassistas que apareceram em 1914 e que eles haviam renunciado para sempre” (COONEY, 1987, p.168).

O segundo editorial do início de 1939, segundo Cooney, “*ilustrou o poder da questão da guerra em alterar a atenção da Partisan Review do stalinismo naquele momento, em direção a visão de liberais do mainstream*” nos EUA (COONEY, 1987, p.169). Com isso, os editores da PR afastavam-se de qualquer visão que polarizasse as análises sobre o Nazismo, por exemplo, de interpretações que atribuíssem as causas da guerra a referências “coletivas”, fruto da “natureza de um povo”, ou seja, do povo alemão. Da mesma maneira se deu com o terceiro editorial, intitulado “This Quarter: Anti-fascist Jitterbug”, *Partisan Review* 6, inverno de 1939, p.4-6 – provavelmente escrito por Philip Rahv. Essa era, por exemplo, a maneira como Hailing Lewis Mumford, analisava o racismo nazista. Para Mumford, o ódio racial que caracterizava o nazismo era fruto da “patologia da mente alemã” que se equalizava com o “hun-baiting de 1914-18”. Como analisa Terry Cooney que estudou detalhadamente esse período da *Partisan Review*, era mais que óbvio que tomar como referência qualquer tipo de caracterização coletiva do nazismo como um desdobramento “racial”, “étnico” ou “cultural” do “caráter alemão”, seria repetir a mesma fórmula utilizada por Hitler para tratar dos Judeus. (COONEY, 1987, p.168)

É preciso notar que, neste ponto, é reintroduzido o tema da autocritica nacional no teor dos debates sobre a guerra mundial dentro da PR. Ao descaracterizar (ou, re-problematizar) um tipo de discurso que parecia comum em alguns dos primeiros analistas que pensaram o fenômeno nazista, especialmente em relação a construção de sua máquina de ódio contra os judeus (veja que é importante lembrar que esses debates se davam dentro da comunidade intelectual de Nova York, com muitos membros de origem judaica), os debates da *Partisan Review* tornaram o problema em torno desse tipo de análise uma questão muito maior, para além das tentativas de compreensão do *ethos* nazista: um problema que se construía como o reflexo de um espelho – e aqui, reafirmando seu caráter ideológico, no sentido marxista do termo – em que o que se colocava em questão era também a construção paralela de um discurso afirmativo de superioridade racial, ética e moral, dos EUA (e o mesmo se dava na Grã-Bretanha, de certa maneira), frente aos envolvidos na Guerra: os alemães e os russos, nessa primeira fase, e depois os japoneses, a partir de 1942, logo após o ataque a Pearl Harbor. Ou seja, argumentar que os EUA deveriam apoiar a guerra ao lado dos britânicos pelo “espírito superior” anglo-saxão frente a barbárie nazista (atribuída então a uma “degenerescência” do “caráter alemão”), era repetir a fórmula da “superioridade” (racial ou política) de um povo sobre o outro. Mecanismo mais que comum em muitos dos argumentos pró-guerra

elaborados tanto entre os intelectuais como no discurso oficial da propaganda belicista às vésperas da entrada definitiva dos EUA na guerra. Como veremos a frente, o tema da autocritica nacional em meio aos discursos políticos que se cruzavam no limiar da entrada dos EUA na Guerra, era tema central da crítica de Orwell à imprensa britânica em suas London Letters.

O debate que tomava contornos morais – da defesa da “civilização” contra a “barbárie nazista” - tomou conta de um número considerável de textos dentro da Partisan Review. Um excelente exemplo de como a temática se desdobraria dentro do contexto anglo-saxão foi o embate entre Dwight Macdonald e Stephen Spender no texto “Defense of Britain: a controversy between Stephen Spender and Dwight Macdonald”, publicado na PR vol.7, n.5, setembro-outubro de 1940. O debate entre Spender e Macdonald, foi motivado pela resposta de Macdonald ao artigo, “September Journal” de Spender, publicado na PR vol.7, n.2, março-abril, 1940. pp.90-106 - uma espécie de diário escrito entre os dias 3 e 10 de setembro de 1940.

Macdonald criticara especialmente uma suposta defesa de Spender de Nevil Chamberlain como uma “mal menor” em comparação à Hitler, argumentando que era viável uma defesa dos interesses britânicos diante da ofensiva fascista pela Europa. Macdonald responde argumentando que não havia nenhuma possibilidade do governo conservador britânico representar qualquer saída democrática ao fascismo já que o próprio sistema democrático burguês estava fadado ao fracasso. Claramente, há uma disputa ideológica entre as posições moderadas pró-guerra de Spender, similares as que assumiram mais à frente parte dos intelectuais em torno da PR e a postura antibelicista de Macdonald que, assim como argumentavam os trotskistas, defendia que apenas o isolamento e a impulsão dos movimentos trabalhistas locais rumo a um socialismo revolucionário poderiam, simultaneamente, representar tanto a derrota do fascismo quanto do imperialismo, inclusive britânico.¹²⁵

Como vimos, após a reinauguração da Partisan Review, em 1938, o círculo em torno da revista abriu seus horizontes para a Europa afim de reencontrar sua identidade dissipada na névoa das rugas entre a esquerda nos EUA.

William Phillips em sua autobiografia, lançada em 1983, tratará em um de seus capítulos da aproximação efetiva do círculo em torno da Partisan Review com os intelectuais europeus, muitos dos quais passam a contribuir com a revista já a partir da final da década de 1930.

E logo de cara, a Segunda Guerra Mundial aparece nas memórias de Phillips como

¹²⁵ O argumento de Macdonald, junto com uma análise da questão nacional sob a égide do perigo fascista e o que resultaria dos movimentos socialistas locais foi estendida ainda no artigo “National Defense: The Case of Socialism”, publicado na PR, vol.7, n.4, julho-agosto de 1940, pp.250-266. E no texto “What is Fascism” publicado na PR vol.8, n.5, Setembro de 1941. Pp.418-130. Com os artigos: “A letter to the editors”, de Victor Serge; “Fascism and Capitalism”, de Marceau Pivert; “End of German Capitalism” de Dwight Macdonald.

catalizadora do período que ele chamou de “*conversão, desconversão, apostasia, mudanças de crença e, particularmente para aqueles que haviam se associado a Partisan Review, um tempo de crise pessoal e intelectual*”. (PHILLIPS, 1983, p.121). Sobre a Segunda Guerra Mundial, então, Phillips escreve, pensando a crise da esquerda nos EUA e as dificuldades de assimilação das questões postas na mesa a partir de então: como conciliar o marxismo-leninismo com o anticomunismo, já que o Pacto Nazi-Soviético liquidará qualquer crença na URSS como um Estado “democrático” e, ao contrário, tão totalitário quanto a Alemanha do Reich? Como lidar com o esforço de guerra, necessário para derrotar o Fascismo, inimigo comum de todos, sem cair nas armadilhas do nacionalismo chauvinista? Qual era o lugar do pacifismo e das ideias anti-guerra frente a ameaça fascista? Sobre todas estas questões, Phillips escreveu o seguinte, décadas mais tarde:

A Segunda Guerra Mundial foi a força que catalisou muitas das tendências incipientes do período. A reação contra a União Soviética, e, depois, contra todas as formas de comunismo, foi acelerada pelos impulsos nacionalistas suscitadas pela guerra. Para ser um leninista era preciso cultivar uma indiferença para com o destino de seu próprio país, se não um desejo real para a sua derrota em uma guerra, como Lenin disse na Primeira Guerra Mundial, e só mais fanático moscovita ou totalmente desorientado radical seria perturbado por uma tal perspectiva. (O comunista, recorde-se, eram antiamericanos e anti-guerra, no momento do pacto nazi-soviético, e pró-guerra antes e depois.) Mas aqueles de nós que tinham uma herança radical e foram ambos anticomunista e antifascistas tiveram um tempo difícil de adaptação à nova situação. Ainda estávamos sob a influência da doutrina marxista, o que levou-nos a considerar que as guerras do Ocidente foram travadas por razões não económicas mas morais, e nós estávamos desconfiados dos motivos americanos para fazer a guerra contra o Japão, Alemanha e Itália. Ao mesmo tempo, embora informações sobre campos de extermínio nazistas serem escassas e nubladas, tornava-se claro que a Segunda Guerra Mundial não foi um retorno da Primeira Guerra Mundial, pois o fascismo levou a guerra uma posição que representava uma ameaça política à liberdade humana em uma outra dimensão para além do rivalidade normal entre países capitalistas. Ao mesmo tempo, a questão foi ainda mais complicada pelo fato de que o nosso aliado, a União Soviética, também era totalitário, o que fez com que a propaganda oficial trata-se a guerra como uma luta pela democracia como a outra guerra, a Primeira guerra mundial, era uma luta em defesa da democracia. Foi uma daquelas situações em que o apoio à guerra ou sua clara oposição não foi completamente viável teoricamente. Como em todas as situações difíceis em que foi necessário se comprometer ou adotar uma política do mal menor, era preciso agir antes de resolver todos os problemas teóricos apontados.¹²⁶ (PHILLIPS, 1983, p.122)

¹²⁶ “World War II was the force that catalyzed many of the incipient tendencies of the period. The reaction against the Soviet Union, and, later, against all forms of communism, was accelerated by the nationalist impulses aroused by the war. To be a Leninist one had to cultivate an indifference to the fate of one's own country, if not an actual desire for its defeat in a war, as Lenin did in World War I, and only the most the most Moscow-bound or totally disoriented radical would be untroubled by such a prospect. (The

Phillips fará referência ao debate publicado nas páginas da *Partisan Review* em que Clement Greemberg e Dwight Macdonald, de um lado, e Philip Rahv, de outro, discutiam as razões para a adesão, ou não, dos EUA na Segunda Guerra Mundial, do qual já tratamos neste trabalho, como símbolo daqueles tempo. Phillips admite (1983, p.122) que ficou fora da disputa por não ter claro para si qual das duas posições apoiar: ser pró ou anti-guerra, já que acreditava que a guerra era necessária para derrotar o fascismo (posição de Rahv) mas via-a, assim como a tradição marxista o ensinara, como outra etapa do capitalismo (posição de Greemberg e Macdonald). Na sequência, Phillips tratará de como a questão do Holocausto confundia ainda mais a apreciação sobre a guerra, já que, por um lado, o que se passava com os judeus não era, de fato, tão claro nos EUA e, por outro, a apreensão do fascismo como um fenômeno totalitário ainda estava em construção:

O fato é que o nosso ódio por Hitler e nossa preocupação com as liberdades civis e para o destino dos judeus fizeram a maioria de nós, se não passivos, apoiantes ativos da guerra. Nós estávamos indecisos porque não tínhamos o sentido pleno do Holocausto. (...) Pelo que me lembro, as informações que tínhamos sobre os judeus era irregular e nem sempre claras. Mas a principal razão para a nossa resposta inadequada estava na nossa política. Não é que nós não reagimos, mas que os nossos sentimentos estavam fora dos limites de nosso pensamento político, e não podíamos facilmente encaixá-los. Embora nós já fôssemos marxistas ortodoxos, nós tendíamos a compreender os acontecimentos em termos de categorias históricas que nós herdamos do marxismo. O genocídio e o totalitarismo, no entanto, eram novos fenômenos. Nós entendemos o totalitarismo de esquerda na União Soviética, mas, ainda assim tendíamos a pensar o fascismo como uma forma desesperada e extrema do capitalismo. Em todo o caso, o Holocausto foi muito grande em seu horror para ser descrito nos velhos termos políticos. Foi um desastre colossal, um ato humano monstruoso, não um sintoma de reação. Pelo menos no início, era principalmente algo que tínhamos que saber mais e aprender a digerir.¹²⁷ (Phillips, 1983, p.123)

Communist, it will be recalled, were anti-American and anti-war at the time of the Nazi-Soviet pact, and pro-war before and after.) But those of us who had a radical heritage and were both anti-Communist and anti-fascist had a difficult time adjusting to the new situation. We were still under the influence of Marxist doctrine, which led that wars of the West were fought for economic not moral reasons, and we were suspicious of American motives for waging war against Japan, Germany, and Italy. At the same time, though information about Nazi extermination camps was meager and cloudy, it was becoming clear that World War II was not a return of World War I, for facism pose political threats to human freedom that gave another dimension to the war beyond the ordinary rivalry between capitalist countries. At the same time, the issue was even further complicated by the fact that our ally, the Soviet Union, was also totalitarian, which made the official propaganda that the war was being fought for democracy as suspects as that of the other war, World War I, which also had been fought to make the world safe for democracy. It was one of those muddy situations where clear-cut support of the war or clear-cut opposition was not completely viable theoretically. As in all predicaments where it was necessary to compromise or adopt a lesse-evil policy, one had to act before resolving all the tangled political problems.” (PHILLIPS, 1983, p.122)

¹²⁷ “The fact is that our hatred for Hitler and our concern for civil liberties and for the fate of the Jews made most of us passive if not active supporters of the war. We were indecisive because we did not take in the full meaning of the Holocaust. (...) As I recall, the information we had about the Jews was spotty and not always clear. But the main reason for our inadequate response lay in our politics. It is not that we did not react but that our feelings lay outside the boundaries of our political thinking, and we could no easily fit them in. Though we ere no longer orthodox Marxists, we tended to understand events in terms of the

O fato é que a Guerra criou um abismo entre aquilo que havia servido de guia teórico para o radicalismo daquela geração – o Marxismo – e algo novo que, no final das contas, ainda não se sabia o que era. Nesse vácuo teórico, onde os conceitos se confundiam tanto quanto os sentimentos, emergiu o que Phillips chamou de *“legitimação de sentimentos e doutrinas nacionalistas, ambos em países desenvolvidos quanto atrasados, e a santificação de sentimentos e aspirações étnicas.”*:

O fato é que nós não nos opusemos à guerra. E este ato político, que era um ato político decisivo, teve consequências de longo alcance. Isso significava o fim do radicalismo tradicional, particularmente da variedade marxista ou trotskista, que foi baseado na idéia pura do internacionalismo. E ele abriu a porta para a legitimação de sentimentos nacionalistas e doutrinas, tanto nos países avançado quanto nos países "retardados", e para a santificação dos sentimentos e aspirações étnicos. O marxismo à moda antiga já não funcionava, mas a nova profusão de credos políticos não era melhor: ela nos trouxe para o nosso atual estado de confusão ideológica em que qualquer noção, convencional ou artificial, pôde encontrar alguma justificação e racionalização¹²⁸. (Phillips, 1983, p.123)

Como a crença no marxismo já havia se dissipado para muitos dos intelectuais em torno da PR, a busca por outras experiências filosóficas, estéticas e literárias inevitavelmente (e uma vez mais) voltou-se para os Europeus (repetindo a fórmula do modernismo na década de 1920). Na metade da década de 1940, por exemplo, Phillips rememora a série de artigos que a Partisan Review publica, destacando intelectuais que haviam se envolvido com a resistência antifascista, especialmente na França. É nesse momento que cresce, por exemplo, o interesse por escritores como Jean-Paul Sartre e Albert Camus. (PHILLIPS, 1983, p.107) Foi esse despertar que motivaria a aproximação com muitos outros intelectuais ao longo da década de 1940 e permitiria a ampliação das pontes construídas desde o desencadear da Guerra Mundial, no início da década.

historic categories we had inherited from Marxism. Genocide and totalitarianism of the right, however, were new phenomena. We understood the totalitarianism of the Left in the Soviet Union, but, we still tended to think of fascism as a desperate and extreme form of capitalism. In any event, the Holocaust was too overwhelming in its horror be written about in the old political terms. It was a colossal disaster, a monstrous human act, not another symptom of reaction. At least at the beginning, it was primarily something we had to know more about and learn how to digest.” (PHILLIPS, 1983, p.123)

¹²⁸ “The fact is we did not oppose the war. And this political act, for it was a decisive political act, had far-reaching consequences. It meant the end of traditional radicalism, particularly of the Marxist or Trotskyist variety, which was predicated on the pure idea of internationalism. And it opened the door to the legitimization of nationalist feelings and doctrines, both in the advanced and the “retarded” countries, and to the sanctification of ethnic feelings and aspirations. Old-fashioned Marxism no longer worked, but the new profusion of political creeds was no better: it has brought us to our present state of ideological confusion in which any notion, conventional or crockpot, can find some justification and rationalization.” (PHILLIPS, 1983, p.123)

3.5 - As Cartas para Londres: a história de uma coluna

Com o correr da década de 1940, o internacionalismo político fora substituído por um internacionalismo literário dentro da *Partisan Review*, com a construção de redes de comunicação entre intelectuais que tinham o antifascismo e, excetuando alguns casos, como com o existencialismo de Sartre, o anticomunismo como horizontes.

Muitos intelectuais europeus são incorporados ao círculo da revista e passam a contribuir de maneira constante com artigos, revisões, ensaios e resenhas. Nesse momento começam a surgir inúmeras “letters” de correspondentes de vários países europeus. Entre o final da década de 1930 e ao longo de toda a década de 1940, surgiram então cartas de Roma, Berlin, Paris e Londres (sendo as duas últimas as mais longevas).

A primeira das cartas europeias é a “*Paris Letter*”, que aparece na *Partisan Review* vol.6, n.1, 1938, assinada por Sean Niall. A *Paris Letter* seguiria até 1948, sendo assinada por diferentes “correspondentes”. Mesmo ano em que surge uma “*Berlin Letter*”, assinada por Melvin J. Lasky, e publicada na PR vol.15, n.1, janeiro de 1948. Outra “*Berlin Letter*” aparecerá na PR vol.15, n.4, Abril de 1948, assinada por Melvin Lasky. Ainda em 1948, apareceria ainda uma “*Spanish Letter*”, assinada por Saul Bellow, e publicada na PR vol.15, n.2, fevereiro de 1948. Quatro anos antes destas, surge, na PR Vol.12, n.4, da Primavera de 1944, uma “*Rome Letter*,” assinada por Moses Brown. Outra “*Rome Letter*” apareceria no Vol.16, n.6, de Junho de 1949, assinada por Nicola Chiaromonte.

Em suas memórias, William Phillips vai atribuir a mediação das relações dos New York intellectuals com os escritores europeus a H.J. Kaplan e Nicola Chiaromonte (PHILLIPS, 1983, p.103)¹²⁹. Entre os europeus que passam a contribuir sistematicamente com a PR ao longo da década de 1940, estão, entre eles, Jean-Paul Sartre¹³⁰, Albert Camus¹³¹, Ignazio Silone¹³², José Ortega y

¹²⁹ H.J. Kaplan assinará uma *Paris Letter* na PR Vol.12, n.4, da Primavera de 1944. Kaplan voltará a assinar uma *Paris Letter* no Vol.13, n.1, Inverno de 1946. E outra *Paris Letter* só aparecerá no Vol.14, n.5, de Dezembro de 1947, também assinada por Kaplan. Nicola Chiaromonte também assinaria a *Paris Letter*, na PR Vol.15, n.9, de Setembro de 1948. Chiaromonte voltará a publicar na PR no Vol.16, n.3, de Março de 1949, agora assinando uma *Rome Letter*. Outra *Rome Letter* apareceria no Vol.16, n.6, de Junho de 1949, também assinada por Chiaromonte. E Chiaromonte assinaria outra *Paris Letter*, na PR Vol.17, n.7, de Setembro-Outubro de 1950, novamente assinada por Nicola Chiaromonte. Outra *Paris Letter* apareceria no Vol.18, n.1, de Janeiro de 1951, também assinada por Chiaromonte.

¹³⁰ Jean-Paul Sarte publicará na PR pela primeira vez no Vol.12,n.3, no Verão de 1945, o texto “The Case for Responsible Literature”.

¹³¹ Albert Camus publicara seu primeiro texto autoral no Vol. 13, n.2, Primavera de 1946, ob o título “*The Myth of Sisyphus*”.

¹³² Ignazio Silone, aparecerá pela primeira vez nas páginas da PR no Vol.3, n.6, de Outubro de 1936, com o artigo, “Two Syllables”.

Gasset¹³³, Raymond Aron¹³⁴, Simone de Bouvoir¹³⁵. Outro grupo que contribuiria para a ampliação das relações dos intelectuais nova-iorquinos com os europeus, seriam os emigrados alemães – primeiro com Hannah Arendt e depois com os emigrados da Escola de Frankfurt, em especial com Max Horkheimer.

Hannah Arendt chegaria aos EUA em 1941, depois de 6 anos de exílio em Paris. Em Nova York, se filiaria ao tradicional grupo de intelectuais da cidade, dentro do qual estabeleceria uma importante rede de diálogos até sua morte, em 1975. As posições independentes de Arendt – como por exemplo o fato de não haver passado pela fase leninista que caracterizara os intelectuais de Nova York, na década de 1930 – mesclada a sua formação alemã, foram decisivas na definição de sua posição como outsider do núcleo duro dos intelectuais de Nova York. As redes de contatos e afinidades criadas por este círculo de intelectuais, porém, permitiu-lhe refinar muitas de suas ideias políticas, discutidas diretamente com outros intelectuais que ali participavam. Fora Alfred Kazin (outro membro-contribuidor do círculo da *Partisan Review*), por exemplo, que articulou a publicação do *The Origins of Totalitarianism*, após recusa do editor original do livro. Sua vasta correspondência e a relação de amizade com Mary McCarthy (outra importante contribuidora da *Partisan Review*, desde a segunda metade da década de 1930), já foi motivo de interessantes estudos. Da mesma forma, a recepção inicial do *Origins of Totalitarianism* entre os intelectuais de Nova York, foi fundamental para elevar o status do livro dentro do cenário crítico dos EUA. Entre algumas dessas resenhas, a de Dwight Macdonald, intitulada “A new theory of totalitarianism”, publicada na revista *New Leader*, 34, 14 de maio de 1941, é fundamental nos estudos nativos sobre o fenômeno totalitário, já que Macdonald (outro importante contribuidor da *Partisan* no final dos anos de 1930 e início da década de 1940) já se ocupava desde o início da década de 1940 em elaborar um entendimento teórico sobre o conceito político de totalitarismo e na análise do nazismo e do stalinismo como fenômenos autoritários. Nos EUA ainda, entre o círculo de Nova York, Arendt contribuiria nas década de 1940 e 1950 para as revistas *Politics*, dirigida por Macdonald, *Commentary* e *Partisan Review*, e mais tarde, nos anos de 1960, com o *New Yorker*, para o qual cobriria o julgamento de Adolf Eichmann, em Jerusalém.

O maior grupo de intelectuais europeus que publicariam na *Partisan Review*, seria, no entanto de britânicos. Desde a participação de John Strachey na apresentação que arrecadou dinheiro para a fundação da revista, em 1934, os britânicos contribuiriam sistematicamente com a

¹³³ José Ortega y Gasset publicará autorialmente nas páginas da PR pela primeira vez no Vol.16,n.8, de Agosto de 1949, com o texto *On Point of View in the Arts*

¹³⁴ Raymond Aron publica seu primeiro texto pela PR no Vol.16, n.4, de Abril de 1949, sob o título "The Crisis of the Fourth Republic".

¹³⁵ Simone de Bouvoir publicará pela primeira vez na PR no Vol.13, n.3, Verão de 1946, o texto "Pyrrhus and Cyneas".

PR. Os primeiros britânicos a publicar na Partisan Review seriam o poeta C. Day Lewis¹³⁶, que já havia sido comentado antes, mas cujo primeiro texto autoral apareceria, no entanto, no Vol.1, n.5, de Novembro-Dezembro de 1934, sob o título "The Road These Times Must Take". Outro poeta de grande renome a publicar pela PR ainda na década de 1930 é W.H. Auden cujo primeiro texto na revista aparecerá na PR Vol.6, n.3, no Inverno de 1939, sob o título, "The Public v. the Late W.B. Yeats".¹³⁷

No final da década de 1930, outros britânicos passariam a contribuir de maneira sistemática com a PR. Entre eles estavam, Julian Symons e D.S. Savage que farão sua aparição nas páginas da PR pela primeira vez conjuntamente no Vol.5, n.1, de Junho de 1938, com o artigo "Two English Poets".¹³⁸ Outro que começa a publicar pela Partisan já no começo da década de 1940 é Louis McNeice que publicará no Vol.6, n.3, do Inverno de 1939, o artigo, "Extract from Autumn Journal"¹³⁹. Stephen Spender cujo primeiro artigo pela PR aparece em seu Vol. 7, n.5, setembro-Outubro de 1940, intitulado "The Defense of Britain, A Controversy," escrito em conjunto com Dwight Macdonald.¹⁴⁰ Outro britânico que começa a contribuir com textos para PR é Rayner

¹³⁶ C. Day Lewis aparecerá nas páginas da PR no Vol.2, n.8, de Julho de 1935, na resenha "Tradition and Experiment," de Alan Calmer, baseada na leitura dos livros *Collected Poems, 1929-1933* e *A Hope for Poetry*, de Lewis. Seu primeiro texto autoral apareceria, no entanto, no Vol.1,n.5, de Novembro-Dezembro de 1934, sob o título "The Road These Times Must Take". Lewis aparecerá novamente na PR no Vol.13, n.1, Inverno de 1946, através da resenha "Poetry Chronicle," de Dudley Fitts que, entre outros livros, tratará do *Short is the Time*, de Lewis.

¹³⁷ Já no Vol.8,n.4, de Julho de 1941, Auden publica o texto "At the Grave of Henry James". O próximo texto de Auden aparece no Vol.9,n.4, de Julho de 1942. Auden aparecerá novamente com dois poemas no Vol. 10,n.5, de Setembro de 1943. Auden aparecerá novamente na PR no Vol.11, n.4, na Primavera de 1944, na resenha "Between Shall-I and I-Will", de Wylie Sypher, baseada na leitura do livro *For the Time Being*, de Auden. Auden aparecerá resenhado novamente no Vol.14, n.5, Dezembro de 1947, no texto "Auden and Stevens," de Delmore Schwartz, baseado em seu livro *The Age of Anxiety*.

¹³⁸ Já no Vol. 4, n.3, de Fevereiro de 1938, Savage publicará o artigo, "A Childhood Memory". Savage aparecerá novamente no Vol.4, n.5, de Abril de 1938, com o artigo "Two poems". Savage aparecerá novamente no Vol.6, n.1, da Primavera de 1938, com o artigo, "A Little Anthology of British Poets". Savage novamente publicará pela PR no Vol.9,n.1, de Janeiro de 1942, o poema intitulado "Separation". Já Julian Symons publicaria novamente pela PR no Vol.9,n.5, de Setembro-outubro de 1942, dois poemas de título "The Statues in Parliament Square" e "Reflections in Bed". Symons novamente publicará na PR no Vol.10,n.5, de Setembro de 1943, o texto "Writing in the Desert".

¹³⁹ McNeice volta a publicar pela PR no Vol.7,n.4, de Julho-Agosto de 1940, um poema sob o título de "The Preacher". McNeice aparecerá novamente na PR no Vol.13, n.1, Inverno de 1946, através da resenha "Poetry Chronicle," by Dudley Fitts, que tratará entre outros livros, de seu *Springboard*.

¹⁴⁰ A primeira vez que Stephen Spender aparece nas páginas da Partisan Review é através de um comentário sobre sua poesia, através da resenha de título "The Poetry of Auden and Spender," de autoria de Alfred Hayes, que tratava dos trabalhos *Poems, de W.H. Auden* e *Poems, de Spender*. A segunda aparição de Spender na PR será no Vol.3, n.3, de Abril de 1936, também através de um comentário de sua obra, agora na resenha de Philip Rahv, "An Esthetic of Migration," baseada no livro *The Destructive Element*, de Spender. O primeiro artigo de Spender pela PR, no entanto, é datado de Vol. 7, n.5, Setembro-Outubro de 1940, "The Defense of Britain, A Controversy," escrito junto com Dwight Macdonald. No Vol. 9, n.1, de Janeiro de 1942, aparece um artigo sob o título "War and the Writer". Spender vai publicar ainda no Vol.9, n.6, de Novembro de 1942, o texto, *Ruins and Visions*. Spender voltará a publicar pela PR no Vol.7, n.2, de Março-Abril de 1940. No no Vol.7,n.4, de Julho-Agosto de 1940, Spender publicará junto com Dwight Macdonald o texto "The Defense of Britain, A Controversy". Spender aparecerá novamente na PR, agora sendo comentado, na resenha "Poets, English and American," de Clement Greenberg, a qual conta com uma apreciação de seu livro *Ruins and Visions*. No

Heppenstall, cujo primeiro texto na PR aparecerá no Vol.7, n.5, de Setembro-Outubro de 1940, texto sob o título de “English Nightmare”.¹⁴¹ Outro britânico que começa a publicar pela PR na década de 1940 é Herbert Read aparecerá pela primeira vez na PR no Vol.10, n.5, de Setembro de 1943, com o texto *The Politics of the Unpolitical*.¹⁴²

A lista daqueles que publicaram pela Partisan Review em Nova York advindos das linhas de frente do Left Book Club em Londres não é extensa. No entanto, entre estes nomes, podemos encontrar alguns dos mais destacados intelectuais da esquerda anti-stalinista londrina. Além do próprio Orwell, que publicou um único livro pelo Left Book Club, o *The Road to Wigan Pier* (1937), Stephen Spender publicou pelo *Left Book Club* o livro *Foward from liberalism* (Maio de 1937); já Arthur Koestler publicou pelo clube os livros *The scum of the earth* (Maio de 1941) e *The Spanish Testament* (Dezembro de 1937) e André Malraux, que pelo LBC publicou, *Days of contempt* (Agosto, 1936).

Pela Partisan Review, Orwell publicou um total de 19 textos (entre estes, 15 “London Letters”), sendo o último publicado postumamente – o ensaio *Such, Such Were the Joys*, em 1952.¹⁴³ Já Arthur Koestler, que assumiria a assinatura das London Letters, em 1946, logo após

Vol.11,n.3, no Verão de 1944, Spender publica o artigo “Rejoice in the Abyss”. Spender voltará a publicar na PR no Vol.12,n.3, no Verão de 1945, o texto “Modern Writers in the World of Necessity”. Spender voltará a publicar na PR no Vol.13, n.1, no Inverno de 1946, o texto sob o título, “German Impressions and Conversations”. Spender voltará a publicar na PR no Vol.13, n.3, no Verão de 1946, o texto “The Making of a Poem”. Spender voltará a ser tema de resenha na PR, com o texto “Romantic Poets, Old and New,” de Richard Chase, que analisa entre outros títulos os livros de Spender, *A Choice of English Romantic Poetry*, e *Poems of Dedication*. Spender publicaria novamente na PR no Vol.15, n.6, Junho de 1948, com texto “Madonna”. Spender voltaria a publicar na PR no Vol. 15, n.11, de Novembro de 1948 o texto “The Life of Literature”. A segunda parte do ensaio de Spender seria publicada no Vol.15, n.12, de Dezembro de 1948, sob o título “The Life of Literature, Part II”. A parte três do artigo de Spender aparecerá no Vol.16, n.1, de Janeiro de 1949, sob o título “The Life of Literature, Part III”. A continuação do artigo, seria publicado no Vol.16, n.2, de Fevereiro de 1949, sob o título, “The Life of Literature, Part IV”. Spender voltará a publicar na PR no Vol.16, n.9, de Setembro de 1949, o texto “Oxford and Germany”. Spender voltará a aparecer no Vol.16, n.11, de Novembro de 1949, na resenha “Poetry Chronicle,” de W.S. Poster, baseado no livro *The Edge of Being*, de Spender.

¹⁴¹ Já no Vol.8, n.2, de Março de 1941, Heppenstall publica o texto, “Instead of a Carol”. Heppenstall só voltaria a publicar na PR no Vol.12, n.2, na Primavera de 1945, com o texto “The Wrath to Come”. Heppenstall publicará na PR outra vez no Vol.15, n.2, Janeiro de 1948, o texto “Two Novels by Leon Bloy,” uma resenha do livro *The Woman Who Was Poor and Le Desespere*, de Leon Bloy.

¹⁴² Read aparecerá novamente na PR no Vol.12, n.3, no Verão de 1945, na resenha “Our Person Our World,” de Marguerite Young, baseada na leitura de seu livro *A World Within a War*.

¹⁴³ O primeiro texto de Orwell pela PR e também a primeira das London Letters, e aparece no Vol. 8, n.2, Março de 1941. A segunda London Letter aparece no Vol. 8, n.4, Julho de 1941. A terceira aparece no Vol.8, n.6, de Novembro de 1941. O quarto texto de Orwell pela PR aparece no Vol. 9, n.1, de Janeiro de 1942, sob o título “Controversy,” que ele assina junto com Nicholas Moore. Esse texto publicado junto com Nicholas Moore integra uma coluna dedica à Inglaterra, chamada “From England” e que contou com outros textos: “War and the Writer,” by Stephen Spender, “B.T.N.I.,” de Rayner Heppenstall, “Letter from the Country,” de D.S. Savage. O quinto texto de Orwell pela Partisan Review volta a ser sua coluna, “London Letter” e aparece no Vol.9, n.2, de Março-Abril de 1942. No mesmo volume 9 da PR, aparece uma revisão do texto de Orwell, *The Lion and the Unicorn*, sob o título “The British Genius,” por Dwight Macdonald. A sexta London Letter, aparece no Vol. 9, n.4, de Julho de 1942. A sétima contribuição de Orwell para a Partisan Review aparece no Vol.9, n.5, de Setembro-Outubro de 1942, na forma de controvérsia com outros autores, sob o título: “Pacifism and the War: A Controversy,” com artigos de D.S. Savage, George Woodcock, Alex Comfort, e do próprio Orwell. O oitavo texto de Orwell na PR é

Orwell abandoná-la, publicará seu primeiro texto autoral na PR Vol.11, n.3, no Verão de 1944, sob o título "The Intelligentsia".¹⁴⁴ André Malraux publicaria pela PR ainda na década de 1930, o texto "Literature in Two Worlds" na PR Vol. 2, n.6, janeiro-fevereiro de 1935.

Os fundadores e editores do Left Book Club também seriam temas dentro da Partisan Review. John Strachey, que fora o responsável pela palestra que arrecadou fundos para a fundação da Partisan Review, e publicaria pela revista alguns artigos em sua "primeira fase", foi o autor que mais publicou pelo LBC: *The theory and practice of Socialism*. (November 1936), *The coming struggle for power*. (September 1937), *What are we to do?* (March 1938), *Why you should be a socialist*. (May 1938), *A programme for progress*. (January 1940), *Federalism or Socialism?* (September 1940), *A faith to fight for*. (January 1941). Pela PR, Strachey publica seu primeiro texto no Vol. 2, n.9, de Outubro-Novembro de 1935, sob o título de "Marxism and the Heritage of Culture". Já Harold Laski, aparecerá pela primeira vez na PR comentado por Sidney Hook no

novamente sua coluna, London Letter, e aparece no Vol.9, n.6, de Novembro de 1942. O próximo texto de Orwell na PR aparece no Vol. 10, n.2, de Março de 1943, agora com o título "A Letter from England". A próxima London Letter de Orwell aparece no Vol.10,n.4, de Julho de 1943. Orwell aparecerá novamente na PR no Vol.11, n.1, Inverno de 1944, com a resenha "Gandhi in Mayfair," baseado na leitura do livro *Beggar My Neighbor*, de autoria de Lionel Fielden. Já no Vol. 11, n.2, da Primavera de 1944, Orwell voltará a publicar a sua London Letter. A próxima London Letter que Orwell assina aparece no Vol.11, n.3, no Verão de 1944. Orwell voltará a publicar sua London Letter no Vol.11, n.4, na Primavera de 1944. A próxima London Letter de Orwell aparecerá no Vol.12, n.1, Inverno de 1945. Orwell voltará a publicar sua London Letter no Vol.12,n.3, no Verão de 1945. Orwell voltará a publicar sua London Letter no Vol.13, n.3, Verão de 1946 – e essa será a última vez que Orwell assinara a coluna que, a partir de então passara a ser assinada por Arthur Koestler no Vol.14, n.2, na Primavera de 1947. Orwell aparecerá novamente na PR no Vol.13, n.4, Setembro-Outubro de 1946, através da resenha "Criticism and Common Sense," de Newton Arvin, baseado em seu livro *Dickens, Dali and Others*. Orwell voltará a publicar texto autoral na PR no Vol.14, n.4, Verão de 1947, sob o título, "The Future of Socialism". Orwell publicará na PR novamente no Vol.16, n.1, de Janeiro de 1949, o texto "Reflections on Gandhi". No Vol.16, n.5, de Maio de 1949, a PR abre espaço para uma série de texto que comentavam o prêmio literário recebido por Ezra Pound e sua relação com o fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. O título dessa série foi, "The Question of the Pound Award," e é seguido de ensaios de W.H. Auden, Robert Gorham Davis, Clement Greenberg, Irving Howe, George Orwell, Karl Shapiro, e Allen Tate. Já postumamente (Orwell falece em 21 de Janeiro de 1950), Orwell será resenhado no Vol.17, n.15, de Maio-Junho de 1950, no texto "Decency and Death," de Issac Rosenfeld, baseado nos livros *Down and Out in Paris and London*, *Coming Up for Air*, e *Burmese Days*, de Orwell. E ele seria publicado uma vez mais postumamente na PR no Vol.19, n.5, de Setembro-Outubro de 1952, com o texto "Such,Such Were the Joys".

¹⁴⁴ Arthur Koestler aparecerá pela primeira vez na PR no Vol.11,n.1, Inverno de 1944 na resenha "The Case of the Baffled Radical," de Harold Rosenberg, sobre o livro *Arrival and Departure*, de Koestler. Koestler publicaria seu primeiro texto autoral na PR, contudo, apenas no Vol.11, n.3, no Verão de 1944, sob o título "The Intelligentsia". Koestler voltara a aparecer na PR no Vol.12, n.3, no Verão de 1945, na resenha "Testament of a Homeless Radical," de Philip Rahv, baseada em sua leitura do livro *The Yogi and the Commissar*, de Koestler. E Koestler voltará a aparecer na PR no Vol.13, n.5, de Novembro-Dezembro de 1946, através da resenha "Koestler's New Novel" de Clement Greenberg, baseado em seu livro *Thieves in the Night*. Koestler voltará a publicar na PR, a partir de agora assinando a coluna *London Letter*, antes assinada por George Orwell, no Vol.14, n.2, na Primavera de 1947. Koestler voltará a publicar a London Letter no Vol.14, n.4, Verão de 1947. Koestler assinara outra London Letter no Vol. 15, n.1, Janeiro de 1948. Koestler voltará a aparecer na PR no Vol.16,n.5, de Maio de 1949, na resenha "Koestler as System-Maker," de Paul Kecskemeti, baseado no livro *Insight and Outlook*, de Koestler. Novamente, Koestler será resenhado no Vol.17, n.1, de Janeiro de 1950, no texto "Koestler and Israel" de Leslie A. Fiedler, baseado no livro *Promise and Fulfillment*, de Koestler. O autor voltará a publicar texto autoral no Vol.18, n.1, de Janeiro de 1951, com o texto "Fatigue of the Synapses".

Vol.10, n.5, de Setembro de 1943, na resenha "Illusions of Our Time," baseada na leitura de Hook do livro *Reflections on the Revolution of Our Time*, publicado por Laski. O editor-chefe do LBC, Victor Gollancz, apesar de não ter publicado pela *Partisan Review*, flutuou entre seu círculo, o que resultaria em contribuições para a revista *Politics*, fundada por Dwight Macdonald em 1943, logo após seu rompimento com os editores-seniors da *Partisan* por discordâncias político-teóricas sobre os rumos da revista.

Além destes, outros intelectuais importantes dentro do Popular Front britânico publicariam também pela *Partisan Review* ao longo da década de 1940 e começo da década de 1950. Entre eles, Alex Comfort que publica seu primeiro texto na PR sob o título *Lyra: an Anthology of New Lyric*, escrito junto com Robert Greacen.¹⁴⁵ Cyrill Connolly publicará seu primeiro texto na PR no Vol.16, n.3, de Março de 1949, quando passará a assinar as *London Letter*. V.S. Pritchett aparecerá pela primeira vez na PR no Vol.15, n.10, publicando o texto "The Future of English Fiction".¹⁴⁶ Franz Borkenau apareceria na PR apenas no Vol.19, n.4, de Julho-Agosto de 1952, com o texto "Socialism in Arrears," uma revisão do livro *Capitalism and Socialism on Trial*, de autoria de Fritz Sternberg.

A primeira das *London Letters* aparece em 1939, assinada por Desmond Hawkins. Nascido no condado de Surrey, Inglaterra, em 1908, Hawkins se destacou no entre guerras britânico como jornalista escrevendo para algumas das principais publicações do período na Inglaterra, além de ter editado também dois livros e publicando dois romances autorais. Entre outros periódicos, o autor contribui com as revistas *The Listener*, *Time and Tide* e *New Statesman*, todas britânicas. Ainda na Inglaterra, foi ainda editor da revista *The New English weekly* e contribuiu como cronista para o jornal dirigido por T.S. Eliot, *The Criterion*. Hawkins trabalhou ainda para a BBC de Londres, produzindo programas para a rádio estatal como freelancer ao longo da segunda metade da década de 1930, para se tornar um dos principais produtores da emissora na década de 1940. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hawkins se fixaria então como empregado da BBC, produzindo uma série de programas, primeiro de cunho literário, passando pelo programa diário *War Report*, até que, em 1945, assume definitivamente a posição de produtor de documentários para a emissora, em Bristol, e funda a Natural History Unit da BBC, responsável até os dias atuais pelos documentários acerca de história natural e vida animal da emissora.

No final da década de 1930, Hawkins passaria a contribuir também com a revista nova-

¹⁴⁵ Comfort apareceria novamente no Vol.10, n.2, de Março de 1943, sob o título de "English Poetry and the War". Comfort apareceria novamente na PR no Vol.11,n.2, na Primavera de 1944, com o texto "The Progress of Cultural Bolshevism". Comfort voltaria a ser comentado na PR no Vol.12,n.2, na Primavera de 1945, na resenha "In and Out of the War," de Isaac Rosenfeld, baseada na leitura do livro *The Power House*, de Comfort e em outros livros.

¹⁴⁶ Pritchett voltaria a publicar pela PR no Vol.15, n.11, de Novembro de 1948, o texto "The Creative Life in Our Time," uma troca de cartas com Elizabeth Bowen e Graham Greene.

iorquina *Partisan Review*, assinando a coluna *London Letter* – uma série de artigos como correspondente. Hawkins, no entanto, só publicaria dois artigos na coluna, sendo o primeiro deles publicado no Vol. 6, n.4, da Primavera de 1939. A segunda das *London Letters* assinada por Hawkins aparecerá na PR no Vol.9, n.1, de Janeiro-Fevereiro de 1940. Hawkins interrompe o envio de textos para a *Partisan Review* no momento em que a guerra mundial diminui seus contatos, como afirmara autobiograficamente no livro *When I Was*, de 1989.¹⁴⁷

Desde o início, o tema central das *London Letters* era retratar a situação britânica em meio ao convulsionado continente sacudido por outra guerra. No primeiro parágrafo de sua *London Letter*, Hawkins é irônico ao retratar as primeiras impressões do ambiente britânico, quando o país ainda não havia declarado guerra às potências do eixo. O autor escreve o seguinte, então, no parágrafo de abertura:

Dizer o que acontece na Inglaterra neste momento não é tarefa fácil. Em cada esfera nós parecemos ter chegado ao intervalo entre na Atos. A superfície opaca e serena dos assuntos públicos, de fato sugere que nada está acontecendo. Somos todos anti-fascista. Estamos todos dedicados à paz e convictos da nossa solicitude superior para a sua prevenção. Notamos com pesar que outras nações são menos idealistas do que nós mesmos. Estamos decididos que o “direito” deve triunfar sobre o “pode”, e estamos deixando pedra sobre pedra em nosso esforço para garantir que o “direito” deve ter tanto quanto o “pode” um custo alto. Em suma, ainda somos todos ingleses. (Hawkins, 1939, p.86)¹⁴⁸

A ironia de Hawkins tem uma razão clara. A retórica de reconstrução social da economia ainda solapada pela crise que assolara a década de 1930, parecia sobrepujar as diferenças ideológicas entre Torys, liberais, Trabalhistas e boa parte dos socialistas. A diferença, no entanto, estava nas posturas públicas da política partidária – e dos círculos intelectuais – e o jogo político privado: de um lado, a invasão da Checoslováquia pela Wehrmacht – assim como três anos antes o bombardeio de vilas civis pela *Luftwaffe* durante a Guerra Civil espanhola – não havia sensibilizado a opinião pública britânica quanto aos perigos reais do fascismo. Ao contrário, como revelou recentemente o jornal britânico *The Guardian*, quando publicou fotos da família real britânica repetindo a saudação nazista e as ligações de Eduardo VIII (irmão do rei George VI, pai da então pequena Elizabeth, que viria a ser coroada rainha e que também aparece na foto, com 6 anos,

¹⁴⁷ HAWKINS, Desmond. *When I Was: an autobiography*. London: Macmillan, 1989.

¹⁴⁸ To say what happened in England at present time is no easy task. In very sphere we seem to have come to an interval between Acts. The opaque and unruffled surface of public affairs suggests indeed that nothing is happening at all. We are all anti-fascist. We are all devoted to the peace and convinced of our superior solicitude for its prevention. We have notice regretfully that other nations are less idealistic than ourselves. We are determined that Right shall triumph over Might, and we are leaving no Stone unturned in our effort to ensure that Right shall have as much Might as heavy taxation can provide. In short, we are still English. (HAWKINS, 1939,p.86)

repetindo o gesto do tio e da tia) com o partido nazista, o comunismo assustava mais as elites europeias, incluindo a britânica, do que Hitler.¹⁴⁹

Hawkins indica esse jogo retórico na mudança de postura gradual da imprensa, por exemplo, através da postura do jornal *Time and Tide* que, depois da invasão nazista da Tchecoslováquia pedia a inclusão de Winston Churchill e Duff Cooper no Cabinet por serem considerados fortemente anti-Hitler (HAWKINS, 1939, p.86) – mesmo que o anticomunismo de Churchill não fosse grande segredo para ninguém.

O autor se queixa, no entanto, que a política interna britânica estava dominada pelos assuntos externos. O que se via, segundo sua análise, era uma progressiva escalada belicista – com a campanha de rearmamento a todo vapor – da sociedade britânica, mesmo que, publicamente, não fosse admitido que Hitler era sim um perigo também para o império britânico. A invasão da Tchecoslováquia parecia dar razão, ao contrário, afirma Hawkins, ao fim do otimismo dos grupos intelectuais de que o Império ruiria com a crise. E não seria possível compreender qual o caminho que a Inglaterra tomava sem considerar a situação política interna. (HAWKINS, 1939, p.87)

Em relação as mudanças graduais da opinião pública britânica entre a declaração da Guerra Mundial, em 1939, e a adesão britânica em 1940, Hawkins faz referência em sua primeira London Letter ao projeto *Mass Observation*, dirigido por Tom Harrison e Charles Madge, que estava coletando dados porta-a-porta em várias cidades inglesas sobre a percepção dos cidadãos com a política do período (HAWKINS, 1939, p.87)¹⁵⁰. O que podia ser visto, como disse acima, era uma espécie de pasteurização das opiniões. O governo Chamberlain, que mais tarde seria acusado de não ter força suficiente para combater Hitler, ainda era visto em 1939 como eficiente na condução do país e, por isso, segundo Hawkins, deveria vencer as eleições que viriam. Para Hawkins, a preocupação geral era com a defesa do país, sem, contudo, ter certeza do que se estava defendendo. O que começava a prevalecer aos poucos e gradualmente, eram os slogans de defesa de uma vaga ideia de democracia, então, supostamente, contra o autoritarismo fascista. (HAWKINS, 1939, p.88) Sobre isso Hawkins escreve o seguinte:

(...) A Europa, claro é um acampamento armado de resistentes e-defensores da paz que procuram em vão por um agressor, mas nós podemos ajudar nisso: a justiça da nossa causa é tão óbvia que não há segunda opinião, e enquanto o governo se mantiver repetindo esse slogan vai continuar no

¹⁴⁹ URBACH, Karina. "Behind the infant Queen's gesture lies a dark history of aristocratic Nazi links". *The Guardian*. 19 de Julho de 2015. Versão on-line disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jul/19/nazi-hitler-royal-family>

¹⁵⁰ Parte considerável dos arquivos do projeto Mass Observation estão contidos nos arquivos coletivos na University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records, University of Sussex, Sussex, Reino Unido. E também puderam ser consultados por mim durante o período de pesquisa para o doutorado sanduíche que realizei no primeiro semestre de 2015.

poder. (Hawkins, 1939, p.88)¹⁵¹

Segundo Hawkins, a questão que parecia central naquele momento parecia entender a posição da direita local em relação não apenas ao avanço do fascismo mas aos seus interesses internos, ligados diretamente a política de rearmamento. (HAWKINS, 1939, p.88)

O mesmo tema inspirará Hawkins em sua segunda carta para a PR. Publicada então no vol.7, n.1, janeiro-fevereiro de 1940, Hawkins começa seu artigo lembrando como, no começo do ano de 1940, a guerra ainda era um eco distante da vida diária dos britânicos:

[...] É certo para muitos de nós que a guerra até agora é pouco mais que um eco falso, um sonho em flash-back, que parece ter sido sacudido pelo caminho que percorremos vinte anos atrás. Claro que dizemos a nós mesmos que isso é real. É uma nova guerra. Pode durar anos. Mas ainda assim o ar de alucinação persiste; o padrão é familiar e muito banal, para passar como nova. (Hawkins, 1940, p.54)¹⁵²

Era evidente que a guerra já devastava a Europa quando Hawkins tece suas considerações acerca do isolamento britânico no conflito. Para a geração que cresceu no período pós-1918, a guerra era uma memória distante, com *fleths* do passado entremeados às memórias fraternais da infância. O pacifismo era a política da vez do entre guerras no mundo anglo-saxão. Era a negação da guerra, diante das mortes em massa nas trincheiras nos campos de batalha, que criou a ideia de que a guerra era algo que não se queria repetir. E era com essas memórias que se podia contrastar o ambiente que se desenhava durante a nova guerra que se desenrolava na Europa. Como Hawkins escreve:

(...) É, como você vai reconhecer, a formação intelectual contra a qual nós – se estamos deste lado dos quarenta – emergimos. Nós fomos para a escola com a guerra. É um assunto que nós conhecemos perfeitamente. É mais como um transtorno para o qual nós fomos poderosamente vacinados e medicados. Nós somos, para emprestar um favorito de Hollywood, alérgicos a guerra. Conhecemos cada polegada do caminho. Nós completamos uma rodada de ilusões e desilusões. (Hawkins, 1940, p.55)¹⁵³

¹⁵¹ “(...) Europe, of course is an armed camp of resisters and peace-defenders looking vainly for an aggressor, but we can help that: the rightness of our cause is so obvious that there is no second opinion, and so long as the government kips repeating the slogan it will stay in Power.” (HAWKINS, 1939,p.88)

¹⁵² “[...] its certain that to many of us the war so far is Little more than a phony echo, a dream flash-back, in which we seem to have jolted over the track and landed in the groove we ploughed twenty-years ago. Of course tell ourselves this is real. Its a new war. It may go on for years. But still the air of hallucination persists; the pattern is to familiar, too trite, to pass as new.” (HAWKINS, 1940,p.54)

¹⁵³ “(...) It is, as you will recognize, the intellectual background against we - if we are on these side of forty - emerged. We went to school with war. It is the one subject we now perfectly. It is more over the one disorder against we have been powerfully vaccinated and dosed. We are, to borrow a Hollywood

O ponto mais interessante, no entanto, é o apanhado que Hawkins faz do apelo pela guerra nos slogans partidários e de como a guerra acabava por atrair os britânicos para dentro dela muito mais por seu patriotismo e tradição do que pela defesa dos países invadidos por Hitler. Ou seja, o medo da perda de seu próprio país representava um motivador muito maior do que a defesa do outro. (Hawkins, 1940, p.56) O ponto que se pode apreender aqui é então o de como os laços nacionais são (re)forjados e (re)costurados em um momento em que as tradições da comunidade são ameaçadas pelo inimigo externo.

3.6 - Orwell e as Cartas de Londres

Logo após a desistência forçada de Desmond Hawkins, quem assume a assinatura das London Letters é, como já disse, George Orwell. O primeiro contato dos editores da Partisan Review com Orwell se deu em 9 de dezembro de 1940, no entanto, com outro dos editores da revista, quando Clement Greenberg, escreve à Orwell solicitando o seguinte:

Os editores da Partisan Review gostariam muito de tê-lo a frente das cartas inglesas para eles. Existem coisas que as notícias não nos dizem. Por exemplo, o que está acontecendo sob a superfície da política? Entre os grupos de trabalhadores? Qual é o sentimento geral, se é que existe tal coisa, entre escritores, artistas e intelectuais? Quais alterações suas vidas e suas preocupações sofreram? Você pode ser um fofoqueiro como quiser, e referir-se ao maior número de personalidades que você desejar. Quanto mais, melhor. Você pode usar seu próprio julgamento quanto ao comprimento. "(Clement Greenberg para Orwell, Apud Davison, 1998, p.351)

O pagamento para as contribuições de Orwell à Partisan seria de US\$2 por página impressa – cerca de US\$11 por cada London Letter – em valores da época. Segundo Peter Davison, organizador das *Obras Completas* de Orwell, o primeiro convite havia sido feito pelo próprio Desmond Hawkins, por volta de novembro de 1940, quando ambos participaram de um debate, mediado por C.V. Salmon, intitulado *The Writer in the witness box*. Salmon escrevera para Orwell em 31 de outubro de 1940, para que ele comentasse o tema “Proletarian Literature” e, em seguida para Hawkins, para que ele comentasse o mesmo tema. A “conversa” fora transmitida pelo Home Service da BBC, em 6 de dezembro de 1940 e posteriormente publicado no *The Listener* (uma série de coleções que reuniam em texto as transmissões radiofônicas da BBC), em 19 de dezembro do mesmo ano. Pelo debate, Orwell recebeu, segundo acordado em contrato, o valor de £10,50.

favourite, allergic to war. We know every inch of the road already. We have completed that particular round of illusions and disillusion.” (HAWKINS, 1940,p.55)

(DAVISON, 1998, p.82-4)

Com a adesão dos EUA à guerra em 1941, mesmo ano em que Orwell inicia o envio de suas “cartas”, a *Partisan Review* se viu frente a um conjunto renovado de desafios, tanto teórico-epistêmicos no campo da esquerda intelectual, quanto estéticos. As questões centrais na década de 1940 para uma das publicações mais influentes da esquerda intelectual dos EUA eram as seguintes: como manter uma crítica humanista da sociedade burguesa baseada nos ideais socialistas, contrapondo-se simultaneamente aos valores fascistas e chauvinistas-nacionalistas que tomaram, por exemplo, conta do discurso pró-guerra nos EUA? Ao mesmo tempo, como se dissociar daquilo que parecia ser o grande labirinto para a esquerda depois da assinatura do Pacto Nazi-soviético em 1939 – ou seja, o marxismo-leninismo, então reivindicado pelo stalinismo como seu legítimo guardião?

Na década de 1940, insistindo nisso que vimos até aqui como um conjunto de novas preposição teórico-interpretativas tanto para a literatura, quanto para a crítica, como também para a política, os intelectuais congregados em torno da *Partisan Review* propuseram uma série alternativas reflexivas com o intuito de reavivar, não apenas o marxismo, mas os valores humanistas do socialismo, frente ao dogmatismo da política contemporânea.

Entre as várias possibilidades de reinterpretação dos caminhos políticos que poderiam ser trilhados, tanto pela *Partisan Review* quanto pelos intelectuais ao seu redor, uma das mais instigantes disputas surgiu no debate entre James Burnham¹⁵⁴ e Dwight Macdonald. Ambos haviam

¹⁵⁴ James Burnham, aparecerá pela primeira vez nas páginas da PR no Vol.5, n.1, de Junho de 1938,, com a resenha, "Criticism and Pseudo-Criticism," baseada na leitura do livro *Literary Opinion in America*, de Morton Dauwen Zabel. Já no Vol.4, n.4, de Março de 1938, Burnham publicará a resenha de título "Capitalism, American Style," baseado na leitura dos livros, *America's Sixty Families*, de Ferdinand Lundberg e *The Folklore of Capitalism*, de Thurman W. Arnold. Já no Vol. 4, n.3, de Agosto-Setembro de 1938, Burnham publicará o artigo, "William Troy's Myths". Já no Vol.6, n.3, do Inverno de 1939, Burnham publica a revisão "A Belated Dialectician," baseada na leitura do livro *The Marxist Philosophy and the Sciences*, de J.B.S. Haldane. Já no Vol.8,n.3, de Maio de 1941, Burnham publicará o texto, "The Theory of the Managerial Revolution". A primeira análise do texto de Burnham aparecerá no Vol.9,n.1, de Janeiro de 1942, com a resenha de Dwight Macdonald, "The Burnhamian Revolution," baseado na leitura do livro *The Managerial Revolution*, Burnham. Burnham publica no Vol.11,n.1, Inverno de 1944, a resenha "The Two Republics," baseada na leitura do livro *The Republic*, de Charles A. Beard. Burnham voltará a publica na PR no Vol.11, n.2, na Primavera de 1944, a resenha "Rules for Fishing in an Empty Sea," baseada no livro *How to Think About War and Peace*, de Mortimer J. Adler. Burnham publica no Vol.11,n.3, no Verão de 1944 o texto "The Sixth Turn of the Communist Screw". Burnham aparecerá novamente no Vol.12, n.1, no Inverno de 1945, com o texto "Lenin's Heir". Burnham voltará a publicar na PR no Vol.12, n.2, da Primavera de 1945, com o texto "Politics for the Nursery Set". Burnham voltará a publicar na PR no Vol.14, n.2, Primavera de 1947, um conjunto de resenhas sobre Franz Kafka: "Observations on Kafka," baseado nos livros *The Metamorphosis* e *The Great Wall of China*. Burnham voltaria a publicar na PR no Vol.15, n.9, de Setembro de 1948, com a resenha "The Extreme and the Plausible," baseada na leitura dos livros *The Blood of Others*, de Simone de Beauvoir *The Plague*, de Albert Camus. Burnham voltará a publicar pela PR no Vol.16, n.2, de Fevereiro de 1949, a resenha "The Unreconstructed Allen Tate", baseada no livro *On the Limits of Poetry*, de Allen Tate. Burnham voltará a publicar no Vol.17, n.1 de Janeiro de 1950, o texto "The Suicidal Mania of American Business". Burnham voltará a publica na PR no Vol.17, n.8, de Novembro-Dezembro de 1950, como texto "Rhetoric and Peace". Já no Vol.18, n.5, de Setembro-Outubro de 1951, Burnham publicará o texto "Parakeets and Parchesi".

trilhado os caminhos do trotskismo na segunda metade da década de 1930, filiados ao Socialist Workers Party, cada um, no entanto, aderindo as perspectivas próprias de interpretação das ideias de Trotsky.

No início da década, Burnham publica o artigo, “The Theory of Managerial Revolution”, na *Partisan Review* 3, maio-junho de 1941, p.181-197 e o panfleto “The Managerial Revolution: What is happening in the World”, em Nova York, em 1941. Já Macdonald, criticando o extremismo da visão de Burnham quanto a ideia da ascensão de uma nova classe de técnicos, responde as preposições de Burnham no artigo, “The Burnhamian Revolution”, *Partisan Review* 9, janeiro-fevereiro de 1942, p.76-84.

O movimento da militância política de James Burnham se assemelha em muitas medidas a de outros importantes nomes do esquerda intelectual estadunidense da geração que emergiu da década de 1920, tal qual Sidney Hook. Trotskista nos anos de 1930, Burnham foi afiliado ao Socialist Workers Party, de Nova York, a principal organização política trotskista dos EUA, controlada diretamente por Trotsky, já no México. Burnham esteve ao lado das mudanças radicais da esquerda anti-stalinista na metade da década de 1930, quando se dá o rompimento com o PC. A partir daí passa a contribuir mais de perto com a nova linha editorial anti-stalinista da *Partisan Review*, de quem se tornara membro influente ao longo da década de 1940.

Seu rompimento com o marxismo, contudo, já estava concluído no início daquela década, quando Burnham rompe com o Socialist Workers Party, em carta endereçada ao partido, em 21 de maio de 1940, a qual vale a pena ser reproduzida na íntegra aqui, na qual afirma que:

Eu rejeito, como vocês sabem, a “filosofia do Marxismo”, o materialismo dialético. Eu nunca, é verdade, aceitei essa filosofia. No passado eu desculpei essa discrepância e me comprometi com essa crença com a ideia que aquela filosofia “não era importante” e “não importava” tanto quanto a prática e a política quando eram executadas. A experiência, estudos posteriores e a reflexão, me convenceram que eu estava errado e Trotsky – como muitos outros – certos nesse ponto; que o materialismo dialético, em seu significado científico, é filosoficamente e historicamente parte integral do Marxismo, e tem muitos efeitos adversos na sua prática e política.

A teoria geral marxista da “história universal”, que para continuar não tem nenhuma base empírica, me parece desprovida de investigação histórica e antropológica moderna.

A economia marxiana me parece em sua maior parte da mesma forma falsa ou obsoleta ou sem sentido de aplicação para o fenômeno econômico contemporâneo. Àqueles aspectos da economia marxiana que ainda tem alguma validade não parece para mim justificar a estrutura teórica da economia.

Não apenas, eu acredito, é sem sentido dizer que o “socialismo é inevitável”

e falso que o socialismo “é a única alternativa ao capitalismo”; Considero que em bases evidentes agora disponíveis para nós uma nova forma de exploração da sociedade (que eu chamo de “sociedade de burocratas”) é não apenas possível como alternativa ao capitalismo mas muito mais provável de emergir no atual momento do que o socialismo.

Como vocês sabem, eu não considero que a Rússia possa ser considerada um “Estado dos trabalhadores” em qualquer senso inteligente do termo. Essa opinião, contudo, se baseia em conclusões básicas: que o Stalinismo deve ser compreendido sob as mesmas forças históricas da qual o fascismo é outra manifestação. Há ainda uma confusão em mim se é possível dizer o mesmo do Leninismo e do Trotskismo.¹⁵⁵ (James Burnham, 1940)

A crítica de Macdonald às apreciações de Burnham passava irremediavelmente por uma diferenciação do “coletivismo burocrático” da Alemanha e da Rússia, do capitalismo praticado nos EUA, na Grã-Bretanha e na França. Macdonald, porém, segue a linha argumentativa marxista, e exalta a importância da centralização política nas novas sociedades, ao ponto de tornar a economia secundária à organização política. Sua argumentação gira em torno da visão de que os “regimes totalitários”, mesmo que “novos e poderosos”, tinham que ser vistos a partir de suas fragilidades e não como estáveis e permanentes. Segundo Macdonald, com isso, esses regimes eram vulneráveis às forças das massas revolucionárias, que deveriam aparecer na próxima década ou duas, do processo de transição política da sociedade. E aqui Macdonald se reconcilia com a ideia radical original da revolução social como único caminho viável para a derrota do fascismo. (COONEY, 1987, p.183)

De um ponto de vista liberal-conservador, principalmente no segundo texto, Burnham analisa o regime soviético e sua expansão (ideológica e territorial) pelo continente europeu, e

¹⁵⁵ “I reject, as you know, the “philosophy of Marxism,” dialectical materialism. I have never, it is true, accepted this philosophy. In the past I excused this discrepancy and compromised this belief with the idea that the philosophy was “unimportant” and “did not matter” so far as practice and politics were concerned. Experience, and further study and reflection, have convinced me that I have been wrong and Trotsky—with so many others—right on this score; that dialectical materialism, though scientifically meaningless, is psychologically and historically an integral part of Marxism, and does have its many and adverse effects upon practice and politics.

The general Marxian theory of “universal history,” to the extent that it has any empirical content, seems to me disproved by modern historical and anthropological investigation.

Marxian economics seems to me for the most part either false or obsolete or meaningless in application to contemporary economic phenomena. Those aspects of Marxian economics which retain validity do not seem to me to justify the theoretical structure of the economics.

Not only do I believe it meaningless to say that “socialism is inevitable” and false that socialism is “the only alternative to capitalism”; I consider that on the basis of the evidence now available to us a new form of exploitive society (what I call “managerial society”) is not only possible as an alternative to capitalism but is a more probable outcome of the present period than socialism.”

As you know, I do not believe that Russia can be considered a “workers state” in any intelligible sense of the term. This opinion, however, is related to far more basic conclusions: for example, that Stalinism must be understood as one manifestation of the same general historical forces of which fascism is another manifestation. There is still doubt in my mind as to whether this conclusion applies also to Leninism and Trotskyism.” (James Burnham, 1940. Fonte:

<http://www.marxists.org/history/etol/writers/burnham/1940/05/resignation.htm>)

defende a necessidade de uma expansão ideológica da “democracia” estadunidense pelo mundo, afim de reequilibrar as forças mundiais no pós-guerra.

Orwell, da mesma forma que Macdonald fez, seria duro em suas críticas a Burnham e a sua ideia da “managerial revolution”.¹⁵⁶ Em dois textos da segunda metade da década de 1940, Orwell seria enfático em classificar a projeção de Burnham de uma sociedade controlada por técnicos, como um plano autoritário. O primeiro, intitulado “*James Burnham and the Managerial Revolution*”, publicado na Inglaterra pela revista *Polemic*, no 3, em maio de 1946 e pelo *Socialist Book Center*, no verão de 1946 (e mais tarde nos EUA, pela revista *University Observer*, Chicago, no verão de 1947), se refere a análise do livro do autor, de mesmo nome, publicado em 1940. O segundo, intitulado “*Burnham’s view of the Contemporary world struggle*”, publicado nos EUA pela revista *New Leader* (NY), em 29 de março de 1947, se refere a análise do livro *The Struggle of the World*, publicado nos EUA.

A influência de Burnham para Orwell, mesmo diante de sua clara posição liberal, totalmente anticomunista, está no pessimismo de sua visão, já dentro do contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Burnham, assim como Orwell no final da década de 1940, já enxergava os problemas que se sucederiam da expansão militar soviética pela Europa ao longo dos últimos anos da guerra. O que provocaria, inevitavelmente, um “estrangulamento do mundo”, diante do choque com o outro lado vencedor da guerra (EUA, Inglaterra e França) na Europa. Para Burnham – e em muitos aspectos é daí que Orwell toma suas visões do que seria considerado uma previsão da Guerra Fria em sua obra – ao final da Segunda Guerra, o mundo já estava bi polarizado entre as duas grandes potências mundiais que emergiram da derrota do fascismo. Para o autor estadunidense, contudo, caberia a democracia estadunidense o papel de reconstrução da Europa devastada, ao mesmo tempo, freando a expansão ideológica do comunismo para outras partes do mundo.

Acompanhar a leitura de Orwell de autores como Burnham, além das particularidades da visão de cada um e de suas contribuições efetivas para o trabalho de Orwell, revela-nos ainda uma outra dimensão de análise, nisto que visualizamos como um processo de circulação de ideias no imaginário europeu do período. Em suas análises dos três autores, o próprio Orwell indica-nos uma característica comum: a crítica à sociedade industrial, ao sufocamento do mundo com a crise que resultaria na eclosão da Segunda Guerra Mundial, e das respostas autoritárias (de ambos os lados) dos Estados europeus. Como Orwell denota, por exemplo, ainda em sua primeira análise de Burnham, seu pensamento advém de uma linha muito clara no imaginário literário europeu:

¹⁵⁶ As críticas a Burnham seriam ainda motivo de comentário numa carta que Orwell envia para Dwight Macdonald, em 20 de Julho de 1946. Nessa carta, Orwell comenta a publicação do ensaio “*James Burnham and the Managerial Revolution*”. Em carta-reposta, enviada em 10 de setembro de 1946, Macdonald, no entanto, afirma que o texto de Burnham não havia sido levado tão a sério nos EUA como havia sido na Inglaterra e que o novo texto de Orwell não teria tanto impacto quanto a resenha de Macdonald do livro de Burnham já publicada na *Partisan Review*, em 1942.

Jack London, no *The Iron and the Heel* (1909), previu alguns dos pontos essenciais do fascismo, e livros como *The Sleeper Awake*, de [W.G.] Wells (1900), *We* de Zamyatin (1923), e *Brave New World*, de Aldous Huxley (1932), todos descrevem mundos imaginários nos quais os problemas do capitalismo foram resolvidos sem o alcance da liberdade, da igualdade e algo próximo a verdadeira felicidade. (Orwell, 1946. Apud ANGUS; ORWELL, 1968, p.162-3. Volume 4)¹⁵⁷

Veja que, nas críticas de Macdonald ao pensamento de Burnham, as semelhanças com o pensamento de Orwell são evidentes. Em muitas medidas, esse é justamente o tema da primeira das *London Letters* de Orwell (publicado na *Partisan Review*, Março-Abril de 1941)¹⁵⁸. Nela, Orwell escreve o seguinte, analisando a conjuntura político-econômica britânica no começo do ano de 1941:

Bem, quanto à situação política, eu acho que é certo dizer que no momento estamos no meio de uma limpeza que não vai fazer muita diferença afinal. Os reacionários, o que significa mais ou menos as pessoas que lêem o *Times*, tiveram um grande susto no verão, mas salvaram-se pela pele de seus dentes, e agora eles estão consolidando a sua posição contra a nova crise que é provável que surja na primavera. No verão, o que havia era o equivalente a uma situação revolucionária na Inglaterra, embora não houvesse ninguém para tirar proveito dela. Depois de vinte anos sendo alimentados com açúcar e água, a nação de repente percebeu quem eram seus governantes, e que não havia uma disponibilidade generalizada de mudanças econômicas e sociais radicais, combinada com a determinação absoluta para evitar a invasão [nazista]. No momento, acredito que a oportunidade existe para isolar a classe endinheirada e balançar a massa da nação por trás de uma política em que a resistência a Hitler e a destruição da classe com privilégios possam ser combinadas.¹⁵⁹ (Orwell, 1941. Apud Davison, 1998, p.352)

¹⁵⁷ "Jack London, in *The Iron and the Heel* (1909), foretold some of the essential features of Fascism, and such books as Wells's *The Sleeper Awake* (1900), Zamyatin's *We* (1923), and Aldous Huxley's *Brave New World* (1932), all described imaginary worlds in which the special problems of capitalism had been solved without bringing liberty, equality, or true happiness any nearer." (Orwell, 1946. Apud ANGUS; ORWELL, 1968, p.162-3. Volume 4)

¹⁵⁸ ORWELL, G. "London Letter", *Partisan Review*, 3 de janeiro de 1941 (Apud DAVISON, op.cit. p.352-57). Volume 13

¹⁵⁹ "Well, as the political situation, I think it's safe to say that we are currently in the middle of a cleaning that will not make much difference anyway. The reactionaries, which means more or less the people who read *Times*, had a scare in the summer, but saved by the skin of their teeth, and they are now consolidating its position against the new crisis that is likely to emerge in the spring. In the summer, there was the equivalent of a revolutionary situation in England, although there was no one to take advantage of it. After twenty years of being fed with sugar and water, the nation suddenly realized who were his rulers, and that there was a widespread availability of radical economic and social changes, combined with the absolute determination to prevent the [Nazi] invasion. At the moment, I believe that the opportunity exists to isolate the moneyed class and swing the mass of the nation behind a policy that resistance to Hitler and the destruction of the class with privileges can be combined." (Orwell, 1941, Apud Davison, 1998, p.352)

A ideia de atrelar a vitória contra o fascismo a uma revolução socialista, a qual Orwell faz referência em sua primeira carta à Partisan, não é isolada em sua obra. Ao contrário, ela tomaria vulto ao longo do ano de 1941, principalmente no ensaio *The Lion and the Unicorn*. Estava claro para Orwell, que a guerra mergulhava o país em um momento revolucionário e que a mobilização nacional antifascista poderia, ao mesmo tempo, isolar as elites e dar força política as classes trabalhadoras e médias britânicas.

Considerado seu principal manifesto político, *The Lion and the Unicorn*, cuja primeira parte, “England your England”, seria publicada pela primeira vez em Londres, na revista *Horizon*, em dezembro de 1940 e mais tarde publicado em texto integral também em Londres, em 1941. Os debates internos da política britânica; o papel da intelligentsia de esquerda e seu alinhamento com o stalinismo; e as possibilidades de implementação de um tipo de socialismo democrático (em contraposição ao “socialismo ortodoxo” irradiado da URSS stalinista), como forma de superação dos fascismo e da democracia liberal. Todos serão temas centrais nas discussões daquele texto.

Na Parte III do ensaio, intitulada, “The English Revolution”, Orwell traça as linhas do que ele entendia ser uma revolução em curso na Inglaterra. Orwell abre a última parte do ensaio, argumentando, na página 64, que um processo de transição – que ele defini como uma “revolução” – já estava em curso na Inglaterra, e que fora apenas acelerado com o irrompimento da Segunda Guerra Mundial. Ainda na página 64, Orwell aponta a guerra – e a necessária vitória sobre Hitler – mais uma vez, como catalizadora das transformações sociais e econômicas necessárias. Porém, ele acrescenta que ela é também a força motriz do definitivo rompimento com o passado e a tradição liberal vitoriana da Inglaterra – numa guerra, também, entre o “passado” e o “futuro”. Para Orwell, como aparece na sequência (ORWELL, 1982, p.65), as bases constitutivas desse processo em marcha, devem ser assumidas, porém, por um movimento social popular, ao mesmo tempo que se deve reconhecer as “falhas” do “socialismo inglês”. O que fica claro, ao menos na leitura que propomos aqui, é o caráter de rompimento com as correntes políticas de esquerda hegemônicas na Inglaterra – comunistas e trabalhistas – sem, porém, abandonar a ideia da possibilidade de uma “revolução socialista”.

Ainda na primeira de suas London Letters para a Partisan Review, Orwell contraporá, por exemplo, o próprio Clement Greenberg, em artigo publicado pela revista *Horizon*, intitulado “An american View”, sobre o progresso da guerra, em setembro de 1940:

Clement Greemberg ressalta em seu artigo na Horizon que a classe trabalhadora é a única classe na Inglaterra que seriamente pode derrotar Hitler, me parece verdadeiramente falso. O grosso da classe média é tão anti-Hitler quanto a classe trabalhadora, e a sua moral é provavelmente mais confiável. O fato dos socialistas, especialmente quando eles procuram pelo patriotismo da classe média é algo que pode ser manobrado por nós. As

peçoas que se levantam durante “god save the queen” poderiam transferir sua lealdade para um regime socialista, se eles fossem conduzidos com um mínimo de tato. (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.352-3. Volume 12)¹⁶⁰

Contudo, afirma Orwell, ninguém, nem os socialistas nem os trabalhistas (e muito menos os comunistas, sem a devida força política para isso), agarraram a oportunidade. Para Orwell, a derrota do fascismo estava definitivamente atrelada a um processo revolucionário:

Mas o movimento do pêndulo não é de vital importância a menos que se acredite, como eu não – e duvido que muitas pessoas com menos de cinquenta acreditem – que a Inglaterra pode vencer a guerra sem passar por uma revolução e voltar diretamente para o período pré-1939, normalmente com três milhões de desempregados, etc., etc.¹⁶¹ (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.352-3. Volume XII)

Na sequência de sua primeira London Letter, Orwell faz uma rápida apreciação das posições de comunistas (que julga serem ainda popularmente inexpressivos, haja visto o resultado das últimas eleições), dos camisas-negras da British Union of Fascists, liderada por Sir Oswald Mosley (com representação maior do que a dos comunistas entre a população e dentro das forças armadas), e dos pacifistas (segundo Orwell, permeado pelo derrotismo dos fascistas). Somados os grupos que Orwell denominava pró-Hitler, chegavam a 150.000 membros. Número irrisório diante da totalidade da população mas que, como Orwell comparada, podiam causar algum impacto num governo entreguista como o de Pétain. (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.354-5. Volume 12)

De volta as indagações centrais de Greenberg em seu primeiro contato em que sugeriu as linhas para a primeira das London Letters de Orwell, o autor britânico tratará então da “vida intelectual” britânica, naquele momento e elencará três pontos majoritários que dominavam o cenário público local no período:

- a) A completa destruição, pelo Pacto Russo-germânico, da ortodoxia antifascista da esquerda dos últimos cinco anos.
- b) O fato de fisicamente as pessoas abaixo dos trinta e cinco anos estarem a maioria no exército ou esperando para brevemente estarem.

¹⁶⁰ “Clement Greenberg's remark in his article in Horizon that the working class is the only class in England that seriously means to defeat Hitler, seems to me quite untrue. The bulk of the middle-class are just as anti-Hitler as the working class, and their morale is probably more reliable. The fact which Socialists, especially when they are looking at the patriotism of the middle-classes is a thing to be made use of. The people who stand to attention during “God save the King” would readily transfer their loyalty to a Socialist regime, if they were handled with the minimum of tact.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.352-3. Volume 12)

¹⁶¹ “(...) But this swing of the pendulum is not vitally important unless one believes, as I do not – and I doubt whether many people under fifty believe it either – that England can win the war without passing through revolution and go straight back to pre-1939 “normally”, with 3 million unemployed, etc., etc.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.352-3. Volume 12)

- c) O aumento do consumo de livro às portas da guerra paralelo a má vontade das editoras em apostar em jovens escritores.
- d) O bombardeio (que é mais presente, apesar que eu devo dizer que é menos terrificante e mais incômodo do que vocês imaginam).¹⁶²(ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.354. Volume 12)

Nesse retrato vívido sobre a situação britânica pouco tempo antes da chuva de bombas alemãs sacudirem Londres, alguns pontos ressaltam aos olhos. Para Orwell, o Pacto Germano-Soviético de 1939 pois fim a instável união antifascista criada pelas Frentes Populares, que durou de 1935 até 1939. Os comunistas britânicos, mesmo assim, mantinha-se firmes na crença de que não poderia haver qualquer tipo de inclinação britânica pró-Hitler:

O pacto Russo-germânico trouxe não apenas os Stalinistas e os quasi-stalinistas para a posição pró-Hitler, como também trouxe um fim ao jogo do “eu te disse” que os escritores de esquerda jogavam nos últimos cinco anos. “Anti-fascism” como interpretado pelo News Chronicle, o News Statesman e pelo Left Book Club dependia da crença – eu acho que era uma esperança semiconsciente – que o governo britânico nunca se levantaria contra Hitler.¹⁶³ (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.354. Volume 12)

Orwell não tardará ainda a comparar o ambiente interno britânico daquele ano ao que vira na Espanha, durante a Guerra Civil.

Durante a Guerra Civil espanhola a esquerda intelectual sentiu que aquela era a “sua” guerra e que ela influenciaria todos os eventos do porvir. Tanto quanto eles esperariam de uma guerra contra a Alemanha, ela seria uma espécie de versão estendida da guerra na Espanha, uma guerra de esquerda na qual poetas e romancistas poderiam ser figuras importantes. Claro, não é nada desse tipo. É uma guerra totalmente moderna, guerreada em grande parte por especialistas técnicos (militares, etc.) e conduzida por pessoas que são patriotas de acordo com suas intenções mas reacionárias em sua aparência. Até o momento não há espaço nela para os intelectuais.¹⁶⁴

¹⁶² “a) The complete destruction, owing to the Russo-German pact, of the leftwing, “anti-fascist” orthodoxy of the past five years.

b) The fact that physically fit people under 35 are mostly in the army, or expect soon to be so.

c) The increase in book-consumption owing to the boredom of war, together with the unwillingness of publishers to risk money on unknown writers.

d) The bombing (of which more presently – but I should say here that it is less terrifying and more of a nuisance than you perhaps imagine).” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.354. Volume 12)

¹⁶³ “The Russo-German pact not only brought the Stalinists and near-Stalinists into the pro-Hitler position, but it also brought an end to the game of “I told you so” which the leftwing writers had been so profitably playing for five years past. “Anti-fascism” as interpreted by the News-Chronicle, the New Statesman and the Left Book Club had depended on the belief – I think it was also half-consciously a hope – that no British government would ever stand up to Hitler.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.354. Volume 12)

¹⁶⁴ “(...) During the Spanish Civil War the left wing intellectuals felt that this was “their” war and that they were influencing events in it to some extent. In so far as they expected the war against Germany to

(ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.354-5. Volume XII)

O romantismo que cercara a luta contra Franco na Espanha não existia mais; a guerra agora era uma guerra técnica, onde os intelectuais dariam lugar a patriotas. A capacidade descritiva de Orwell domina sua narrativa, enquanto ele proporciona uma imagem vívida da guerra para um público que só a acompanharia pelos noticiários. Na sequência desta London Letter, segue uma vívida descrição das condições de vida na Londres sob os bombardeios aéreos nazistas. O cenário é extremamente semelhante aquele que ilustra a Londres da *Oceania*, que Orwell retrataria em 1949, em seu *1984*. A vida pública praticamente desaparece; há racionamento de energia elétrica, o que força a população a armazenar carvão; os *pubs*, continuavam funcionando normalmente, mesmo que o preço da cerveja estivesse extremamente alto. Etc. (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.355-6. Volume XII) Orwell compara ainda o total colapso daquela Londres de 1941, cujo pessimismo quanto ao futuro sufocara a produção literária, ao ambiente em que James Joyce e D.H. Lawrence continuaram publicando seus trabalhos entre 1914-18. E encerra essa primeira London Letter com um trecho do seu *War Time Diary*, em que descreve o ambiente da Londres bombardeada diariamente pelos nazistas. (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.356-7. Volume 12)

Como vimos antes, até 1939, quase nenhum dos intelectuais ligados à Partisan defendia a entrada dos EUA na Guerra Mundial. No final de 1941, contudo, essa coesão contrária a guerra já havia se fragmentado drasticamente. E o debate que melhor simbolizou esse rompimento dentro da Partisan Review se deu entre Philip Rahv e Dwight Macdonald.

A invasão da Wehrmacht ao território russo, em junho de 1941, e a quebra do pacto Nazi-Soviético, trouxeram outra reviravolta para as posições soviéticas na guerra mundial, forçando Stalin a se alinhar com Churchill. Para Macdonald, no entanto, nada havia mudado e ele expressou isso, junto com Clement Greenberg, em um artigo intitulado, “10 Prepositions on the War”, *Partisan Review* 8, julho-agosto de 1941, p.271-278. Neste artigo, a linha radical de Macdonald estava estritamente expressa: 1) a única solução efetiva para a guerra seria desviar o caminho da história do fascismo para o socialismo; 2) o isolacionismo seria uma idiotia provinciana; 3) o suporte aos governos existente resultaria ou na derrota militar (porque o fascismo era mais eficiente) ou na construção de uma fascismo à “moda-da-casa”; 4) uma revolução social poderia ser, provavelmente, um caminho mais fácil e pacífico; 5) a falta de uma liderança para conduzir uma

happen they imagined that it would be a sort of enlarged version of the war in Spain, a left wing war in which poets and novelists could be important figures. Of course, it is nothing of the kind. It is an all-in modern war fought mainly by technical experts (airmen etc.) and conducted by people who are patriotic according to their lights but entirely reactionary in outlook. At the present there is no function in it for intellectuals.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, pp.354-5. Volume 12)

política revolucionária não seria o problema central; 6) e qualquer apoio à Churchill e Roosevelt deveria ser retirado. (COONEY, 1987, p.186)

Após o que parece ter sido um hiato reflexivo, Rahv responde duramente ao artigo de Macdonald e Greenberg. Seu texto, intitulado, “10 Proposition on the War and 8 errors”, publicado dois números depois do texto com o qual ele debatia, não apenas criticou aquilo que Rahv chamou de uma posição “absolutista” de ambos na tentativa de colocar a *Partisan Review* em uma posição isolacionista, mas de insistir no mesmo tipo de análise “ortodoxa” que a *Partisan* havia se colocado contra. Dessa posição, é que resultava a visão “apocalíptica” de Macdonald e Greenberg sobre a desenrolar da guerra e seus efeitos nos EUA. O mais interessante na resposta de Rahv, era o uso das palavras, “absolutismo”, “ortodoxia” e “apocalíptica” em seu contra-argumento, através do qual Rahv não apenas criticava a linha reflexiva dos autores, mas todo um padrão de pensamento que a *Partisan Review* assumira combater desde sua fundação. (COONEY, 1987, p.187)

Ao contrário do que propunham Macdonald e Greenberg, Rahv acreditava que apenas a destruição do fascismo é que poderia revitalizar qualquer tipo de política radical e que era fundamental, para derrotar Hitler, estabelecer uma aliança entre o “imperialismo Anglo-americano e o Exército vermelho”. Para Rahv, era apenas a subestimação das forças militares de Hitler, que permitia a seus interlocutores superestimar as forças de uma revolução socialista, colocando sua crença numa revolução em um futuro próximo, como romantismo puro. Por fim, Rahv insistiu que não se colocava contra a revolução socialista em si, mas elencava que era sob a derrota do fascismo que ela poderia ganhar força, dando chance para o movimento operário se reagrupar.

Como vimos acima, essa visão apresentada por Rahv, se parece muito com as preposições de Orwell no caminhar da guerra mundial. Mesmo sob intenso bombardeio da Luftwaffe sobre Londres entre 1940 e 1941, Orwell ainda sim defendeu, no *The Lion and The Unicorn* (1941), a necessidade da revolução socialista guiar a derrota do fascismo dentro e fora da Grã-Bretanha. No entanto, Orwell acreditava, como Rahv, que a guerra direta era a única resposta possível contra o avanço fascista e o perigo que ele representava. Com isso, e aí mais uma vez o pensamento de Orwell aparece como uma espécie de ponte entre as argumentações de Rahv e Macdonald, a revolução socialista (como defendia Macdonald) deveria conduzir a derrota militar (como defendia Rahv) do fascismo.

Coube então uma tréplica de Macdonald e Greenberg, publicada sob o título, “Reply by Greenberg and Macdonald”, *Partisan Review* 8, novembro-dezembro de 1941, p.506-508. Neste texto, ambos argumentaram que Rahv havia sido demasiado vago na apresentação de suas ideias. Se aquela, efetivamente, ainda não era a guerra dos EUA, então sobre o que Rahv falava? No entanto, Rahv não havia sido indagado sobre a guerra em si, e por isso não a havia analisado efetivamente.

Macdonald criticara Rahv também por seu suposto “nacionalismo” – quando Rahv defenderá a superioridade do exército estadunidense frente ao exército nazista – como incapacidade em reelaborar uma linguagem radical o suficiente para suportar um apoio crítico da guerra. (COONEY, 1987, p.188)¹⁶⁵

Mais uma vez, Orwell estava inserido nesses debates com suas cartas para a *Partisan Review*. Na terceira das cartas enviadas por Orwell à *Partisan Review*, publicada em 17 de Agosto de 1941, não foram enviadas perguntas desde os EUA. Com isso, o autor escolheu dois temas específicos para discussão: em primeiro lugar, a entrada definitiva da URSS na guerra, após o rompimento dos nazistas do Pacto Germano-soviético e a invasão dos territórios russos e, em segundo lugar, agora de maneira mais aprofundada, as *Home Guards*.¹⁶⁶

O primeiro ponto que Orwell faz referência fora a surpresa causada na Inglaterra pela entrada da URSS na guerra do lado dos britânicos, principalmente após o pacto de não-agressão assinado com a Alemanha. Se a aliança tivesse acontecido em 1938 ou 1939, afirma Orwell, teria havido uma comoção política contra a “Rússia vermelha”:

(...) Se a aliança tivesse ocorrido entre 1938 ou 1939, como poderia ter acontecido, depois de longas e duras controvérsias, com os *Popular Frontiers* gritando de um lado e a imprensa Tory gritando contra a Rússia vermelha por outro, não teria havido uma crise política de primeira, e provavelmente, uma eleição geral e, certamente, o crescimento de um partido abertamente pró-nazista no Parlamento, no Exército, etc. Mas em torno de junho 1941 Stalin tinha chegado a aparecer como uma espantalho muito menor comparado a Hitler, os pró-fascistas tinham desacreditado a si mesmos, e o ataque aconteceu tão de repente que as vantagens e desvantagens de uma aliança com os russos ainda não tinha tido tempo para ser discutida.¹⁶⁷ (Orwell, 1941. Apud Davinson, 1998, p.546. Volume XII)

¹⁶⁵ Para encerrar o debate em 1942, aparece uma espécie de declaração oficial dos editores-fundadores da *Partisan*, William Phillips e Philip Rahv, sobre os debates com Macdonald e Greenberg. O título do editorial foi, “A Statement by the Editors”, *Partisan Review* 9, janeiro-fevereiro de 1942, p.2.

¹⁶⁶ Orwell integrou as *Home Guard* em Londres – os batalhões civis organizados como auto-defesa em caso de invasão por terra das Ilhas britânicas – nas quais recebeu o posto de sargento, por sua experiência militar como combatente durante a Guerra Civil espanhola (1936-39), e trabalhou para o serviço oriental da BBC, produzindo e apresentando programas de conteúdo literário para a Índia, entre 1941 e 1946, mesmo período em que contribui com a *Partisan Review* através das ‘Cartas de Londres’. Desde seus “War Diaries” passando por sua vasta publicação da imprensa do período, todas essas experiências estão fartamente documentadas em sua obra de não-ficção, o que lhe atribui uma posição sui generis de testemunha ocular sobre a situação da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁶⁷ “(...) If the alliance had come about in 1938 or 1939, as it might have done, after long and bitter controversies, with the Popular Frontiers shouting on one side and the Tory press playing Red Russia for all it was worth on the other, there would have been a first-rate political crisis, probably a general election and certainly the growth of an openly pro-Nazi party in Parliament, the Army, etc. But by June 1941 Stalin had come to appear as a very small bogey compared with Hitler, the pro-Fascist had mostly discredited themselves, and the attack happened so suddenly that the advantages and disadvantages of a Russian alliance had not even had time to be discussed.” (ORWELL, 1941. Apud DAVISON, 1998, p.546. Volume 12)

E em grande parte, a surpresa advinha pois A URSS continuava a ser para os britânicos em geral, segundo Orwell, tal qual a China e o México,

[...] um país misterioso distante, que certa vez teve uma revolução de uma natureza que havia sido esquecida. Todas as controvérsias hediondas sobre expurgos, os Plano quinquenais, a fome na Ucrânia, etc. Passaram simplesmente como um cabeçalho de jornal.¹⁶⁸(ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.546. Volume 12)

A sociedade britânica, contudo, ainda estava dividida quanto a aliança com os soviéticos, mesmo frente às derrotas militares dos últimos meses e o avanço nazi, agora, para o oriente. Orwell classifica essa divisão em alguns blocos: O primeiro grupo era o que Orwell chama de “the real bourgeoisie”, como define Orwell; estes eram “subjetivamente anti-Russos”.

(...) Aqueles que era da classe capitalista deveria defender a destruição da URSS por Hitler com, no mínimo, sentimentos confusos. Mas é um erro supor que eles planejava diretamente resistir ou tentar estabelecer o controle do Estado. A continuação de Churchill no governo é uma garantia contra isso.¹⁶⁹(ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.547. Volume 12)

O segundo grupo era constituído pela classe trabalhadora. Para Orwell, a grande parte da classe trabalhadora britânica estava a favor da entrada da URSS na guerra. Mas, acreditava ele, era um erro crer que a simpatia pelos soviéticos causaria um grande impacto entre a classe trabalhadora britânica ao ponto de leva-la a grandes sacrifícios.

(...) Em um ponto ou outro da questão da lealdade da classe trabalhadora para a Rússia é provável que venha de alguma forma como este: é o Governo dando sinais de que vai deixar a Rússia cair, e a classe operária tomará medidas para forçar uma política mais activa em relação a eles? Naquele momento eu acredito que será encontrado que, embora uma espécie de lealdade para com a União Soviética ainda exista – deve existir, desde que a Rússia é o único país ainda fingindo ser um Estado operário – já não é uma força positiva. O próprio fato de que Hitler se atreve a fazer guerra contra a Rússia é prova disso. Quinze anos atrás, essa guerra teria sido impossível para qualquer país, exceto, talvez, o Japão, porque aos soldados comuns não poderia ter sido dada confiança para usar suas armas contra a

¹⁶⁸ “[...] a mysterious country a long away, which once had a revolution, the nature of which has been forgotten. All the hideous controversies about the purges, the Five Year Plans, the Ukraine famine, etc. Have simply passed over the average newspaper-reader's head.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.546. Volume 12)

¹⁶⁹ “(...) Those who are of the capitalist class would regard the destruction of the Soviet Union by Hitler with, at best, mixed feelings. But it is an error to suppose that they are plotting direct treachery or that the handful capable of doing so are likely to gain control of the State. Churchill's continuance in office is a guarantee against that.” (ORWELL, 1941. Apud DAVISON, 1998, p.547. Volume 12)

pátria socialista. Mas esse tipo de lealdade foi gradualmente perdida pelo egoísmo nacionalista da política russa. Patriotismo antiquado é agora uma força muito mais potente do que qualquer tipo de internacionalismo[...].¹⁷⁰ (Orwell, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.547. Volume 12)

No terceiro grupo estavam os comunistas britânicos. A caracterização dos “oficiais” do partido de classe média, influenciados pela intelligentsia literária universitária – e de seu posicionamento político – deixa bem claro a posição de Orwell:

(...) Como já salientei em outros lugares, o "comunismo" dessas pessoas equivale simplesmente ao nacionalismo e ao culto do líder nas suas formas mais vulgares, transferidos para a URSS. A sua importância econômica neste momento é que com a entrada de Russia para a guerra podem ganhar a influência na imprensa que tiveram entre 1935 e 1939 e perderão durante os últimos dois anos. (...) Se aos comunistas são permitidos o tipo de publicidade que eles estavam recebendo em 1938, eles consciente e inconscientemente mostrarão as discordâncias entre a Grã-Bretanha e a URSS. O que eles desejam não é a destruição de Hitler e o reajustamento da Europa, mas um triunfo militar vulgar para a sua pátria de adoção, e eles vão fazer o seu melhor para insultar a opinião pública aqui, transferindo o máximo possível do prestígio da guerra para Rússia, constantemente lançando dúvidas para se subestimados. Os próprios russos, no entanto, provavelmente entenderam como a situação se encontra e agiram em conformidade. Se temos uma longa guerra pela frente não há vantagem em ter descontentamento neste país. Mas, na medida em que eles podem conseguir uma audiência, os comunistas ingleses devem ser consideradas como uma das forças que atuam contra a unidade anglo-russa.¹⁷¹ (ORWELL,

¹⁷⁰ “(...) At one point or another the question of working-class loyalty to Russia is likely to come up in some such form as this: is the Government show signs of letting the Russian down, will the working class take steps to force a more active policy upon them? In that moment I believe it will be found that though a sort of loyalty to the Soviet Union still exists – must exist, so long as Russia is the only country even pretending to be a workers' State – it is no longer a positive force. The very fact that Hitler dares to make war on Russia is proof of this. Fifteen years ago such a war would have been impossible for any country except perhaps Japan, because the common soldiers could not have been trusted to use their weapons against the Socialist Fatherland. But that kind of Loyalty has been gradually wasted by the nationalist selfishness of Russian policy. Old-fashioned patriotism is now a far stronger force than any kind of internationalism [...]”. (ORWELL, 1941. Apud DAVISON, 1998, p.547. Volume 12)

¹⁷¹ “(...) As I have pointed out elsewhere, the “Communism” of these people amounts simply to nationalism and leader-worship in their most vulgar forms, transferred to the USSR. Their importance at this moment is that with the entry of Russia into the war they may regain the influence in the press which they had between 1935 and 1939 and lost during the last two years. (...) If the Communists are allowed the kind of publicity that they were getting in 1938, they both consciously and unconsciously show discord between Britain and the USSR. What they wish for is not the destruction of Hitler and the resettlement of Europe, but a vulgar military triumph for their adopted Fatherland, and they will do their best to insult public opinion here by transferring as much as possible of the prestige of the war to Russia, and by constantly casting doubts to be underrated. The Russians themselves, however, probably grasp how the land lies and will act accordingly. If we have a long war ahead of us it is not to their advantage that there should be disaffection in this country. But in so far as they can get a hearing, the British Communists must be regarded as one of the forces acting against Anglo-Russian unity.” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.548. Volume 12)

1941. Apud DAVINSON, 1998, p.548. Volume 12)

O quarto e último grupo era o de católicos: para Orwell a maioria dos católicos estava concentrada na população irlandesa pobre. Contudo, muitos membros da classe média e alta, também católicos, estavam localizados em importantes postos político-administrativos, como no Foreign Office e no serviço consular. O posicionamento da imprensa católica já foi referido anteriormente por Orwell. Era dela que emanavam as opiniões mais reacionárias e pró-fascistas, ao ponto de atingir o completo apoio aos nazistas quando esses invadiram a Rússia. Se havia qualquer tipo de ameaça à democracia britânica, era com os católicos que deveria se preocupar:

(...) Se qualquer coisa correspondente a Pétain se estabelecer por aqui, isso terá haver muito com os Católicos. Eles são os únicos realmente conscientes, lógica, e inteligentemente inimigos da democracia que a Inglaterra tem [...]¹⁷². (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.549. Volume 12)

Na edição da London Letter, publicada na *Partisan Review* de Março-Abril de 1942, Orwell dividira seu artigo em duas partes. Sob um olhar que mesclava o interesse do sociólogo e do antropólogo, Orwell vasculhava os sentimentos coletivos em busca de traços que poderiam definir uma imagem coletiva dos problemas gerados pela guerra. Nesse sentido, a imprensa se tornava, sempre, o melhor palco de observação das paixões coletivas, em especial em um país politicamente tão arraigado em torno da “opinião pública”, como no caso inglês. Com isso, ao se propor entender os sentimentos coletivos em torno das questões do momento, Orwell sempre recorrerá à imprensa – o número de tiragens, que dará por sua vez uma ideia da circulação do jornal/revista, o posicionamento ideológico do periódico, seus contribuidores, etc. Com isso, Orwell se colocará como um jornalista, falando “de dentro” da imprensa, mas também como uma analista, falando ao “redor” e “por fora” da imprensa, permitindo-lhe uma espécie de desconstrução discursiva dos textos jornalísticos, ou seja, desarticulando nos múltiplos sentidos ideológicos a narrativa do texto jornalístico.

A primeira parte do artigo, então, trata da visão interna (britânica) dos inimigos da guerra. Para isso considerará as opiniões e o tratamento dado pelo periódico alemão *Die Zeitung*, editado para os refugiados alemães na Grã-Bretanha, “meio de esquerda”, com uma tiragem aproximada de 60.000 cópias; Segundo Orwell, o sentimento anti-germânico – que não distinguia entre o alemão e o nazista – havia canalizado os sentimentos locais nos momentos mais duros dos bombardeios.

¹⁷² “(...) If anything corresponding to a Pétain government are established here, it would have to lean largely on the Catholics. They are the only really conscious, logical, intelligent enemies that democracy has got in England [...].” (ORWELL, 1941. Apud DAVINSON, 1998, p.549. Volume 12)

Mesmo assim, ele não era o mesmo do contexto de 1914-18. (ORWELL,1942. Apud DAVINSON, 1998, p.107. Volume 13) Quanto ao italianos, a visão popular era ainda mais branda do que para com os alemães. Os japoneses sequer eram lembrados. (ORWELL,1942. Apud DAVINSON, 1998, p.108. Volume 13) Segundo Orwell, entre o sentimento anti-alemão que ressurgia em meio a propaganda de guerra britânica, especialmente no discurso de Sir Robert Vansittart¹⁷³, alguns pontos importantes eram ignorados:

(...) Um, é que grande parte da filosofia nazista não é nova, mas é meramente uma continuação do pan-germanismo, e o outro é que a Grã-Bretanha não pode ter uma política europeia sem ter um exército. Os “rosas” não podem admitir que as massas alemãs estão atrás de Hitler não mais do que os *blimps* podem admitir que sua classe deve ser deixadas fora de controle, se quisermos ganhar a guerra. A controvérsia se desencadeou por quatro meses ou mais nas colunas de vários jornais, e um jornal em particular, obviamente, tenta manter como isca o tema dos refugiados e dos “vermelho” em geral. Ninguém, no entanto, elabora qualquer teoria racial sobre a Alemanha, o que é um grande avanço sobre a propaganda de guerra de 1914-18.¹⁷⁴ (ORWELL,1942. Apud DAVINSON, 1998, p.107. Volume 13)

A segunda parte da carta tratava dos “aliados”. Obviamente, o maior interesse nesse ponto era a aliança da Inglaterra com a Rússia soviética que, até 1939, era considerada praticamente aliada dos nazistas, devido ao pacto de não-agressão germano-soviético. Contudo, separa Orwell, o interesse do “povo comum” à aliança não se estendia a seus sistemas políticos, ou seja, não havia qualquer capacidade na opinião pública britânica até àquele momento, em diferenciar o nazismo do stalinismo. (ORWELL,1942. Apud DAVINSON, 1998, p.108. Volume 13)

(...) Tudo o que aconteceu é que a Rússia tornou-se respeitável. Uma enorme bandeira com a foice e o martelo bandeira tremula diariamente sobre Selfridges, a maior loja em Londres. O comunista não causou muito atrito como eu esperava. Eles têm sido discretos em seus cartazes e pronunciamentos públicos, e ter tido um inacreditável comportamento no apoio Churchill. Mas embora eles possam ter ganho em número, como resultado da aliança com os russos, eles não parecem ter ganhado em influência política. Até certo ponto surpreendente pessoas comuns não conseguem apreender que há alguma conexão entre Moscou e o Partido

¹⁷³ Ver a genealogia da família, a “germanphobia” de Vansittart e sua influência no governo Churchill, http://www.gmhistory.cheytalk.org/THE_VANSITTARTS_Lord_and_GN_Van.html

¹⁷⁴ “(...) One is that much of the Nazi philosophy is not new but is merely a continuation of pan-Germanism, and the other is that Britain cannot have a European policy without having an army. The pinks cannot admit that the German masses are behind Hitler any more than the blimps can admit that their class must be levered out of control if we are to win the war. The controversy has raged for four months or more in the correspondence columns of several papers, and one paper in particular is obviously keeping it going as a way of baiting the refugees and the “red” generally. No one, however, airs any racial theory about Germany, which is a great advance on the war propaganda of 1914-18.” (ORWELL,1942. Apud DAVINSON, 1998, p.107. Volume 13)

Comunista, ou mesmo que a política comunista mudou como resultado da entrada da Rússia na guerra. Todo mundo está encantado com que os alemães não conseguiram tomar Moscou, mas ninguém vê nisto qualquer razão para pagar qualquer atenção ao que [Rajani] Palme Dutt e cia podem dizer. Na prática, esta atitude é sensata, mas mostra que aí reside uma profunda falta de interesse na política doutrinária.¹⁷⁵ (ORWELL, 1942. Apud DAVISON, 1998, p.108. Volume 13)

A entrada dos EUA e do Japão na guerra era esperada. Muito mais do que a entrada da URSS do lado aliado, segundo Orwell. Contudo, a adesão dos EUA não mudou os sentimentos britânicos quanto aos yankes. (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13) A proximidade, ao contrário, só ressaltou os sentimentos antiamericanos do que Orwell chamou de “low-brow middle-classes”:

(...) Os sentimentos culturais ingleses em relação à América são complicados, mas podem ser definidos com bastante precisão. Na classe média, as pessoas que não são anti-americanas são o tipo técnico marginal (pessoas como engenheiros de rádio) e os intelectuais mais jovens. Até cerca de 1930 quase todos os “cultos” odiavam os EUA, considerado como um vulgarizador da Inglaterra e da Europa. O desaparecimento dessa atitude foi, provavelmente, relacionado com a queda do latim e do grego a partir da sua posição dominante como disciplinas escolares. Os intelectuais mais jovens não têm nenhuma objeção à “língua americana” e tendem a ter uma atitude masoquista para os EUA, que eles acreditam ser mais rico e mais poderoso do que a Grã-Bretanha. Conheço pessoas que desligam automaticamente o rádio logo que qualquer notícia americana vem, e o filme mais banal Inglês terá sempre o apoio da classe média porque “é um alívio ficar longe de essas vozes americanas”. Os americanos deveriam ser arrogantes, mal-educados e adoradores de dinheiro, e também são suspeitos de tramar para herdar o Império Britânico. Há também o ciúme dos negócios, que é muito forte no comércio que é bastante diferente. Inglêses da classe trabalhadora quase sempre não gostam de americanos quando em contato real com eles, mas eles não têm nenhuma hostilidade cultural pré-concebida, nas grandes cidades que estão a ser cada vez mais americanizadas na fala através do médium do cinema.¹⁷⁶ (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109.

¹⁷⁵ “(...) All that has happened is that Russia has become respectable. An enormous hammer and sickle flag flies daily over Selfridge's, the biggest shop in London. The Communist have not caused so much friction as I expected. They have been tactful in their posters and public pronouncements, and have gone to unheard-of lengths in supporting Churchill. But though they may have gained in numbers as a result of the Russian alliance, they do not seem to have gained in political influence. To a surprising extent ordinary people fail to guess that there is any connection between Moscow and the Communist party, or even that Communist policy has changed as a result of Russia's entry into war. Everyone is delighted that the Germans have failed to take Moscow, but no one sees in this any reason for paying any attention to what [Rajani] Palme Dutt and Co. may say. In practice this attitude is sensible, but at the bottom of it there lies a profound lack of interest in doctrinaire politics.” (ORWELL, 1942. Apud DAVISON, 1998, p.108. Volume 13)

¹⁷⁶ “(...) English cultural feelings towards America are complicated but can be defined fairly accurately. In the middle class, the people who are not anti-American are the declassed technician type (people like radio engineers) and the younger intelligentsia. Up till about 1930 nearly all “cultivated” people loathed the U.S.A, which was regarded as the vulgariser of England and Europe. The disappearance of his attitude

Em parte, Orwell entende a questão da permanência de uma certa resistência à cultura estadunidense entre os ingleses à xenofobia britânica que, contudo, estava sendo implodida pela presença massiva de estrangeiros circulando no país. Esse movimento era, no entanto, lento e podia ser notado ao longo dos últimos anos da guerra:

(...) Não há dúvida de que, no verão de 1940, a classe trabalhadora suspeitava de estrangeiros ajudou a tornar possível a internação dos refugiados. Na época, eu conversei com inúmeras pessoas, e exceto para os intelectuais de esquerda que eu podia encontrar ninguém viu nada de errado nele. Os “*blimps*” eram pró-refugiados, porque eles eram em grande parte socialistas, e a linha da classe trabalhadora era “o que eles querem aqui?” Subjacente a esta, a ressaca de um período anterior, como um ressentimento contra esses estrangeiros que supostamente levaram o trabalho dos ingleses. Nos anos que antecederam a guerra foi em grande parte da oposição sindical que impedia um grande afluxo de refugiados judeus alemães. Sentimentos tardios têm crescido mais amigavelmente, em parte porque não há mais uma disputa por postos de trabalho, mas em parte também, eu acho que, devido a contatos pessoais. As tropas estrangeiras que estão aquarteladas aqui em grande número parecem estar inesperadamente bem com a população, os poloneses em particular são grande sucesso com as garotas. Por outro lado, há uma certa quantidade de anti-semitismo. Um deles é constantemente vindo em pequenas doses, não violentos, mas pronunciado o suficiente para ser inquietante. Os judeus são supostamente para o serviço militar, para ser os piores criminosos no mercado negro, etc., etc. Eu ouvi este tipo de conversa até mesmo dos que não queriam realmente fazer nada para os judeus, e a idéia de que os judeus são responsáveis pela guerra nunca pareceu ter pego alcançado um grande público, apesar dos esforços das rádios alemãs.¹⁷⁷ (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13)

was probably connected with the fall of Latin and Greek from their dominant position as school subjects. The younger intellectuals have no objection to the American language and tend to have a masochistic attitude towards the U.S.A, which they believe to be richer and more powerful than Britain. I know people who automatically switch off the radio as soon as any American news comes on, and the most banal English film will always get middle-class support because “it’s such a relief of get away from those American voices”. Americans are supposed to be boastful, bad-mannered and worshippers of money, and are also suspected of plotting to inherit the British Empire. There is also business jealousy, which is very strong in the trades which is quite different. English working-class people nearly always dislike Americans when in actual contact with them, but they have no preconceived cultural hostility, in the big towns they are being more and more Americanised in speech through the medium of the cinema.” (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13)

¹⁷⁷ “(...) There is no doubt that in the summer of 1940 working-class suspicion of foreigners helped to make possible the internment of the refugees. At the time I talked with countless people, and except for the Left intellectuals I could find no one who saw anything wrong it. The blimps were after the refugees because they were largely Socialists, and the working-class line was “what did they want to come here for?” Underlying this, a hangover from an earlier period, as a resentment against these foreigners who were supposedly taking Englishmen’s job. In the years before the war it was largely Trade Union opposition that prevented a big influx of German Jewish refugees. Of late feelings have grown more friendly, partly because there is no longer a scramble for jobs, but partly also, I think, owing to personal contacts. The foreign troops who are quartered here in large numbers seem to get on unexpectedly well with the

O terceiro ponto dessa carta tratava sobre o “derrotismo e a propaganda alemã”. Novamente, Orwell tomara como referência de sua análise alguns periódicos cuja linha política exemplifica sua argumentação. Pelo lado do que ele chama de “derrotismo de direita” estava um semanário chamado *Truth*.¹⁷⁸ Periódico liberal em sua origem, fundado em 1877, rapidamente estreitou laços com o Partido Conservador britânico, assumindo uma postura abertamente de direita. Para Orwell, o estudo desse periódico indicava bons indícios daquilo que ele chamara de “novo derrotismo de direita”:

[...] Existe uma outra escola de derrotismo de direita que pode ser convenientemente estudada no semanário *Truth*. O *Truth* tem uma história curiosa e é tem um formato distinto e influente de sensacionalismo (exposição de fraudes nas patentes médicas, etc.) e se transformou em tema de debate em cada clube e bate-papo em todo o Império. Tanto quanto eu sei ainda tem a mesma circulação, mas ultimamente ele tomou uma linha política e econômica definitiva, tornando-se um reduto do tipo de Toryismo de direita. (...) Sua posição não é anti-trabalhista, mas de uma forma discreta anti-Churchill, anti-russa e, mais acentuadamente, anti-americana. Opôs-se a troca de bases navais para destróieres americanos, os únicos outros opositores foram Camisas-Negras e os Comunistas. Sua estratégia é evitar alianças, manter-se fora da Europa e concentrar-se em auto-defesa no mar e no ar. Sua lógica evidente é fazer um acordo de paz o mais cedo possível. A quantidade de anúncios para os bancos e companhias de seguros que contém o *Truth* mostra como ele fora pensado nesses trimestres, e recentemente uma pergunta no Parlamento trouxe o fato de que ele é parcialmente propriedade da máquina do Partido Conservador.¹⁷⁹ (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13)

Do outro lado, havia o que Orwell classificou como o “derrotismo de esquerda”. Deste lado,

population the Poles in particular being a great success with the girls. On the other hand there is a certain amount of anti-semitism. One is constantly coming on pockets of it, not violent but pronounced enough to be disquieting. The Jews are supposed to dodge military service, to be the worst offenders on the Black Market, etc., etc. I have heard this kind of talk even from wants actually to do anything to the Jews, and the idea that the Jews are responsible for the war never seems to have caught on with the big public, in spite of the efforts of the German radio.” (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13)

¹⁷⁸ Sobre o periódico *Truth* ver o verbete na Wikipedia: *Truth*. (fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Truth_%28British_periodical%29)

¹⁷⁹ “[...] there exists another school of rightwing defeatism which can be conveniently studied in the weekly paper *Truth*. *Truth* has had a curious history and is a distinctly influential form of muckraking (exposure of patent medicine frauds, etc.) and was taken in as a matter of course in every club and regimental mess throughout the Empire. So far as I know it still has the same circulation, but latterly it has taken a definite political and economic line and become a stronghold of the worst kind of rightwing Toryism. (...) Its not anti-Labour, but in a discreet way anti-Churchill, anti-Russian and, more markedly, anti-American. It opposed the exchange of naval bases for American destroyers, the only other opposers being the Blackshirts and Communists. The strategy it advocates is to avoid entangling alliances, keep out of Europe and concentrate on self-defense on sea and in the air. The obvious logic of this is to make a compromise peace at the earliest possible moment. The quantity of advertisements for banks and insurance companies which *Truth* contains shows how well it is thought of in those quarters, and recently question on Parliament brought out the fact that it is partly owned by the Conservative Party machine.” (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.109. Volume 13)

Orwell aponta alguns grupos políticos, entre os quais os anarquistas britânico. Segundo Orwell, à época da invasão da Rússia pela Wehrmacht, os anarquistas publicaram o panfleto abertamente antissoviético “The Truth about Russia”, aderindo a linha política que Orwell classifica como “derrotismo revolucionário”. Outro grupo que aderira a essa linha política, segundo Orwell, fora o I.L.P (Independent Labour Party) – do qual o próprio Orwell fora membro na segunda metade da década de 1930, e pelo qual foi enviado à Espanha, para lutar na Guerra Civil espanhola pelo P.O.U.M (“Partido Obrero de Unificación Marxista”). Segundo Orwell, o I.L.P. aderiu abertamente à linha do “derrotismo de esquerda” ao subscrever uma versão das “Dez preposições” estabelecidas na Partisan Review, contudo, numa forma indefinida, nunca deixando claro se estavam contra ou a favor da guerra. (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.110. Volume 13)

Mais à frente na mesma edição da London Letter, Orwell tratará então do discurso dos pacifistas. O autor associa o discurso anti-guerra pacifista às linhas incertas daquilo que ele classificava como “derrotismo” que, no final das contas, beneficiava o fascismo e Hitler.

[...] não são muitos os pacifistas ingleses que têm a coragem intelectual para refletir até as raízes do pensamento, e uma vez que não há uma resposta real para a acusação de que o pacifismo é objetivamente pró-fascista quase toda a literatura pacifista é forense [aqui Orwell usa a palavra “forensic” para uma expressão popular que não tem tradução direta para o português] - ou seja, especializada em evitar perguntas embaraçosas. Para dar um exemplo, durante o período anterior à guerra, o periódico mensal Adelphi, editado por Middleton Murry, aceitou pelo seu valor nominal a alegação alemã de ser um Estado "socialista" lutando contra a "plutocrática" Grã-Bretanha, e mais ou menos equiparando a Alemanha com a Rússia. A Invasão da Rússia por Hitler ridicularizou essa linha de pensamento e nos cinco ou seis números subsequentes da Adelphi, há um medo surpreendente de não mencionar a guerra russo-alemã. (Orwell, 1942, Apud Davison, 1998, p.111. Volume 13)

E cita ainda outro jornal, também dirigido por Middleton Murry, chamado Peace News: (...) *Peace News, now also edited by Middleton Murry, follows its old tradition of opposing war for different and incompatible reasons, at one moment because violence is wicked, at another because peace will “preserve the British Empire”, etc.* (Orwell, 1942, Apud Davison, 1998, p.111. Volume 13) Na sequência, Orwell faz uma relação mais direta (e perigosa) entre o discurso pacifista desses periódicos e o fascismo.

(...) Eu tenho diante de mim uma cópia do panfleto anti-guerra Now que contém contribuições de, entre outros, o Duque de Bedford, Alexander Comfort, Julian Symons e Hugh Ross Williamson. Alexander Comfort é um pacifista "puro". O Duque de Bedford tem sido durante anos um dos principais apoiadores do Douglas Credit Movement, e também é um devoto anglicano, um pacifista ou quase pacifista, e um proprietário de terras de grande escala. Nos primeiros meses da guerra (o então Marquês de

Tovistock) foi para Dublin por sua própria iniciativa e obteve ou tentou obter um projeto de termos de paz com a Embaixada alemã. Recentemente, ele publicou panfletos afirmando sobre a impossibilidade de vencer a guerra e sobre como Hitler tinha uma fé incompreendida que nunca havia sido realmente testada. Julian Symons escreve em um estilo vagamente fascista, mas também é dado a citar Lênin. Hugh Ross Williamson esteve dentro do movimento fascista por algum tempo. (...) Pouco antes da guerra, ele e outros formaram um partido fascista novo autodenominado Partido Popular, do qual o Duque de Bedford era membro. O Partido Popular, aparentemente, não deu em nada, e no primeiro período da guerra, Williamson devotou-se à tentativa de fazer uma reunião entre os comunistas e os seguidores de [Oswald] Mosley. Você vê aqui um exemplo do que quero dizer com a sobreposição entre o fascismo e o pacifismo. (Orwell, 1942, Apud Davison, 1998, p.111. Volume 13)

Além das posições políticas desses grupos, Orwell destacava nesta edição das London Letters as rádios de propaganda que operavam dentro da Grã-Bretanha ou que tinham sinal retransmitido para lá. Além das rádios alemãs que transmitiam o sinal em inglês para dentro da Grã-Bretanha, a mais conhecida das que faziam propaganda pró-Alemanha, era a New British Broadcasting Station, que transmitia de dentro das ilhas na linha “uncensored news” e “what the Government is hiding from you”. (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.111. Volume 13)

Outra rádio, no entanto, do lado contrário, era a Workers' Challenge Station, fazendo a linha “red-hot revolutionary talks”:

(...) Isso vai para uma linha de conversas revolucionárias em brasa sob títulos como "Chutem Churchill para fora", dada por um autêntico homem da classe trabalhadora britânica que usa muitas palavras não imprimíveis. Estamos para derrubar o governo capitalista corrupto que está nos vendendo para o inimigo, e estabelecer um governo socialista real, que virá para o resgate dos nossos heróicos companheiros do Exército Vermelho e dar-nos a vitória sobre o fascismo. (...) O desafio dos Trabalhadores não é abertamente derrotista. A linha é sempre que provavelmente é demasiado tarde, o Exército Vermelho esta feito, mas para que sejamos capazes de nos salvar, só nós podemos "derrubar o capitalismo", através de greves, motins, sabotagem nas fábricas de armamentos e assim por diante. Outras estações "livres" são o Movimento Pacifista Cristão (pacifismo) e a Rádio Caledônia (nacionalismo escocês).¹⁸⁰ (ORWELL, 1942. Apud DAVISON, 1998, p.112. Volume 13)

¹⁸⁰ “(...) This goes in for a line of red-hot revolutionary talks under such title as “Kick Churchill Out”, delivered by an authentic British working man who uses plenty of unprintable words. We are to overthrow the corrupt capitalist government which is selling us to the enemy, and set up a real socialist government which will come to the rescue of our heroic comrades of the Red Army and give us victory over Fascism. (...) The Workers' Challenge is not overtly defeatist. The line is always that it is probably too late, the Red Army is done for but that we may be able to save ourselves if only we can “overthrow capitalism”, which is to be done by means of strikes, mutinies, sabotage in the armament factories and so forth. The other two “freedom” station are the Christian Peace Movement (pacifism) and Radio Caledonia (Scottish nationalism).” (ORWELL, 1942. Apud DAVISON, 1998, p.112. Volume 13)

Em meio a tudo isso, Orwell preocupa-se com a adesão de jovens intelectuais ao Fascismo, no mesmo sentido do que ocorrera na França, quando o governo Pétain, por fim, estabelece o governo de Vichy:

(...) Eu notei uma tendência nos intelectuais, especialmente entre os mais jovens, para alcançar um meio-termo com o fascismo, e isso é uma coisa para não perder de vista. O intelectual traidor é um fenômeno dos últimos dois anos. Anteriormente todos nós supunhamos que o fascismo era tão auto-evidentemente horrível que nenhuma pessoa pensante se associaria com isso, e também que os fascistas sempre dizimaram a intelligentsia quando tiveram a oportunidade. Nenhuma destas suposições era verdade, como podemos ver com o que aconteceu na França. Ambos Vichy e os alemães descobriram que é muito fácil manter uma fachada de "cultura francesa" em existência. Intelectuais abundantes estavam prontos para passar por cima, e os alemães foram bastante rápidos para fazer uso deles, mesmo quando eles estavam em "decadência". Neste momento Drieu de la Rochelle está editando a *Nouvelle Revue Française*, Pound está berrando contra os judeus na rádio Roma, e Céline é uma tem uma exposição valorizada em Paris, ou, pelo menos, seus livros são valorizados. Todos estes adotaram o título de *kulturbolschewismus*, mas eles também são cartas úteis para jogar contra a intelligentsia na Grã-Bretanha e os EUA. Se os alemães chegaram à Inglaterra, fariam coisas semelhantes, e eu acho que eu poderia fazer por cima, pelo menos, uma lista preliminar das pessoas que iriam colaborar.¹⁸¹ (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.112. Volume 13)

As opiniões de Orwell apresentadas na London Letter de Março-Abril de 1942, rapidamente repercutiram na Inglaterra, principalmente entre alguns dos nomes citados por ele em torno da questão do pacifismo. A “resposta” foi publicada em formato de “controvérsia” nas páginas da *Partisan*, no número de setembro-outubro de 1942, e contou com um debate entre D.S. Savage, Alex Comfort, George Woodcock e Orwell.

O primeiro a responder foi Derek Stanley Savage, em 11 de maio de 1942. Poeta e crítico, Savage contribuiu com várias revistas – *Now*, *Focus*, *Horizon* e *Politics*. Trabalhou para o *Transport and General Workers Union* e para a *Anglican Pacifist Fellowship* e na década de 1980, contribuiu com um capítulo pouco amigável sobre Orwell para a *The New Pelican Guide to English*

¹⁸¹ “(...) I do seem to notice a tendency in intellectuals, especially the younger ones, to come to terms with Fascism, and it is a thing to keep one's eye on. The quisling intellectual is a phenomenon of the last two years. Previously we all used to assume that Fascism was so self-evidently horrible that no thinking person would have anything to do with it, and also that the Fascist always wiped out the intelligentsia when they had the opportunity. Neither assumption was true, as we can see from what happened in France. Both Vichy and Germans have found it quite easy to keep a facade of “French culture” in existence. Plenty of intellectual were ready to go over, and the Germans were quite ready to make use of them, even when they were “decadent”. At this moment Drieu de la Rochelle is editing the *Nouvelle Revue Française*, Pound is bellowing against the Jews on the Rome radio, and Céline is a valued exhibit in Paris, or at least his books are. All of these would come under the heading of *kulturbolschewismus*, but they are also useful cards to play against the intelligentsia in Britain and the U.S.A. If the Germans got to England, similar things would , and I think I could make out at least a preliminary list of the people who would go over.” (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.112. Volume 13)

Literature (1983).¹⁸²

Savage começa então questionando o que ele entende ser uma associação simplista de Orwell do fenômeno fascista com a Alemanha:

Está na moda hoje em dia equiparar fascismo com a Alemanha. Devemos combater o fascismo, portanto, devemos lutar contra a Alemanha. Para o Sr. Orwell, "a maior parte da intelligentsia muito jovem ... não sente o mesmo horror do fascismo que nós, que nos sentimos um pouco mais velhos", também "não há nenhuma resposta real à acusação de que o pacifismo é objetivamente pró-fascista". Resposta. O fascismo não é uma força confinado a nenhuma nação. Podemos apenas perceber ele aqui como em qualquer outro lugar. As marcações são característicos do fascismo, cerceamento das liberdades individuais e das minorias; abolição da vida privada e dos valores privados pela substituição de vida no Estado e seus valores públicos (patriotismo); imposição externa de disciplina (militarismo); prevalência de valores de massa e mentalidade de massa; falsificação de atividade intelectual sob pressão Estado. Estas são todas as tendências da atual Grã-Bretanha. O pacifista se opõe a cada um destes, e pode, portanto, ser chamado do único adversário genuíno do fascismo. Não se deixem ser enganados por nomes. O fascismo é bem capaz de chamar-se de Democracia ou mesmo socialismo. É a realidade sob o nome que importa. Guerra exige organização totalitária do sociedade. A Alemanha se organizou nessa base antes de iniciar a guerra. A Grã-Bretanha agora se encontra obrigada a tomar as mesmas medidas após o envolvimento na guerra. Os Alemães chamam de nacional-socialismo. Nós o chamamos de democracia. O resultado é o mesmo.¹⁸³ (SAVAGE, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.392. Volume 13)

Savage expõe aqui, uma das fraquezas mais questionadas das análises políticas de Orwell por seus críticos: a falta de conceitualização. Ao não definir alguns conceitos fundamentais para um debate intelectual, Orwell apresenta uma análise por demais aberta (e muitas vezes, sem lastro “científico”) de conceitos fundamentais. O resultado disso: seu discurso fica “solto” ao leitor, permitindo ao interlocutor manobrá-lo para o “bem” ou para o “mal”, à esquerda ou à direita. Em

¹⁸² Informações fornecidas por Peter Davinson, nota 1, p.399. Volume 13

¹⁸³ "It is fashionable nowadays to equate Fascism with Germany. We must fight Fascism, therefore we must fight Germany. Thus Mr. Orwell, "the greater part of the very young intelligentsia...don't feel the horror of Fascism that we who are somewhat older feel", also, "there is no real answer to the charge that pacifism is objectively pro-Fascist". Answer. Fascism is not a force confined to any one nation. We can just as soon get it here as anywhere else. The characteristic markings of Fascism are, curtailment of individual and minority liberties; abolition of private life and private values and substitution of State life and public values (patriotism); external imposition of discipline (militarism); prevalence of mass-values and mass-mentality; falsification of intellectual activity under State pressure. These are all tendencies of present-day Britain. The pacifist opposes every one of these, and might therefore be called the only genuine opponent of Fascism.

Don't let us be misled by names. Fascism is quite capable of Calling Democracy or even Socialism. It's the reality under the name that matters. War demands totalitarian organization of society. Germany organized herself on that basis prior to embarking on war. Britain now finds compelled to take the same measures after involvement in war. Germans call it National Socialism. We call it Democracy. The result is the same."(SAVAGE, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.392. Volume 13)

grande parte, assim entendo, foi essa lacuna que transformou o pensamento de Orwell em uma arma utilizada mais tarde pelos dois lados em disputa na Guerra Fria – e nas décadas de 1970 e 1980, fragmentado ainda mais nas leituras pós-modernistas de suas metáforas políticas. O mesmo se dava, segundo Savage, com o entendimento de Orwell sobre a natureza política do pacifismo:

Vamos supor que o Sr. Orwell seja "objetivamente pró-alemão". (Se assim for, a sua terminologia solta é certamente indicativa de um pensamento muito frouxo.) Quem é "objetivo"? - Sr. Orwell, um partidário de um lado particular na luta? De acordo com esse tipo de raciocínio, um pacifista alemão ou japonês seria "objetivamente pró-britânico". Iste é pueril. Sr. Orwell está assumindo que o pacifista compartilha suas predileções chauvinistas. Pelo contrário, nós consideramos a guerra como um desastre para a humanidade. Quem pode dizer que uma vitória britânica será menos desastrosa do que uma alemã? A última vitória britânica foi totalmente sem sentido.¹⁸⁴ (SAVAGE, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.392. Volume 13)

Seria muito fácil nos entregarmos ao pecado do anacronismo e dizer que Savage não entendia a completude da situação e todo o perigo que uma vitória nazista poderia ter resultado para a história da humanidade, principalmente depois de todos os crimes contra a humanidade revelados com o Holocausto, etc. Ao mesmo tempo, incorreríamos no mesmo erro se julgarmos o pensamento de Orwell como pueril, simplesmente pelas lacunas teóricas que apresenta em muitas de suas apreciações. O trabalho do historiador não é julgar que estava “certo” ou “errado”; quem errou mais ou quem errou menos em suas análises. A ideia não é estabelecer quem exerceu melhor o papel de vidente, mesmo que para um futuro imediato de poucas semanas ou meses. Esse é um deleite que um historiador não pode gozar.

Orwell se mostrou, com o passar do tempo e o benefício da história, muito mais exato em suas microanálises que a maioria de seus críticos. Orwell entendeu o fenômeno stalinista – e recusou-o, ainda na metade da década de 1930 –, por exemplo, (contudo, é verdade, não isoladamente) num momento em que a esquerda mundial entendia que as Frentes populares eram o caminho para a derrota do fascismo. Da mesma maneira, entendeu as dinâmicas do totalitarismo e sua permeabilidade nas relações de sociabilidade em seus diversos níveis objetivos e subjetivos – da linguagem, das relações parentais e amorosas, nas dinâmicas sociais da estrutura estatal, etc. – sendo grande influência para gerações de críticos que esmiuçariam os pormenores filosóficos do fenômeno totalitário dali em diante. Não à toa, Orwell é citado largamente em alguns dos estudos

¹⁸⁴ “Let us assume that Mr. Orwell means “objectively pro-German”. (If so, his loose terminology is surely indicative of very loose thinking.) Who is “objective”? - Mr. Orwell, a partisan of one particular side in the struggle? According to this type of reasoning, a German or Japanese pacifist would be “objectively pro-British”. This is puerile. Mr. Orwell is assuming that the pacifist shares his chauvinistic predilections. On the contrary, we regard the war as a disaster to humanity. Who is to say that a British victory will be less disastrous than a German one? The last British victory was pretty meaningless.” (SAVAGE, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.392. Volume 13)

mais sérios que surgiram no pós-guerra que se dedicaram a uma compreensão do fenômeno totalitário, por exemplo.

Savage, contudo, falava através de sua experiência vivida. O que sua geração viu depois da vitória da Tríplice Entente, na Primeira Guerra Mundial, foi a consolidação (momentânea) de um modo de vida há muito ultrapassado, que se sustentava nos fantasmas de um passado glorioso da Era Vitoriana e da economia liberal. Sonho dourado que não resistiu outra geração, e ruiu com o crash de Wall Street, em 1929, levando consigo os escombros de uma era. Porque, agora, haveria de ser diferente aos olhos daqueles homens e mulheres?

De volta à crítica de Savage à Orwell. É preciso entender esse traço, digamos, “não lastreado” (filosoficamente) de Orwell. De maneira nenhuma, é preciso reafirmar, por mais obvio que já esteja, seu discurso é desideologizado, e sem direção política. Ao contrário, o ponto de vista de Orwell era sim político e assumia lados claros, ao ponto de – e assim, enxergo muito de sua obra – estar à frente de muitos analistas políticos daquela geração. Seus textos mais maduros publicados ao correr da década de 1940, comprovariam essa capacidade em aglutinar fatores diversos (dentro de uma análise sociológica das expectativas políticas de sua geração) e a escrita fluída do ensaísta, acostumado com um público amplo e não necessariamente especializado. E seus grandes romances – o *Animal Farm* e o *1984* – traduzem muito bem isso. E Savage também entende assim:

O Sr. Orwell é ele mesmo um "político", com perspectivas políticas sobre as coisas. Ele conseqüentemente vê o pacifismo principalmente como um fenômeno político. Isso é exatamente o que não é. Primeiramente, é um fenômeno moral. Movimentos políticos são baseadas em programas e organização. Com o pacifismo, o programa e organização são bastante controlados. O pacifismo funciona com molas de consciência – ou seja, a partir de dentro do ser humano individual. "Peace News", diz Orwell, "segue sua antiga tradição de se opor a guerra por razões diferentes e incompatíveis". Há certamente inúmeras razões pelas quais a guerra deve ser recusada, mas a principal razão é a natureza diabólica da guerra moderna, com suas repercussões diabólicas sobre personalidade e valores humanos. Não me refiro apenas ao próprio ato de guerra, mas o conjunto na prossecução desta guerra são muito desprezíveis para palavras. Certamente eu vou aceitar a minha parte de responsabilidade para eles, mas eu não vou lutar em uma guerra para alargar essa corrupção e falsidade.¹⁸⁵ (SAVAGE,

¹⁸⁵ "Mr. Orwell is himself a "politician", with a politician's outlook on things. He consequently sees pacifism primarily as a political phenomenon. That is just what it isn't. Primarily it is a moral phenomenon. Political movements are based on programme and organization. With pacifism, programme and organization are quite subsidiary. Pacifism springs from conscience – i.e., from within the individual human being. "Peace News", says Orwell, "follows its old tradition of opposing war for different and incompatible reasons". There are certainly innumerable reasons why war should be opposed, but the chief reason is the diabolical nature of modern warfare, with its diabolical repercussions upon human personality and values. I am not referring only to the act of warfare itself, but the whole in the prosecution of this war are too contemptible for words. Certainly I will accept my share of responsibility for them, but I won't fight in a war no to extend that corruption and hollowness." (SAVAGE, 1942. Apud DAVIDSON, 1998, p.393. Volume

1942. Apud DAVINSON, 1998, p.393. Volume 13)

Na sequência de sua resposta a Orwell, contudo, Savage demonstra o mesmo problema que ele aponta em seu interlocutor, a saber, um simplismo na análise política da conjuntura da guerra tão perigoso, quanto qualquer indefinição conceitual pode causar à análise teórica do problema. E isso se dá quando ele opõe o “pacifismo” ao “patriotismo” que guiava, em seu entender, a luta dos britânicos contra a Alemanha:

Eu não estou enganado pela "democracia" da Grã-Bretanha, particularmente no que se está a desaparecer gradualmente sob a pressão da guerra. Certamente eu nunca iria lutar e matar para tal fantasma. Eu não admiro muito a parte que "meu país" tem desempenhado nos acontecimentos mundiais. Considero que espiritualmente a Grã-Bretanha perdeu todo o sentido; ela sugnificava algo, talvez, mas quem pode fingir que a idéia de "Grã-Bretanha" significa qualquer coisa no mundo? (...) Existe a pretensão em alguns setores que, apesar de a Grã-Bretanha ser uma nação doente, agora, envolvido em guerra, ela tem "encontrado sua alma", e que a doença foi exemplificado por Chamberlain e pela figura de Churchill. Infelizmente, as mudanças profundas não ocorrem tão facilmente assim. A Inglaterra não sabe mesmo pelo que ela está lutando agora, apenas o que ela está lutando contra. A “defesa” que os pacifistas fazem de Hitler, a qual Orwell se refere é simplesmente um reconhecimento por nós que Hitler e a Alemanha contêm uma dinâmica histórica real, enquanto nós não. Considerando que o resto da nação está contente com a crítica pública de Hitler, nós consideramos isso como superficial. Hitler não exige nenhuma condenação, mas entendimento. Isso não signifca que que nós gostamos, ou defendemos ele. Pessoalmente, eu não me importo com Hitler. Ele é, no entanto, mais "real" que Chamberlain, Churchill, Cripps, etc., no sentido de que ele é o veículo de forças históricas e matérias que manobra manequins, vivendo fora da realidade. Não desejamos uma "vitória" alemã; nós não levantaremos um dedo para ajudar a Grã-Bretanha ou Alemanha a "ganhar", mas haveria uma profunda justiça, eu sinto, no entanto terrível, em uma vitória alemã. (Na verdade, qualquer governante iria nos tratar como clientes inábeis, um não menos do que o outro.)¹⁸⁶ (SAVAGE, 1942. Apud

13)

¹⁸⁶ “I am not greatly taken in by Britain's “democracy”, particularly as it is gradually vanishing under the pressure of the war. Certainly I would never fight and kill for such a phantasm. I do not greatly admire the part “my country” has played in world events. I consider that spiritually Britain has lost all meaning; she once stood for something, perhaps, but who can pretend that the idea of “Britain” now counts for anything in the world? (...) The pretence exists in some quarters that, although Britain has been a sick nation, now, engaged in war, she has “found her soul”, and by this one gathers that the sickness was exemplified by Chamberlain and the soul-finding by Churchill. Unfortunately, deep changes do not occur so easily as that. England do not even know what she is fighting for, only what she is fighting against. The pacifists “championing” of Hitler what referred to by Orwell is simply a recognition by us that Hitler and Germany contain a real historical dynamic, whereas we do not. Whereas the rest of the nation is content with calling down obloquy on Hitler's head, we regard this as superficial. Hitler requires, no condemnation, but understanding. This does not mena that we like, or defend him. Personally, I do not care for Hitler. He is, however, “realler” than Chamberlain, Churchill, Cripps, etc., in that he is the vehicle of raw historical forces whereas they are stuffed dummies, waswork figures, living in unreality. We do not desire a German “victory”; we would not lift a finger to help either Britain or Germany to “win”; but there would be a profound

DAVINSON, 1998, p.393-4. Volume XIII)

Outro que responde à Orwell e suas análises, é George Woodcock. Sua resposta é enviada em 19 de maio de 1942 para a *Partisan Review*. Woodcock, teórico anarquista canadense radicado na Inglaterra, é menos “conceitual” que Savage, em sua resposta à controvérsia levantada por Orwell. Sua intenção, a primeiro momento, era defender a revista *Now*, da qual era editor, e seus contribuidores das “acusações” de Orwell. Woodcock justifica que a revista, criada durante a guerra como um fórum de debates literários e de controvérsias acerca dos temas do período, reunia uma gama ampla de contribuidores, entre eles pacifistas, anarquistas, stalinistas, trotskistas, moderados, etc. Entre estes muitos, dois de seus principais contribuidores, lembra Woodcock, eram Julian Huxley e Herbert Head, que, nem de longe, “podiam ser classificados como fascistas”, conclui. (WOODCOCK, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.392. Volume 13)

A técnica de Woodcock é, na sequência, a de inverter as acusações, passando para Orwell toda a carga de “parcialidade” que ele atribuía aos outros:

(...) O camarada Orwell, o ex-oficial da polícia do imperialismo britânico (do qual os fascistas aprenderam tudo que sabem) nas regiões do Extremo Oriente, onde o sol se põe apenas sobre a “Union Jack bedraggled”! Camarada Orwell, ex-companheiro de viagem dos pacifistas e colaborador regular da pacifista *Adelphi* – que agora ataca! Camarada Orwell, o ex-extremista de esquerda, do I.L.P. Partidário e defensor dos anarquistas (vejam Homenagem à Catalunha)! E agora o camarada Orwell, que retorna a suas antigas alianças imperialistas e trabalha na BBC, realizando propaganda britânica para as massas indianas! Pode-se ver que o mesmo Orwell demonstrou um tremendo grau de sobreposição de tendências de esquerda, pacifistas e reacionárias que ele acusa os outros!¹⁸⁷ (WOODCOCK, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.395. Volume 13)

Depois de Woodcock, vem a resposta de Alex Comfort. Ela é publicada em 18 de maio de 1942, pela *Partisan Review*. Comfort começa sua resposta a Orwell de maneira muito mais elogiosa do que se suporia, mesmo que admita que a fama de Orwell esteja, a seu ver, suplantando sua capacidade analítica nesse caso:

justice, I feel, however terrible, in a German victory. (In actually, any ruler would find us rather awkward customers, one no less than another.)” (SAVAGE, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.393-4. Volume 13)

¹⁸⁷ “(...) Comrade Orwell, the former police official of British Imperialism (from which the Fascists learnt all they know) in those regions of the Far East where the sun at last sets for even on the bedraggled Union Jack! Comrade Orwell, former fellow traveller of the pacifists and regular contributor to the pacifist *Adelphi* – which now attacks! Comrade Orwell, former extrem Left-Winger, I.L.P. Partisan and defender of anarchists (see *Homage to Catalonia*)! And now Comrade Orwell who returns to his old imperialist allegiances and works at the B.B.C., conducting British propaganda to fox the Indian masses! It would seem that Orwell himself shows to a surprising degree the overlapping of left-wing, pacifist and reactionary tendencies of which he accuses others!” (WOODCOCK, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.395. Volume 13)

(...) O problema consiste em que alguns de leitores americanos não conhecem o status do Sr. Orwell neste país e levam a sério o seu comentário. Nós todos gostamos dele aqui, embora o padrão de sua panfletagem esteja caindo, e nós conhecemos ele como o pregador de doutrina de coragem física como um trunfo para o intelectual de esquerda, e assim por diante. Acho que todos nós aceitamos que ele não tem muitos contatos com nenhuma escritor com menos de trinta e cinco anos de idade, e seus dois últimos aparições públicas – uma reprovação do meu livro "No Such Liberty", e esta sua "London Letter" - sugerem que ele ainda não entendeu o porque de muitos poetas com mais de trinta são pacifistas, ou no que implicaria seu pacifismo se Hitler chega-se aqui.¹⁸⁸ (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.395. Volume 13)

Na sequência de sua resposta, Comfort parece seguir a mesma linha de Savage, contra argumentando que a linha analítica de Orwell parecia ignorar o fato do fascismo (muito mais como um modelo supra autoritário de governo) se desdobrar em outras formas políticas que não o modelo italiano e alemão. A associação do discurso pacifista (da maneira como Orwell o interpreta), com isso, encobriria a própria ingenuidade de Orwell, já que, ao contrário, parecia defender o modelo da “democracia britânico” em oposição à “ditadura alemã”.

O Sr. Orwell nos chama de "objetivamente pró-fascista". Suponho que isso signifique para ele que estamos deixando de ser anti-fascistas por padrão. Se nós sugerimos-lhe que nós, que temos a intenção única de salvar a cultura artística inglesa quando o choque vier, somos as únicas pessoas que poderam continuar a manter valores genuinamente anti-fascistas, ele não vai se convencer. Mas talvez ele irá conceber que o maior e irrecuperável vitória de Hitler até aqui foi quando ele convenceu o povo inglês que a única maneira de conter o fascismo foi imitando-o.¹⁸⁹ (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.396. Volume XIII)

A defesa da “cultura civilizada” contra o barbarismo de Hitler e o não menos arcaico militarismo de Churchill parecia ser mote importante da alternativa pacifista proposta por Comfort:

¹⁸⁸ “(...) The trouble is that some your American readers may not realise Mr. Orwell's status in this country and take his commentary seriously. We all like him here, though the standard of his pamphleteering is going down of late, and we know him as the preacher of a doctrine of Physical Courage as an Asset to the left wing intellectual, and so forth. I think we all agree that he is pretty thoroughly out of touch with any writing under thirty years of age, and his last two public performances – a reproof in sorrow to my book “No such Liberty”, and this “London Letter” of his – suggest that he still has not grasped why most of the post-Thirties poets are pacifists, or what their pacifism would entail if Hitler arrived here.” (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.395. Volume 13)

¹⁸⁹ “Mr. Orwell call us “objectively pro-Fascist”. I suppose he means that we are letting anti-fascist go by default. If we suggest to him that we, who have the single intention of salvaging English artistic culture when the crash comes, are the only people likely to continue to hold genuinely anti-fascist values, he will not be convinced. But perhaps he will grant that Hitler's greatest and irretrievable victory over here was when he persuaded the English people that the only way to lick Fascism was to imitate it.” (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.396. Volume 13)

O que, mais uma vez, o Sr. Orwell imagina como o papel do artista em um território ocupado? Ele deveria protestar com todas as suas forças, onde e quando pode, contra tal mal como ele vê - mas ele pode fazer isso mais útil ao aceitar temporariamente o status quo, ou por escaramuças na Epping Forest com o bolso cheio de granadas de mão? Eu acho que os escritores ingleses honrariam e seguiriam quando a oportunidade chegar, a exemplo de integridade que Gide definiu. Vamos ser convencidos pelos empregos oferecidos por Hitler ou pela alternativa de Churchill e seus porcos-espinhos. Os homens que, como Orwell, poderiam ajudar, estão chamando-nos de fascistas e, presumivelmente, dançando em volta das ruínas da Catedral de Münster. Nós preferimos não nos juntar a eles, e se, na busca de nossa tarefa publicarmos recusas heterodoxas, teremos muito poucos escrúpulos.¹⁹⁰ (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.396. Volume 13)

Coube a Orwell ainda uma tréplica às respostas de seus interlocutores, em 12 de julho de 1942. Nela Orwell responde às argumentações de Savage, Woodcock e Comfort sistematicamente, em três partes. A primeira delas, responde às argumentações de Savage quanto a sua indefinição quanto aos limites políticos do pacifismo. Orwell, contudo, volta a reafirmar seu ponto de partida: “o pacifismo é objetivamente pró-fascista”:

(...) O pacifismo é objetivamente pró-fascista. Este é o senso comum elementar. Se você dificultar o esforço de guerra de um lado você ajuda automaticamente o outro. Também não existe qualquer forma real de permanecer fora de uma guerra como a atual. Na prática, "quem não está comigo está contra mim". A idéia de que você pode de alguma forma permanecer distante e superior à luta, enquanto vive dos alimentos que os marinheiros britânicos tem que arriscar suas vidas para trazê-lo, é uma ilusão burguesa da segurança que o dinheiro pode proporcionar. O Sr. Savage observa que "de acordo com esse tipo de raciocínio, um pacifista alemão ou japonês seria objetivamente pró-britânico". Mas é claro que ele seria! É por isso que atividades pacifistas não são permitidas nesses países (em ambos a pena é, ou pode ser, a decapitação), enquanto ambos os alemães e os japoneses fazem tudo o que podem para incentivar a propagação do pacifismo em territórios britânicos e americanos. A propaganda indistinguível da PPU [Peace Pledge Union]. Eles iriam estimular o pacifismo na Rússia, bem como se pudessem, mas nesse caso eles têm bebês mais duros com os quais lidar. Na medida em que entra em

¹⁹⁰ "What, again, does Mr. Orwell imagine the role of the artist should be in occupied territory? He should protest with all his forces, where and when he can, against such evil as he sees – but can he do this more usefully by temporarily accepting the status quo, or by skirmishing in Epping Forest with a pocket full of hand grenades? I think that English writers honour, and will follow when the opportunity comes, the example of integrity which Gide has set. We are going to be entrusted with the job of saving remains of the structure of civilized values from Hitler or alternatively from Churchill and his bladder-prickles. The men who, like Orwell, could have helped, are calling us Fascists and presumably dancing round the ruins of Munster Cathedral. We prefer not to join them, and if, in the pursuit of our task we find ourselves obliged to publish refused us as unorthodoxy, we shall have very few qualms." (CONFORT, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.396. Volume 13)

vigor, a propaganda pacifista só pode ser eficaz contra os países em que uma certa quantidade de liberdade de expressão continue a ser permitida, em outras palavras, é útil para o totalitarismo.¹⁹¹ (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.397. Volume X13)

Seguindo essa ideia do pacifismo representar um tipo político que beneficiaria o contraponto militar do inimigo, Orwell é muito duro, nesse momento, na defesa da necessária reação bélica ao avanço nazi:

(...) Governos despóticos podem lidar com "força moral" até que a vaca tussa; o que eles temem é a força física. Mas embora não muito interessados na "teoria" do pacifismo, estou interessado nos processos psicológicos pelos quais os pacifistas começaram a alegar um horror do poder do nazismo. Mesmo pacifistas que não possuem qualquer tipo de fascínio estão começando a reclamar que uma vitória nazista é desejável em si mesmo. Na carta que enviou, o Sr. Comfort considera que um artista em território ocupado deve "protestar contra tais males como ele vê", mas considera que este é deve ser feito "aceitando temporariamente o status quo" [...]¹⁹². (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.397. Volume XIII)

Orwell continua sua tréplica à Savage indicando como ele entendia que a propaganda pacifista podia (direta ou indiretamente) aliar-se a propaganda Fascista e com isso desacreditar os necessários esforços de guerra:

Eu passo sobre a ignorância conservada pelo dinheiro que é capaz de acreditar que a vida literária ainda está em curso, por exemplo, na Polónia, e observação meramente declarações como esta justificar-me em dizer que nossos pacifistas ingleses são ativamente pró-fascistas. Mas eu particularmente não faço objeção a isso. O que eu objeto é a covardia

¹⁹¹ "(...) Pacifism is objectively pro-Fascist. This is elementary common sense. If you hamper the war-effort of one side you automatically help that of the other. Nor is there any real way of remaining outside such a war as the present one. In practice, "he that is not with me is against me". The idea that you can somehow remain aloof from and superior to the struggle, while living on food which British sailors have to risk their lives to bring you, is a bourgeois illusion breed of money and security. Mr. Savage remarks that "according to this type of reasoning, a German or Japanese pacifist would be 'objectively pro-British'". But of course he would be! That is why pacifist activities are not permitted in those countries (in both of them penalty is, or can be, beheading) while both the Germans and Japanese do all they can to encourage the spread of pacifism in British and American territories. The propaganda indistinguishable from that of the PPU. They would stimulate pacifism in Russia as well if they could, but in that case they have tougher babies to deal with. In so far as it takes effect at all, pacifist propaganda can only be effective against those countries where a certain amount of freedom of speech is still permitted; in other words it is helpful to totalitarianism." (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.397. Volume X13)

¹⁹² "(...) Despotic government can stand "moral force" till the cows come home; what they fear is physical force. But though not much interested in the "theory" of pacifism, I am interested in the psychological processes by which pacifists who have started out with an alleged horror of power of Nazism. Even pacifists who wouldn't own to any such fascination are beginning to claim that a Nazi victory is desirable in itself. In the letter you sent on to me, Mr. Comfort considers that an artist in occupied territory ought to "protest against such evils as he sees", but consider that this is best done by "temporarily accepting the status quo"[...]. (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.397. Volume 13)

intelectual das pessoas que são abjeta emocionalmente pró-fascista, mas que não se importam de dizer isso e se refugiar por trás da fórmula "Mas eu sou apenas um anti-fascista como qualquer um." O resultado disso é que a chamada propaganda de paz é tão desonesta e intelectualmente repugnante como propaganda de guerra. Como a propaganda de guerra, ela concentra-se em apresentar um "caso", obscurecendo pontos de vista adversários e evitando perguntas embaraçosas¹⁹³. (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.398. Volume 13)

Em suas respostas à Woodcock e Comfort, Orwell pareceu mais detido a responder às tentativas de descrédito pessoal que ambos impingem (quanto ao passado/presente “imperialista” de Orwell, por Woodcock, e as tentativas de “generalização” da intelligentsia literária britânica como supostamente pró-Fascista, por Comfort).¹⁹⁴

O que importa nesse debate, contudo, é mostrar como temas ligados ao ambiente britânico eram expostos dentro da *Partisan Review* para o público estadunidense. Os desdobramentos de cada uma dessas análises individuais, apesar de “erros” e “acertos” em suas análises, tem como força de conjunto oferecer uma perspectiva dos humores da sociedade britânica, e em especial dos humores intelectuais, no correr da Segunda Guerra Mundial. De certa maneira, essas perspectivas acabam sim, por serem posições rarefeitas, de sobrevoos, em temas que entrecruzavam os debates desses intelectuais que, por sua vez, representavam uma face, particular, dos acontecimentos. Mas é justamente aí, na não “oficialidade” de seus testemunhos e memórias, que o historiador que se interessa pelas micro ou macro relações interpessoais – como no caso do historiador da vida intelectual – pode reconstruir os espaços de sociabilidade que se formavam no cotidiano desses homens e mulheres, e daí apreender como as ideias, debatidas nesses espaços, eram reformuladas em contextos linguísticos específicos, tanto histórica (como no caso dos debates sobre diferentes percepções sobre um mesmo tema entre gerações diferentes), quanto geograficamente (ou seja, como estas mesmas ideias eram apreendidas em Londres, em Nova York, em Paris, em Berlim ou em Moscou, etc.).

¹⁹³ “I pass over the money-sheltered ignorance capable of believe that literary life is still going on in, for instance, Poland, and remark merely that statements like this justify me in saying that our English pacifists are tending towards active pro-Fascism. But I don't particularly object to that. What I object to is the intellectual cowardice of people who are abjectly and to som extent emotionally pro-Fascist, but who don't care to say so and take refuge behind the formula “I am just as anti-Fascist as anyone, but – “. The result of this is that so-called peace propaganda is just as dishonest and intellectually disgusting as war propaganda. Like war propaganda, it concentrates on putting forward a “case”, obscuring the opponents point of view and avoiding awkward questions.” (ORWELL, 1942. Apud DAVINSON, 1998, p.398. Volume 13)

¹⁹⁴ Orwell escreve à Comfort em carta enviada em 15 de julho de 1942, após o envio de sua resposta à controvérsia de sua *London Letter*. Comfort por sua vez responde a esta carta, em 16 de julho de 1942. Tremendamente cordiais, ambos trataram da exposição pública de alguns nomes nas cartas que seriam publicadas. Mais especificamente, estavam preocupados com a exposição do nome de Max Plowman, anti-semita declarado, contudo, velho amigo pessoal de Orwell e Comfort, ambos devendo a ele então uma dívida de gratidão. Ambas as cartas estão em DAVINSON, 1998, p.400 e 401. Volume 13.

3.7 - Da luta antifascista à autocrítica nacional

O ano de 1941 é também um ano importante para o contexto interno dos EUA, devido à reorganização do aparato estatal criado pelo New Deal, que deveria reger as políticas e projetos públicos de reconstrução da economia local após de 1929, agora pressionado pelo esforço de guerra. Naquele ano, o aparato do Resettlement Administration foi transferido para o Office of War Information. Esse departamento, criado em Abril de 1935 foi, ao lado do programa Agricultural Adjustments Administration, um dos programas sociais mais radicais do Departamento de Agricultura do New Deal e coordenou a reorganização da produção no campo nos chamados “cinturões-verdes” de comunidades agrícolas para trabalhadores desempregados e casas para imigrantes. Mais tarde rebatizado com o nome de Farm Security Administration (FSA), o programa contratou inúmeros fotógrafos, cineastas, artistas e músicos para trabalhar na elaboração de programas culturais em torno do projeto. Já o Office of War Information funcionou como o principal órgão da propaganda estadunidense (dentro e fora do país) durante a Segunda Guerra Mundial, entre Junho de 1942 e Setembro de 1945. Com a declaração da Segunda Guerra Mundial e a entrada definitiva dos EUA, muitos membros da esquerda são então cooptados para dentro da máquina estatal, vendo nas oportunidades profissionais criadas uma maneira de se engajar nos esforços de guerra e edificar ainda mais a Frente popular contra o fascismo e a luta anti-imperialista. (DENNING, 1997, pp.80-1) Não é surpresa então que muitos desses intelectuais passem a não apenas suportar o discursos bélicos e o nacionalismos locais, mas a advogarem pela guerra que, como vimos, criou uma série de tensões importantes também entre o círculo da Partisan Review.

O tema da autocrítica nacional seria parte fundamental nas argumentações de Orwell em sua segunda carta à Partisan Review, na edição de Julho-Agosto de 1941. Neste que seria o segundo contato de Macdonald com Orwell relativo aos textos que comporiam a sessão, o editor da Partisan envia uma lista de 10 questões a Orwell para que ele tomasse como referência temática de sua carta. Macdonald, contudo, faz questão de deixar claro que não era preciso que Orwell respondesse a todas as questões textualmente, mas que elas servissem como um guia temático. Nesse sentido, vai ficando claro a estrutura imaginada pelo editores da Partisan para as London Letters: claramente, a intenção é de que as cartas (ao menos essas primeiras) fossem um guia para questões nativas (estadunidenses) específicas, pensadas em contraponto a conjuntura britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Como poderemos ver no tipo de questões temáticas, o eixo girava em torno de temas políticos, todos transversalmente entrecortados, contudo, por questões culturais e intelectuais. Nestas duas primeiras cartas, não parece haver a primazia de um debate teórico sobre o marxismo,

apesar de Orwell já ter adentrado essa problemática na primeira carta, quando, logo na abertura atrelou a vitória contra o fascismo a uma necessária revolução social. E destas dez questões, três delas fazem referência direta as questões conjunturais do presente, como veremos a seguir. A primeira das dez grandes questões enviadas por Macdonald foi então a seguinte:

“Qual é o nível e o tom da imprensa popular nos dias de hoje? Quanta informação real sobre o esforço de guerra sai? Com que profundidade são relatadas as greves e os problemas trabalhistas? Os debates no Parlamento? Quão dominante é a propaganda? Esta propaganda é em sua maioria patriótica como na última guerra, ou é mais anti-fascista? E quanto ao rádio? E o Cinema? ”(Macdonald para Orwell, 15 de março de 1941, Apud Davinson, 1998, p.471. Volume 13)

E Orwell começara justamente por refletir sobre os efeitos do contexto sobre a imprensa britânica, alvo histórico de suas críticas desde o início da década de 1930. Nesse momento, contudo, Orwell indica que os esforços de guerra que mobilizavam o país atingiam também a grande imprensa, produzindo uma sensibilidade comum sobre o momento por que passava a Grã-Bretanha na pior fase da guerra para o país. E, surpreendentemente, Orwell apontava uma leve orientação pendular à esquerda nestes periódicos, com algumas exceções da imprensa profundamente conservadora, em especial a católica. Parte disso, Orwell atribuiria, na sequência, ao tamanho da guerra e sua repercussão internacional. “*Quanto a exatidão das notícias, eu acredito que essa é a guerra mais confiável já lutada nos tempos modernos*”, não tardou em afirmar Orwell. (ORWELL, 1941, Apud DAVISON, 1998, p.471-2. Volume 13) E a comparação imediata será, inevitavelmente, com a repercussão da Primeira Guerra e, em especial para Orwell, da Guerra Civil espanhola.

(...) É claro que só se vê jornal inimigo muito raramente, mas em nossos próprios diários não há certamente nada que se compare com as mentiras terríveis que foram contadas em ambos os lados, em 1914-1918, ou na Guerra Civil espanhola. Acredito que o rádio, especialmente em países onde não é proibido ouvir transmissões estrangeiras, está tornando as mentiras em larga-escala cada vez mais difíceis. (Orwell, 1941, Apud Davinson, 1998, p.471-2. Volume 13)

A apreciação popular da guerra contudo, encaminhava uma mudança importante, segundo Orwell. O inimigo estava sendo substituído aos poucos do “nazi” para o “alemão”, readquirindo, em escala muito menor, contudo, os contornos de uma guerra entre nações tal qual durante a Primeira Guerra Mundial. Parte disso, justifica Orwell, poderia ser atribuído ao papel crescente da propaganda na vida pública britânica, cujo papel estratégico avançava à medida que os esforços de guerra se intensificavam. E na parte final dessa primeira parte, Orwell fará referência ao papel da

BBC, veículo central da propaganda britânica – a qual Orwell atribui um caráter mais confiável do que à imprensa escrita. Não notava, porém, mudanças significativas no cinema, ainda distante dos efeitos políticos da guerra em sua técnica e temática.

A segunda questão enviada para Orwell fora a seguinte: *"Existe alguma escrita séria sendo feita? Existe alguma literatura anti-guerra como Barbusse, etc, na última guerra? Pelo que ouvimos aqui, há uma tendência para o romantismo e escapismo pelo escrito britânico atual. Isso é verdade?"* (Macdonald para Orwell, 1941, Apud DAVISON, 1998, p.472. Volume 13) Mais uma vez, Orwell compara a então conjuntura da Segunda Guerra Mundial à situação de 1914-18. A ambiente literário que circundava a Primeira Guerra, contudo, foi para Orwell mais rico para a literatura britânica, do que havia sido até aquele momento do desenrolar da guerra contra o fascismo. Orwell, contudo, não enxergava nenhuma tendência “escapista” na produção literária britânica, mesmo que compreendesse que era possível sim, que se algum grande trabalho surgisse naquele momento ele deveria se apoiar em um certo subjetivismo, já que o realismo literário estava sendo esmagado pela barbárie.

A sétima questão enviada por Macdonald à Orwell para que este compusesse a segunda de suas cartas para a Partisan Review, insistia no tema da preservação das liberdades civis em meio à guerra: *"Como você explica o que, por aqui, parece ser a quantidade notável de democracia e liberdades civis preservadas durante a guerra? Pressão dos trabalhadores? Tradição britânica? Fraqueza das classes superiores?"* (Macdonald para Orwell, 1941, Apud Davison, 1998, p. 472. Volume 13)

Em sua resposta, Orwell lembra o lançamento de seu livro *The Lion and The Unicorn*, em que tratou da questão da divisão de classes britânica e de como as “lealdades familiares” (Orwell prefere esse termo à “tradição britânica”) se enviesavam pelas divisões de classe, contudo, reafirmando-as. E a relação das classes dominantes britânicas com as liberdades civis e a democracia parece representar bem essa ideia:

A classe dominante britânica acredita na democracia e na liberdade civil de uma forma estreita e em parte hipócrita. De qualquer forma eles acreditam na letra da lei e, por vezes, vão cumpri-la quando não é a sua vantagem. Eles não mostram nenhum sinal de desenvolvimento de uma mentalidade verdadeiramente fascista. Liberdade de todo tipo deve, obviamente, diminuir como resultado da guerra, mas, dada a atual estrutura da sociedade e de sua atmosfera há um ponto além do qual essa queda não passará. A Grã-Bretanha pode ser “fascistizada” de fora ou como resultado de uma revolução interna, mas a velha classe dominante não pode, na minha opinião, produzir um verdadeiro totalitarismo por conta própria. Eles são muito estúpidos. É em grande parte porque eles têm sido incapazes de compreender a natureza-primeira do fascismo que estamos nesta confusão toda. (Orwell, 1941, Apud Davinson, 1998, p.476. Volume 13)

É preciso notar que os temas tratados por Orwell em sua “London Letter” eram problemas presentes também dentro do campo da esquerda intelectual dos EUA, em especial em meio ao Popular Front dos EUA: ou seja, a ideia de uma “autoconsciência Americanista” (DENNING, 1997). O que significava isso? Resposta: a tradução do internacionalismo do movimento comunista, em uma tentativa de construção de uma identidade política própria da esquerda nos EUA.¹⁹⁵

A questão em jogo então era a seguinte: como construir uma identidade nacional própria, sem porém mistificar a si próprio, e com isso, o olhar sobre o outro? É preciso lembrar também, como já o fizemos em texto anterior, que esse era um processo no qual a própria Partisan estava engajada, desde sua tentativa em conduzir, sob bases interpretativas próprias, uma reinterpretação do modernismo estadunidense, baseado numa leitura não-ortodoxa do marxismo segundo as linhas oficiais do stalinismo. (SILVA, 2015)¹⁹⁶

De volta ao momento específico de reelaboração da crítica da Partisan Review à guerra mundial e ao fascismo, Terry Cooney lembra que o modelo quase que natural de interpretação dos fatos ligados a conjuntura belicista do final da década de 1930 foi aquele proposto por Randolph Bourne, cuja inspiração para o círculo de intelectuais em torno da Partisan Review ficou evidente em consecutivos editoriais da revista da metade da década de 1939 em diante, e que retomavam a linha interpretativa de Bourne, duas décadas antes, sobre a Primeira Guerra Mundial. (COONEY, 1987, p.168). O primeiro daqueles textos, foi assinado por Dwight Macdonald e fora intitulado, “War and the Intellectuals: Act two”, na *Partisan Review* 6, primavera de 1939, p.3-20. Em seguida, aparece um texto de Philip Rahv, intitulado, “Twilight of Idols”, que se conectava ao debate iniciado pouco antes por Macdonald. (COONEY, 1987, p.169).

No ensaio de Macdonald, estava implícita a reação dos intelectuais dos EUA para com a Primeira Guerra Mundial, e como a sociedade estadunidense reagiu às suas posições. Para Macdonald, o clima que se sucedera a entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial, retornaria agora, no raiar de uma nova guerra. Seus maiores efeitos (dentro dos EUA, já que o perigo real da guerra efetiva em território estadunidense ainda era descartado) seriam sentidos, no entanto, sobre o pensamento não-alinhado aos esforços de guerra e teriam a mesma repercussão nefasta que tivera a pouco mais de duas décadas atrás. Com isso, “(...) *A guerra contra o fascismo no estrangeiro*

¹⁹⁵ O tema da construção de uma identidade própria da esquerda nos EUA já se estendia a muito tempo dentro da Partisan Review. Este havia sido ponto de debate, por exemplo em 1936, quando a revista organizou o Simpósio “What is Americanism?”, publicado no Vol.3, n.3, abril de 1936, e da qual participaram alguns dos principais nomes intelectuais que gravitavam em torno da revista, como Theodor Dreiser, Kenneth Burke, Waldo Frank, Joseph Freeman, etc.

¹⁹⁶ SILVA, Matheus C. Em busca de outra modernidade? O marxismo como reação cultural ao modernismo e a experiência da revista nova-iorquina Partisan Review nos anos de 1930. In. DURÃO, F.; MUSSI, D.; MARANHÃO, A. *Marxismo: Cultura e Educação*. Campinas: Nankin editorial, 2015.pp.129-147.

significaria a 'submissão à classe dirigente em casa'”, como caracterizaria Macdonald. O sentimento internacionalista antifascista anterior à guerra seria agora, com ela declarada, substituído por um “antifascismo fascista”, insistia Macdonald. Estava mais que claro que a regressão do pensamento liberal, forçada (ou justificada) pela luta contra o fascismo, resultaria em um Estado tão repressor quanto aquele a que se estava combatendo. E isso era muito claro para Macdonald: “O primeiro resultado da guerra contra o fascismo estrangeiro seria a introdução de uma ditadura doméstica.” (MACDONALD, 1939, Apud COONEY, 1987, p.169)

Em muitos sentidos, os problemas debatidos por Orwell em suas London Letters pareciam combinar exatamente com as preocupações dos intelectuais da esquerda anti-stalinista de Nova York às vésperas da entrada do país na Guerra Mundial, pouco antes de Orwell apresentá-los em sua carta. O medo de um regime repressor dentro dos EUA também era premente dentro da *League for Cultural Freedom and Socialism*. Como ficou claro na declaração da Liga, o medo da repressão interna nos EUA, caso esse entrasse na guerra, era evidente: *“A nossa entrada na guerra, sob o lema “Parem Hitler!” resultaria na introdução imediata de totalitarismo por aqui ... as massas americanas podem ajudar melhor...lutando em casa para manter as suas próprias liberdades.”* Com isso, a entrada dos EUA na guerra significaria, *“corrupção para aqueles que aceitarem isso, prisão, se não física, ao menos espiritual para aqueles que não.”* (COONEY, 1987, p.170) Como declarava o editorial “War is the issue!”, o papel do intelectual deveria ser o de recusar veementemente a guerra, para não repetir o erro de décadas anteriores, ao mesmo tempo que deveriam assumir as responsabilidades por sua profissão.

É interessante notar que esse foi o tema central de outro dos textos para a coluna assinada por Orwell para a Partisan, e que seria publicada na edição de Novembro-Dezembro de 1942¹⁹⁷. Nela, parece haver uma preocupação clara de Orwell em relatar a liberdade de expressão versus o posicionamento ideológico da imprensa na Inglaterra. No texto, ele repassa algumas das linhas editoriais dos jornais e sua situação diante da censura institucional, e como estes retratavam o andamento da guerra. (ORWELL, 1942, Apud DAVISON, 1998, p.518-9. Volume 13). Ainda falando da censura interna na Grã-Bretanha, Orwell volta à carga novamente para o papel desempenhado pela imprensa naqueles tempos de guerra. Na sequência, ainda explorando esse tema da “cultura” criada pela propaganda de guerra, Orwell analisa como o jogo de palavras dos anúncios espalhados por Londres simbolizavam uma estrutura econômica artificial, construindo um simulacro de capitalismo sob uma economia em ruínas. Por fim, finalizando essa carta, Orwell retoma o tema da necessidade de combinar os esforços de guerra com uma guinada à esquerda, rumo a uma revolução socialista, como condição essencial para a derrota do fascismo. Toda a

¹⁹⁷ ORWELL, G. “London Letter”, Partisan Review, 29 de agosto de 1942. Apud DAVISON, 1998, p.518-22. Volume 13.

comparação entre a situação interna britânica – a escassez de produtos, a desaceleração da economia e sua guinada para uma economia predominantemente bélica, o aumento do controle do Estado sob a vida diária, etc. – em 1914-18 e durante a segunda guerra estabelecia o terreno em que Orwell assentava essa ideia. Uma certeza era clara: o velho capitalismo liberal morreria.

Capítulo 4 - Em torno da recepção do *Animal Farm*

Today's younger generation of intellectuals consists of the late arrivals to the generation that made it appearance as American "Marxists" and which has lived its entire life with Marxism (included, of course, anti-Marxism) as its central theme of interests. Without Marxism this generation is not only dull – it's nothing. It does not exist

Harold Rosenberg, "Death in the wilderness", 1965

4.1- O pós-guerra nos EUA

A participação de Orwell através de seus textos para a *Partisan Review*, desempenhou uma dupla importância para sua carreira (MARKS, 1995, p.280). A primeira delas, foi a de reintroduzir Orwell nos meios intelectuais de Nova York – e consequentemente, no cenário público dos EUA, do qual Orwell se mantinha afastado desde 1936 e a publicação de seu romance *A Clergyman's Daughter*, seu último trabalho publicado lá. Esta reinserção permitiu-lhe grande ampliação de seus contatos, principalmente com o grupo da esquerda anti-stalinista que se formara nos últimos anos em torno da *Partisan Review*. A segunda consequência, foram os próprios debates aos quais Orwell se inseriu, graças a estes contatos estabelecidos do outro lado do Atlântico, principalmente com outros intelectuais cujas visões sobre o socialismo eram muito próximas a suas. (Rodden, 2006)

Como vimos, o ideal da revolução socialista estava presente, tanto na reelaboração do discurso político da *Partisan Review*, quanto nos textos de Orwell. Este é o teor de crítica à *intelligentsia* de esquerda britânica, presente na primeira das "London Letters", publicada por Orwell na *Partisan Review*, em março-abril, de 1941, como vimos acima. O ponto central daquele texto tratava da manutenção da ideia da luta contra Hitler e o fascismo representar o caminho para a promoção da revolução socialista na Inglaterra, argumentação semelhante àquela apresentada em seu primeiro grande trabalho da década de 1940, o *The Lion and The Unicorn*, publicado um mês antes.

Mesmo acreditando na revolução socialista e em seu papel na transformação política, econômica e social da Inglaterra sacudida pela guerra, Orwell não esmoreceu em sua crítica ao stalinismo. Em outra edição de sua "London Letter to *Partisan Review*", agora em julho-agosto de 1943, tendo como tema central a dissolução do Comintern, Orwell começa a esboçar uma crítica que assumiria uma forma consistente em seus textos ao longo da década de 1940: a imagem da URSS e do stalinismo (e sua representação "mística da Revolução"[de Outubro]), como "mitos" diante da *intelligentsia* de esquerda britânica, esfacelado gradualmente entre muitos intelectuais comunistas (ORWELL, 1943, Apud Davison, p. 286. Volume 13).

A ideia do "mito" soviético seria reafirmada anos mais tarde, na edição da "London Letter",

de 5 de junho de 1945, quando Orwell refletirá sobre a permanência de um sentimento pró-URSS entre os intelectuais da esquerda britânica, inclusive a manutenção de uma imprensa extremamente favorável ao stalinismo – ignorando os crimes já revelados do regime, como os expurgos, a perseguição política a sua dissidência, etc. Ele escreve, por exemplo, sobre isso:

(...) Eu sempre entendi que a manutenção desse sentimento pró-rússia na Inglaterra durante os últimos dez anos foi devido muito mais a necessidade de um paraíso externo do que qualquer interesse real no regime soviético, e que não pode ser combatido por um apelo aos fatos, mesmo quando estes são conhecidos. (Orwell, 1945. Apud ANGUS; ORWELL, 1968, p.382. Volume 3)

Na crítica apresentada em seus artigos para a *Partisan Review*, desde meados da década de 1940, Orwell já definia o regime stalinista como um “mito”, que se apropria da memória coletiva do movimento socialista internacional sobre a Revolução Russa de 1917, tomando-a como evento fundador do stalinismo – e, desta forma, Stálin, como continuador histórico de Lênin. Parecia então inevitável a necessidade de “destruição” do “mito” soviético para que o movimento socialista reassumisse suas bases democráticas na luta pela igualdade e justiça social.

Esse duplo movimento – a defesa de uma ideia de revolução socialista ao mesmo tempo que a “desmistificação” do stalinismo – ficará explícito na crítica de Orwell, por exemplo, na introdução para a tradução ucraniana do *Animal Farm*, publicada em novembro de 1947. Essa edição seria distribuída em Munique, na Alemanha, pela *Ukrainian Displaced Persons Organisation*. Lá, Orwell será taxativo ao afirmar:

[...] Eu entendo, mais claramente do que nunca, a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental. (...) E até agora desde os últimos dez anos eu fui convencido de que a destruição do mito soviético era essencial se quiséssemos reviver o movimento socialista. (Orwell, 1947, Apud ANGUS; ORWELL, 1968, p.404-5. Volume 3)

O distanciamento da URSS era o mesmo Ideal que parecia confluir os interesses da esquerda anti-stalinista, tanto em Londres quanto em Nova York. E mesmo que a essa altura o marxismo já não fosse mais o ideário central dentro *Partisan Review*, os debates que a revista continuou a promover no imediato pós-Segunda Guerra Mundial não deixou de debater projetos políticos traçados como alternativas às narrativas políticas em disputa naqueles anos.

A essa altura, posso argumentar que a obra de Orwell continuou a ser uma espécie de desencadeadora de reflexões em torno das redes que haviam sido costuradas nos anos anteriores. E um dos caminhos possíveis para rastreamos uma vez mais os debates que se seguiam, pode ser percebido em torno da recepção do *Animal Farm* nos EUA e, em especial entre o círculo que

gravitava ao redor da PR.

E talvez um dos primeiros intelectuais nova-iorquinos advindos do círculo da Partisan que comentaria o *Animal Farm* logo após a sua publicação na Inglaterra, foi Dwight Macdonald. Em carta enviada em 3 de janeiro de 1946, Orwell agradece por uma carta anterior, enviada por Macdonald, em 31 de dezembro de 1945. Nela, Macdonald mostrava toda sua admiração pelo *Animal Farm*, recém lançado na Inglaterra. Sobre ele, Macdonald escreve:

'Anima Farm' ... é absolutamente soberbo. A transposição da experiência russa em equivalentes de fazenda é feito com sabor perfeito e habilidade, de modo que o que poderia ter sido simplesmente uma paródia espirituosa torna-se algo a mais - realmente uma tragédia. O *pathos* da degeneração russa sai mais fortemente em seu conto de fadas do que em qualquer coisa que eu li em um longo tempo. O final não é uma decepção, como eu deveria ter pensado que teria de ser, mas é, em vez disso, mais um triunfo da inventividade. Parabéns por um pedaço bem feito de escrita.¹⁹⁸ (Macdonald para Orwell, 31 de dezembro de 1945. Apud Davinson, nota 1, p.12. Volume 18)

Em sua carta, Macdonald indaga a Orwell se o *Animal Farm* seria também publicado nos EUA e pede que ele lhe envie 200 ou 300 cópias do livro para que Macdonald pudesse vendê-los entre os leitores da revista *Politics*, para quem Orwell contribui em novembro de 1944 e setembro de 1946. Orwell responde a Macdonald afirmando que a primeira edição já estava esgotada e comenta, por exemplo, algumas das impressões sobre o livro rapidamente tornado best-seller entre os britânicos – como, por exemplo, a Rainha Elizabeth II. Na mesma carta, Orwell afirma que Frederic Warburg, editor do *Animal Farm* na Inglaterra, já preparava uma segunda edição de 10 mil cópias, além de sua tradução para vários idiomas. (Macdonald para Orwell, 31 de dezembro de 1945. Apud Davinson, nota 1, p.11. Volume 18)

Na sequência da mesma carta, Orwell comenta as dificuldades para o lançamento do *Animal Farm* nos EUA, depois de já ter passado por problemas internos para a publicação na Inglaterra, por conta da censura:

(...) Eu acertei para lança-lo nos EUA por uma empresa chamada Harcourt Brace e [que seria a editora do *Animal Farm* e do *1984* nos EUA], que eu acredito que são bons editores. Eu tinha muita dificuldade para lança-lo nos EUA. O Dial Press me incomodou há algum tempo depois de rejeita-lo

¹⁹⁸ "Animal Farm'...is absolutely superb. The transposition of the Russian experience into farm equivalents is done with perfect taste and skill, so that what might have been simply a witty burlesque becomes something more – really a tragedy. The pathos of the Russian degeneration comes out more strongly in your fairy tale than in anything I've read in a long time. The ending is not a letdown, as I should have thought it would have to be, but is instead one more triumph of inventiveness. Congratulations on a beautifully done piece of writing." (Macdonald para Orwell, 31 de dezembro de 1945. Apud Davinson, nota 1, p.12. Volume 18)

dizendo que "o público americano não está interessado estórias de animais" (ou algo neste sentido). Eu acho que ele terá alguma pré-publicidade nos EUA já que a *Time* telefonou dizendo que eles estavam indo analisá-lo e me perguntando coisas pontuais. Eu também tive uma luta terrível para conseguir publicá-lo aqui [em Londres]. Ninguém, exceto Warburg queria analisa-lo, e W. teve que segurá-lo durante anos por falta de papel. (...) Mesmo o MOI ["Ministério da Informação"] tentou mantê-lo fora de catálogo. A coisa cômica é que depois de todo esse alarde o livro não teve praticamente nenhuma recepção hostil quando ele saiu. O fato é que as pessoas estão cansadas com o absurdo da Rússia e é apenas uma questão de quem é o primeiro a dizer: "O imperador não tem nenhuma roupa".¹⁹⁹ (Macdonald para Orwell, 31 de dezembro de 1945. Apud Davinson, nota 1, p.11. Volume 18)

Sobre esse último trecho - "The Emperor has no clothes on" - lembra Peter Davinson, Macdonald publicou-o em um artigo em sua revista *Politics*, em março de 1946, no qual comenta o seguinte, sobre o *Animal Farm*:

"O que me impressionou sobre *Animal Farm*, além do tato literário com o qual é feito de modo que nunca se torna ou lunático ou cansativo, era que raramente tinha sido feita de modo consciente algo sobre o *pathos* da experiência russa. Este conto de fadas sobre animais, cujo humor é reflexo, em vez de indignação, transmite mais do significado humano e terrível do stalinismo do que qualquer um dos muitos livros sérios sobre o assunto, com uma ou duas exceções. É tão bom em seu caminho como os capítulos sobre a Rússia em *O Yogi* e o Comissário de Koestler, são bons como um resumo jornalístico, com base em pesquisas de caso sólidas contra o regime de Stalin em cada segmento da vida russa. Alguns editores devem trazer o dois em um único pequeno e barato volume. Seria a coisa perfeita para colocar nas mãos daqueles que ainda nutrem ilusões honestas sobre a União Soviética de hoje."²⁰⁰ (Macdonald, *Politics*, Março de 1946. Apud Davison,

¹⁹⁹ "(...) I have fixed up to have it done in the USA by a firm named Harcourt and Brace [que seria a editora do *Animal Farm* e do 1984 nos EUA] who I believe are good publishers. I had a lot of difficulty to place it in the USA. The *Dia Press* who had been pestering me for some time for a book rejected it on the ground that "the American public is not interested in animals" (or words to that effect). I think it will get a bit of pre-publicity in the USA as "Time" rang up saying they were going to review it and asking me for the usual particulars. I also had an awful fight to get it into print over here. No one except Warburg would look at it, and W. Had to hold it up for years for lack of paper. (...) Even the MOI ["Ministry of Information"] horned in and tried to keep it out of print. The comic thing is that after all this fuss the book got almost no hostile reception when it came out. The fact is people are fed up with the Russian nonsense and it's just a question of who is first to say: "The Emperor has no clothes on". (Macdonald para Orwell, 31 de dezembro de 1945. Apud Davinson, nota 1, p.11. Volume 18)

²⁰⁰ "What struck me about *Animal Farm*, in addition to the literary tact with which it is done so that it never becomes either whimsical or boringly tendentious, was that I had rarely been made so aware of the pathos of the Russian experience. This fairy tale about animals, whose mood is reflective rather than indignant, conveys more of the terrible human meaning of Stalinism than any of the many serious books on the subject, with one or two exceptions. It is as good in its way as the chapters on Russian in Koestler *The Yogi* and the Commissar are good as a journalistic summary, based on solid research, of the case against the Stalin regime in every department of Russian life. Some publisher should bring out the two in a single small cheap volume. It would be the perfect thing to put into the hands of those who still nourish honest illusions about Soviet Union of today." (Macdonald, *Politics*, Março de 1946. Apud Davison, nota 2,

nota 2, p.12. Volume 18)

É importante termos em conta neste momento em que Macdonald mostra entusiasmo para com o novo e instigante trabalho de Orwell, os contextos, tanto políticos quanto “linguísticos”, no sentido de que fala Quentin Skinner, em que o *Animal Farm* é recebido (e lido) nos EUA.

Segundo dados levantados por Rodden (2006, p.44), o *Animal Farm* vendeu, entre 1946 e 1949, 460,000 cópias ao redor do mundo. A título de comparação, o *1984*, publicado pela primeira vez em 8 de junho de 1949, vendeu em cinco meses desde seu lançamento 22.700 cópias na Inglaterra, atingindo o patamar de vendas de 190.000 cópias entre 1949 e 1952. Em setembro de 1946, o *Animal Farm* foi selecionado na Inglaterra como membro do Book-of-the-Month Club. Em 1947, ele ganhou sua primeira adaptação para o rádio, na BBC, e foi traduzido para nove línguas.

Já o *1984* foi escolhido para o Book-of-the-Month Club em Julho de 1949, alcançando o status de Best-seller nos EUA, em 1951. (Rodden, 2006, p.45). Em outra carta de Orwell para Dwight Macdonald, enviada em 5 de dezembro de 1946 – resposta à carta anterior enviada por Macdonald, de 2 de dezembro de 1946. Entre outros temas Macdonald comentara parte da repercussão do *Animal Farm* entre a esquerda nos EUA. Para esse grupo, a visão de Orwell apresentava a revolução como um processo que sempre terminará mal, num movimento que acabara por reafirmar o status quo. A leitura de Macdonald do *Animal Farm* indicava, no entanto, que a referência de Orwell era exclusiva à URSS e a traição dos princípios libertadores da Revolução de Outubro de 1917 pelo stalinismo. Macdonald escreve então:

Fiquei impressionado com a forma como muitos esquerdistas que eu conheço fazem essa crítica bastante independentemente um do outro – impressionado porque não me ocorreu ao ler o livro e ainda não parece correto para mim. Qual ponto de vista que você diria se aproximar de suas próprias intenções?²⁰¹(Macdonald para Orwell, 2 de dezembro de 1946. Apud Davidson, p, 506. Volume 18)

A resposta de Orwell foi a seguinte:

Re. sua consulta sobre "Animal Farm". É claro que eu o imaginava principalmente como uma sátira sobre a Revolução Russa. Mas eu quis dizer isso para ter uma aplicação mais ampla no que eu me referi a todo tipo de revolução (revolução violenta e conspiratória, liderada por pessoas inconscientemente sedentas de poder) só podem levar a uma troca de mestres. A moral da história e que revoluções só resultam em uma melhoria radical quando as massas estão atentas e sabem como descartar seus líderes,

p.12. Volume 18)

²⁰¹ "I've been impressed with how many leftists I know make this criticism quite independently of each other – impressed because it didn't occur to me when reading the book and still doesn't seem correct to me. Which view would you say comes closer to your own intentions?" (Macdonald, 2 de dezembro de 1946. Apud Davidson, p,506. Volume 18)

logo que estes tenham feito o seu trabalho. O ponto de virada da história era supostamente quando os porcos guardam o leite e as maçãs para eles mesmos (Kronstadt.) Se os outros animais tivessem o bom senso de colocar seu pé no chão, em seguida, teria dado tudo certo. Se as pessoas pensam que eu estou defendendo o status quo, isto é, eu acho, porque eles são pessimistas e assumem que não há alternativa entre ditadura e o capitalismo laissez-faire. No caso trotskista, existe a complicação adicional de que eles se sentem responsáveis por eventos na URSS até cerca de 1926 e tenho que assumir que uma degeneração súbita ocorreu nesse período. Considerando que eu acho que todo o processo era previsível - e foi previsto por pessoas como, por exemplo, Bertrand Russel – quanto a própria natureza do partido bolchevique. O que eu tentei dizer foi: "Você não pode ter uma revolução, a menos que você a faça para si mesmo; não existe tal coisa como uma ditadura benevolente."²⁰² (Orwell para Macdonald, 2 de dezembro de 1946. Apud Davinson, p, 507. Volume 18)

Estudando a recepção de Orwell através de resenhas críticas publicadas logo após o lançamento de seus livros nos EUA, Jeffrey Mayers (1975) mostrou que a leitura hermética dos argumentos de Orwell no *Animal Farm* como uma crítica apenas a URSS por Macdonald, foi quase que regra geral no contexto de sua recepção imediata.

Em seu livro, Mayers divide a recepção de Orwell então em três fases. Aqui faço referência apenas aquilo que Mayers classifica como a “primeira fase” dessa fases e suas ideias, a qual corresponde a sua leitura de sua obra por seus contemporâneos. Por sua vez, esta “primeira fase” é dividida em quatro momentos muito específicos em relação à consideração de seus trabalhos por seus críticos quase no momento em que são publicados. O primeiro deles pode ser estabelecido entre a publicação do livro *Down and Out in Paris and London*, em 1933, e a publicação do livro *Keep the Aspidochelone Flying*, em 1936. No segundo momento, Meyers divide as leituras da obra de Orwell entre a publicação do livro *The Road to Wigan Pier*, em 1937 e a publicação do ensaio *The Lion and the Unicorn*, em 1941.

O terceiro momento da recepção de sua obra por seus contemporâneos, é dividido por

²⁰² “Re. your query about “Animal Farm”. Of course I intended it primarily as a satire on the Russian Revolution. But I did mean it to have a wider application in so much that I meant that kind of revolution (violent conspiratorial revolution, led by unconsciously power-hungry people) can only led to a change of masters. I meant the moral to be that revolutions only effect a radical improvement when the masses are alert and know how to chuck out their leaders as soon as the latter have done their job. The turning-point of the story was supposed to be when the pigs kept the milk and apples for themselves (Kronstadt.) If the other animals had had the sense to put their foot down then, it would have been all right. If people think I am defending the status quo, that is, I think, because they have grown pessimistic and assume that there is no alternative except dictatorship or laissez-faire capitalism. In the case of Trotskyist, there is the added complication that they feel responsible for events in the USSR up to about 1926 and have to assume that a sudden degeneration took place about that date. Whereas I think the whole process was foreseeable – and was foreseen by a few people, eg. Bertrand Russel – from the very nature of the Bolshevik party. What I was trying to say was, “You can't have a revolution unless you make it for yourself; there is no such thing as a benevolent dictat[or]ship.” (Macdonald, 2 de dezembro de 1946. Apud Davinson, p,507. Volume 18)

Meyers entre a publicação do livro *Animal Farm*, na Inglaterra, em 1945, até a publicação do livro *1984*, em 1949. E essa é sem dúvidas, a fase mais complexa da recepção da obra de Orwell. Primeiro, pelo sucesso quase que imediato que os dois livros alcançam. Já após seu lançamento, Orwell adquiriu renome internacional, como um dos principais críticos de sua época. Segundo, pelo tipo de leitura enviesada que ambos suscitaram. Imediatamente, à crítica aos dois trabalhos remeteu o imaginário de Orwell diretamente a uma crítica ao stalinismo, e, conseqüentemente, ao socialismo, enquanto sistema político. Como Meyers escreve:

[...] ao contrário de Conrad, Joyce e Lawrence, ele tornou-se popular e rico em sua própria vida. Após a publicação de sua fábula animal Orwell atraiu os melhores críticos da época, recebendo brilhantes resenhas apreciativas na primeira página do New York Times Book Review, na revisão principal do New Yorker, e em todos os grandes periódicos, e foi reconhecido como um dos maiores escritores do século XX. A maioria das opiniões a partir de 1945 tem um valor por seu interesse intrínseco, bem como pelo que dizem sobre Orwell, e muitas destas foram suficientemente importantes para serem reproduzidas em livros.²⁰³ (Meyers, 1975, p.4)

A transformação de ambos os livros em *best-sellers* quase que imediatamente a sua publicação, transformou Orwell em um dos escritores mais comentados entre os círculos intelectuais do final da década de 1940, dos dois lados do Atlântico. Veja-se, por exemplo, a opinião do romancista inglês Graham Greene sobre o *Animal Farm*, publicada em Londres, no jornal *Evening Standard*, em 10 de agosto de 1945, pouco tempo depois do lançamento da primeira edição do *Animal Farm*:

“É com um sinal de paz e boas vindas que recebemos que o Sr. Orwell seja capaz de publicar o seu "conto de fadas" *Animal Farm*, uma sátira sobre o Estado totalitário e um Estado em particular. Eu ouvi um boato de que o manuscrito foi ao mesmo tempo submetido ao Ministério da Informação, sob um enorme clamor de apaziguamento, e um funcionário teve uma visão deficiente do mesmo. "Não seria possível fazê-los como outros animais", em referência ao ditador e seus colegas, "e não porcos?"²⁰⁴ (Greene, 1945. Apud Meyers, 1975, p.195)

E completa, sugerindo:

²⁰³ [...] unlike Conrad, Joyce and Lawrence, he became both popular and wealthy in his own lifetime. After the publication of his beast fable Orwell attracted the best critics of the time, receives brilliant as well as appreciative reviews on the front page of the New York Times Book Review, in the head review of the New Yorker, and in all the proeminent periodicals, and was reconized as on the major writers of the twentieth century. Most of the reviews after 1945 an valuable for their intrinsic interest as well as for what they say about Orwell, and many were substantial enough to be reprinted in books. (Meyers, 1975, p.4)

²⁰⁴ “It is a welcome sign of peace that Mr. Orwell is able to publish his ' fairy story' *Animal Farm*, a satire upon the totalitarian state and one state in particular. I have heard a rumour that the manuscript was at one time submitted to the Ministry of Information, that huge cenotaph of appeasement, and an official there took a poor view of it. ' Couldn't you make them some other animals', he is reported as saying in reference to the dictator and his colleagues, ' and not pigs?'” (Greene, 1945. Apud. Meyers, 1975, p.195)

Se o Sr. Walt Disney está procurando um tema real, aqui está: ele tem todo o humor necessário, e tem, também, a qualidade lírica moderada com a que ele às vezes se expressar tão bem. Mas é talvez um pouco demasiado real para ele? Não há apaziguamento aqui.”²⁰⁵ (Greene, 1945. Apud. Meyers, 1975, p.196)

Com a mesma simpatia, é a resenha que Edmund Wilson escreve em Nova York, para o jornal *New Yorker*, em 7 de setembro de 1945. Para Wilson, o *Animal Farm*, fez emergir um intelectual até então desconhecido do grande público, tanto na Inglaterra quanto nos EUA pelos anos de caos da guerra, através de um interessante trabalho até então pouco considerado pela crítica. Como ele escreve:

O Sr. Orwell, antes da guerra, não era muito conhecido na América, ou mesmo, penso eu, na Inglaterra. Ele é um dos vários escritores ingleses que estavam apenas começando a ser reconhecidos nesses anos de confusão e tensão, e cujo bom trabalho foi obscurecido e entravado enquanto a guerra estava acontecendo. Mas acho que agora é provável que ele surja como um dos escritores mais capazes e mais interessante que a Inglaterra tenha produzido nesse período, e, uma vez que ele está começando agora uma reputação neste país, gostaria de recomendar aos editores que olhem seus primeiros romances e memórias.”²⁰⁶ (Wilson, 1946, Apud Meyers, 1975, p.204)

Alguns de seus textos críticos e ensaísticos lançados neste intervalo, embarcam nessa onda favorável, produzida a partir do lançamento do *Animal Farm*. Em especial a coleção *Critical Essays*, lançada em 1946, que acaba ganhando também boa repercussão, especialmente nos EUA. A partir dela, Orwell torna-se também um crítico literário valorizado.

O sucesso imediato de seu trabalho a partir da publicação do *Animal Farm* foi comentada por Orwell, por exemplo, em carta para William Phillips, editor-sênior da Partisan Review, enviada em 31 de janeiro de 1946. Nessa carta, Orwell comenta a publicação, pela editora de Nova York Harcourt and Brace, do *Animal Farm*. Comenta também a publicação de outro livro de sua autoria, *Critical Essays*, agora pela editora Raynall and Hitchcock, sob o título nos EUA de *Dickens, Dali and Others*.

Também considerado um de seus principais textos de crítica literária, a coleção *Critical*

²⁰⁵ “If Mr. Walt Disney is looking for a real subject, here it is: it has all the necessary humour, and it has, too, the subdued lyrical quality he can sometimes express so well. But is it perhaps a little too real for him? There is no appeasement here.” (Greene, 1945. Apud. Meyers, 1975, p.196)

²⁰⁶ “Mr. Orwell, before the war, was not widely know in America or even, I think, in England. He is one of several english wriitters who were only just beginning to be reconized in those years of confusion and tension and whose good work was obscured and impeded while the war was going on. But I think that he is now likely to emerge as one of the ablest and most interesting writers that the England have produced in this period, and, since he is now getting a reputation in this country, I should like to recommend to publishers that they look up his early novels and memoirs.” (Wilson, 1946. Apud. Meyers, 1975, p.204)

Essays (título original da publicação inglesa), é publicada pela primeira vez em Londres, pela editora Secker and Warburg, no mesmo ano de 1946. O *Critical Essays*, na verdade, é a reunião de uma série de grande ensaios produzidos e publicados por Orwell anteriormente, entre 1939 e 1946. São eles: “Charles Dickens” (1939); “Boy's Weeklies” (1940); “Wells, Hitler and the World State” (1941); “The Art of Donald MacGill” (1941); “Rudyard Kipling” (1942)”, “W.B. Yets” (1943); “Benefit of Clergy: Some notes of Salvador Dali” (1944); “Arthur Koestler” (1944); “Raffles and Miss Blandish” (1944); “In Defense of P.G. Wodhouse” (1946).

Alguns dos textos que compõe a coleção, como suas análises de Swift, Dickens, Gissing e Kipling, tornam-se fundamentais nas fortunas críticas desses autores. (Mayers, 1975, p.5). Seu “talento para a crítica” passa a ser reconhecido por intelectuais do *mainstream*, inclusive acadêmico, que viram ali, um certo traço de perspicácia que definiria o estilo de seu pensamento para seu público, recém-constituído, dali em diante.

Veja-se, por exemplo, a análise de Herry Levin, professor de língua e literatura inglesa da Universidade de Harvard, publicada no jornal *New Republic*, em 6 de maio de 1946. Levin escreve, comparando Orwell a outros críticos e intelectuais contemporâneos:

[...] T.S. Eliot pôde impor suas opiniões com autoridade a um professor, enquanto William Empson exerce suas percepções com a precocidade de um menino. Mesmo Cyril Connolly, embora consciente das mórbidas instituições obsoletas atrás dele, não pode apenas dizer adeus a todos os fragmentos pessoais que serviriam para algum museu histórico; com Connolly a faculdade crítica parece ter virado do avesso. As coisas mudam muito com seu colega de Eton e companheiro de viagem free-lancer, George Orwell. Neste, o primeiro livro de crítica de Orwell que é publicado aqui – como em seus escritos políticos, o seu romance *Burmese* [Days] e sua coluna para o *Tribune* (Londres) – o crítico parece ter arregaçado as mangas de camisa, encarado a apatia da velha escola e carregado nos ombros a difícil tarefa que é enfrentar os escritores ingleses hoje.²⁰⁷ (Levin, 1946. Apud Meyers, 1975, p.215-6)

E, demonstrando o ponto-de-vista liberal de sua crítica, elege Orwell como um “herói” que, conseguiu se desvencilhar da “ideia fácil” da “troca de sistemas políticos” como solução para os “males da humanidade”:

²⁰⁷ “[...] T.S. Eliot can impose his opinions with a schoolmaster's authority, while William Empson exerts his perceptions with a schoolboy's precocity. Even Cyril Connolly, though morbidly conscious of the obsolescent institutions behind him, cannot say good-bye to all that; he can merely shore up personal fragments for some historical museum; with Connolly the critical faculty seems to have turned inside out. It opens up and ranges afield, however, with his Eton classmate and fellow-travelling free-lance, George Orwell. In this, the first book of Orwell's criticism to be published here – as in his political writing, his *Burmese* novel and his column for *Tribune* (London) – the critic seems to have rolled up his shirt-sleeves, discarded the old school tie and shouldered the difficult task that confronts English writers today.” (Levin, 1946; Apud Meyers, 1975:215-6)

Mas poucos de nós, felizmente, devem ser yogis ou comissários; a maioria de nós pode ser algo entre ambos; e Orwell é muito Inglês, muito pragmático, para ser paralisado pelos dilemas retóricos de Arthur Koestler. Quando Koestler oferece pessimismo fácil como um consolo para o otimismo perdido da esquerda, Orwell lembra-nos que a vida implica uma escolha contínua dos males; que o mundo ainda pode ser melhorado ainda que nunca aperfeiçoado, pelo socialismo.”²⁰⁸ (Levin, 1946; Apud Meyers, 1975, p.217)

É muito interessante, pois a visão de Levin sobre o trabalho de Orwell reflete, já na metade da década de 1940, muito do que seria sua imagem, principalmente nos EUA, nas décadas seguintes a sua morte, em 1950. Essa figura de “herói”, que teve a capacidade em reconhecer as “perversões do comunismo”, através de sua crítica ao stalinismo, tal qual sua obra seria lida por parte da crítica do lado liberal estadunidense, contrasta com a imagem oposta, construída nos círculos intelectuais da esquerda, onde Orwell não passava de um mero representante da classe média e cuja visão distorcida por uma ótica ideologicamente definida, tornava-o um mero reacionário, ou conservador. E, sem dúvida, a melhor expressão para essa dualidade de opiniões acerca de Orwell e seu trabalho, que ocupa até hoje os debates em torno de sua figura e pensamento, poder ser apreendida pelas críticas ao livro *1984*.

Voltemos agora a leitura de Macdonald. É possível aproximar agora a leitura de Levin e a leitura de Macdonald sobre o *Animal Farm*. Veja que Levin oferece uma leitura estritamente liberal de “denúncia” das “perversões do comunismo”. Com isso, Levin antecipa em alguns anos aquela que será a “canonização” de Orwell, para usar uma expressão de John Rodden (2001), durante a Guerra Fria, quando ele é elevado há um patamar de “herói” do liberalismo e sua obra se torna um baluarte do denunciismo anticomunista. Contudo, a leitura de Levin, intelectual estabelecido no mainstream acadêmico local em um grande centro como Harvard, não é simplista e toca numa questão central para o marxismo que é a superação de um modelo político por outro. Ao comparar o “pessimismo fácil” de Arthur Koestler – outro autor muito debatido entre a esquerda dos EUA e, mais tarde, também agregado no panteão dos autores anticomunistas do liberalismo da década de 1950 – com Orwell, Levin dá um ponto a mais para o último, já que, na leitura, a capacidade de Orwell havia sido a de desvendar como os indivíduos estão inseridos num movimento dialético de luta contra “diferentes tipos de mal”, o que comprovaria a tese de que não há “regime perfeito”.

Na superfície da leitura “trotskista” de Macdonald, com a qual abrimos essa seção, não se

²⁰⁸ “But few of us, happily, must be yogis or commissars; most of us may be something in between; and Orwell is much too English, too pragmatic, to be stalemated by Arthur Koestler's rhetorical dilemmas. When Koestler offers facile pessimism as a consolation for the lost optimism of the Left, Orwell reminds us that life involves a continuous choice of evils; that the world can still be bettered albeit never perfected, by socialism.” (Levin, 1946; Apud Meyers, 1975, p.217)

distancia muito da leitura de Levin. Para ambos, a questão central do *Animal Farm* era sim, a crítica ao stalinismo – e nisso Macdonald, como vimos, comprava a briga dentro da esquerda estadunidense, que via ali, na verdade, a negação de um horizonte redentor no processo revolucionário. É preciso pontuar, no entanto, que se deixarmos a superfície da leitura de Macdonald e mergulharmos mais a fundo nas voltas ideológicas que ela dá, lembraremos que a crítica se assenta nas premissas do debate entre as teorias da “revolução em um só país” de Bukharin, na qual se assentou o stalinismo, e a “teoria da revolução permanente” de Trotsky.

E para mim, essa é a leitura mais aproximada das teses de Orwell. Para que possamos compreendê-la é fundamental estabelecermos uma leitura diacrônica na produção interna de Orwell ao longo da década de 1940 entre outros textos em que ideias centrais como a de revolução e socialismo são tratados como, em parte, já expusemos em grande medida até aqui. As Cartas de Londres, como tratamos na parte anterior, são uma plataforma linguística essencial para compreendermos como os conceitos são expostos e como eles se desenvolvem em Orwell e, simultaneamente, através das redes costuradas pelo autor, entre os intelectuais situados em Londres e em Nova York. Vimos, por exemplo, que Orwell se apoiara num conjunto de ideias paralelas que se sustentavam entre si, entre elas a de que a derrota do fascismo deveria ser simultânea a uma revolução socialista na Inglaterra. No texto do *The Lion and The Unicorn*, que também expusemos na parte anterior, ele tratará da definição desses dois conceitos, ao mesmo tempo que elaborará o percurso programático que esse processo dialético deveria seguir.

Em grande medida, esse debate está claro no *Animal Farm*. A “derrota” da revolução com a traição dos porcos na cena final do romance – que se realinham aos humanos e adotam seus hábitos, como andar em dois pés, fumar e se vestir como humanos – na verdade, não é a expressão do “fim da história”. Mas, ao contrário, é a expressão paradigmática de que a revolução é um processo contínuo e dialético. E que não se encerra até que todas as estruturas anteriores estejam devidamente superadas. E é nesse sentido que se estabelece, na minha leitura particular, a crítica de Orwell ao stalinismo no *Animal Farm*. Quer dizer, a ideia da superação das contradições do modo de produção capitalista dentro de um contexto nacional – ou localizado, como no caso da fazenda de Jones, no romance – se torna artificial na medida em que a fazenda está isolada num microcosmo político e econômico (em relação ao resto do mundo capitalista). Daí a necessidade da intervenção da força autoritária (e por vezes de um Estado totalitário) na repressão as liberdades de informação, por exemplo, para criar a imagem artificial de que tudo está correndo bem naquele microcosmo.

As indagações de Macdonald quanto a leitura de Orwell sobre o conceito de revolução, não se limitavam a questões internas à obra de Orwell. Ao contrário, Macdonald já havia desenvolvido reflexões similares em artigos para a sua *Politics*, inclusive contrapondo a leitura de outros autores,

próximos ao círculo pessoal de Orwell, em Londres.

Veja um debate entre Orwell e Macdonald sobre o escritor italiano, Ignazio Silone. Na carta de Orwell para Dwight Macdonald, enviada em 7 de fevereiro de 1946, Orwell comenta um encontro com o italiano Ignazio Silone e a conversa que tiveram sobre a citação feita por Macdonald em sua revista *Politics*, das ideias de Silone no periódico comunista italiano dirigido por Silone, *Avanti*, sobre uma possível defesa de Silone da fusão entre o Partido Socialista Italiano e o PCI logo após o final da Segunda Guerra Mundial. (DAVINSON, 1998, p.93. Volume 18) Sobre a conversa tumultuada em francês, numa mesa de um restaurante cheio de Londres²⁰⁹, Orwell escreve:

[...] Tanto Silone e sua esposa negaram enfaticamente que ele tinha dito qualquer coisa naquele sentido, e ele me garantiu que ele tinha estado a trabalhar especificamente contra a fusão dos partidos socialistas e comunistas italianos. Tenho certeza de que deve haver algum erro em algum lugar. Soube dele que houve um momento após a libertação quando era necessário que todas as partes da esquerda formassem uma espécie de frente popular contra o ressurgimento do fascismo, e é possível que o que ele tenha sido distorcido, de alguma forma. De qualquer forma, ele me garantiu que ele nunca foi em tempo algum a favor da fusão das duas partes.²¹⁰ (DAVINSON, 1998, p.93. Volume 18)

Sobre a controvérsia entre Silone e Macdonald. Em maio de 1945, Macdonald publicara em sua revista *Politics*, uma nota intitulada, “Silone and the Communists”. Nela, Macdonald afirmava que Silone, um dos líderes do Partido Socialista Italiano, estava conclamando através de seu jornal *Avanti*, a criação de uma Frente Unida com os comunistas. Macdonald baseara seu argumento num trecho retirado do jornal italiano, de 31 de outubro de 1944, que era o seguinte (aqui apresentado por Davinson já traduzido para o inglês):

"Para países como a Itália, a unidade de ação é uma questão tanto de política interna e externa. Um dos problemas mais urgentes de hoje é dar forma orgânica e permanente na colaboração do socialismo democrático ocidental com União Soviética".²¹¹ (Silone, *Avanti*, 1944. Apud DAVINSON, 1998, p.93. Volume 18)

E Macdonald continua na mesma edição da *Politics*, afirmando que aquela opinião lhe parecia “*a shocking statement coming from the author of The Seed Beneath Snow and the coiner of*

²⁰⁹ Como explica Peter Davinson, organizador das obras completas de Orwell, na nota 1, da página 94, do volume 18.

²¹⁰ “[...] both Silone and his wife denied most emphatically that he had said anything to just that effect, and he assured me that he had been working specifically against the fusion of the Italian Socialist and Communist parties. I feel sure that there must be some mistake somewhere. I gathered from him that there was a moment after the liberation when it was necessary for all the Left-wing parties to form some kind of popular front against the reappearance of Fascism, and it is possible that what he said in support of that may have been twisted in some way. At any rate, he assured me that he was never at any time in favour of fusion of the two parties.” (DAVINSON, 1998, p.93. Volume 18)

²¹¹ “For countries like Italy, unity of action is a matter of both domestic and foreign policy. One of the most urgent present-day problems is to give organic and permanent form to the collaboration of Western democratic socialism with Soviet Union”. (Silone, *Avanti*, 1944. Apud DAVINSON, 1998, p.93. Volume 18)

*the phrase 'Red fascism'". (Macdonald, 1945. Apud DAVIDSON, 1998, p.94. Volume 18) *The Seed Beneth Snow*, publicado por Silone em 1940, forma junto com outros dois livros de Silone – *Fontamara* (1933) e *Bread and Wine* (1936) – a chamada Trilogia Abruzzo ou sua “trilogia do exílio” que marcou definitivamente a posição antifascista de Silone. Publicada originalmente fora da Itália, devido a censura fascista, *Fontamara* e *Bread and Wine* apareceram primeira em tradução alemã, só tendo as primeiras cópias em italiano depois da queda do regime fascista.*

Macdonald, não incorporou as “correções” sugeridas por Orwell em seu artigo na *Politics*, afirma Davinson. E teve ainda como acréscimo à controvérsia, a renúncia de Silone da direção do jornal *Avanti*, em 1946. Silone expôs as razões no jornal francês *Combat*, de 18 de julho de 1946, o qual foi sumarizado e comentado por George Woodcock no artigo “Freedom – through Anarchism”, de 10 de agosto de 1946 – reproduzido por Macdonald na revista *Politics*, em outubro de 1946. (DAVINSON, 1998, p.94. Volume 18)

A controvérsia gerada pelas declarações de Silone na Itália demonstram o clima político da época, onde sequer propor qualquer relação com a URSS já era considerado um pecado mortal dentro da própria esquerda. O que demonstra que, num contexto maior, as dinâmicas internas entre os intelectuais estadunidenses principiaram dissensos e choques muito antes da explosão da caça-às-bruxas do período Macarthista. E foi neste contexto que o *Animal Farm* de Orwell foi recebido nos EUA, o que reforça minha ideia de que a leitura de sua recepção imediata é sintomática na avaliação do contexto do imediato pós-Segunda Guerra Mundial, ao menos aqueles que se convencionou chamar “Intelectuais de Nova York”.

Voltemos, com isso, uma vez mais, a recepção do *Animal Farm*. Temos, novamente, as trocas de cartas entre Orwell e os editores da Partisan, interessados no livro. Na Carta de Orwell para Philip Rahv, enviada em 9 de abril de 1946, ele comenta o artigo do *Times* sobre o lançamento do *Animal Farm* nos EUA, além do processo de tradução do livro para 9 idiomas. As maiores dificuldades, relata Orwell, estavam na tradução para o francês. Para Orwell, os comunistas franceses continuava exercendo grande poder político no país, inclusive sobre as editoras, controlando o material editado dentro do país. Não era difícil, afirma Orwell que, “um grupo de comunistas tocassem fogo em um prédio de alguma editora sob a conivência da polícia”. (ORWELL para RAHV, 1946. Apud DAVINSON, 1998, p.293. Volume 18)

4.2 - O pós-guerra em Londres

Através desse panorama podemos vislumbrar como o *Animal Farm* foi recebido no contexto imediato de sua publicação, entre os intelectuais em Nova York, em especial entre aqueles situados

em torno da *Partisan Review*. O mais interessante, contudo, é mostrar como essas primeiras leituras do primeiro grande best-seller de Orwell não apenas impulsionou sua carreira particular e deu fôlego para a leitura de seus textos anteriores entre seus contemporâneos, mas os debates que a recepção do livro ensejou nos círculos que esta tese busca aproximar.

A ideia difusa de um “anticomunismo”, agora no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, já tomando os contornos de uma reação política antissoviética, como vimos, irá guiar as primeiras leituras do livro de Orwell. O importante, no entanto, é compreender em qual terreno essas leituras se assentam. E, uma vez mais, podemos recorrer aqui às *London Letters*, já que elas continuam como ponte de contato em 1946, mesmo ano que o *Animal Farm* é publicado nos EUA, entre Londres e Nova York.

O ano de lançamento do *Animal Farm* nos EUA é, ainda, o mesmo em que Orwell publica a última de suas *London Letters*, em Maio de 1946. Orwell começa explicitando, nessa que será sua última carta publicada na *Partisan Review*, dois temas centrais daquele ano de 1946²¹²: de um lado, a independência indiana. Para Orwell, devido a sensibilidade do tema e sua importância para a Grã-Bretanha, seria preciso uma análise detalhada dos efeitos da independência daquela país que, contudo, até o envio da carta, ainda não havia sido concluída. De outro lado, a adesão dos comunistas ao Labour Party, na coalisão que levou os trabalhista a vitória nas eleições gerais de 1945, quando o favorito, o grande homem de frente dos aliados na Segunda Guerra, Winston Churchill, e sua coligação conservadora, fora derrotado.

Obviamente, a vida não mudara grande coisa entre a vitória dos trabalhistas, em 1945, até quando Orwell escrevia a carta, na metade de 1946. As expectativas eram, segundo ele, muito boas diante da opinião pública e poderiam se confirmar nas próximas eleições locais. Uma vez mais, Orwell vai exercitar sua capacidade descritiva, misturada com análise do cotidiano para montar o quebra-cabeça da sociedade britânica do imediato pós-Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, segundo Orwell, a qualidade do vestuário não melhorara desde o armistício. Menos ainda, a qualidade da dieta geral da população. O estoque de combustível ainda era perigosamente baixo, causando sérios problemas no inverno anterior. A quantidade de desempregados lembravam os tempos antes da guerra, descreve ainda Orwell. Contudo, a vida das classes altas continuava confortável, permitindo-as, inclusive, gozar de alguns luxos e prazeres mundanos, como hábito de jantar fora. Dessa vez, pontuara Orwell sobre os contrastes entre uma “pessoa saudável que podia fazer suas refeições fora” e uma “dona de casa que devia dar conta de sua própria provisão”, não havia sequer a guerra pra justificar tais diferenças. (ORWELL, 1946, p.285)

A situação entre a economia e a política do imediato pós-guerra britânico era dicotômica aos

²¹² O qual é coberto por inteiro pelo volume 18 de suas *Obras Completas*. (DAVINSON, 1998)

olhos de Orwell, como ele bem expressa neste trecho de sua última London Letter, já fazendo referência ao primeiro governo Trabalhista da história da Grã-Bretanha, depois das eleições-gerais de 1945, na qual Clement Attlee saiu vitorioso sob os conservadores de Churchill:

(...) Tenho ouvido resmungos quase infinitos porque "eles" [Trabalhistas] não estão fornecendo novas casas rápido o suficiente, ou porque "eles" não vão deixar você ter carvão suficiente para durar até o inverno, ou por causa das condições ruins de viagem, imposto de renda, lentidão de desmobilização, a falta de legumes, a pequenez da ração de leite, e eu não sei o que mais: mas o que eu não ouvi qualquer pessoa comum dizer é que o governo não deu nenhum passo perceptível em direção ao socialismo. Mesmo tendo em conta o fato de que tudo leva tempo, é surpreendente o quão pouco a mudança parece ter acontecido ainda na estrutura da sociedade. Em um sentido puramente econômico, suponho, o desvio é para o socialismo, ou pelo menos no sentido de propriedade do Estado. Os transportes, por exemplo, estão sendo nacionalizados. As ações das ferroviárias estão sendo compradas por preços que dificilmente obteriam no mercado aberto: ainda, o controle das estradas de ferro está sendo retirado de mãos privadas. Mas na vida social não existe qualquer sintoma pelo qual se poderia inferir que não estamos vivendo sob um governo Conservador.²¹³ (Orwell, 1946. Apud Davinson, 1998, p.286. Volume 18)

Contudo, Orwell reconhece, não havia grande desespero na população, ou alguma grande contestação política. A vitória na guerra ainda era celebrada (e deveria ser, diz Orwell). O que criava uma atmosfera de satisfação, em que “não havia outra ideologia” capaz de competir”, segundo Orwell. O partido conservador estava “esvaziado de ideias” e sequer podia falar algo contra a “interferência do Estado” ou a burocracia, que, segundo Orwell, poderia incomodar o cidadão comum, mas que, de longe, era melhor para ele do que qualquer insegurança econômica.

Mas quem tinha medo dos comunistas? Acabada a guerra e restabelecidos os velhos temores, os comunistas voltaram a ser o grande temor. E Orwell é sintomático ao notar isso, ainda em sua última London Letter:

(...) Um bom número Tories agora acreditam que suas melhores esperanças residem nos comunistas, que podem ter sucesso em dividir o Partido

²¹³ “(...) I have heard almost endless grumbling because “they” [os trabalhistas] are not providing new houses quickly enough, or because “they” won’t let you have enough coal to last through the winter, or because of bad travelling conditions, income tax, slowness of demobilisation, the expensiveness of vegetables, the smallness of the milk ration, and I do not know what else: but what I have not heard any ordinary person say is that the government has not made any perceptible step towards the introduction of Socialism. Even allowing for the fact that everything takes time, it is astonishing how little change seems to have happened as yet in the structure of society. In a purely economic sense, I suppose, the drift is towards Socialism, or at least towards state ownership. Transport, for example, is being nationalised. The railway shareholders are being bought out at prices they would hardly get in the open market: still, the control of the railways is being taken out of private hands. But in the social set-up there is no symptom by which one could infer that we are not living under a Conservative government.” (ORWELL, 1946. Apud DAVINSON, 1998, p.286. Volume 18)

Trabalhista e forçar os líderes de direita trabalhistas para formar outra aliança. Eu não acredito que isso vai acontecer, mas é um fato que os comunistas representam o principal perigo para o governo, e pode tornar-se uma força política real, se alguma calamidade no exterior – por exemplo, o combate em grande escala na Índia – tornar a política externa do governo agudamente impopular.²¹⁴ (Orwell, 1946. Apud Davison, 1998, p.286. Volume 18)

A associação entre “comunistas” e stalinistas na obra de Orwell será praticamente inseparável ao longo da década de 1940. O acirramento de seu anti-stalinismo na segunda metade da década de 1940, contudo, será um movimento natural dentro de um processo de maturação de suas ideias, como pudemos acompanhar, por exemplo, nas primeiras London Letters do início da década. Ler seu anti-stalinismo isolado do conjunto de sua produção nesse momento, no entanto, dará ao leitor uma ideia parcial do tipo de crítica que Orwell desenvolvia num momento crucial de sua carreira intelectual.

Em janeiro daquele ano de 1946, Orwell publica na revista londrina *Polemic*, número 2, o ensaio *The Prevantion of Literature*. Logo de início o tema deste ensaio fica claro: o papel da censura, ao longo dos anos que cercaram a Segunda Guerra. Orwell, contudo, inverte a suposta lógica que nortearia a discussão deste tema diante do contexto no qual foi escrito, tomando como enfoque não apenas a censura nos países autoritários. Ele dará grande ênfase então, ao papel da censura nos países “democráticos”, em especial os EUA e a Inglaterra.

Em abril daquele mesmo ano de 1946, Orwell publica outro texto fundamental neste momento na revista londrina *Horizon*: o ensaio *Politics and English Language*. De muitas maneiras, esse texto de Orwell pode ser considerado, como um dos escritos-chaves de seu pensamento, do período pós-guerra, pois aglutina, assim como se daria com o *1984*, uma série de questões então já não mais pertencentes unicamente ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Como homem de letras, Orwell demonstrou inúmeras preocupações com o que ele chamou de “colapso geral” da linguagem, e a incapacidade do grande público em perceber os “abusos” que ela poderia sofrer como “instrumento” para moldar interesses particulares.

A primeiro momento, sua crítica neste artigo se dirige novamente aos efeitos desse processo para a literatura e, conseqüentemente, para o texto escrito e o emprego formal da língua inglesa. Sua preocupação gira em torno da ortografia e da semântica do texto – diante da assimilação do que ele define como “maus hábitos” no inglês escrito (ORWELL, 1946. Apud Orwell, 1956, p.356). A

²¹⁴ “(...) A good many Tories now believe that their best hope lies in Communists, who might succeed in splitting the Labour Party and forcing the right-wing Labour leaders to form another coalition. I don't myself believe that this will happen, but it is a fact that the Communist are at present the main danger to the government, and might become a real political force if some calamity abroad – for instance, large-scale fighting in India – made the government's foreign policy acutely unpopular.” (ORWELL, 1946. Apud DAVINSON, 1998, p.286. Volume 18)

característica central nesta conduta, segundo Orwell, é o “duplo sentido” que o texto oferece ao leitor: seja pela imprecisão semântica de sua construção, seja pela má escolha das palavras, em especial nos “escritos políticos” (ou, escritos em que era veiculada propaganda política) de então. De maneira geral, a crítica de Orwell se centra no que ele considera como a substituição da “originalidade intelectual” na criação do texto, por técnicas pré-fabricadas de “reorganização de frases”, ou o que ele chamou de “*ready-made phrases*” (ORWELL, 1946. Apud Orwell, 1956, p.362) – um processo de “recorta e cola” de conceitos e frases prontas. Característica que, segundo sua visão, definia a oratória política, sendo ela uma das responsáveis por esse esfacelamento da língua. Como ele escreve em seu artigo:

Atualmente, a linguagem política é de longe a defesa do indefensável. Coisas como a continuidade do domínio Britânico na Índia, os expurgos russos e as deportações, o bombardeio atômico no Japão, podem até ser defendidos, mas com argumentos tão brutais para a maioria das pessoas encarar, e que não conseguem esconder as intenções dos partidos políticos. Essa linguagem política é constituída basicamente de eufemismos, lugares comuns e um vazio de significados. Defender o bombardeio aéreo de vilas, com os habitantes fugindo para o interior, sendo metralhados e atingidos por balas incendiárias: isso é chamado de *pacificação*. Milhões de desabrigados expulsos de suas fazendas com não mais do que podem carregar vagando pela estrada: isso é chamado de *transferência de população ou reordenação de fronteira*. Pessoas são aprisionadas por anos sem julgamento, ou fuziladas pelas costas ou mandadas para campos de trabalho forçado no Ártico: isso é chamado de *eliminação de indivíduos indesejáveis*. Tal fraseologia é necessária se alguém quer nomear coisas através da criação de imagens mentais sobre elas.²¹⁵(Orwell,1946. Apud Orwell, 1956, p.363)

Aqui já é possível estabelecer uma relação à princípio muito clara na crítica de Orwell. O que ele chama de um “mau uso da língua”, em muitos pontos, pode ser apontado também como um dos aspectos de sua crítica à propaganda (comercial e política) e aos próprios meios de comunicação de massa (o jornal, no caso da linguagem escrita, e o rádio, da falada), ambos, na verdade, como extensões um do outro, como os grandes motivadores no século XX, da criação de um tipo de linguagem comercial própria aos interesses da Indústria cultural em desenvolvimento.

²¹⁵ “In our time, political speech and writing are largely the defense of the indefensible. Things like the continuance of the British rule in India, the Russian purges and deportations, the dropping of the atom bombs on Japan, can indeed be defended, but only by arguments which are too brutal for most people to face, and which do not square with the professed aims of political parties. Thus political language has to consist largely of euphemism, question-begging and sheer cloudy vagueness. Defenseless villages are bombarded from the air, the inhabitants driven out into the countryside, the cattle machine-gunned, the huts set on fire with incendiary bullets: this is called *pacification*. Millions of peasants are robbed of their farms and sent trudging along the roads with no more than they can carry: this is called *transfer of population or rectification of frontiers*. People are imprisoned for years without trial, or shot in the back of the neck or sent to die of scurvy in Arctic lumber camps: this is called *elimination of unreliable elements*. Such phraseology is needed if one wants to name things without calling up mental pictures of them.” (Orwell,1946. Apud Orwell, 1956, p.363)]

Ou seja, à simplificação das sentenças através do uso de palavras específicas; o uso de frases de impacto psicológico, que remetam facilmente a imagens visuais; o apelo sentimental a experiência sensorial do público, etc., todas características muito claras dos meios de comunicação de massa e da publicidade comercial, transformadas em arma política, na 2ª Guerra Mundial.²¹⁶

É interessante aqui, a título de análise, contrapor a visão de Orwell neste texto escrito em 1946, à visão de Marcuse, como um crítico da sociedade industrial capitalista, na década de 1960, em detrimento desse “duplo sentido” que as definições tomam neste tipo de linguagem que ambos se referem. Marcuse escreve:

[...] o fato de a forma existente de liberdade ser servidão e de a forma existente de igualdade ser desigualdade sobreposta é impedido de ser expressado pela definição fechada desses conceitos em termos dos poderes que moldam o respectivo universo de locução. O resultado é a linguagem orwelliana familiar (“paz é guerra”, “guerra é paz”), que não é, de modo algum, somente do totalitarismo terrorista. Tampouco é menos orwelliana se a contradição não está explícita na sentença, mas contida no substantivo. O ser um partido político que trabalha para a defesa e o crescimento do capitalismo chamado “socialista”, um Governo despótico chamado “democrático” e uma eleição manobrada fraudulentamente chamada “livre” são características linguísticas – e políticas – familiares que em muito se antecederam a Orwell. (Marcuse, 1967, p.96)

E escreve a seguir:

(...) A disseminação e a eficácia dessa linguagem são testemunho da vitória da sociedade sobre as contradições que ela contém; estas são reproduzidas sem fazer explodir o sistema social. E é a contradição expressa e clamorosa que é tornada um dispositivo da palavra e da publicidade. A sintaxe da condensação proclama a reconciliação dos opostos, unindo-os firmemente em estrutura sólida e familiar. [...] a “bomba-limpa” e a “garoa radioativa inofensiva” são apenas as criações extremas de um estilo normal. Outrora considerada a principal ofensa à lógica, a contradição aparece agora como um princípio da lógica da manipulação – uma caricatura realista da dialética. (Marcuse, 1967, p.96)

Para Marcuse, assim como fora para Orwell, a “contradição” incorporada nesse tipo de linguagem, define uma nova lógica de dominação dos indivíduos. Mesmo que pensada em outro contexto, a argumentação de Marcuse traduz as definições de Orwell, a partir de suas experiências empíricas (e das que basearam as análises dos críticos da Escola de Frankfurt) com a emergência da

²¹⁶ Esse debate terá grande espaço também dentro da *Partisan Review* desde o início da década de 1940, quando alguns textos hoje considerados sintomáticos da crítica à cultura de massas nos EUA surgem pela primeira vez nas páginas da revista nova-iorquina. São os casos, por exemplo, do célebre artigo de Clement Greenberg, “*Avant Garde and Kitch*”, publicado na *PR* Vol. 6, n.5, 1939. pp.34-49; e em vários artigos de Dwight Macdonald, entre eles, “*A theory of Popular Culture*”, publicado na *Politics*, em 1944.

sociedade de consumo pós-guerra nos EUA, o uso político da linguagem, através de sua manipulação pelas técnicas da propaganda comercial.

Segundo Orwell, os desdobramentos destas técnicas de manipulação da linguagem, que mais tarde os teóricos da Escola de Frankfurt iriam atribuir em grande medida a indústria da propaganda nos EUA, já eram bem óbvias na década de 1940. Como disse, o outro texto de fundamental importância nesta discussão, e que também adquiriu nas últimas décadas o valor de um dos principais ensaios críticos de Orwell, é o texto intitulado *The Prevention of literature*, publicado na revista *Polemic*, nº 2, em janeiro de 1946. Logo de início o tema deste ensaio fica claro: o papel da censura, ao longo dos anos que cercaram a Segunda Guerra. Orwell, contudo, inverte a suposta lógica que nortearia a discussão deste tema diante do contexto no qual foi escrito, tomando como enfoque não apenas a censura nos países autoritários. Ele dará grande ênfase então, ao papel da censura nos países “democráticos”, em especial os EUA e a Inglaterra.

Em sua análise, Orwell identifica “dois grupos” diretamente interessados no controle da informação através da censura à “liberdade intelectual”: de um lado, em suas palavras, estariam os “apologistas do totalitarismo”; de outro estaria, com a mesma força, “o monopólio [dos grandes meios de comunicação] e [a] burocracia” (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.368). Ao longo de todo o texto, Orwell contraporá estas duas faces no decorrer dos anos de 1930 e 1940, tomando como símbolo da censura autoritária, sua vertente totalitária, em especial, na URSS, e ressaltando os efeitos de sua máquina ideológica principalmente na Inglaterra e na Espanha, ao longo da Guerra Civil. Porém, é no segundo grupo identificado por Orwell – ou, naquilo que ele chama de interesses de “monopólio e burocracia” – que sua argumentação guarda o ponto mais interessante deste ensaio. Ao falar dos efeitos do “monopólio” para a liberdade intelectual, Orwell se refere aos conglomerados que detêm o controle de “rádios e produtoras cinematográficas”. Aqui, há numa clara alusão aos grandes conglomerados estadunidenses, que, a partir do *boom* da indústria cinematográfica de Hollywood, no início do século XX, começam a se estruturar (como grande exemplo, o controle do magnata Rudolph Hurst, nos EUA, o qual Orson Welles, tão bem retratou no filme *Cidadão Kane*, 1941). Orwell escreve:

A concentração da imprensa nas mãos de uns poucos homens ricos, a construção do monopólio no rádio e na indústria cinematográfica, a falta de interesse das pessoas em gastar dinheiro com livros, faz com que seja necessário que brevemente todo escritor seja obrigado faça parte disto, incorporando-se a corpos oficiais como o M.O.I [*Ministry of Information*] e o British Council, que os ajudam a sobreviver em troca de gastar seu tempo e ditar suas opiniões, e a continuação da atmosfera da guerra dos últimos dez anos, tem impedido que as pessoas escapem, tudo em nossa época conspira para tornar o escritor e todo tipo de artista, num reprodutor oficial,

trabalhando em temas impostos e que nunca visam dizer a verdade.²¹⁷ (Orwell, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.368.)

O tema da cooptação dos intelectuais pelos órgãos governamentais, o qual Orwell mais uma vez se refere em sua análise, parece, contudo, se dirigir neste momento de amadurecimento de sua obra, há um outro problema de maior alcance: a transformação do pensamento intelectual em arma política. Ou seja, ao empregar intelectuais nos órgãos de informação e propaganda oficiais, os Estados institucionalizavam o ideário crítico da sociedade, ao mesmo tempo que “neutralizam” possíveis posicionamentos contrários à ideologia oficial. E na Inglaterra esse fato não se dava, segundo Orwell, de maneira muito diferente:

[...] na Inglaterra os verdadeiros inimigos da verdade e da liberdade de pensamento, são os lords da imprensa, os magnatas da indústria cinematográfica e os burocratas, mas há uma longa perspectiva do enfraquecimento do desejo pela liberdade até mesmo nos intelectuais que demonstram o mais sério sintoma disto tudo.²¹⁸ (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.372)

Para Orwell ainda, a intervenção na cultura, através do monopólio da informação ou da “fabricação de fatos” pela propaganda institucional, pela direção da imprensa por algum tipo de interesse que a prive de liberdade de expressão, assim como aos intelectuais, mesmo nos países democráticos, em muitos casos produzia uma atmosfera de repressão tão aberta quanto nos países sob domínio do totalitarismo:

(...) Uma sociedade se torna totalitária quando sua estrutura se torna flagrantemente artificial: isto é, quando sua classe dominante perde sua função [econômica] mas continua dominando pela força ou pela fraude. (...) Mas para tornar-se corrompida pelo totalitarismo uma sociedade não precisa existir num país totalitário. A simples prevalência de certas ideias pode produzir um tipo o veneno que torna um sujeito atrás do outro incapaz de exercer uma ocupação intelectual.²¹⁹ (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.374)

²¹⁷ “[...] the concentration of the press in the hands of a few rich men, the gripe of monopoly on radio and the films, the unwillingness of the public to spend money on books, making it necessary for nearly every writer to earn part of his living by hackwork, the encroachment of official bodies like M.O.I and the British Council, which help the writer to keep alive but also waste his time and dictate his opinions, and the continuous war atmosphere of the past ten years, whose distorting effects no one has been able to escape. Everything in our age conspires to turn the writer, and every other kind of artist as well, into a minor official, working on themes handed down from above and never telling what seems to him the whole of the truth.” (Orwell, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.368)

²¹⁸ “[...] that in England the immediate enemies of truthfulness, and hence of freedom of thought, are the press lords, the film magnates, and the bureaucrats, but that on a long view the weakening of the desire for liberty among the intellectuals themselves is the most serious symptom of all.” (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.372)

²¹⁹ “(...) A society becomes totalitarian when its structure becomes flagrantly artificial: that is, when, its ruling class has lost its function but succeeds in clinging to power by force or fraud. (...) But to be corrupted by totalitarianism one does not have to live in a totalitarian country. The mere prevalence of certain ideas can spread a kind of poison that makes one subject after another impossible for literary purposes.” (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.374)

Era óbvio então que a intervenção dos organismos oficiais do Estado ao longo das várias guerras nas primeiras décadas do século XX que a Europa presenciou, tanto quanto do crescimento dos grandes conglomerados industriais da informação, principalmente nos EUA, repercutiam uma prática comum aos regimes totalitários: a manipulação da história, através de práticas repressivas de controle e manipulação das informações veiculadas para a sociedade.

A correlação deste período de transição do pós-guerra, entre dois contextos, que contudo, ainda não haviam se definido temporalmente, principalmente para aqueles que o viviam, está claramente expressa nestas preocupações de Orwell. É a emergência de uma *sociedade de consumo* e de uma *indústria cultural* para suprir essa nova demanda, que significara em sua análise a reinvenção dos mecanismos de controle social – através do controle da informação e da cultura – pela sociedade do pós-Segunda Guerra mundial. Como Orwell especula em seu ensaio, já enxergando um processo lento de transição histórica (muito mais do que uma previsão do futuro), entre a sociedade que acabava de sair de dentro das brumas da Segunda Guerra e aquela que começa a se reconstruir dos escombros do conflito:

Claro, a imprensa continuará sendo usada, e, é interessante especular que tipo de leitor poderá sobreviver numa sociedade rigidamente totalitária. Os jornais provavelmente irão continuar até a televisão atingir seu nível técnico mais alto, mas tirando os jornais é duvidoso que mesmo agora a grande massa das pessoas nos países industrializados sintam a necessidade de qualquer tipo de literatura. As pessoas são, de qualquer forma, desencorajadas a gastar seu tempo lendo, tanto quanto gastam em qualquer outro tipo de recreações. Provavelmente os romances e as histórias irão ser totalmente substituídas pelos filmes e pelos programas de rádio. Ou, talvez, algum tipo de ficção sensacionalista barata consiga sobreviver, produzida por algum tipo de processo automatizado que diminua o trabalho humano ao mínimo.²²⁰ (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.376-7)

Todo o processo de mecanização da produção – que reverbera na produção artística e cultural – já é tratada por Orwell como efeito continuado das ideias totalitárias de controle e manipulação da sociedade, permeadas na mentalidade do pós-guerra.

²²⁰ “Of course, print will continue to be used, and it is interesting to speculate what kind of reading matter would survive in a rigidly totalitarian society. Newspaper will presumably continue until television technique reaches a higher level, but apart from newspapers it is doubtful even now whether the great mass of people in the industrialized countries feel the need for any kind of literature. They are unwilling, at any rate, to spend anywhere near as much on reading matter as they spend on several other recreations. Probably novels and stories will be completely superseded by films and radio productions. Or perhaps some kind of low-grade sensational fiction will survive, produced by a sort of conveyor-belt process that reduces human initiative to the minimum. (...) A society becomes totalitarian when its structure becomes flagrantly artificial: that is, when, its ruling class has lost its function but succeeds in clinging to power by force or fraud. (...) But to be corrupted by totalitarianism one does not have to live in a totalitarian country. The mere prevalence of certain ideas can spread a kind of poison that makes one subject after another impossible for literary purposes.” (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.376-7)

Provavelmente não será um efeito da ingenuidade humana que máquinas passarão a escrever livros. Mas um tipo de processo mecanizado pode já estar preparado para a produção de filmes e programas de rádio, na publicidade e na propaganda, e em substratos do jornalismo. Os filmes da Disney, por exemplo, são produzidos essencialmente por um tipo de processo industrial, sendo o trabalho feito parte por máquinas parte por um conjunto de artistas que tem de subordinar seus estilos individuais. Programas de rádio são normalmente produzidas em cima de assuntos pré-determinados e cuja forma é definida previamente; até mesmo, aquilo que é escrito é meramente o tipo de material barato que é escolhido por produtores e censores.²²¹ (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.377)

Esta discussão será, em grande medida, incorporada na construção imaginativa do *1984*. Parte de sua repercussão nos anos que seguirão a sua publicação, em 1949, deve-se aquilo que se entendeu ser a antevisão do que se transformaria o mundo durante a guerra-fria, atribuindo a Orwell a face de um obscuro profeta. Porém, como a leitura destes textos essenciais na compreensão de sua crítica do final da década de 1940 revelam, o tipo de problema que permeava as reflexões de Orwell, giravam muito mais em torno da permanência de um ideário repressivo em meio a reconstrução do pós-guerra, do que a tentativa de desvendar o que aconteceria com o mundo nas décadas subsequentes. O próprio *1984*, lido erroneamente como uma ficção futurista, emerge destas preocupações: quais os efeitos da experiência totalitária para o mundo? Quais os efeitos da emergência da sociedade de consumo e da indústria cultural, numa sociedade em plena reconstrução? Quais os efeitos dessa dupla conjuntura para os imaginários coletivos e para às consciências individuais? Todas questões prementes já à partir de 1945, diante da derrota dos países do Eixo na Segunda Guerra mundial e da ascensão dos EUA – sua economia e cultura – sob a Europa devastada.

Por fim, então, podemos analisar aqui, os efeitos desse processo no imaginário do próprio Orwell, através de duas das melhores expressões que ele construiu em sua obra: os conceitos do “*newspeak*” e do *doublethink*”. A popularidade que estes termos tomaram pelo mundo, sem dúvida, está ligado a grande repercussão que o próprio *1984* tomou. No livro, publicado pela primeira vez em Londres, em 8 junho de 1949, a crítica aos processos de manipulação da memória coletiva da sociedade é tema central, como já tivemos oportunidade de analisar em trabalho anterior²²². No livro

²²¹ “It would probably not be beyond human ingenuity to write books by machinery. But a sort of mechanizing process can already be seen at work in the filme and radio, in publicity and propaganda, and in the lower reaches of journalism. The Disney films, for instance, are produced by what is essentially a factory process, the work being done partly mechanically and partly by teams of artists who have to subordinate their individual style. Radio features are commonly written by tired hacks to whom the subject and the manner of treatment are dictate beforehand; even so, what they write is merely a kind of raw material to be chopped into shape by producers and censors.” (ORWELL, 1946b. Apud Orwell, 1956, p.377)

²²² No trabalho *História, memória e a (re)construção da identidade no 1984 de George Orwell*, apresentado no IV Simpósio Nacional de História Cultural da ANPUH. Goiânia, 2008.

também, Orwell pode amalgamar toda sua crítica nos anos que precedera seu lançamento, à apropriação do próprio pensamento pelas instancias oficiais da sociedade, eclipsando-o das esferas individuais e coletivas da sociedade, por sua atomização no Estado.

A linguagem então, assume posição decisiva como mecanismo em torno do qual se estabelece e se desenrolam estes vários processos. E no *1984*, Orwell leva o alcance desses efeitos a graus extremados. O controle social dos indivíduos ultrapassa qualquer ingerência física, cuja inserção na esfera privada só fora reconhecida nos campos de concentração nazista, onde o domínio totalitário alcançou seu grau máximo (Howe, 1967). Seja com a reinvenção do vocabulário, através da eliminação dos antônimos e, com isso, da própria ideia de negação na língua, com o “newspeak” ou a “novilingua”, seja com a maximização desse processo no “doublethink” ou “duplipensar”, onde a contradição é eliminada do próprio pensamento reflexivo, Orwell construiu em torno de sua narrativa ficcional, um amalgama dos efeitos da reificação dos indivíduos, através da mediação simbólica que a língua representa. Neste momento, mecanismos como por exemplo, a censura institucional, do qual viemos falando até agora através da análises de Orwell, se tornam secundários, já que é no próprio pensamento – através da auto regulação, do medo que o pensamento sedicioso provoca, podendo por si só acusar o indivíduo de subversão – que o alcance da ideologia totalitária se manifesta no imaginário do livro.

A esta altura, os processos de manipulação da memória coletiva da sociedade atingem também outro grau de alcance. Mais do que os efeitos da (re)construção continua da história, através do controle da informação pelos organismos oficiais do Estado, pela educação – através dos livros didáticos e a narração de uma história oficial –, pelos espetáculos coletivos de exaltação da nacionalidade e lealdade ao poder hegemônico que controla o Estado, é a própria incapacidade de negar essa realidade imposta, de contradizer a versão institucional dos fatos, que impõe a dominação sobre os indivíduos.

Na metáfora que o conceito de “novelinha” representa na obra de Orwell, os efeitos daquela “linguagem comercial”, típica da propaganda, da qual fala Marcuse, são considerados em sua face extrema. Mais do que “convencer” sobre a viabilidade de uma determinada realidade, este discurso tem a função de impor esta realidade como a única existente, seja classificando outros discursos como “heréticos”, seja, a um grau mais elevado, desconsiderando-os, por meio da supressão de sua existência. Isto é muito claro, na própria definição que Orwell dá à “novilingua”, no apêndice acrescentado à edição comemorativa do *1984*, relativo ao ano de seu centenário, em 2003, lançado pela Companhia Editora Nacional:

O objetivo da Novilingua não era apenas oferecer um meio de expressão para a cosmovisão e para os hábitos mentais próprios dos devotos do Ingsoc,

mas também impossibilitar outras formas de pensamento. O que se pretendia era que, tão logo a Novilíngua fosse adotada definitivamente e a Anticlíngua esquecida, qualquer pensamento herético, isto é, divergente dos princípios do Ingsoc, fosse literalmente impensável, ou pelo menos até o limite em que o pensamento depende de palavras. (Orwell, 2005, p.287-8)

Neste texto, intitulado “Princípios da Novilíngua”, e até então, inédito do público brasileiro, Orwell sistematiza as funções políticas e ideológicas na *Novilíngua*. É preciso notar que nesta definição de seus objetivos, Orwell confronta mais uma vez, os dois grandes contrapontos que pautam sua crítica nos últimos anos: a ascensão da sociedade de massa e da comunicação de massa, e a experiência totalitária. Agora, contudo, fica-nos claro, o *nexus* de sua aproximação na crítica de Orwell: ambos se apropriam do pensamento (ou de suas formas simbólicas de representação) como campo de disputa. Orwell escreve novamente:

Seu vocabulário fora construído de modo a fornecer a expressão exata – e frequentemente de um modo sutil – a cada significado que um membro do Partido quisesse expressar, excluindo todos os outros significados, bem como a possibilidade de chegar a eles por métodos indiretos. Isso era obtido em parte pela invenção de novas palavras, mas principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis e pelo esvaziamento, das palavras restantes, de qualquer significado heterodoxo e, tanto quanto possível, de todos os significados secundários, quaisquer que fossem eles. (...) Além da supressão de palavras definitivamente heréticas, considerava-se a redução dos vocabulários por si só como um objetivo desejável, e não era permitida a sobrevivência de palavras das quais se pudesse prescindir. A finalidade da Novilíngua não era aumentar, mas *diminuir* a extensão do pensamento, finalidade que poderia ser atingida pela redução do número de palavras ao mínimo. (Orwell, 2005, p.288)

No *1984*, a expressão do controle da informação e da manipulação do pensamento através das várias formas de apropriação dos imaginários coletivos, é, definitivamente, a supressão do pensamento, ou, de qualquer tipo de pensamento “herético” ou contrário a ideologia oficial do Estado.

E é isso, no final das contas que a ideia do “duplipensar” representa. Aquilo que a reinvenção do vocabulário – mecanismo central na *Novilingua* – expressa, ou, a condensação dos significados através da supressão de alguns conceitos-chaves, toma forma no “duplo pensamento”: ou seja, a eliminação da ideia de contradição.

Tzvetan Todorov (1995, p.46) analisa essa questão de forma particular, com a ideia do “desdobramento do discurso”, ao qual o indivíduo que vive sob a ordem totalitária é obrigado a conviver. Como ele define, através de sua própria experiência na Bulgária, durante o domínio soviético, a coexistência de um “discurso público” e um “discurso privado” – cuja fronteira é, contudo, muito tênue – define a realidade cotidiana dos indivíduos: entre um pensamento (e uma

linguagem apropriada) para as diversas manifestações da vida pública, e um pensamento (contraditório, muitas vezes), no âmbito da vida privada. Para Todorov, esse “desdobramento da linguagem” (TODOROV, 1995, p.47), que expressa a necessidade concomitante de um “desdobramento do pensamento” cotidianamente, fragmenta o próprio *eu* individual, podendo produzir um estado de loucura, no qual o indivíduo já não sabe mais em qual dos dois universos – se no da concordância, da submissão às imposições do poder hegemônico da esfera pública, ou no da tentativa e manutenção da lucidez através da negação e da discordância do âmbito privado – ele está.

Se pensada esta questão ainda no sentido a que Marcuse atribui ao que ele chama de “lógica” da sociedade industrial, através da expressão que a linguagem comercial representa em sua “funcionalidade”, estabelece-se também um processo de fragmentação do sujeito individual – subjugado pelo discurso continuado do consumo ao qual os indivíduos são bombardeados diariamente pela publicidade. Neste universo, a dissociação entre a “realidade efetiva” e a “realidade do consumo”, é abstraída da vontade individual, constituindo-se num mecanismo de dominação tão efetivo quanto aquele empregados pelos Estados autoritários, ao longo do século XX, e a qual a obra de Orwell, já na metade da década de 1940, criticou.

De volta a última de suas London Letters, o anticomunismo de Orwell parecia mais concentrado e os problemas eram evidenciado de maneira mais direta. Para o público leitor da Partisan Review, também num momento de acirramento do anticomunismo dentro dos EUA com o início da grande caça-as-bruxas do período Macarthista e também numa fase transitória para a sua linha editorial da revista, se “liberalizando” cada vez mais agudamente no correr da década de 1940, a imagem do comunismo como um perigo político, tal qual é apresentada por Orwell, talvez, fosse muito bem aceita.

Veja-se, por exemplo, como ele continua na caracterização dos comunistas e sua influência política na sociedade britânica daqueles anos:

O número real de comunistas e "seguidores" é de poucos de milhares, e não tenho dúvida diminuiu em relação ao ano passado. Mas enquanto eles têm perdido terreno com o público em geral, eles já conseguiram capturar a liderança de vários sindicatos importantes e, além disso, há o grupo de M.Ps comunistas "underground" - isto é, M.Ps eleitos pelos Trabalhistas, mas secretamente membros do CP. Ou de forma confiável simpáticos a ele. O número desses é incerto, mas devo dizer que há vinte ou trinta deles, de um total de algo mais de 300 M.Ps trabalhistas. Sua tática, é preciso dizer, é a clamar no Parlamento por uma política de apaziguamento para com a URSS, e ao mesmo tempo para tentar agrupar os elementos de esquerda no país em volta deles apostando no descontentamento interno. Até o presente eles estão bastante isolados, por razões óbvias, e expressões como

"infiltração" e "cripto-comunista" já estão sendo cogitados por pessoas que mal tinha ouvido sobre tais coisas um ano atrás. (...) Considerando que a URSS deve ser implacavelmente hostil a um governo social-democrata do tipo britânico, é claro que uma combinação de comunistas abertos como Arthur Horner à frente de grandes sindicatos, os comunistas "underground" como [Konni] Zilliacus no Parlamento, e "simpatizantes" como [JB] Priestley na imprensa popular, pode ser muito perigoso. (...) Se não havia outros sintomas, eu poderia inferir isso apenas a partir de minha própria opinião. Como apologistas abertos do regime de Stalin, os comunistas estão agora jogando em um campo de derrotas. E, no entanto, se eles puderem formar um corpo organizado dentro do Partido Trabalhista, eles podem ser capazes de fazer enormes prejuízos. Até mesmo o pior tipo de divisão dificilmente poderia resultar em um governo controlado pelos comunistas, mas pode trazer de volta os Conservadores que, suponho, seria menos perigoso do ponto de vista dos Russos que modo do governo trabalhista de fazer as coisas.²²³ (Orwell, 1946. Apud Davinson, 1998, p.287. Volume 18)

A indicação de Orwell de comunistas que ele considerava terem uma influência considerável na vida pública britânica, causou boa repercussão. Konni Zilliacus, MP do Labour Party e que, nunca admitiu qualquer ligação com o Partido Comunista, apesar de ter desempenhado importante papel no pós-guerra dentro da Liga das Nações, nas questões de interesse da Grã-Bretanha com a Europa do Leste, respondeu a London Letter de Orwell e iniciou uma polêmica, que seria publicada através do jornal *Tribune*.

Zilliacus escreve o seguinte, na primeira carta que enviara ao Tribune, publicada em 17 de janeiro de 1947:

Será que o Sr. Orwell sustenta que eu sou secretamente um membro do PC, apesar de eu ter a honra de ser um MP? Eu não sou um membro do PC, nunca fui um membro do PC, e julgo que seria uma coisa vergonhosa para se fazer, ser secretamente um membro de qualquer partido ou organização,

²²³ "The actual number of Communists and "fellow-travelers" is still only a few score of thousands, and has no doubt dwindled over the past year. But while they have somewhat lost ground with the general public, they have now succeeded in capturing the leadership of several important unions, and in addition there is the group of "underground" Communist M.Ps – that is, M.Ps elected as Labour men but secretly members of the C.P. Or reliably sympathetic to it. The number of these is uncertain, but I should say there are twenty or thirty of them, out of a total of something over 300 Labour M.Ps. Their tactic, needless to say, is to clamour inside and outside Parliament for a policy of appeasement towards the USSR, and at the same time to try to group the Left elements in the country round them by playing on domestic discontent. At present they have rather isolated themselves by making their aims too obvious, and expressions like "infiltration" and "crypto-Communist" are now being bandied about by people who had hardly heard of such things a year ago. (...) Considering that the USSR is and must be implacably hostile to a social-democratic government of the British type, it is clear that a combination of open Communist like Arthur Horner at the head of big unions, "underground" Communists like [Konni] Zilliacus in Parliament, and "sympathisers" like [J.B] Priestley in the popular press, could be very dangerous. (...) if there were no other symptoms at all, I could infer this merely from my own postbag. As open apologists of the Stalin regime, the Communists are now playing on a losing wicket. And yet if they could get inside the Labour Party as an organised body, they might be able to do enormous mischief. Even the worst kind of split could hardly result in a Communist-controlled government, but it might bring back the Conservatives – which, I suppose, would be less dangerous from the Russian point of view than the spectacle of a Labour government making of things." (ORWELL, 1946. Apud DAVINSON, 1998, p.287. Volume 18)

associação que não seria compatível com a filiação do Partido Trabalhista. Estou orgulhoso do fato de que entrei para o Partido Trabalhista, quando eu estava desmobilizado depois da primeira guerra mundial quase 28 anos atrás, e me mantive trabalhando nele desde então, em tempos bons e ruins.²²⁴ (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p. 290. Volume 18)

E por aí seguia a resposta de Zilliacus. No todo, a carta publicada pelo *Tribune* pareceu mais uma autodefesa de suas virtudes morais e sua lealdade para com o Labour Party e a Inglaterra, do que uma troca consistente de ideais. Zilliacus questiona, contudo, a visão sobre política internacional de Orwell em relação a não apenas sua própria atuação, mas também das direções dadas pelo governo trabalhista.

Ou será que o Sr. Orwell reivindica meus pontos de vista atuais sobre a política externa como incompatíveis com a política externa em que o Partido Trabalhista ganhou a eleição geral, ou com o minhas próprias preposições da campanha eleitoral? Porque, se é assim ele está errado também. Coerência não é necessariamente uma virtude. Mas é um fato eu ter sido coerente sobre esta questão.²²⁵ (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p.290. Volume 18)

A resposta de Orwell foi publicada no mesmo número da *Tribune*, em janeiro de 1947. E Orwell foi muito mais categórico que Zilliacus:

Eu não acho que o passado do Sr. Zilliacus seja registro de evidência. Ele próprio admite que mudou alguns de seus pontos de vista, um fato que eu notei há vários anos. Nem me importo se ele tem um bilhete do partido comunista, ou qualquer conexão direta com a PC. O que eu acredito, e eu vou continuar a acreditar até eu ver evidências em contrário, é que ele e outros como ele está perseguindo uma política que mal se distingue do PC, que eles são os agentes de publicidade da URSS neste país, e que quando os interesses da URSS e os interesses britânicos parecem se chocar, eles vão apoiar os interesses soviéticos.²²⁶ (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON,

²²⁴ "Does Mr. Orwell contend that I am secretly a member of the C.P., although I have the honour to be a M.P.? I am not a member of the C.P., never have been a member of the C.P., and would consider it a disgraceful thing to do, to be secretly a member of any party or organisation, membership of which was not compatible with membership of the Labour Party. I am proud of the fact that I joined the Labour Party when I was demobilised after the first world war nearly 28 years ago, and have stuck to it worked for it ever since, in good times and bad." (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p.290. Volume 18)

²²⁵ "Or does Mr. Orwell claim my present views on foreign policy are inconsistent with the foreign policy on which the Labour Party won the general election, or with my own election address and election campaign? Because, if so he is wrong there too. Consistency is not necessarily a virtue. But it is a fact that I have been consistent on this issue." (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p.290. Volume 18)

²²⁶ "I do not think Mr. Zilliacus past record is evidence. He himself admits that he has changed some of his views, a fact which I noticed several years ago. Nor do I care whether whether he has a Communist Party ticket or any direct connection with the C.P. What I believe, and I will go on believing until I see evidence to the contrary, is that he and others like him are pursuing a policy barely distinguishable from that of the C.P., that they are in effect the publicity agents of the U.S.S.R in this country, and that when Soviet and British interests appear to them to clash, they will support the Soviet interest." (ZILLIACUS, 1947. Apud

p.291. Volume 18)

Na sequência de sua tréplica, Orwell defende seu direito de criticar qualquer figura pública da política britânica, haja visto que sua posição os expunha a crítica de seus eleitores, como um princípio constitucional básico do regime democrático britânico. Esse debate se torna mais claro, no entanto, à medida que outras pessoas aderem a ele. É o caso de Paul Winterton, jornalista e romancista inglês, que escreve para o *Tribune* em 24 de janeiro, colocando-se ao lado de Orwell nas acusações contra Zilliacus:

Durante sua turnê no Leste, o Sr. Zilliacus parece ter aprovado tudo o que encontrou lá. Na zona soviética da Alemanha, descobriu "a democracia no sentido pleno da palavra, no sentido de que Lincoln definiu-o" (Soviet Monitor, 12.10.46). Em um discurso na Polónia (Soviet Monitor, 6.10.46) ele disse: "A Polónia tem uma democracia no sentido pleno da palavra. Como um membro do Parlamento britânico, gostaria de salientar que o público no meu país e todos os simpatizantes da Polónia entendem totalmente entender e aprovam os novos princípios ou sua política externa."²²⁷ (WINTERTON, 1947. Apud DAVINSON, 1998, p.292. Volume 18)

E continua,

Em uma entrevista dada na Bulgária (Soviet Monitor, 14.9.46), o Sr. Zilliacus disse "Nossos conservadores e a direita Trabalhistas... veem uma verdadeira revolução nas mudanças que ocorreram em seu país, na Polónia, Tchecoslováquia, Iugoslávia e noutro locais. Eles são contra essas alterações. Eles representam contra-revolução." Mr. Zilliacus pensa que é "desprezível" quando o Sr. Orwell critica os "seguidores" trabalhistas na imprensa americana. Ao que parece é bastante bom quando ele mesmo chama seus colegas do trabalho de "contra-revolucionários" para um jornalista búlgaro! Ou o Sr. Zilliacus não foi compreendido na Europa Oriental? Aconteceu, ali como em outros lugares.²²⁸ (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p.292. Volume 18)

DAVINSON, p.291. Volume 18)

²²⁷ "During his Eastern tour, Mr. Zilliacus seems to have given blanket approval to everything he found there. In the Soviet zone of Germany, he discovered "democracy in the full sense of the word, in the sense that Lincoln defined it" (Soviet Monitor, 12.10.46). In a speech in Poland (Soviet Monitor, 6.10.46) he said "Poland has a democracy in the full sense of the word. As a Member of the British Parliament. I wish to point out that the public in my country and all Poland's well-wishers fully understand and approve the new principles or her foreign policy."" (WINTERTON, 1947. Apud DAVINSON, 1998, p.292. Volume 18)

²²⁸ "In a interview given in Bulgaria (Soviet Monitor, 14.9.46), Mr. Zilliacus said "Our Conservatives and Right-Wing Labourites...see a real revolution in the changes which occurred in your country, in Poland, Czechoslovakia, Yugoslavia and elsewhere. They are against these changes. They represent counter-revolution."

Mr. Zilliacus thinks it "despicable" when Mr. Orwell criticises Labour "fellow travellers" in the American press. Apparently it is quite proper when he himself call his Labour colleagues "counter-revolutionaries" to a Bulgarian journalist! Or was Mr. Zilliacus misreported in Eastern Europe? It does happen, there as elsewhere." (ZILLIACUS, 1947. Apud DAVINSON, p.292. Volume 18)

Em sua quadruplica, publicada no mesmo número de 24 de janeiro de 1947, Zilliacus aprofunda o debate, argumentando sobre a necessidade da construção de laços entre os trabalhadores da Europa ocidental e da Europa oriental e a defesa do socialismo como caminho para remover os últimos resquícios da guerra. E Orwell responde *en passant* as argumentações de Zilliacus, insistindo em seu compromisso com a URSS e sua defesa extrema daquilo que para ele era indefensável, ou seja, o controle autoritário dos território da Europa oriental sob direção soviética.

Orwell finda, por fim, em 1946, suas contribuições para a revista *Partisan Review* na forma das *London Letters*. Em carta para Philip Rahv, enviada em 16 de setembro de 1946, o autor responde a solicitação do editor da *Partisan Review* – em carta anterior datada de 8 de setembro – em que Rahv solicitava que Orwell recomendasse um nome para substituí-lo à frente da coluna *London Letter*. Para a função Orwell sugere alguns nomes: Julian Symons – um velho conhecido dos estadunidenses que, como vimos, já publicava pela PR desde o final da década de 1930 – que Orwell considerava “mais pro-russos e anti-britânico” que ele, “mas que, por outro lado, mesclava uma boa percepção dos trotskistas e anarquistas”. Outro nome recomendado fora o de Humphrey Slater, que editava o jornal *Polemic* e que, “por muitos anos fora comunista e agora era violentamente anti [comunista]”. Por fim, Orwell sugere o nome de Evelyn Anderson, editora do jornal *Tribune*. Apesar de extremamente “dedicada”, Orwell arremata, “ela não escreve muito bem”. Entre as diversas possibilidades, segundo Orwell, haviam vários nomes ao redor do *Tribune* e do *Observer*, a maioria deles estrangeiros, porém. (Orwell para Rahv, 1946. Apud DAVINSON, 1998, p.397. Volume 18)

A escolha imediata dos editores da *Partisan Review* para substituir Orwell à frente das *London Letters* foi Arthur Koestler. Sua primeira carta aparecerá na PR Vol.14, n.2, primavera, 1947. Koestler abre sua primeira *London Letter* falando da vitória do Labour Party nas eleições gerais de 1945, quando Clement Attlee derrota Winston Churchill e o Partido Conservador, ainda em meio à euforia da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, da qual Churchill sai como herói. Koestler compara o contexto britânico do imediato pós-guerra com o contexto francês, o qual estava imerso, numa situação contraditória de sanidade econômica versus insanidade moral. A França, lembra Koestler rememorando os primeiros anos logo após o fim da guerra, conseguia produzir a maior parte da comida que se consumia no país. Os canais de distribuição dessa produção, no entanto, haviam sido cortados pelos anos de guerra e permanecia em grande parte fechados por questões morais relativas ao colaboracionismo com a ocupação nazista. Recordando então sua estadia em Paris, Koestler escreve o seguinte, sobre a condição do país logo após o fim da guerra:

(...) Já não há um mercado negro como praticamente havia engolid o mercado legal; o resultado é uma gradação geral de vários tons de cinza, expressa o grau de ilegalidade das operações a que o francês comum é obrigado a fazer a fim de obter pão, gorduras, carnes, apartamentos, roupas, cigarros; e para obter dinheiro para obtê-los. A mesma ilegalidade rotineira é forçada sobre os lojistas, lojas de departamento, as empresas comerciais se quiserem sobreviver. Mesmo os partidos políticos lucrarão com o mercado negro de acordo com o ramo de produção que eles controlavam através de seus ministérios [...]²²⁹ (Koestler, 1947, p.139)

O contraponto com a situação Francesa é importante pois é a partir dela que Koestler retomará a discussão sobre a situação britânica para seus leitores em Nova York. De volta à Ilha, Koestler passa então a desenhar uma Inglaterra destroçada pela guerra, cuja economia, curiosamente, estava em piores condições, segundo sua análise, do que na França. Não havia produtos disponíveis; nem sequer para o mercado negro. Longe dos grandes centros, a situação era ainda mais calamitosa. E para Koestler, as classes baixas britânicas, aceitavam sua condição porque nunca haviam visto situação muito melhor (KOESTLER, 1947, p.139). É preciso lembrar, por exemplo, que em quase duas gerações, desde o final da Primeira Guerra Mundial, a economia britânica se encontrava destroçada pelos anos seguidos de austeridade depois de 1918, passando pela grande crise da década de 1920-30 para, logo em seguida, mergulhar uma vez mais na Guerra Mundial, em 1940. Ou seja, todos os homens e a mulheres com média inferior a 35 anos, em 1947, ano em que Koestler escreve essa carta, não havia conhecido outra situação que não a da austeridade profunda nas Ilhas Britânicas. E foi nesse contexto que o primeiro governo socialista da história britânica assumiu o país em 1945, com Clement Attlee:

Em suma, a era socialista na Grã-Bretanha começou por um nivelamento geral para baixo do padrão de nivelamento - precisamente como os críticos mais estúpidos da teoria socialista haviam previsto. Necessário dizer que isso não é culpa do governo, mas o rescaldo da guerra e décadas de gestão má capitalista (das minas de carvão, por exemplo). Não é preciso dizer, também, que este é um confortável inverno inglês marcado por cortes carvão, racionamento de gás, cortes de racionamento, escassez de cigarro, escassez de cerveja, e pelos maçante, monótonas advertências sobre a austeridade dos líderes, que parecem não terem mantido nada da retórica brilhante de Churchill exceto suor do motivo-e-labuta.²³⁰ (Koestler, 1947,

²²⁹ "(...) There is no longer a Black market as it has practically swallowed the legal white one; the result is a general gray of various shades, expresses the degree of illegality of the transactions which the ordinary Frenchman is compelled to do in order to obtain Bread, fats, meat, apartments, clothes, cigarettes; and to obtain Money for obtaining them. The same routine illegality is forced upon shopkeepers, department stores, business firms if they want to survive. Even the political parties were cashing in on the Black market according to the production branch they controlled through their ministries [...]" (KOESTLER, 1947, p.139)

²³⁰ "In short, the socialist era in Britain started by a general leveling down of the leveling standard - precisely as the stupidest critics of socialist theory had predicted. Needless to say that this is not the Government's fault, but the aftermath of war and decades of capitalist mis management (of the coal mines for instance). Needless to say, too, that this is cold comfort in an English winter marked by coal cuts, gas cuts, ration

pp.139-40)

A situação social, no entanto, permanecia estável. O que se via, reforça Koestler, era um sentimento de resignação, de imobilidade social e econômica. “Os ricos” não estavam ficando mais ricos, nem os pobres subindo na escala social, ressaltava Koestler. O racionamento não dava mais comida para as classes altas, enquanto tirava das classes baixas. Apenas garantia-se que não faltaria comida. Com isso,

(...) O empobrecimento objetivo do país faz com que seja inevitável que as dificuldades causadas pela política socialista sejam reais, os benefícios principalmente teóricos. A consequência de tudo isso é a crescente apatia e resignação.²³¹ (Koestler, 1947, p.140)

Koestler então vê duas conclusões possíveis de serem analisadas nos primeiros dois anos de governo socialista na Grã-Bretanha, ambas, com consequências importantes para a teoria socialista:

A primeira consideração é que os movimentos aparentemente socialistas estão condenados sempre a ascender ao poder sob as piores condições objetivas possíveis. Isso, por um lado, fornece ao socialista a desculpa de pronto que a teoria não deve ser julgada por experimentos realizados sob tais desvantagens. A comuna de Paris foi prejudicada pela guerra, cerco, e a fome; o sistema soviético foi experimentado pela primeira vez no país mais atrasado da Europa, a República de Weimar, carregou o fardo econômico e psicológico de Versalhes, que pesou sobre suas costas. A Grã-Bretanha herdou a hostilidade de todas as pessoas de cor, a má reputação internacional da política imperialista passada, e acima de tudo, um país economicamente à beira da ruína; Assim, mais uma vez, a experiência não pode fornecer provas conclusivas para ou contra a teoria. Ele só viria a ser conclusiva, o teórico argumenta, se a experiência pudesse ser julgada em um país rico moderno, industrializado, seguro de agressão externa – os EUA, por exemplo.²³² (Koestler, 1947, p.140)

E conclui de maneira muito objetiva:

cuts, cigarette shortage, beer shortage, and by the dull, monotonous more-austerity warnings of the leaders, Who seem to have retained nothing from the brilliant flow of Churchillian rhetoric except the sweat-and-toil motif.” (KOESTLER, 1947, pp.139-40)

²³¹ “(...)The objective impoverishment of the country makes it inevitable that the hardships caused by socialist policy are real, the benefits mainly theoretical. The consequence of all this is a growing apathy and resignation.” (KOESTLER, 1947,p.140)

²³² “The first consideration is, that apparently socialist movements are doomed always to ascend to Power under the worst possible objective conditions. This, on the one hand, provides socialist with the ready excuse that the theory should not be judge by experiments carried out under such handicaps. The Paris Comune was handicapped by war, siege, and famine; the Soviet system was tried out first in the most backward country of Europe, the Weimar Republic, carried the economic and psychological burden of Versailles which broke its back. British broke inherited the hostility of all colored people, the bad internacional reputation of past imperialist policy, and above all, a country economically on the verge of ruin; thus, once again, the experiment cannot provide conclusive evidence for or against the theory. It would only become conclusive, the theorist argues, if the experiment could be tried in a rich, modern, industrialized country secure from external aggression - the USA, for instance.” (KOESTLER, 1947,p.140)

Você não pode esperar que qualquer classe dominante entregue sua renúncia, nem que as massas escutem a propaganda radical, enquanto tudo vai bem. (...) O socialismo é para ser uma cura para uma sociedade doente, e nenhum médico pode sair com a desculpa de que as pessoas só o chamam quando estão doentes.²³³ (Koestler, 1947, p.140)

O segundo ponto de Koestler se baseia na ideia de que, parte do trabalho de um governo socialista, seria o de indicar um caminho de esperança para a sociedade mergulhada no caos. E isso o governo trabalhista eleito em 1945 havia deixado passar. Koestler se baseia na nacionalização do produção de carvão, em 1 de Janeiro de 1947, depois de meio século de agitação socialista em torno da principal indústria local. Koestler lembra que, além do aspecto prático, sendo o carvão até então o principal combustível local e internacional, a mineração do produtor era o “núcleo duro” da produção industrial britânica e o símbolo das lutas da classe-trabalhadora nas ilhas britânicas desde o século XIX. Para Koestler, aquele era o momento da virada; da transformação dos sentimentos locais, ainda solapados pela austeridade do imediato pós-guerra, um flash de esperança, com a abertura de novas oportunidades para uma gama maior da população através da nacionalização de setores-chaves da economia. Na Grã-Bretanha, contudo, a ascensão de um governo socialista - também pela incapacidade dos próprios trabalhistas - não alterou significativamente a percepção dos cidadãos médios locais, mesmo que a ascensão dos socialistas tivesse tido peso nas vidas diárias das pessoas, através de mudanças significativas na produção econômica local. (KOESTLER, 1947, p.142)

Koestler, obviamente, entendia que as condições para a condução de um processo profundo de transformação nas relações produtivas da sociedade britânica - que levariam a, por consequência, um significativo alteração nas relações de classe e, por fim, na estrutura econômica e social local - deveria corresponder as particularidades locais, muito mais do que, simplesmente, copiar o modelo leninista - o que conduziria a uma catástrofe, ressalta. Neste sentido, as transformações impingidas por uma política socialista levariam uma ou duas gerações para serem sentidas na estrutura social britânica, calcula Koestler. No entanto, “*labor will only remain in Power if it succeeds in capturing the people's imagination.*”(KOESTLER, 1947, p.142)

O ponto central da argumentação de Koestler gira em torno da necessidade de construção de algum tipo de “cultura socialista” - apesar desta não ser sua definição - que, ao mesmo tempo que mostre o vigor de uma sociedade em transição (acreditava ele), mostre as “virtudes do socialismo”. Uma cultura que superasse os entraves de uma cultura praticamente estática, baseada na tradição. E

²³³ “You cannot expect any ruling class to hand in its resignation, nor the masses to listen to radical propaganda, while all goes well. (...) Socialism is meant to be a cure for diseased society, and no doctor can get away with the excuse that people only call him when they are ill.” (KOESTLER, 1947,p.140)

Koestler atribui a essa imobilidade, digamos, “cultural “, a uma “falta de imaginação “inerente às tradições culturais britânicas. Sobre isso Koestler escreve que “[...] *lack of imagination has always been associated in this country with straightness, honesty, and tradition; its opposites, “smartness” and “cleverness,” with dubious and mainly foreign practices.*” (KOESTLER, 1947, p.143)

Outro problema que aparece no horizonte do governo socialista britânico era sua relação com os sindicatos. Koestler argumenta que há muito os sindicatos britânicos deixaram de ser um organismo de representação da classe trabalhadora, devido a sua burocratização e sua cooptação no aparelho do Estado, tornando-se organismos gigantescos e desajeitados.²³⁴ E Koestler parece muito claro em sua crítica contra a burocratização dos sindicatos britânicos: “(...) *When the State becomes the begets employer and the unions part of the State bureaucracy, they cease to be na instrument of the working class and become na instrument of the coercion of the working class.*” (KOESTLER, 1947, p.145) E a comparação, que dá sentido então à sua crítica, é, inevitavelmente, com a Rússia:

(...) Isso é o que aconteceu na Rússia, onde o trabalhador é mais uma vez tão indefeso como ele era em dias pré-Tolpuddle. Quem é que vai projetar o Estado dos trabalhadores para o trabalhador? - A questão é menos paradoxal do que parece, e eu não encontrei nenhuma resposta para ele nas apreciações trabalhistas para o futuro. Este é um outro tema para o seu simpósio.²³⁵ (Koestler, 1947, p.145)

Aqui Koestler faz referência ao Simpósio “The Future of Socialism” - uma série de artigos assinados por autores diferentes que deveria discutir, com o título deixa claro, o “futuro do socialismo” no contexto pós-Segunda Guerra Mundial. O primeiro artigo é então assinado por Sidney Hook, sob o título, “The Future of Socialism” e é publicado na *Partisan Review*, vol.14, n.1, Inverno de 1947. Seguido pelo artigo de Granville Hicks, “The Future of Socialism II: On Attitudes and Ideas” na *PR* Vol.14, n.2, Setembro de 1947 (mesmo momento em que Koestler começa a assinar as *London Letters*). O terceiro artigo do Simpósio aparece na *PR* Vol.14, n.3, Verão de 1947,

²³⁴ Aqui Koestler cita uma crítica do periódico socialista *Tribune* à greve de nove dias do sindicatos dos trabalhadores do transporte, que obrigara o governo a colocar o exército para garantir a distribuição de comida em Londres. Koestler cita o seguinte trecho do artigo no *Tribune*: “(...) *The leads of this mammoth union Weir clearly out of touch with the men they were supposed to represent. They seemed to know next to nothing of the mood of their members. So great is the gulf that has developed between the central executive and the rank and file, that both have come to obey different impulses...*” (*Tribune*, s.d. Apud Koestler, 1947,p.144) E Koestler continua, comentando a citação: “(...) *I quote it to show you how generally it is realized among clear-sighted Labor politicians that the trade unions have become the most awkward problem of the socialist future. For it is August mathematically predictable that a nationalization and planning progress, and as the uniões become more and more absorbed into semigovernmental, managerial functions, the strangement between their bureaucracy and the working masses will become even greater.*” (KOESTLER, 1947,p.144)

²³⁵ “(...)That is what happened in Russia, where the worker is once more as helpless as he was in pre-Tolpuddle days. Who is going to Project the workers in the Worker’s State? - The question is less paradoxical than its sounds, and I have found no answer to it in Labor’s blueprints of the future. Thats another one for your symposium.” (KOESTLER, 1947,p.145)

assinado por Arthur Schlesinger Jr., sob o título, “The Future of Socialism III: The Perspective Now”. O quarto artigo do Simpósio seria assinado por George Orwell, sob o título, “The Future of Socialism IV: Toward European Unity.” e seria publica na PR vol.14, n.4, Fall 1947. Já o quinto artigo do Simpósio seria assinado por Victor Serge, sob o título “The Future of Socialism V: The Socialist Imperative”, e seria publicado na PR vol.14, n.5, dezembro de 1947.

Na sua contribuição, Orwell abre este que é o quarto texto da série de artigo “The Future of Socialism”, comparando o socialista com um médico: um socialista, à época, era uma espécie de médico tratando um caso perdido – a mesma análise proposta por Koestler. “Como médico”, continua ele, “tem-se o dever de manter o paciente vivo e ao menos assumir que o paciente tem alguma chance de viver.” “Como cientista, tem-se que encarar os fatos e, em algum momento, admitir que o paciente pode morrer.” Sobre o socialismo, a condição era semelhante: “Nossa atividade como socialistas, só tem sentido se assumirmos que o socialismo pode ser implantado, mas se pararmos de considerar o que pode acontecer, então, temos que admitir, às chances estão contra nós.” (ORWELL, 1947, p.346)

Orwell passa então a enxergar algumas possibilidade para o caminhar da situação europeia naquele momento. A primeira delas, era de que os estadunidenses usariam a bomba atômica enquanto os russos ainda não a tivessem. E continua:

(...) Isso iria acabar com o perigo particular, que agora é apresentada pela URSS, mas levaria ao surgimento de novos impérios, rivalidades renovadas, mais guerras, mais bombas atômicas, etc. Em qualquer caso, este é, penso eu, o resultado menos provável dos três, porque a guerra preventiva é um crime que não é facilmente cometida por um país que conserva vestígios de democracia²³⁶. (Orwell, 1947, p.346)

A segunda possibilidade para o desenrolar da situação política, segundo Orwell, era de que a “guerra fria” continuaria até que a URSS e outros países desenvolvessem a bomba atômica. O resultado de uma catástrofe nuclear seria a aniquilação da civilização, restando poucas dezenas de milhões de pessoas cujo conhecimento técnico não passaria “da capacidade de derreter metais”. (ORWELL, 1947, p.346)

A terceira possibilidade que Orwell aponta, é de que o medo da catástrofe atômica seria tão grande que brecaria qualquer ensejo de utilização desse armamento. E sobre o resultado disso Orwell escreve o seguinte:

²³⁶ “(...) It would do away with the particular danger that is now presented by the USSR, but would lead to the rise of new empires, fresh rivalries, more wars, more atomic bombs, etc. In any case this is, I think, the least likely outcome of the three, because preventive war is a crime not easily committed by a country that retains any traces of democracy.” (ORWELL, 1947, p.346)

(...) Isso me parece a pior possibilidade de todas. Isso significaria a divisão do mundo em dois ou três super-estados, incapazes de consolar um ao outro e incapaz de ser derrubada por qualquer rebelião interna. Com toda a probabilidade a sua estrutura seria hierarquica, com uma casta semi divina no topo e escravos na base, e o esmagamento de liberdade seria superior a qualquer coisa que o mundo já viu. Dentro de cada Estado a atmosfera psicológica necessária seria mantida por um desligamento completo do mundo exterior, e por uma falsa guerra contínua contra os Estados rivais. Civilizações deste tipo podem permanecer estados por milhares de anos.²³⁷ (Orwell, 1947, p.347)

Como se vê, esse é o imaginário que Orwell instrumentalizaria, pouco depois, no 1984: um mundo dividido em supergrandes potências autoritárias, controlando suas populações sob um estado de guerra total permanente.

O único caminho, segundo Orwell, para evitar que a situação internacional atingisse esses níveis de insanidade, seria contrapor as políticas contemporâneas com uma comunidade internacional, “[...] *were are relatively free and happy and were the main motive in life is not the pursuit of money and power.*” E continua:

(...) Em outras palavras, o socialismo democrático deve ser feito para funcionar ao longo de algumas grandes áreas. Mas a única área em que poderia concebivelmente ser posta em prática, em qualquer futuro próximo, é a Europa Ocidental. Além da Austrália e Nova Zelândia, a tradição do socialismo democrático só existe - e apenas existe precariamente - na Escandinávia, Alemanha, Áustria, República Checa e a Eslováquia, Suíça, Países Baixos, França, Grã-Bretanha, Espanha, e Itália. Só nesses países ainda há grande número de povos para quem a palavra "socialismo" tem algum sentido e para os quais ele está ligado com a liberdade, a igualdade, e o internacionalismo.²³⁸ (Orwell, 1947, p.347)

Veja que Orwell faz um esforço grande para, concentrando geograficamente nessa área que ele delimita as possibilidades de desenvolvimento do que ele chama de “socialismo democrático”, excluir a porção do planeta da influência soviética. Daí a exclusão da Rússia e dos países satélites do leste europeu, tanto quanto da China e, inclusive os EUA. E Orwell então continua, tratando

²³⁷ “(...) This seems to me the worst possibility of all. It would mean the divisem of the world among two or three vast superstates, unable to console one another and unable to be overthrow by any internal rebellion. In all probability their structure would be hierarquia, with semi divine caste at the top and outright slavery at botton, and the crushing out of liberty would exceed anything that the world has yet seen. Within each state the necessary psychological atmosfera would be kept up by complete serve rance from the outer world, and by a continuous phony war against rival states. Civilizations of this type might remain states for thousand of years.” (ORWELL, 1947,p.347)

²³⁸ “(...) In other words, democratic socialism must be made to work throughout some large áreas. But the only área in which it could conceivably be made to work, in any near future, is Western Europe. Apart from Australia and New Zealand, the tradition of democratic socialism can only be said to exist - and even there is only exists precariously - in Scandinavia, Germany, Austria, Czech-Slovakia, Switzerland, the Low Countries, France, Britain, Spain, and Italy. Only in those countries are there still large number of peoples to whom the word “socialism” has some appeal and for whom it is bound up with liberty, equality, and internationalism.” (ORWELL, 1947,p.347)

dessas exceções;

(...) Em outros lugares isso não tem nenhum ponto de apoio ou significa algo diferente. Na América do Norte as massas estão contentes com o capitalismo, e não se pode dizer que vai acontecer quando o capitalismo começar colapsar. Na URSS, prevalece uma espécie de coletivismo oligárquico que só poderia evoluir para o socialismo democrático, contra a vontade da minoria dominante. Na Ásia, mesmo a palavra "socialismo" tem sentido difuso. Os movimentos nacionalistas asiáticos não são nem fascistas em caráter, ou eles olham para Moscou, ou conseguem combinar as duas atitudes: e, atualmente, todos os movimentos entre os povos de cor são tingidos pelo misticismo racial. Na maior parte da América do Sul a posição é essencialmente similar, assim é na África e Oriente Médio. O socialismo não existe em qualquer lugar, mas mesmo como na idéia de que é atualmente válida somente na Europa.²³⁹ (Orwell, 1947, p.348)

Por essa razão Orwell entendia a importância da Europa ocidental em um processo de expansão do socialismo democrático ao redor do mundo. Assim ele continua no mesmo parágrafo:

(...) É claro que o socialismo não pode propriamente ser estabelecido até que seja em todo o mundo, mas o processo deve começar em algum lugar, e eu não posso imaginar que comece a não ser através da federação dos estados ocidentais, transformado em repúblicas socialistas sem dependências coloniais. Portanto, um Estado socialista Unido da Europa parece-me o objetivo político do momento. Tal federação conteria cerca de 250 milhões de pessoas, incluindo talvez metade dos trabalhadores industriais qualificados do mundo. Eu não preciso dizer que as dificuldades de construir tal coisa seriam enormes [...]. Mas é preciso dizer que sua natureza é impossível, ou que países tão diferentes um do outro não se uniriam voluntariamente. A União da Europa Ocidental é em si uma concatenação menos improvável do que a União Soviética e do Império Britânico.²⁴⁰ (Orwell, 1947, p.248)

Como se pode ver, há aqui uma reflexão rudimentar do que viria a se desenhar na proposta

²³⁹ "(...) Elsewhere it neither has no foothold or it means something different. In North America the masses are contented with capitalism, and cannot tell what turn they will take when capitalism begins collapse. In the USSR, there prevails a sort of oligarchical collectivism which could only develop into democratic socialism against the will of the ruling minority. Into Asia even the word "socialism" has barely penetrated. The asiatic nationalist movements are neither fascist in caráter, or look to Moscow, or manage to combine both attitudes: and at present all movements among the colored peoples are tinged by racial mysticism. In most South America the position is essentially similar, so is it in Africa and Middle East. Socialism does not exist in anywhere, but even as an idea it is at present valid only in Europe." (ORWELL, 1947, p.348)

²⁴⁰ "(...) Of course, socialism cannot properly be said to be established until it is world-wide, by the process must begin somewhere, and I cannot imagine it begins except through the federation of the western states, transformed into socialist republics without colonial dependencies. Therefore a socialist United States of Europe seems to me the only worthwhile political objective today. Such a federation would contain about 250 million people, including perhaps half the skilled industrial workers of the world. I do not need to be told that the difficulties of bringing any such thing into being are enormous and terrifying [...]. But we ought not to feel that it is of its nature impossible, or that countries so different from one another would not voluntarily unite. A western European union is in itself a less improbable concatenation than the Soviet Union and the British Empire." (ORWELL, 1947, p.248)

de constituição de uma comunidade econômica europeia com o tratado de Roma, em 1957, que, derrubou barreiras alfandegárias entre Holanda, Bélgica, Itália, França, Luxemburgo e a Alemanha ocidental. A grande diferença é que Orwell concebe esse projeto sob a expansão internacional do socialismo democrático.

No entanto, lembra Orwell, havia problemas no horizonte para a construção de uma unidade política europeia, especialmente no tocante as relações econômicas que, para manter o padrão de vida das sociedades europeias, se distanciava, segundo Orwell, de um “verdadeiro socialismo”. Na sequência do artigo então, Orwell listará os problemas que ele entendia centrais naquele momento quanto a formação de uma unidade europeia continental. Em primeiro lugar, aponta, havia os entraves causados pela “hostilidade da URSS “. Segundo Orwell,

(...) Os russos não podem deixar de ser hostis a qualquer união Europeia que não esteja sob seu próprio controle. As razões, tanto prováveis como reais, são óbvias. Tem-se que ter em conta, portanto, o perigo de uma guerra preventiva, o terrorismo sistemático das nações, e a sabotagem dos partidos comunistas em todos os lugares. Acima de tudo há o perigo de que as massas europeias continuarão a acreditar no mito russo. Contanto que eles acreditam que, a ideia de uma Europa socialista não será suficientemente magnética para unir o esforço necessário.²⁴¹ (Orwell, 1947, p.348)

Na sequência, Orwell lista como grande entrave para a construção da unidade continental europeia, os EUA e a “american hostility “. Sobre o qual escreve o seguinte:

(...) Se os Estados Unidos permanece capitalista, e especial se ele precisa de mercados para as exportações, não se pode considerar uma Europa socialista com um olhar amigável. Sem dúvida, é menos provável do que a URSS a intervir com força bruta, mas o racha americano é fator importante porque pode ser exercida mais facilmente na Grã-Bretanha, o único país na Europa que está fora da órbita russa.²⁴² (Orwell, 1947, p.348)

E, lembra Orwell, a Grã-Bretanha era atraída para dentro dos interesses estadunidenses diante da perda de preponderância imperial no pós-guerra e a contração das dívidas no processo de reconstrução - tudo isso em um contexto anterior ao Plano Marshall que tornaria a Europa ocidental

²⁴¹ “(...) The Russians cannot but be hostile to any European union not under their own control. The reasons, both the pretended and the real one, are obvious. One has to count, therefore, with the danger of a preventive war, with the systematic terrorism of the smaller nations, and with the sabotage of the Communist parties everywhere. Above all there is the danger that the European masses will continue to believe in the Russian myth. As long as they believe it, the idea of a socialist Europe will not be sufficiently magnetic to call forth the necessary effort.” (ORWELL, 1947,p.348)

²⁴² “(...) If the United States remains capitalist, and especial if it needs markets for exports, it cannot regard a socialist Europe with a friendly eye. No doubt it is less likely than the USSR to intervene with brute force, but American fissure is an important factor because it can be exerted most easily on Britain, the one country in Europe which is outside the Russian orbit.” (ORWELL, 1947,p.348)

ainda mais dependente dos eixos centrais da política externa dos EUA e seus interesses na Europa.

Orwell escreve sobre isso o seguinte:

(...) Desde 1940 a Grã-Bretanha manteve seus pés contra os ditadores europeus às custas de se tornar uma dependência dos EUA. Na verdade, a Grã-Bretanha só pode ficar livre da América na tentativa de ser um poder extra-europeu. Seus domínios anglófonos, as dependências coloniais, exceto talvez na África, e mesmo os suprimentos britânicos de petróleo, estão todas em mãos americanas. Portanto há sempre o perigo de que os Estados Unidos vão quebrar qualquer coligação europeia, chamando a Grã-Bretanha para fora dele.²⁴³ (Orwell, 1947, pp.348-9)

O terceiro grande fator que brecava a construção de uma unidade europeia, segundo Orwell, era o imperialismo. Sobre a exploração imperialista e sua relação com a construção de uma unidade europeia socialista, Orwell é taxativo ao afirmar que:

(...) Os cidadãos europeus, e especial os britânicos, há muito tempo atribuem se alto padrão de vida a exploração indireta dos povos de cor. Essa relação nunca foi esclarecido pela propaganda socialista oficial, e ao trabalhador britânico em vez de ser dito que, pelos padrões mundiais, ele está vivendo acima de sua renda, tem sido ensinados a pensar em si mesmo como, um escravo oprimido subempregado. Para as massas em todos os lugares o "socialismo" significa, ou pelo deveria estar associado, a salários mais altos, horas mais curtas, melhores casas, seguro social, etc, etc .. Mas de nenhuma maneira podemos pagar essas coisas a partir da exploração colonial. [...] Os países europeus devem deixar de explorar no exterior para que possam construir o verdadeiro socialismo em casa. (Orwell, 1947, p.349)

E isso passava, necessariamente, pela dissolução do Império britânico:

(...) O primeiro passo para uma federação socialista europeia é os britânicos saírem Índia. Mas esta é outra coisa implica. Se os Estados Unidos da Europa é auto-suficiente e ser capaz de se manter por conta própria contra a Rússia e América, ele deve incluir a África e o Oriente Médio. Mas isso significa que a posição dos povos locais nesses países deve ser reconhecida – o Marrocos vs Nigéria ou Abissínia devem deixar de ser colônias ou semi-colônias e tornar-se repúblicas autónomas em uma completa igualdade com

²⁴³ "(...) Since 1940 Britain has kept its feet against the European dictators at the expenses of becoming August a dependency of the USA. Indeed, Britain can only get free of America by doping the attempt to be an extra-European power. The english-speaking Dominios, the colonial dependencies, except perhaps in Africa, and even Britain's supplies of oil, are all host ages in American hands. Therefore there is always teh danger that the United States will break up any European coalition by drawing Britain out of it." (ORWELL, 1947, pp.348-9)

os povos europeus.²⁴⁴ (Orwell, 1947, p.349)

Orwell não esperava, contudo, que a Europa abrisse mão de suas colônias, nem que para isso tivesse que se subjuguar aos interesses dos EUA:

(...) Este é um entrave que não pode ser resolvido facilmente sem derramamento de sangue. Quando a hora chegar, as forças do imperialismo se tornarão extremamente tensas, e o trabalhador britânico, se ele foi ensinado a pensar o socialismo em termos materialistas, pode vir a decidir que é melhor permanecer uma potência imperial em detrimento de tocar violino da América. Em vários graus todos os povos europeus, pelo menos aqueles que estão a formar parte da união proposita, enfrentaram a mesma escolha.²⁴⁵ (Orwell, 1947, p.349)

Havia ainda um outro componente problemático no jogo político internacional que inviabilizava a constituição de uma unidade europeia: a Igreja católica. Orwell argumenta então sobre as características centralizadoras da Igreja Católica que, para manter seu status quo de poder, inviabilizaria a organização de uma unidade europeia sob o socialismo democrático:

[...] A Igreja fará todo o esforço para capturar e esterilizar qualquer movimento com o objetivo de unidade europeia. A coisa perigosa sobre a Igreja é que ela não é reacionária no sentido comum. Ela não está vinculada a um capitalismo laissez-faire ou para o sistema de classes existente, e não necessariamente perecerá com eles. Ela é perfeitamente capaz de chegar a um acordo com o socialismo, ou parecer fazê-lo, desde que o seu própria posição seja salvaguardada. Mas se for permitido a ela sobreviver como uma organização poderosa, ela fará o estabelecimento do verdadeiro algo impossível, pois sua influência é e sempre será contra a liberdade de pensamento e de expressão, contra a igualdade humana, e contra qualquer forma de sociedade que tende a promover felicidade terrena.²⁴⁶ (Orwell, 1947, p.350)

²⁴⁴ "(...) The first step toward a European socialist federation is for the British to get out of India. But this is entails something else. If the United States of Europe is to be self-sufficient and be able to hold its own against Russia and America, it must include Africa and the Middle East. But that means that the position of the indigenous people in those countries must be changed out of recognition - the Morocco vs Nigeria or Abyssinia must cease to be colonies or semi colonies and become autonomous republics on a complete equality with the European peoples." (ORWELL, 1947, p.349)

²⁴⁵ "(...) This entails a vast change of Outlook and a bitter, complex struggle which is not Likely to be settled without bloodshed. When the pinch comes the forces of imperialism will turn out to be extremely strong, and the British worker, if he has been taught to think of socialism in materialistic terms, may ultimately decide that is better to remain an imperial power at the expense of playing second fiddle to America. In varying degrees all the European peoples, at any rate those who are to form part of the proposed union, will be faced the same choice." (ORWELL, 1947, p.349)

²⁴⁶ "[...] The Church Will make every effort to capture and sterilize any movement aiming at European Unity. The dangerous thing about the Church is that it is not reactionary in the ordinary sense. It is not tied to laissez-faire capitalism or to the existing class system, and Will not necessarily perish with them. It is perfectly capable of coming to terms with socialism, or appearing to do so, provided that its own position is safeguarded. But if it is allowed to survive as a powerful organization, it Will make the establishment of true socialism impossible, because its influence is and always must be against freedom of thought and speech, against human equality, and against any form of society tending to promote earthly happiness." (ORWELL, 1947, p.350)

Na sequência, Orwell volta a insistir que, em sua análise, a necessidade de liberação das colônias europeias era peça fundamental na construção - ou na expansão, nesse caso - de governo(s) socialista(s) democrático(s) ao redor do mundo e que, se a Grã-Bretanha aderisse, poderia transformar o império britânico em um conjunto de repúblicas sob a bandeira do socialismo democrático:

[...] Eu acreditava que seria possível transformar o Império Britânico em uma federação de repúblicas socialistas, mas essa oportunidade jamais existiu, e nós perdemos a chance de libertar a Índia, e por nossa atitude para com os povos de cor em geral. Pode ser que a Europa esteja a terminar e que, a longo prazo alguma forma melhor de sociedade surgirá na Índia ou na China. Mas eu acredito que é apenas na Europa, se em qualquer lugar, que o socialismo democrático poderia ser realizado em curto espaço de tempo para evitar novas bombas atômicas.²⁴⁷ (Orwell, 1947, p.349)

O desenvolvimento concreto dessa proposta de união sob o socialismo democrático, uma vez mais, reforça Orwell, esbarrava no próprio contexto geopolítico internacional. De um lado, Orwell não acreditava, que outra guerra massiva envolvendo milhões de homens pudesse acontecer num futuro próximo. O que poderia ocorrer eram guerras “de lançamento de foguetes”, já que “no presente qualquer grande exército seria simplesmente derretido”. Por outro lado, persistiam os entraves políticos locais, especialmente nos dois grandes Estados que emergiram da Segunda Guerra Mundial como as duas superpotências internacionais, os EUA e a URSS. Na Inglaterra, afirma Orwell, era comum dizer que os EUA eram um país “capitalistic”, no sentido de que o regime político e econômico ali era inalterável, “como uma característica racial como a cor dos olhos ou do cabelo.” Contudo, escreve Orwell, “(...) *but in fact it cannot be unalterable, since capitalism itself has manifestly no future, and we cannot be sure in advance that the next change in the United States will not be a change for the better.*” (ORWELL, 1947, p.351)

No outro país, a Rússia, a demanda por liberdades individuais, no sentido liberal-ocidental do termo empregado por Orwell, parecia, segundo ele, ser o caminho que levaria a população a, em algum momento, se mobilizar contra o stalinismo. Sobre isso Orwell escreve o seguinte:

[...] Por tudo que sabemos sobre a tendência de uma geração para rejeitar as idéias da geração passada é uma característica humana permanente que até mesmo o NKVD não será capaz de erradicar. Nesse caso, pode ser por volta de 1960, milhões de Jovem que estaram entediadas pela ditadura e desfiles legalistas, ávidos por mais liberdade, e amigáveis em sua atitude em relação

²⁴⁷ “[...] I believed that it might be possible to form a British Empire into a federation of socialists republics, but if that chance ever existed , we lost it by feeling to liberate India, and by our attitude toward the colored peoples generally. It may be that Europe is finished and that in the long run some better form of society will arise in India or China. But I believe that is Orly in Europe, if anywhere, that democratic socialism could be made a reality in short time to prevent the dropping of the atom bombs.” (ORWELL, 1947,p.349)

ao Ocidente.²⁴⁸ (Orwell, 1947, p.351)

Veja que aqui Orwell, brincando de futurista, prevê eventos como, por exemplo, a Primavera de Praga, que, ao longo do final da década de 1950, cresceriam nos países satélites da URSS em prol da abertura dos regimes locais. E como essa previsão foi possível? Simplesmente porque, além de observador político atento e arguto comentarista, como se diria nos dias atuais, “em cima do fato”, Orwell produziu ao longo dos anos, como vimos até aqui, uma vasta quantidade de artigos e análises para diversos periódicos dentro e fora da Inglaterra sobre o desenrolar dos acontecimentos no correr do final da Segunda Guerra mundial: desde a dissolução dos primeiros campos de concentração na Alemanha, passando pela Conferência de Teerã, que basicamente dividiu o mundo no que viria a dar sentido à Guerra Fria, até os bombardeios atômicos em Hiroshima e Nagasaki e seus efeitos para o mundo. Tudo isso, sem se esquivar, ao mesmo tempo, de continuar suas análises críticas sobre a política britânica, soviética e estadunidense. Essa massa de trabalhos críticos produzidos por Orwell nos últimos anos da guerra e no imediato pós-guerra, permitiu a ele construir um apanhado crítico minucioso sobre o desenrolar dos acontecimentos que, como quebra-cabeças, poderiam ser remontados se analisados de maneira não ortodoxa.

Não era nova, por exemplo, a constatação de que o regime soviético era autoritário e expandia esse autoritarismo para além de suas fronteiras. Orwell já havia visto isso na Espanha, durante a Guerra Civil, quando os comunistas suprimiram sua dissidência em Barcelona pelo controle diretivo das brigadas populares na luta contra Franco. Não era novo, muito menos, o crescimento da influência dos EUA sobre o mundo, já que ao longo da Segunda Guerra, o país não apenas aumentou sua influência econômica sobre os países europeus, contraindo dividendos que os manteria subjugados aos interesses dos estadunidenses por décadas, espalhou seu exército mundo afora, aumentando em escala global suas zonas de influência. E não era nova a ideia de que o mundo seria “dividido” entre EUA e URSS com o fim da guerra, já que a Conferência de Teerã praticamente selou a divisão da Europa em dois lados, um soviético e outro entre EUA, França e Inglaterra, tendo a divisão da Alemanha servido como fronteira política. Perceber o desenrolar dos fatos era então questão de colocar as peças do quebra-cabeça em seus devidos lugares.

E, uma vez mais, como já disse aqui, esse contexto internacional é a base que seria instrumentalizada mais tarde no último grande romance de Orwell, o 1984. Ali, contudo, esse contexto é mergulhado no pessimismo do final da vida de Orwell, já mortalmente acometido pela doença grave que, pouco depois, em janeiro de 1950, findaria sua vida em Londres.

²⁴⁸ “[...] for all we know the tendency of one generation to reject the ideas of the last is an abiding human characteristic which even the NKVD will be unable to eradicate. In that case there may by 1960 be millions of Young robins who are bored by dictatorship and loyalist parades, eager for more freedom, and friendly in their attitude toward the West.” (ORWELL, 1947, p.351)

De volta a London Letter de Koestler. Na sua segunda carta, publicada na PR vol.15, n.1, janeiro de 1948, Koestler voltará ao tema do governo socialista na Inglaterra. O caso, dessa vez, foi a proposta de abolição temporária do transporte individual (carros particulares) por conta do racionamento do petróleo, baseado na ideia de realocar os gastos públicos com a importação petrolífera para outras demandas nacionais. A discussão de Koestler nesta London Letter se refere às políticas de austeridade do pós-guerra levadas à cabo pelo governo trabalhista em meio a reconstrução da economia local. A política de austeridade que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, com a realocação de recursos financeiros do Estado em áreas fundamentais da economia, os racionamentos de energia e comida, etc., antecederam o Plano Marshall, assinado em abril de 1948.

Como já se pôde ver, as London Letter assinadas por Koestler seriam então cronistas da fase mais dura dos anos de austeridade do pós-guerra, iniciados simultaneamente com a vitória Aliada e a eleição do Labor Party, em 1945. E aqui há uma apreciação interessante de Koestler sobre os sentimentos do “homem comum” em relação às políticas de austeridade impostas pelo governo trabalhista nos anos do pós-Segunda Guerra Mundial:

Politicamente, a abolição do automobilismo privado parece à primeira vista como uma medida de ultra-esquerda. Numa altura em que a principal fornecedor de calorias do trabalhador médio que enche suas barrigas foi racionado para uma batata pequena por refeição ou uma batata grande por dia, algumas fatias de pão, duas fatias de bacon por semana, e assim por diante, demonstra que o argumento de atingir igualmente às classes ricas está sendo feita, privando-os de seus automóveis. Mesmo que o valor económico da medida seja duvidosa, ela vai erguer a moral dos homens.²⁴⁹ (Koestler, 1948, p.34)

Depois voltar a uma rápida descrição sobre a situação econômica interna britânica, baseada na análise entre as políticas necessárias de cortes de gastos afim de equilibrar a balança comercial interna e a satisfação imediata da população, Koestler alcança o ponto que parece central nesta carta para a PR e, segundo ele, o ponto central de uma economia socialista: os incentivos do Estado à economia interna. Ele então escreverá sobre isso o seguinte:

[...] Eu estou convencido de que o problema dos incentivos é o problema mais importante e mais difícil de uma economia socialista. Em outro lugar eu tentei mostrar que o colapso do socialismo na Rússia é principalmente devido à quebra dos incentivos revolucionários e a necessidade consequente

²⁴⁹ “Politically, the abolition of private motoring looks at first sight like an ultra-left measure. At a time when the working man’s main calorie-providing and belly-filling foodstuffs are rationed to one small potato per meal or one big potato per Day, a few slices of bread, two rashers of bacon per week, and so on, let us at lies, so the argument runs, demonstrate to the working class that we mean to hit the rich equally hard by depriving them of their motor cars. Even IF the economic value of the measure is dubious, it will lift the working man’s morale.” (KOESTLER, 1948,p.34)

de substituí-los pelos antigos incentivos – chauvinismo, pan-eslavismo, culto do líder, trabalho forçado, de supressão de greves, herança, privilégios de classe, etc. Para o socialismo britânico, que é reformista e gradualista, o problema dos incentivos se apresenta de uma forma diferente e não tão abertamente como foi o caso da revolução bolchevique; mas é igualmente decisivo para o seu sucesso ou fracasso. Como Trabalho dos sindicatos das indústrias nacionalizadas e controlados é incomparavelmente mais igualitário, democrático e economicamente "esquerdista" do que a política do regime de Stalin, ele pode não ter nenhum recurso diferenciado, privilégios stakhanovista, a exploração e terror que mantêm indústria soviética em curso. Também não se pode oferecer os incentivos capitalistas de melhoria de material, reforçados pelo medo do desemprego, que operam na indústria americana. Este é o objetivo real da socialdemocracia britânica - e do regime democrático social que, como tentei mostrar em minha primeira carta, deve herdar quase inevitavelmente países entregues pela ex-classe dominante em estado de falência virtual.²⁵⁰ (Koestler, 1948, p.36)

E aqui, Koestler volta à carga a ideia da necessidade de construção de um tipo de “cultura socialista” para construir o apoio popular necessário para a construção da economia socialista local:

(...) Só um esforço imaginativo excepcional poderia permitir que o governo trabalhista pudesse resolver este problema; a instalação de uma verdadeira consciência revolucionária nas massas; uma parcela muito maior da iniciativa e responsabilidade investida, não nos postos de trabalho; em conjunto com a organização dos clubes do trabalhador, campos de férias, e outras formas de recreação; em outras palavras, a estimulação da consciência política e a alegria da vida.²⁵¹ (Koestler, 1948, p.36)

Koestler vai lembrar ainda, como em sua primeira carta para a PR, que era de extrema necessidade para o governo socialista local romper com certas tradições culturais que davam estrutura à divisão de classes da sociedade britânica. E esse rompimento deveria simbolizar não

²⁵⁰ “[...] I am convinced that the problem of incentives is the most important and most difficult problem of a socialist economy. Elsewhere I have tried to show that the breakdown of socialism in Russia is primarily due to the breakdown of the revolutionary incentives and the consequent necessity of replacing them by the old incentives - chauvinism, pan slavism, leaderwhorship, forced labor, suppression of strikes, inheritance, class-privileges, etc. To British socialism, which is reformist and gradualist, the problem of incentives presents itself in a different form and not as overtly as was the case after a total bolshevik revolouteou; but is equally decisive for its sucess or failure. As Labour policy um the nationalized and controlled industries is incomparably more egalitarian, democratic, and economically “leftist” than the policy of the Stalin regime, it can have no recourse to the fantastic wage-differentiations, Stakhanovite privileges, exploitation, and terror which keep Soviet industry going. Nor can it offer the straight capitallist incentives of material betterment, reinforced by fear of unemployment, which operate in American industry. This is the real predictment of British social democracy - and of very social democratic regime which, as I tried to show in my first letter, must almost inevitably inherit countries handed over by the former ruling class in a state of virtual bankruptcy.” (KOESTLER, 1948,p.36)

²⁵¹ “(...) Only a exceptional imaginative effort could enable the Labour government to solve this problem; the instilling of a true revolutionary consciousness into the masses; a much greater share of initiative and responsibility invested, not in the workshops; together with the organization of worker’s clubs, Holiday camps, and other forms of recreation; in other words, the stimulation of political consciousness and joy of life.” (KOESTLER, 1948,p.36)

apenas a reinvenção das relações produtivas, mas do *modus vivendi* que tornava a sociedade britânica estática:

[...] Um governo socialista não pode escapar a escolha fatal tanto para quebrar o poder das velhas classes dominantes, ou para chegar a um *modus vivendi* com eles. Cada movimento social-democrata na Europa, que chegou ao poder desde 1918 tentou fugir desta escolha, e cada um foi vítima de sua tentativa fugir dessa escolha. Pode-se argumentar contra isso que a história social britânica é uma sucessão única. Mas os fatores geográficos, políticos e psicológicos que são responsáveis por este desenvolvimento deixaram de existir, e a crença na capacidade de cura do "compromisso britânico" - entre os mineiros de carvão e da cidade, entre o internacionalismo e do Foreign Office - é uma mescla de crença no valor imutável do encorajado, e remédios caseiros em relação às nuvens radioativas.²⁵² (Koestler, 1948, p.37)

E continua, de maneira muitíssimo atual, tratando da relação entre medidas reformistas e ideias socialistas:

O dilema de como lidar com o Touro sem recorrer a meios radicais é inerente ao dilema do reformismo social-democrata. A este respeito, a situação do trabalhismo britânico é meramente um exemplo particular da situação do socialismo democrático em geral, e da política de confusão que o Governo enfrenta como consequência da inadequação da própria doutrina socialista. Mas nenhuma desculpa pode usada no tratamento da pequena burguesia - o lojista, artesão, pequeno empresário, trabalhador de colarinho branco. Os requisitos da política socialista para com esta massa amorfa, politicamente oportunista, com seu decisivo "voto flutuante", são claras e inequívocas: ela tem que ser vencida, trazida para o lado do povo a que pertencem. Experimentos tanto no continente e no país provou que só a classe operária industrial, sem o apoio da classe média, não pode nem obter uma maioria parlamentar estável, nem o ambiente favorável necessário das ruas; ele não pode governar.²⁵³ (Koestler, 1948, p.37)

²⁵² “[...] a socialist government cannot scape the fatal choice either to break the Power of the old ruling classes, or to come to a *modus vivendi* with them. Every single social-democratic movement in Europe which has come to power since 1918 has tried to evade this choice, and each fell victim to its attempt at evasion. It can be argued against this that British social history is a succession of unique compromises. But the geographical, political, and psychological factors which account for this development have ceased to exist, and the belief in the miraculous healing Power of the “British compromise” - between the coal miners and the City, between internationalism and the Foreign Office - is on a par with the belief in the unchangeable value of Dreadnoughts, and a homemade herbal cures against radioactive clouds.” (KOESTLER, 1948,p.37)

²⁵³ “The dilemma of how to deal with the Bull without resorting to radical means is inherent in the dilemma of social-democratic reformism. In this respect, the predicament of British Labour is merely a particular example of the predicament of democratic socialism in general, and the muddle policy of the Government may partly be regarded as a consequence of the inadequacy and datedness of socialist doctrine itself. But no such excuse can be claimed for the treatment of the petite bourgeoisie - the storekeeper, artisan, small businessman, White-collar worker. The requirements of socialist policy towards this amorphous, politically opportunistic mass, with its decisive “floating vote”, are clear and unambiguous: they have to be won, brought over to the side of the People, to which they belong. Experience both on the Continent and in this country has proved that the industrial working class alone, without middle-class support, can neither obtain a stable parliamentary majority, nor the necessary favorable ambience of the streets; it cannot govern.” (KOESTLER, 1948,p.37)

Quer dizer, o foco de Koestler nessa sua segunda London Letter são os dilemas de governabilidade do Labor Party em meio ao período de recessão do pós-guerra, antes do advento do Plano Marshall, que inundou a economia britânica com milhões de dólares e ajudou a reaquecer a produção industrial nacional, mas cujos efeitos só começariam a ser sentidos nos primeiros anos da década de 1950.

Koestler fecha essa edição de sua London Letter, assumindo a importância do então governo trabalhista britânico não apenas para o país, mas para os horizontes do socialismo no continente (entendendo então a experiência britânica como um contraponto democrático à URSS sob o stalinismo):

(...) A vitória do Partido Trabalhista britânico foi a última chance do movimento social-democrata em nosso tempo; se for perdido, isso significa que um Tory inglês aliada a um gaullista frances, para melhor ou pior, resolver o problema europeu que o socialismo tem sido incapaz de resolver.²⁵⁴ (Koestler, 1948, p.39)

Koestler ficou à frente das London Letters em apenas duas edições. Depois dele, finalmente assumiria a seção Humphrey Slater, que havia sido recomendado por Orwell para substituí-lo, já em 1946. A primeira das London Letters de Slater aparece por fim na PR Vol.15, n.7, Julho de 1948. Em sua carta, Slater deixa de lado a profundidade de Koestler para tratar dos temas políticos em torno do clima de Londres nos anos de austeridade do Plano Marshall. Abandona ainda a minúcia descritiva de Orwell. Seu voo é panorâmico e toca pouco nos detalhes ressaltados por seus antecessores. Slater dará a notícia, porém, do novo livro de Orwell que estaria por sair em breve - fazendo referência então ao 1984. E classifica-o como o romance mais instigante de Orwell até então.

Sobre as questões políticas, Slater dará conta de um pronunciamento de Clement Attlee contra o comunismo soviético, afirmando, segundo as palavras de Slater, que os comunistas não eram socialistas de esquerda, mas reacionários extremistas e que deveria ser tratados mais como fascistas do que dissidentes trabalhistas. Slater parece, contudo, notar (e suportar) uma “virada conservadora” dentro das políticas do Labor Party diante de uma ascensão comunista na Europa, Slater escreverá sobre isso:

(...) Muitas pessoas na Inglaterra são agora menos seguras do que costumavam ser quanto a necessidade da liberdade de expressão e

²⁵⁴ “(...) The British Labour victory was the last chance of the social democratic movement in our time; if it is lost, it means that a Tory England allied to a Gaullist France Will, for better or worse, tackle the European problem which socialism has been unable to solve.” (KOESTLER, 1948,p.39)

associação para aqueles que, como os comunistas, por exemplo, pretendem usar essa liberdade para estabelecer uma ditadura. Sobre o forte argumento (fraco como é) contra a ilegalização do Partido Comunista é que é mais seguro para evitar os conspiradores subterrâneos. Durante os últimos meses, o número tem vindo a aumentar daqueles que consideram este argumento inválido porque, de fato, há uma proporção importante dos comunistas que já estão nessas condições. Esta discussão tem sido estimulado pelos resultados das eleições italianas. Enquanto não há uma sensação de alívio no semi-fracasso dos comunistas, é mais evidente do que nunca que, enquanto os stalinistas são capazes de competir pelo poder em parlamentos democráticos, cedo ou tarde, eles podem ganhar o ministérios cruciais da guerra e do interior. A história recente da Europa mostra que é preciso um tempo muito curto após esta etapa para o Politburo se estabelecer²⁵⁵. (SLATER, 1948, p.811)

²⁵⁵ "(...) Many people in England are now less sure than they used to be that it is necessary to give freedom of speech and association to those, such as the Communists for instance, who intend to use this freedom to establish a dictatorship. About the strongest argument (weak as it is) against outlawing the Communist Party is that it is safer not to drive the conspirators underground. During the last few months the number has been increasing of those who consider this argument invalid because in fact a important proportion of the CP has already submerged. This discussion has been stimulated by the results of the Italian elections. While there is a sense of relief at the semi-failure of the Communists, it is more obvious than ever that as long as the Stalinists are able to compete for Power in democratic parliaments they have always a chance, sooner or later, of gaining the crucial ministries of war and the interior. The recent history of Europe shows that it takes a very short time after this stage for the Politburo to move in." (SLATER, 1948,p.811)

Conclusão

Segundo William Phillips em sua autobiografia publicada em 1980 que, em grande parte, é uma espécie de autópsia (sob seu ponto de vista particular, é claro) da própria Partisan Review e seu círculo intelectual, os anos de 1940 representaram uma cisão, tanto política quanto estética, em relação aquilo que a década anterior havia estabelecido como caminho de reflexão e ação para os intelectuais de sua. Adicionado a isso, havia a interação com outras figuras intelectuais, que viam o mundo e interagiam com ele, de maneira completamente diferente da geração que os precedera. As motivações, no entanto, continuavam similarmente as mesmas: o entorno social em que estavam envolvidos. (PHILLIPS, 1983, p.94)

Para as revistas culturais/intelectuais, a atmosfera dos anos de 1940, representação uma espécie de “historização” daquilo que havia antes surgido como experimentação do modernismo. (PHILLIPS, 1983, p.95)

Na Partisan Review, a transição de um período (“crítico”) puramente “social” para um período comercial, com a expansão dos mass-media, por exemplo, e as tentativas de manutenção de uma arte não contaminada pela comercialização da cultura, também estava inserida num debate entre a manutenção de uma ideia de “arte pela arte” versus uma arte crítica da sociedade sem, no entanto, cair nas armadilhas do Marxismo vulgar que, por exemplo, havia recusado completamente o modernismo na década de 1930. – e isso não apenas na literatura, como Phillips vai ressaltar. Sobre esses aspectos que transformaram a década de 1940 num momento de transição, Phillips escreve:

Talvez o elemento mais forte da Partisan Review tenha sido sua crítica cultural e literária, com ênfase, particularmente na década de 1940, nas relações sociais em detrimento do sentido do texto. Um núcleo menor, que incluía Rahv e eu mesmo, estava interessado e deter algum tipo de comprometimento com os métodos e insights que o Marxismo trouxe para as artes e incorporando-os em uma tradição estabelecida de crítica. Isso significou, claro, o abandono de versões dogmáticas e estreitas do Marxismo da década de 1930. Também significava que uma abordagem histórica tinha que tomar conta do complexo e sutil, um pensamento emprestado, do trabalho crítico dos modernistas conservadores, como Eliot e Richards, e dos “Novos Critics”. Por tudo aquilo que o Marxismo havia feito para a ficção afim de destruir às tradições modernistas tinha como contraparte o total desconhecimento – ou ignorância – das conquistas modernas na filosofia, na crítica, na sociologia, que convenientemente era relegadas como ideologia burguesa.²⁵⁶ (PHILLIPS, 1983, p.97)

²⁵⁶ “Perhaps the strongest elements of Partisan Review had been its literary and cultural criticism, with emphasis, particularly in the forties, on the relation of social questions to matter of text. A small core, which included Rahv and myself, were interested in pursuing whatever seemed of value in the methods and insights that Marxism brought to the arts and incorporating them into the more established traditions of criticism. This meant, of course, abandoning the dogmatic and narrow versions of Marxism in the

Outro ponto interessante, é a relação da década de 1940 com a tradição – nesse caso modernista, segundo a fala de Phillips, mas que, como vimos ao longo deste trabalho, ser estendida como relação com a tradição crítica nacional. Ao mesmo tempo em que reconheceu o alargamento da crítica, forçado muitas vezes por uma reação à comercialização das artes, ao mass-media, ao declínio do Marxismo ortodoxo, etc. – a solidificação do anti-Stalinismo por um lado, e a ascensão de vertentes conservadoras entre liberais, por outro, Phillips denota uma fragmentação nas artes e na crítica suficiente para dar passos rumo ao que ele chama de “pluralismo contemporâneo” - e aqui leia-se o “contemporâneo” como sinônimo da década de 1980, quando ele escreve – identificando ali, a ascensão dos movimentos que tomariam forma política na década de 1960 nos EUA:

Mas começando na década de 1940, houve uma constante descentralização da arte e a erosão de toda a ideia de tradição em si, somado a um conjunto de movimentos de liberalização que estouraram, com reivindicações concorrentes mas com a suposição comum de que eles representam uma ruptura com as tradições e os critérios do passado e não podiam julgar por si mesmos. Quem poderia prever uma estética negra ou gay – ou a proliferação geral de causas e correntes, com tão larga variedade de estilos e substância que todo o conceito de tradição tinha sido visto como uma categoria acadêmica e não um princípio do trabalho criativo? E a crítica que tem o seu melhor quando está enraizada na arte atual sendo produzida, tende a tornar-se, em grande parte teórica e frequentemente irrelevante para a arte da época.²⁵⁷ (PHILLIPS, 1983, p.100)

Me parece, no entanto, que Phillips, ao destacar a ascensão dessa pluralidade crítica como um dos caminhos abertos na década de 1940, subjuga o próprio caldeirão cultural da década de 1930 e do Popular Front nos EUA, já que, como demonstrou Michael Denning, foi no contexto da década anterior que os movimentos étnicos – feminista, negro, latino, etc. - tomam forma política e crítica e a produção de uma arte “étnica” ganha corpo nos EUA, também dentro da academia, com a fundação de disciplinas específicas relacionadas a estudos étnicos, etc.. Em grande sentido, ao contrário do que Phillips relega à década de 1940, foi a década de 1930 que deu sentido ao que viria

thirties. It also meant that historical approach had to take account of the complex and subtle, thought borrower, critical work of the conservative modernists, such Eliot and Richards, and the New Critics. For what the Marxists had done in fiction to destroy the modernist tradition had its counterpart in their almost total ignoring – or ignorance – of modern achievements in philosophy, criticism, sociology, which were conveniently relegated to bourgeois ideology.” (PHILLIPS, 1983, p.97)

²⁵⁷ “But beginning with the forties, there has been a steady decentralization of art and an erosion of the very idea of traditions itself. In addition, a number of liberation movements have sprung up, with competing claims but with the common assumption that they represent a break with the traditions and criteria of the past and are not to be judge by them. Who could have predicted a black or a feminine or a gay aesthetic – or the general proliferation of causes and currents, with so wide of variety of style and substance that the very concept of tradition has been seen as an academic category and no longer an active principle of creative work? And criticism, which is at its best when it is rooted in actual art being produced, has tended to become largely theoretical and frequently irrelevant to the art of the time.” (PHILLIPS, 1983, p.100)

a se consubstanciar como os movimentos artísticos, culturais e políticos de cunho étnico na década de 1960 (DENNING, 1997)

E a *Partisan Review* incorporaria esse momento de transição muito mais aberta as novas formas críticas - que, por si só, carregavam essa crítica da tradição anterior da qual falara Phillips – do que um bastião das velhas formas.

Em certo sentido, a década de 1940 pode ter sido a mais produtiva e mais grave das últimas décadas. Havia um sentimento de menor renascimento, com novos escritores americanos sendo reunidos com os escritores europeus que também pareciam ser parte de um novo ethos. O Existencialismo (mais tarde no década), o neo-Marxismo, o anti-stalinismo, o voo da ideologia aqui e no exterior, se misturaram e transcendeu em um espírito de exploração e descoberta que ia além de origens doutrinárias e lealdades. Como em todos os períodos férteis, a escrita explorou seus vínculos ideológicos. No entanto, apesar do espírito de mudança no ar, muitos de nós ainda acreditava na ideia de uma comunidade literária (impulsionada por ambições puramente intelectuais) livre de mercantilismo, a fabricação de celebridades, e a inflação de reputações. Ocasionalmente, um novo talento iria saltar para as revistas de massa, mas normalmente ele teria que começar, pelo menos, em uma revisão literária não comercial. Assim, foi uma época em que escritores como Bellow, Malamud, Lowell, Berryman iria encontrar seu habitat natural e público e publicações como *Partisan Review*. Da mesma forma, os romancistas sérios e críticos literários e sociais no exterior, como Sartre, Camus, Orwell, Koestler, Spender, Connolly, Aron publicado muito do seu trabalho inicial neste país nas páginas do *Partisan Review*.²⁵⁸ (PHILLIPS, 1983, p.101)

As dissonâncias entre os intelectuais da esquerda nos EUA (incluindo aqui, àqueles situados em torno da PR), já podiam ser vistas, no entanto, na crítica ao Popular Front, em especial entre os intelectuais comunistas diante da caracterização teórica do chamado “cultural front”. A revista *Modern Monthly* que, como disse logo na primeira parte desse trabalho, representou o principal suporte para as reflexões teóricas do marxismo nos EUA, serviu também como suporte para as diversas opiniões daqueles filiados ou não ao PC, àqueles que, de um lado, criticaram o Popular Front – como com o próprio V.F. Calverton – e de outro, apoiaram-no – como com Kenneth Burke e

²⁵⁸ “In a sense, the forties may have been the most productive and most serious of recent decades. There was a feeling of minor renascence, as new American writers were brought together with European writers who also seemed to be part of a new ethos. Existentialism (later in the decade), neo-Marxismo, anti-Stalinism, the flight from ideology here and abroad, were mingled and transcended in a spirit of exploration and discovery that went beyond doctrinal origins and allegiances. As in all fertile periods, writing explored its ideological bonds. Yet, despite the spirit of change in the air, many of us still believed in the idea of a literary community (buoyed by purely intellectual ambitions) free from commercialism, the manufacture of celebrities, and the inflation of reputations. Occasionally a new talent would leapfrog in to the mass magazines, but usually he would have to begin, at least, in a noncommercial literary review. Thus it was a time when such writers as Bellow, Malamud, Lowell, Berryman would find their natural habitat and audience and publications like *Partisan Review*. Similarly, serious novelists and literary and social critics abroad like Sartre, Camus, Orwell, Koestler, Spender, Connolly, Aron published much of their early work in this country in the pages of *Partisan Review*.” (PHILLIPS, 1983, p.101)

Louis Adamic. (DENNING, 1997, p.102)

Kenneth Burke, que contribuiria em vários momentos com a *Partisan Review*, surge então como outro teórico fundamental da esquerda no Popular Front, com dois trabalhos de grande importância para a caracterização do “cultural front” e do marxismo ocidental: *Permanence and Change* (1935) e o ensaio “Revolutionary Symbolism in America”, a transcrição de seu controverso discurso no American Writers Congress, de 1935.

Denning faz uma aproximação conceitual muito interessante, sobre a posição do escritor diante de seu papel na sociedade: a de Burke, que conceitualiza o escritor como “completo propagandista”; a de John Dos Passos, do escritor como um “técnico” (“technician”); e a clássica caracterização de Walter Benjamin, do “autor como produtor”. Todos os conceitos traçados, segundo Denning, como resultado de um projeto histórico específico, de reformulação da crítica marxista, que resultaria, por exemplo na oposição do conceito de “literatura proletária” pela de “cultural front”. Sobre isso Denning escreve, comparando Burke com outros nomes fortes do chamado marxismo ocidental:

As semelhanças entre Burke e Benjamin, Gramsci e Corey, derivam de um projeto histórico comum: todos eles estavam tentando teorizar uma nova política cultural, uma política resumida na frase "frente cultural". Esta política não só rompeu com a Kultur alemã associada com a democracia social e o comunismo como a de volta do próprio Marx, mas com a política de vanguarda da cultura proletária.²⁵⁹ (DENNING, 1997, p.103)

Ao meu ver, acompanhando a leitura proposta por Denning, é neste sentido que deve ser entendida a crítica elaborada pelos intelectuais anti-stalinistas ao Popular Front. Michael Denning conduzirá a leitura desse problema através da leitura do grupo de intelectuais organizados em torno de uma crítica comum ao stalinismo e a seu aparato burocrático que, em sua visão, condizia, ao mesmo tempo, com a emergência da indústria cultural nos EUA, cujas bases foram formuladas justamente dentro do Popular Front. Entre esses intelectuais, organizados em torno de publicações como as revistas *New International*, *Partisan Review*, *Politics*, *Commentary* e *Dissent*, entre as décadas de 1940 e 1950, estavam James T. Farrell, Clement Greenberg, Harold Rosenberg, Dwight Macdonald, Robert Warshow, Irving Howe, Lionel Trilling e C.L.R. James. (DENNING, 1997, p.107)

James T. Farrell, por exemplo, surge como um dos críticos mais contundentes do Popular

²⁵⁹ “The similarities between Burke and Benjamin, Gramsci and Corey, derive from a common historical project: all of them were attempting to theorize a new cultural politics, a politics summed up in the phrase “the cultural front”. This politics broke not only with the German Kultur associated with social democracy and communism as a back as Marx himself, but with the avant-garde politics of proletarian culture.” (DENNING, 1997, p.103)

Front. Para Farrell, o Popular Front traduzia a emergência da indústria cultural de Hollywood e todo seu aparato burocrático. Sua crítica de 1944 à indústria cultural de Hollywood, assemelhava-se, segundo Denning, às críticas de Dwight Macdonald, em “A Theory of Popular Culture”, publicada no primeiro número da revista *Politics*, em 1944, e as críticas de Theodor Adorno e Max Horkheimer, em “The Culture Industry: Enlightenment as Mass Deception” (no *Dialectic of Enlightenment*, também de 1944). (DENNING, 1997, p.107-8)

Para Adorno e Horkheimer, por exemplo, as políticas culturais do Popular Front, “refuncionalizam” todo o aparato da indústria cultural em torno da crítica ao fascismo, transformando a própria indústria cultural com isso, em propaganda. E nem os principais ícones culturais do Popular Front escaparam dessa crítica, segundo Denning: Orson Welles e Charlie Chaplin, cujo final de “The Great Dictator”, é emblemático nesse sentido. Farrell estenderia as críticas de Adorno e Horkheimer para além da indústria cultural, alcançando, segundo Denning, todo o processo de “industrialização da escrita e as trade unions responsáveis pelo 'mystery-plot mechanics' dos roteiristas de Hollywood.” (DENNING, 1997, p.108)

Outra forte crítica partia daqueles que se debruçavam sobre a “burocratização do stalinismo” e a construção de diversos aparatos burocráticos, junto às organizações de trabalhadores e *trade unions*, como meio de dissolução do radicalismo intelectual, também pela cooptação dos intelectuais em tais aparatos, como a indústria da propaganda. Entre estes críticos estão o próprio Farrel e Macdonald, inspirados em grande medida pela crítica trotskista à burocratização do Estado Soviético dos anos de 1930; outro que tem grande repercussão crítica é C.Wright Mills e a importância de sua teorização para a conceitualização da indústria cultural em transformação e do papel do Popular Front na formação de seu aparato burocrático, tanto quanto no estabelecimento de suas bases culturais. Da mesma forma aparece também C.L.R. James, e sua noção de “Estado capitalista”, Max Shachtman e sua noção de “coletivismo burocrático” e até James Burnham, e a sua “Managerial Revolution” (ambos, Burnham e Shachtman que, junto com Macdonald, encabeçavam o Workers Party, organismo trotskista nos anos de 1930). Todas essas críticas – e, principalmente o contexto linguístico que cerca sua elaboração – são bem resumidas por Denning, quando ele falará de James:

(...) A imagem de James cresce diretamente da experiência do estado de guerra, com a aliança entre EUA de Roosevelt e URSS de Stalin, as suas agências de propaganda vastas, frequentemente, integradas por figuras culturais da Frente Popular, e, mais claramente, o seu compromisso de não fazer greve, imposta por ambos os líderes dos sindicatos industriais da CIO e do Partido Comunista. Assim, para os críticos anti-stalinistas da esquerda, a teoria e a prática da frente cultural foi uma colaboração com este aparato burocrático de propaganda e entretenimento, uma traição da função do

intellectual radical.²⁶⁰ (DENNING, 1997, p.109)

Denning (DENNING, 1997, p.223), diferente, por exemplo, de Paul Buhle (1997), defenderá que a ascensão do Popular Front, em 1935, não esmagou os movimentos culturais da esquerda anteriores, entre eles as diversas pequenas revistas de inspiração modernistas que serviram para impulsionar muitos artistas e intelectuais da esquerda. Ao contrário, o Popular Front, na verdade, forçou drásticas alterações nos rumos daquele movimento, o que, no entanto, não significou seu total sufocamento. Parte dessa ideia se justifica no sentido de que o movimento anterior a emergência do Popular Front, permitiu a formação de uma considerável audiência à esses intelectuais, que seguiria seus trabalhos no período posterior do pós-guerra. Denning usa o exemplo do New Masses, dirigido por Mike Gold:

(...) a versão da Proletkult do New Masses de Gold, com os seus trabalhadores-correspondentes, entrou em colapso no outono de 1933; foi recriado como uma revista semanal da política e da cultura no início de 1934, e sua circulação cresceu de 6,000 para 24,000 no início de 1935. Foi a New Masses de 1934 que se tornou a mais importante revista de esquerda da época, não a revista que Gold tentou tornar a grande revisora da cultura proletária nos EUA no outono de 1935. Por fim, os John Reed Clubs fecharam quando o Partido Comunista retirou o seu apoio, irritando uma série de jovens escritores - entre eles Richard Wright - e, de acordo com Malcolm Cowley, dando início a uma "nova guerra entre as gerações literárias" com o Congresso de Escritores Americanos, em 1935 "deixando de fora" os jovens e velhos escritores mais estabelecidos sendo convidados para a nova Liga Americana de Escritores, a organizadora da Frente Popular. Ao final de 1930, a discussão da literatura proletária havia se mudado para as revistas literárias trimestrais [...]²⁶¹. (DENNING, 1997, p.223)

Ao ler Denning eu fico com a ideia de que houve sim a mudança no modelo de produção cultural da esquerda, que pode ser considerado então em dois períodos: o primeiro período, anterior a 1934-5, quando de uma produção mais “solta”, “desorganizada” (no sentido de “não-dirigida”) e

²⁶⁰ “(...) James's image grows directly out of the experience of the wartime state, with the alliance between Roosevelt's US and Stalin's USSR, its vast propaganda agencies, often staffed by Popular Front cultural figures, and, most clearly, its no-strike pledge, enforced by both the leaders of CIO industrial unions and the Communist Party. Thus, for the left anti-stalinist critics, the theory and practice of the cultural front was a collaboration with this bureaucratic apparatus of propaganda and entertainment, a betrayal of the function of the radical intellectual.” (DENNING, 1997, p.109)

²⁶¹ “(...) Gold's Proletkult version of New Masses, with its worker-correspondents, did collapse in the fall of 1933; it was recreated as a weekly review of politics and culture in early 1934, and its circulation grew from 6.000 to 24.000 by early 1935. It was the 1934 weekly New Masses that became the most important left-wing journal of the period, not Gold's last long enough to review the Proletarian Literature in the United States anthology when it appeared in the fall of 1935. finally, the John Reed Clubs did close down when the Communist Party withdrew its support, angering a number of young writers - among them Richard Wright – and, according to Malcolm Cowley, kicking off a “new war between literary generations” as the 1935 American Writers' Congress left out “the kids” and older, more established writer were invited into to the new League of American Writers, a Popular Front organization. By the late 1930s, the discussion of proletarian literature had moved to the established literary quarterlies [...]” (DENNING, 1997, p.223)

“não profissional”, das revistas e dos grupos de intelectuais regionais que produziam suas próprias publicações e tratavam de fazê-las circular através das redes as quais estavam ligados. E aqui é fundamental pontuar a experiência descentralizadora exercida pelos John Reed Clubs, que ao invés de atuar como um órgão centralizador e diretivo, tinha a função de guarda-chuva intelectual para os vários artistas de uma determinada localidade que se reuniam ao seu redor para fazer circular entre eles e os outros clubes, sua produção; e, no segundo período, posterior a 1934-5 e a ascensão do Popular Front, com todo seu “aparato cultural”, usando a própria definição de Denning, uma produção cultural completamente dirigida e organizada pelo Partido Comunista, através, primeiro do *American Writers Congress*, que, em 1935, desencadeia essa segunda fase com o fechamento dos John Reed Clubs, e depois, com a criação da *League of American Writers*, organização oficial do Popular Front.

O espírito incontornável da *Partisan Review* fica muito fácil de ser compreendido então, se tomado dentro deste contexto, na verdade, que gera a própria fundação da revista. Nascida em 1934, a *Partisan* se colocou justamente no intercurso de todo o debate que cercou, em meio à esquerda intelectual dos EUA, e principalmente de Nova York, a ascensão do Popular Front e sua política de centralização dos movimentos culturais, políticos e sociais dos anos de 1930. Ao mesmo tempo em que propunha a centralização de toda a esfera em que gravitava o debate ideológico da esquerda, subjugando-a à URSS e as deliberações do Comintern, o Popular Front esmagou os John Reed Club e toda a ideia por trás deles – de auto-organização coletiva dos intelectuais, aglutinados em torno de um núcleo comum que lhes proporcionava ao mesmo tempo que a liberdade de criação e crítica, os meios de divulgação de seu trabalho e os contatos necessários para sua difusão. Modelo que, afinal, gerara a própria *Partisan Review*, nascida dos debates dentro da seção nova-iorquina do John Reed Club.

É importante pontuar, contudo, que a leitura de Denning de todo esse processo de reformatação do aparato cultural da esquerda nos EUA antes e depois da formação do Popular Front, não é monolítico. É assim que ele poderá apresentar, por exemplo, a partir da página 224 de sua monumental obra, a ideia de que as mudanças na produção cultural da esquerda antes e depois de 1935, não foram acompanhadas, no entanto, de uma mudança ideológica. Como Denning argumenta, a permanência do conceito de “literatura proletária” como guia dos intelectuais reunidos em torno dos John Reed Clubs, não apenas se manteve o mesmo dentro da *League of American Writers*, mesmo depois da dissolução dos clubes, como, segundo Denning, “moldou escritores e gêneros da geração seguinte” (DENNING, 1997, p.224). A permanência dessas ideias que modela os rumos políticos da esquerda intelectual dos EUA, obviamente, tem de ser buscada no contexto dos debates sobre o papel da arte para o movimento comunista internacional, inclusive na Europa,

que orientou o American Writers Congress – etapa importante, é verdade, mas que, por motivos óbvios de espaço, não me cabe aprofundar neste momento e nesta tese.

Tão importante quanto notar que não há um câmbio ideológico, é entender que muitas das atividades dos John Reed Clubs permanecem, e formam, segundo Denning, “a infraestrutura da frente cultural”, após 1935. (DENNING, 1997, p.224). Tal como muitos dos integrantes ligados ao Reed Clubs constituem o *staff* central das novas organizações – Nelson Algren como secretário-central da Liga em Chicago; Kenneth Roxroth permanece como correspondente ocidental, enviando textos e notas sobre as atividades antifascistas; Meridel Le Seur, como vice-presidente da Liga e a conexão com a Midwest Literary League. Por outro lado, há os que romperam com a Liga: William Phillips, Philip Rahv, por exemplo, os editores e co-fundadores principais da Partisan Review.

As conexões para publicação dentro do Popular Front, contudo, se mantinham frágeis, principalmente devido aos insucesso nas tentativas de criação de editoras de “esquerda”, especializadas na publicação daqueles intelectuais. Foi frustrada, por exemplo, a tentativa de criação do *Book Union*, um clube do livro nos moldes do *Left Book Club*, de Londres. O financiamento para publicação e a distribuição das revistas fica a cargo então do próprio PC, através de sua central de distribuição, que garantia a reprodução de três mil cópias. (DENNING, 1997, p.226)

Ao meu ver, é importante retroceder uma vez mais no tempo (dentro das balizas temporais propostas neste trabalho) já que todo o percurso de constituição de um movimento intelectual mais ou menos integrado entre a esquerda nos EUA se dá justamente no período anterior a eclosão da Segunda Guerra Mundial. É esse o contexto em que surgirá a Partisan Review. E muitos dos dilemas que se tornarão referências dos debates do círculo intelectual da revista na década de 1940, se iniciam antes, no âmbito dos debates constitutivos do Popular Front.

Como se pode ver, neste sentido, as dinâmicas internas entre os intelectuais da esquerda estadunidense principiaram dissensos e choques muito antes da explosão da caça-às-bruxas do período Macarthista. A esta altura é possível afirmar que, mais do que o projeto institucional de criminalização dos intelectuais com algum passado ligado a militância comunista nos EUA no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial ou mesmo durante o conflito, foram as próprias dinâmicas internas, por exemplo, entre a esquerda intelectual estadunidense, que distanciou muitos homens e mulheres do marxismo ou mesmo de algum tipo de ideal socialista. E boa parte destas tensões já eram muito claras desde o final da década de 1930, quando o Popular Front já apresentava rachaduras que deixavam claro que a proposta de coesão dos vários movimentos da esquerda nos EUA, ruiria, criando um vácuo ideológico que que forçaria àqueles intelectuais se realinhar ao longo da década de 1940.

E as dinâmicas internas da Partisan Review exemplificam muito bem esse processo. Em sua obra, Terry Cooney refere-se ao primeiro número da reorganizada Partisan Review, lançada em dezembro de 1937, agora representando o rompimento total de sua linha editorial com o PC nos EUA. Neste primeiro número, Phillips e Rahv referem-se ao movimento Comunista internacional como “totalitário”: uma “religião”, baseada na crença soviética da luta entre o bem e o mal, que encobria as posições “reacionárias” do PC.

Como já disse neste trabalho, o rompimento de relações com o Partido Comunista simbolizou para o círculo em torno da PR a quebra de “relações intelectuais”, que permitiam, por exemplo, um acesso facilitado – principalmente aos jovens escritores – à publicação de seus trabalhos, devido às várias relações de outras revistas e editoras com o Partido comunista. Somado aos problemas logísticos do isolamento relativo entre os círculos intelectuais de Nova York, restava aos editores da PR *reconstruir a identidade* da revista, e de sua posição enquanto grupo intelectual – longe da tradição judaica (base intelectual em NY); do nativismo intelectual e, agora, do comunismo.

É justamente neste percurso que se deu o início da formação de um grupo de intelectuais de esquerda anti-stalinistas, em torno da Partisan Review – composta por seus editores, Rahv e Phillips, por Dwight Macdonald, Mary McCarthy, etc. - diante dos debates desencadeados na segunda metade de 1937, em relação as acusações sobre Trotsky e seu processo nos Julgamentos de Moscou, seu direito por asilo no México, etc. A constituição de uma dissidência intelectual no II Congresso de Escritores Americanos, organizado em Junho de 1937 (sob forte influência comunista), constituiu um marco na construção de uma oposição intelectual na esquerda dos EUA e a formação de um grupo definitivo da esquerda não-stalinista em torno da Partisan Review.

A partir de 1937, a “nova Partisan Review”, agora influenciada pelas “diferenças” entre seus editores e seus “valores cosmopolitas”, ampliou sua linha editorial. A formação de uma esquerda anti-stalinista entre 1936-7, se deu através da associação e estabelecimento de uma rede de comunicação entre vários grupos de intelectuais, como o *Menorah Group* e o *Musteites*, influenciados por trotskistas e socialistas, através, especialmente, do *American Workers Party* (AWP) (COONEY, 1986, p.108) e tendo a revista *Marxist/Modern Quartely*, como sua principal expressão. E para Cooney (COONEY, 1986, p.109), os Julgamentos de Moscou estabelecem um “fronte comum” para esses intelectuais – diminuindo entre os intelectuais de Nova York, consequentemente, a importância da Guerra Civil espanhola, nestas associações.²⁶²

²⁶² Mesmo que a Guerra na Espanha iniciada em 1936 fosse um tema presente entre os círculo da esquerda nos EUA, já que a participação de John Dos Passos e Ernest Hemingway rendeu um debate rico, ela, nem de longe, teve a força que, por exemplo, alcançou em Londres – o outro lado a qual esta pesquisa se ocupada de tratar. No âmbito do Left Book Club, por exemplo, como já tratamos de demonstrar neste trabalho, uma série de livros são publicados, assim como inúmeros artigos dentro da

Os contatos estabelecidos pelos editores da Partisan Review na metade da década de 1930 com os intelectuais destes grupos, ampliou os interesses da revista por opiniões de oposição ao comunismo, tornando-a mais receptiva por um conjunto maior de perspectivas críticas. (COONEY, 1986, p.109-10)

A transformação da Segunda Guerra Mundial em tema central da Partisan Review vai redinamizar esse conjunto de críticas internas ao Popular Front e a atuação comunista local para o contexto internacional, tanto quanto a crítica ao fascismo. Outra preocupação trazida com a deflagração da guerra era o medo crescente, principalmente entre os intelectuais, do aumento da repressão interna nos EUA, justificada pelo temor contra a espionagem e a sabotagem inimigas. Mesmo assim, a participação dos EUA na guerra amalgamou as discussões entre o círculo em torno da PR, deflagrando, como vimos, acirradas discussões que tomaram conta de vários artigos da revista. A oposição do círculo em torno da PR à recém-criada *Liga pela Liberdade Cultural e pelo Socialismo* no engajamento dos EUA na guerra na Europa é um exemplo.

O isolamento dos EUA na guerra parecia ser a opinião dominante entre os intelectuais, já que a guerra, até os ataques japoneses a Pearl Harbor, não afetavam diretamente o país. E especialmente entre o grupo que gravitava na órbita trotskista, que defendia a não-intervenção na guerra imperialista, afim de continuar trabalhando no processo de promoção da revolução socialista. Contudo, a crítica desses homens e mulheres não podia negar a perspectiva da repressão que tomaria conta do país, criada pelo clima de guerra.

Apesar da divulgação do manifesto preparado em 1939 pela League for Cultural Freedom and Socialism e assinado por todo o corpo editorial da Partisan Review, chamado “*War is the Issue!*”, o ponto central dos anos que a Segunda Guerra Mundial marcaram dentro da Partisan Review foi de uma falta de coesão interna entre seu círculo. O manifesto declarava, como lembra Alan Wald, que “*o dever de todos os intelectuais americanos era dar 'consciência e expressão organizada' ao sentimento anti-guerra da grande maioria do povo americano*” (WALD, 1986, p.200)

Mais tarde, logo após o bombardeio de Pearl Harbor e a entrada dos EUA na guerra, a PR publica o editorial intitulado “Statement by the Editors”, na PR Vol.9, n.1, Janeiro-Fevereiro de 1942, no qual seus editores afirmam que a revista não podia assumir ainda uma posição editorial em relação à guerra, já que a ela não cabia uma linha programática, tal qual se espera de um partido político. O mesmo editorial diz que, a partir de então, a Partisan Review abriria espaço para análises radicais sobre temas sociais e sobre a guerra.

revista oficial do Clube, a Left News tendo a Guerra Civil espanhola como seu tema central. Nos EUA, pouca coisa aparece na Partisan Review no mesmo período. Um pouco mais aparecem nas revistas de influência trotskystas, como a *New International* e a *Politics*.

Pode-se apreender assim que, no limiar da Segunda Guerra Mundial, não havia um programa político unificado entre os intelectuais em torno da *PR*. E isso pode ser exemplificado no pós-1939, pelos diversos caminhos tomados por seus membros – tornando assim os debates sobre o socialismo mais fluidos, por agregar perspectivas que se contradiziam, no círculo em torno da revista. Como dissemos, por exemplo, nesse momento, a influência de Edmund Wilson será fundamental dentro da *PR*, especialmente através da publicação de seu artigo “The Myth of Marxist Dialectic” (1938), que já analisamos neste trabalho. A permanência de uma crença no marxismo mais como posição política do que método analítico ajudara a balancear o processo crescente de “liberalização” da revista ao longo da década de 1940, permitindo, por exemplo, uma crítica interna a ascensão do neoconservadorismo, por exemplo, com Daniel Bell, Lionel Abel, Lionel Trilling, etc., incorporados na segunda metade da década de 1940 e já na década de 1950 na *PR*.

Ainda mergulhados em meio as debates da esquerda no começo da década de 1940, a ideia de entrada dos EUA na guerra, para esses intelectuais, não deveria representar uma defesa de sua hegemonia na economia mundial. Deveria sim, servir como base para a derrota total do fascismo ao mesmo tempo que uma recusa de uma nova guerra imperialista (WALD, 1986, p.193)

Entre os comunistas – aqueles ligados diretamente ao PC – a entrada dos EUA na guerra representou um aspecto positivo, porém, reducionista, de apoio à Frente Popular internacional contra o fascismo. O que fez com que muitos deles aderissem a uma posição muito mais conservadora, de apoio as deliberações definidas em tempos de guerra pelo governos do EUA. Por exemplo, como Alan Wald assinala (WALD, 1986, p.195), os comunistas passam a apoiar a supressão dos líderes do Socialist Workers Party, sob o Smith Act; denunciavam a campanha do movimento afro-americano pelos direitos civis como ilegal; denunciavam Norman Thomas – líder do movimento pelas liberdades civis nos EUA – como apoiador do fascismo, por suas críticas ao internamento de 110,000 cidadãos nipo-americanos em campos de concentração nos EUA; e opuseram-se aos movimentos de libertação das colônias aliadas (WALD, 1986, p.195-6)

E todo esse processo que se desencadeia ao longos do período entre 1939 e 1942, marca o acirramento das posições anti-stalinistas entre os Intelectuais de Nova York. Muitos deles ainda permanecem ligados ao Socialist Workers Party e ao Workers Party, ambos trotskistas, e dali vão caminhando ao longo da década de 1940, para um apoio cada vez mais irrestrito ao governo dos EUA. O que se intensificaria de maneira drástica ao longo das décadas de 1950 e 1960. A filiação de muitos deles ao *American Committee for Cultural Freedom*, criado em 1951, permitiu a muitos conseguir financiamento de instituições públicas e privadas, ou mesmo empregos junto ao governo dos EUA. (WALD, 1986, p.268)

Antes dele, foi criado o *Committee for Cultural Freedom*, por Sidney Hook e John Dewey, em

1939. Originalmente fundado com o nome *The league Against Totalitarianism*, ela representou, segundo Wald, o primeiro esforço conjunto em separar a militância anti-stalinista do contexto revolucionário marxista. Alan Wald assinala também que este comitê foi o modelo predecessor do *American Committee for Cultural Freedom*, do qual este retirou a ideia da “liberdade cultural” como sinônimo do anticomunismo. (WALD, 1986, p.269)

No contexto das ideias, o pós-Segunda Guerra fornece um conjunto de conceitos renovados, tomados então como chave na crítica dos Intelectuais de Nova York do stalinismo: “fascismo vermelho”, “comunazis” e, aquele que Wald considera o mais delicado, “totalitarismo”. Wald vai lembrar, por exemplo, a influência dos trabalhos do pós-guerra de Arthur Koestler (com o seu *Darkness At Noon*), George Orwell (com o seu *1984*), Aldous Huxley (com o seu *Brave New World*), como divulgadores do conceito de totalitarismo, especialmente nos EUA. Conceito que tomaria uma coesão científica nos EUA no começo da década de 1950, com a publicação do *Origins of Totalitarianism*, de Hannah Arendt, em 1951. (WALD, 1987, p.268)

É interessante notar que pouco tempo antes da publicação do livro contundente de Arendt se dá a formação do *Congress for Cultural Freedom*, ao qual o *American Committee for Cultural Freedom* iria se associar. Na PR vol.17, n.7, setembro-outubro de 1950, Sidney Hook escreverá um artigo dando conta do lançamento do Congresso em Berlin, Alemanha, sob o título “The Berlin Congress for Cultural Freedom.”²⁶³ No âmbito do congresso, inúmeras publicações surgem, ou são agregadas sob sua tutela, compondo um grande e global aparato de propaganda como veículos oficiais do congresso, entre eles as revistas francesas *Monat* e *Preuves*, a estadunidense *Encounter* e a italiana *Tempo Presente*. E muitos dos intelectuais que gravitaram em torno da PR automaticamente se filiam ao Congresso e passam a contribuir diretamente com estas revistas. Anos mais tarde foi revelada a associação do Comitê com a CIA, a qual, na verdade, era sua grande financiadora através de inúmeras associações e entidades particulares, como a Fundação Rockefeller

²⁶³ As origens do Comitê – e que daria sentido a organização do Congresso – estava na Conferência de Paz de Escritores, organizada no Waldorf, em abril de 1949. A organização do evento fora totalmente feita sob chancela comunista, incluindo comissários e burocratas soviéticos, simpatizantes e seguidores, europeus e estadunidenses – entre eles o diretor do Sindicato de Escritores, Fadeyev, Lillian Hellman, Howard Fast (que romperia com os comunistas mais a frente), F.O. Matthiessen, T.O. Thackrey, então editor do *The New York Post*, etc. (PHILLIPS, 1983, pp.147-8). Phillips lembra ainda do relato de Irving Howe sobre o evento para a *Partisan Review*. Diante da centralização do evento e a impossibilidade de levantar qualquer tipo de debate que não fosse esmagado pela propaganda soviética, foi organizado simultaneamente outro evento, sob o nome de *Americans for Intellectual Freedom*. Entre as figuras centrais estavam David Dubinsky, então presidente da ILGWU (?), Sidney Hook, Arnold Beichman, diretor de relações públicas de um sindicato de empregados do setor elétrico e mais tarde professor de ciências políticas da Universidade de Boston, Massachusetts, Meryl S. Pitzele, editora do *Business Week*. Como Phillips relata, sem, no entanto, citar claramente o nome da CIA, desde o início, o *Americans for Intellectual Freedom*, tinha influência direta do governo dos EUA, já que tomara como táticas a interceptação de correspondências, telégrafos e telefonemas, o envio de informações difusas em nome do grupo, etc – todas táticas clara de contra-informação, da qual os próprios membros do grupo, tal qual o próprio Phillips e Sidney Hook discordavam desde o início. (PHILLIPS, 1983, 149)

e a Fundação Ford.

É preciso ressaltar, no entanto, que desde o final da década de 1940, o anticomunismo já havia dominado a linha editorial da *Partisan Review*. E um grande exemplo é a recepção imediata que o livro *1984*, de Orwell, publicado simultaneamente em Londres e Nova York, em 1949, teve dentro da PR, especialmente com Philip Rahv, e seu artigo, “The unfuture of Utopia”, publicado na PR vol.16, n.7, Julho de 1949. Neste artigo, Rahv oferece o que parece ser a primeira recepção do *1984* de Orwell entre os Intelectuais de Nova York, pouco depois de seu lançamento.

Logo na abertura do artigo, Rahv desenha um quadro minimalista de Orwell enquanto crítico político, cujas posições o fizeram se destacar em meio a sua geração:

George Orwell tem sido capaz de manter uma posição excepcional entre os escritores de seu tempo seriamente preocupados com problemas políticos. Seu trabalho cresceu em importância através dos anos, evidenciando uma firmeza de propósito e qualidades de caráter incomum e a integridade para configura-lo para além dos humanistas em seus compromissos, um amigo, ou seja, não apenas de humanidade mas de um homem (o homem como ele é, não desnaturado por abstrações ideológicas), Orwell passou pela escola do movimento revolucionário sem ter suas atitudes sido doutrinadas. O seu apego às tradições empíricas britânicas, aparentemente, rendeu-lhe a capacidade de ficar imune ao dogmatismo. Também não tem a certeza de liberação tardia experimentada pelos intelectuais radicais mais alerta o deixou no estado desorientado na qual muitos de seus contemporâneos se encontram agora. Acima de tudo dotado de um forte senso de realidade, ele nem bancou o profeta e nem tentou de maneira irresponsável teorizar como está em voga atualmente em certos setores radicais, algo que é confundido com o pensamento independente. Pode-se dizer de Orwell que ele é o melhor tipo de testemunha, o mais confiável e escrupuloso. Tudo o mais terrível, então, é a visão não do controle remoto, mas do futuro muito próximo evocado em seu novo romance - uma visão inteiramente composta de imagens da perda, desastre e degradação indescritível.²⁶⁴ (Rahv, 1949, p.743)

Neste texto já fica claro o impacto que o livro de Orwell, recém lançado, causaria em sua audiência. E Rahv continua, comparando o livro de Orwell, com o *Darkness at Noon*, de Koestler:

²⁶⁴ “George Orwell has been able to maintain an exceptional position among the writers of our time seriously concerned with political problems. His work has grown in importance and relevance through the years, evincing a steadiness of purpose and uncommon qualities of character and integrity that set it quite apart from the topical products of the humanist in his commitments, a friend, that is, not merely of mankind but of a man (man as he is, not denatured by ideological abstractions), Orwell has gone through the school of the revolutionary movement without taking over its snappishly doctrinaire attitudes. His attachment to the primary traditions of the British empirical mind has apparently rendered him immune to dogmatism. Nor has the release from certitude late experienced by the more alert radical intellectuals left him in the disoriented state in which many of his contemporaries now find themselves. Above all endowed with a strong sense of reality, he has neither played the prophet in or out of season nor indulge in that wilful and irresponsible theorizing at present so much in vogue in certain radical quarters where it is mistaken for independent thought. It can be said of Orwell that He is the Best kind of witness, the most reliable and scrupulous. All the more appalling, then, is the vision not of the remote but of the very close future evoked in his new novel - a vision entirely composed of images of loss, disaster, and unspeakable degradation.” (RAHV, 1949,p.743)

(...) Nineteen Eighty-Four surge principalmente a nós como uma obra da imaginação política e seu apelo é exercido com a gravidade e poder. Documenta as crises do socialismo com maior fidelidade do que o *Darkness at Noon* de Koestler, a qual será, inevitavelmente, comparado, uma vez que pertence, de um lado, ao mesmo gênero, o gênero da cultura média melancólica das ilusões utópicas perdidas e traídas.²⁶⁵ (Rahv, 1949, p.744)

Seguindo então na comparação entre ambos os livros, Rahv vai tentar discernir então o sentido utópico do livro de Orwell:

(...) Aqui [no 1984] a Utopia é apresentada, com a temerosa do trauma, como o abismo em que o futuro cai. A tradição da Utopia como o bom futuro é, portanto, virada do avesso, invertida, anulada. Agora é escárnio falar do seu futuro. Muito mais preciso é falar do seu futuro. (A adição do afixo negativo "un" é um uso favorito da Newspeak, a língua oficial do Ingsoc - Socialismo Inglês - uma linguagem em que as pessoas são limpas pelo Ministério do Amor, ou seja, a polícia secreta, são inevitavelmente descrita como "unpersons". Os princípios de Newspeak são magistralmente analisada por Orwell no apêndice de seu livro. Newspeak é menos um complô contra a consciência humana, por seu único objectivo é assim para reduzir o alcance do pensamento através da destruição de palavras como fazer "thoughtcrime" literalmente impossível porque não haverá palavras para expressar isso.)²⁶⁶ (Rahv, 1949, p.744)

O texto de Rahv, podemos dizer, inaugurará a crítica da guerra-fria do trabalho de Orwell. Em muitos sentidos, ele será o primeiro a seguir o caminho interpretativo que atribuirá ao *1984* uma crítica isolada daquilo que começava-se a desenhar sob o horizonte teórico do conceito de "totalitarismo" (já existente desde a década de 1930, mas que ganha coesão com a publicação do livro de Hannah Arendt, "Origins of Totalitarianism"). A partir de então, segundo a preposição de Arendt, o totalitarismo passa a ser concebido como um fenômeno político atribuído ao fascismo e ao stalinismo, os quais, por sua vez, são aproximados por Arendt em seu livro.

²⁶⁵ "(...) Nineteen Eighty-Four chiefly appeals to us as a work of the political imagination, and the appeal is exercised with gravity and Power. It documents the crises of socialism with greater finality than Koestler's *Darkness at Noon*, to which it will be inevitably compared, since it belongs, on one side of it, to the same genre, the melancholy mid-culture genre of lost illusions and Utopia betrayed." (RAHV, 1949,p.744)

²⁶⁶ "(...) Here [no 1984] Utopia is presented, with the fearful simplicity of a trauma, as the abyss into which the future falls. The traditional note of Utopia as the future good is thus turned inside out, inverted - nullified. It is now sheer mockery to speak of its future. Far more accurate it is to speak of its future. (The addition of the negative affix "un" is a favorite usage of Newspeak, the official language of Ingsoc - English Socialism - a language in which persons purged by the Ministry of Love, i.e., the secret police, are inevitably described as unpersons. The principles of Newspeak are masterfully analysed by Orwell appendix of his book. Newspeak is notem less than a plot against human consciousness, for its sole aim is so to reduce the range of thought through the destruction of words as to make "thoughtcrime" literally imposible because there will be no words in which to Express it".) (RAHV, 1949, p.744)

Presos então à narrativa do livro de Orwell, se desconsiderou a profundidade de sua crítica a elaboração de *mecanismos de supressão das individualidades diante da totalização do Estado*, o qual, como demonstrei em parte ao longo de todo esse trabalho e, mais especialmente em minha dissertação de mestrado defendida no Departamento de História da USP, em 2010, de maneira alguma, podia ser atribuído simplesmente ao fascismo ou ao stalinismo. É isso que Orwell vai demonstrar, por exemplo, em sua crítica à propaganda de guerra Aliada – especialmente nos EUA e na Inglaterra; ao uso crescente, ao longo da década de 1940, dos meios de comunicação de massas (entre eles o cinema e o rádio) na formatação de uma opinião pública pasteurizada que tentava, a todo custo, afastar o pensamento dissidente, isolando-o quando possível, criminalizando-o quando não (através da censura, por exemplo), em prol do esforço de guerra.

A leitura então da crítica de Orwell que se estenderá por toda a década de 1950, reducionista como se vê, não apenas serve como instrumento de propaganda de um dos lados em disputa no contexto já iniciado da Guerra Fria (o lado “ocidental”), mas, e com isso, ignora toda a crítica de Orwell ao longo da década de 1940, à temas ligados tanto ao desenvolvimento da indústria cultural capitalista nos EUA e na Inglaterra, quanto as premissas autoritárias do fascismo e do stalinismo, da mesma forma que as dinâmicas dos debates ao qual o autor esteve inserido – estes o tema central desta tese.

O tema da redução das palavras no vocabulário para “simplificar” os sentidos na língua, que dera sentido ao “Newspeak” dentro da narrativa do *1984*, por exemplo, era um projeto britânico; o objeto central de monitoramento e vigilância dos cidadãos, que dera sentido à “Teletela” dava conta do desenvolvimento da tecnologia do televisor (um projeto que incorporou vários desenvolvimentos tecnológicos anteriores, entre russos, alemães, japoneses, britânicos e estadunidenses) mas que tomou forma comercial com a primeira transmissão nos EUA (a “teletela” ainda, em muitos sentidos, dava conta da experiência do rádio em torno de seu poder imaginativo, pensado por Orwell em seus anos como funcionário da BBC).

Não é à toa, ainda, que a narrativa do livro é representada no supercontinente da “Oceania”, que incorpora os países anglófonos ocidentais, entre eles os EUA e a Inglaterra. Sua crítica ao “Ingsoc”, ou socialismo inglês, aparece então como mistificação dos ideais revolucionários – e aí sua crítica retorna ao stalinismo – pela intelligentsia de esquerda ocidental, à qual será “redimida” então pela esperança perene que persiste nas “proles” (o sinônimo alegórico de Orwell para o “proletariado”), este sim, nas palavras do personagem principal do romance, Winston Smith, os únicos que podiam libertar o mundo dos auspícios do autoritarismo.

O ponto então em que a leitura de Rahv parece endurecer a narrativa de Orwell a ponto de dogmatizá-la aparece no final do artigo, e trata, justamente, do papel dos “proles” dentro do enredo

do 1984:

Outro aspecto terrível da Utopia de Orwell que pode ser posta em causa é o papel que ele atribui ao proletariado, um papel que coloca a política de fora. Na Oceania aos trabalhadores, conhecidos como os Proles, são atribuídos à tarefa de produção, ao mesmo tempo que são privados de todos os direitos políticos, mas ao contrário dos membros do Partido, são deixado sozinho e mesmo lhes é permitido conduzir vidas privadas, de acordo com sua própria escolha. Essa é uma idéia que me parece contrária às tendências básicas do totalitarismo. Todas as sociedades da nossa época, sejam autoritárias ou democráticas na estrutura, são sociedades de massa; e o Estado autoritário constrói seus alicerces sob uma sociedade de massas que mal podia se dar ao luxo de permitir que qualquer classe ou grupo tenha a ilusão de deter o controle completo de suas vidas. Um estado totalitário-coletivista é rigidamente organizado ao longo das linhas hierárquicas, mas esse fato, tão exigente para suas reivindicações socialistas, necessárias para a dominação de todos os cidadãos, independentemente da sua classe, na tentativa de "abolir" o contraditório entre a sua teoria e prática, meios de demagogia sem limites e violência.²⁶⁷ (Rahv, 1949, p.748-9)

E continua, no último parágrafo do artigo,

Estas são falhas menores, no entanto. Este romance é o melhor antídoto para a doença totalitária que qualquer escritor produziu até agora. Todos deveriam lê-lo; e eu recomendo especialmente para aqueles liberais que ainda não conseguem superar a superstição política que, enquanto poder absoluto é ruim quando exercido pela direita, ele é de natureza boa e uma bênção para a humanidade quando é exercido pela esquerda, isto é, "quando nosso próprio povo", toma conta dele.²⁶⁸ (Rahv, 1949, p.749)

Nas palavras de Rahv então, o 1984 de Orwell aparece como uma espécie de antídoto para a década que se iniciava, já que ali estaria a fórmula exata para a compreensão dos males irremediáveis do comunismo soviético e seus perigos para as democracias ocidentais.²⁶⁹ Veja, no

²⁶⁷ "Another aspect of Orwell's dreadful Utopia that might be called into question is the role He attributes to the proletariat, a role that puts it outsider politics. In Oceania the workers, knob as the Proles, are assigned to the task of production, deprived of all political rights, but otherwise the Party members, are otherwise left alone and even permitted to lead private lives in accordance with their own choice. That is an Idea that appears to me to run contrary to the basic tendencies of totalitarianism. All societies of our epoch, whether authoritarian or democratic in structure, are mass-suicides; and na authoritarian state build on the foundations of a mass-society could scarcely afford the luxury of allowing any class or group to evade its demand for complete control. A totalitarian-collectivist state is rigidly organized along hierarchical lines, but that very fact, so demanding to its socialist claims, necessities the domination of all citizens, of whatever class, in the attempt to "abolish" the contradictory between its theory and practice by means of boundless demagogy and violence." (RAHV, 1949,p.748-9)

²⁶⁸ "These are minor faults, however. This novel is the Best antidote to the totalitarian disease that any writer has so far produced. Everyone should read it; and I recommend it particularly to those liberals Who still cannot get over the political superstition that while absolute Power is bad when exercised by the Right, it is very nature good and a boon to humanity once the Left, that is to say "our own people", takes hold it." (RAHV, 1949,p.749)

²⁶⁹ E Orwell será "premiado" por isto dentro da PR. Na PR vol.16, n.10, outubro de 1949. É anunciado o Partisan Review Award, tendo naquele ano sido concedido para Orwell, como argumenta o anúncio do prêmio, não apenas pelo 1984, já um grande sucesso nos EUA ou mesmo, alguns anos antes pelo também estrondoso sucesso do *Animal Farm* ou do conjunto de ensaios reunidos no *Dickens, Dali and*

entanto, que a leitura de Rahv – tal qual de praticamente todos os seus primeiros interpretes – é hermética e fica presa as alegorias que a obra de Orwell parece representar logo à primeira vista. Como disse acima, a associação da crítica de Orwell com o conceito de totalitarismo já em voga no contexto das ciências sociais nos EUA de fins da década de 1940 e início de 1950, torna a coisa ainda mais complicada, pois resume o quadro (amplo) desenhado por Orwell a uma mera crítica de um dos lados em disputa – o lado “mal”, representado pelo stalinismo – mesmo que Rahv admita outras sociedades, como as democracias ocidentais, como também modelos de sociedade de massa. Não parece haver perigo, contudo, para uma massificação de estilo ocidental que, no final (e Rahv também admite isso em seu argumento), também atomiza a sociedade sob o Estado. Até então, os perigos da sociedade industrial capitalista pareciam longe do espectro crítico dos intelectuais estadunidenses – e assim seria por toda a década de 1950, quando o foco estava na URSS, sendo retomada apenas na década de 1960, entre outros, pelos membros da Escola de Frankfurt radicados nos EUA.

Mais tarde, já na década de 1960, a crítica de Orwell será reinstrumentalizada de maneira muito mais ampla, já para além das fronteiras da bipolarização mundial dos primeiros anos da Guerra Fria. Entre estas leituras, digamos, menos reducionistas, está, por exemplo, a de Hebert Marcuse, que vai enxergar em Orwell o primado de uma crítica vicinal às instituições capitalistas ocidentais e a sua retórica política, onde a contradição e o duplo sentido faziam parte do jogo de propaganda estadunidense durante os anos da Guerra do Vietnã, por exemplo. (MARCUSE, 1967) Marcuse, não à toa, será um dos grandes teóricos da New Left nos EUA, retomando conceitos-chaves do marxismo em um momento em que a “velha esquerda” não conseguia nem responder as demandas conjunturais da década de 1960 nem se desvencilhar dos grilhões teóricos stalinistas.

Devido a centralidade da Partisan Review entre aquela geração de intelectuais, William Phillips é enfático ao afirmar que por ela passaram ou aqueles que já tinham se estabelecido como figuras-chave ou aqueles que viriam se se tornar figuras-chave entre a intelectualidade nos EUA. A coalizão que permitia a reunião de uma gama ampla de ideias, viria a se tornar rarefeita, no entanto, na década de 1950, quando o neoconservadorismo cooptou muitos dos intelectuais que, inclusive, faziam parte do círculo da Partisan Review. As diferenças entre a política externa soviética e a ditadura stalinista em relação a teoria socialista fora esquecida nessa nova onda conservadora; a tônica era então a livre associação do Stalinismo não apenas com o Marxismo mas, como afirma Phillips, contra “qualquer forma de radicalismo” (PHILLIPS, 1983, p.16)

Obviamente então, os desafios da Partisan Review na década de 1950 mudaram, tanto

Other, mas pelo todo de sua obra, afirmando então que se tratava de um dos principais escritores daquela geração. PR. Vol.17, n.5, maio-junho de 1950, aparece uma resenha de Isaac Rosenfeld intitulada “Decency and Death”, dos livros *Down and Out in Paris and London*, *Burmese days* e *Coming up for Air*, de Orwell, poucos meses depois de sua morte, em 21 de janeiro de 1950.

quanto as pressões exteriores, que forçavam ao final aos intelectuais a pensar o mundo em que viviam. O tom do pós-guerra para os grupos que tentavam conciliar algum tipo de crítica social e política com o que se costuma definir naquele país com “radicalismo” - dentro da qual estão as ideias marxistas, por exemplo – foi dado pelo caça-às-bruxas da campanha paranoica desencadeada pelo Macarthismo que, em grande parte, ajudou a pavimentar o caminho para as leituras ultraconservadoras e radicais das ideias de esquerda, antes restritos aos opositores radicais do Stalinismo (PHILLIPS, 1983, p.17). Para a Partisan Review, como afirma Phillips, o desafio na década de 1950 era então, “*opposing both the demagoguery on the right and on the left*”. (PHILLIPS, 1983, p.17)

No campo da cultura, a ascensão da cultura de massas e do neoconservadorismo fomentou o “reintrincheiramento” contra o “experimento e as atitudes de vanguarda nas artes e uma reação geral contra a ideia do modernismo.” (PHILLIPS, 1983, p.17). A Cultura de massas era vista então “*de maneira mais indulgente; a escrita convencional se tornou aceitável; e o academicismo se tornou dominante, particularmente na poesia e na crítica*”. (PHILLIPS, *ibid.*, *ibidem.*)

É dentro deste contexto interno que a obra de Orwell é recebida pela primeira vez na Partisan Review. Enquanto é possível ler em Orwell um germe neoconservador em sua leitura da esquerda mainstream nas décadas de 1930 e 1940 (vimos neste trabalho alguns de seus primeiros críticos principiarem essa leitura), ao contrário, eu enxergo a busca constante de um alargamento das fronteiras conceituais que definiam (e, em muitos sentidos ainda definem) um tipo de crítica interna e externa à esquerda. Ou seja, Orwell sempre se manteve à margem da crítica reacionária ao Stalinismo, que o associava a qualquer definição da esquerda ou mesmo do marxismo, ao mesmo tempo que se distanciou da crítica tola do discurso oficial comunista quanto às formas políticas ocidentais sempre representarem os ensejos da burguesia. E o fez estando no olho do furacão, onde qualquer crítica ao Stalinismo podia soar simplesmente como defesa do Fascismo ou ao liberalismo ocidental. E eu entendo, acompanhando a leitura de Phillips sobre o papel da Partisan Review naquele momento de transição da cultura nos EUA rumo ao neoconservadorismo, que a história de Orwell (e ao que poderia ter sido sua história na década de 1950) se assimila muitíssimo a própria situação da revista naquele momento. Sobre a Partisan, Phillips escreve então:

(...) O principal esforço da revista era de resistir ao impulso conservador, sem, no entanto, ceder a esses radicais na política e nas artes que havia equilibrado a um extremo sectário. O problema foi ainda mais complicado pela polarização radical-conservador que afetou a escrita, bem como a política, embora possa ser dito que nos anos cinquenta a cultura ainda estava principalmente do lado da tradição.²⁷⁰ (Phillips, 1983, p.17)

²⁷⁰ “(...) The main effort of the magazine was to resist the conservative push, without, however, giving in to those radicals in politics and in the arts who had swung to a sectarian extreme. The problem was further complicated by the radical-conservative polarization that affected writing as well as politics, though it

E Phillips continua, avançando mais no tempo, e chegando nos dilemas da *Partisan Review* na década 1960:

Mas foram os anos sessenta que trouxeram as tendências anteriores para a cabeça - e aguçou os dilemas da revista. O florescimento da nova esquerda e da contracultura não só dirigiu os conservadores mais à direita, mas estilhaçou ainda os restos da esquerda. E a hostilidade da nova esquerda a chamada velha esquerda deixou ainda mais complicado o papel da revista. Politicamente, o problema se resumia em dirigir um curso que, por um lado, reconhecia a inocência e idealismo da juventude, que estavam tentando escapar do sistema sem que fossem travados nas ideologias rígidas dos comunistas, e, por outro lado, sendo crítica da contracultura e da conversão ignorante a nova esquerda, sua petulância, a sua auto-indulgência em relação a política infantil de esquerda e da cultura pop alienada e modista. Culturalmente, a polarização tendia a destacar a celebração da experiência, a liberdade sexual e experiências-engatilhada em um extremo, e uma devoção à ordem, racionalidade, tradição no outro. Mas havia uma boa dose de sanidade e talento entre estes extremos ideológicos e na escrita de longo prazo que não foi afectado por qualquer posturas conservadoras ou radicais. Para ter certeza, isso não foi fácil, uma vez que as distinções não são tão claras na prática como na teoria, e devo admitir que a revista foi influenciada pelos ventos cruzados enquanto tentava permanecer em seu curso cultural. Mas na atmosfera de sobrecarga dos anos sessenta, a revista teve que partir de ambos os lados, uma vez que foi acusada tanto de nadar com a juventude e de manter a linha com a velha guarda.²⁷¹ (PHILLIPS, 1983, p.18)

²⁷¹ might be said that in the fifties the culture was still mostly on the side of tradition.” (PHILLIPS, 1983, p.17)
²⁷¹ “But it was the sixties that brought the earlier tendencies to a head – and sharpened the dilemmas of the magazine. The blossoming of the new left and the counterculture not only drove the conservatives more to the right, but further splintered the remnants of the left. And the hostility of the new left to the so-called old left further complicated the role of the magazine. Politically, the problem boiled down to steering a course that, on the one hand, recognized the innocence and idealism of the youth, who were trying to escape from the system without getting caught in the rigid ideologies of the Communists, and, on the other hand, was critical of the counterculture and the new left for converting their ignorance, their petulance, their self-indulgence into an infantile left politics and pop culture that managed to be both alienated and modish. Culturally, the polarization tended to highlight the celebration of experience, sexual freedom, and half-cocked experiments at one extreme, and a devotion to order, rationality, tradition at the other. But there was a good deal of sanity and talent in between that ideological extremes play themselves out and that in the long run writing that was not affected by either conservative or radical postures. To be sure, this was not easy, since distinctions are not so clear-cut in practice as in theory, and I must admit the magazine was swayed by the crosswinds as it tried to stay on its cultural course. But in the overhead atmosphere of the sixties, the magazine got it from both sides as it was accused both of swimming with the youth and of holding the line with the old guard.” (PHILLIPS, 1983, p.18)

Bibliografia

Arquivos visitados

George Orwell Archive – University College London, Londres, Reino Unido. Catálogo disponível online:

<https://www.ucl.ac.uk/library/special-collections/a-z/orwell>

Harold Laski Papers – University of Hull, Hull, Reino Unido. Catálogo disponível online:

<http://catalogue.hullhistorycentre.org.uk/catalogue/U-DLA?tab=search>

John Strachey Papers (coleção privada) – The National Archives, Kew, Londres, Reino Unido. Catálogo Disponível online:

<http://www.nationalarchives.gov.uk/nra/lists/GB-800819-Strachey.htm#Papers%201936-38%20%282%20boxes%29>

Left Book Club Collection – University of Sheffield, Sheffield, Reino Unido. Catálogo disponível:

<http://www.shef.ac.uk/library/special/leftbook>

Papers of Victor Gollancz – University of Warwick, Coventry, Reino Unido. Catálogo disponível online:

<http://www2.warwick.ac.uk/services/library/mrc/holdings/>

People's History Museum – Archive and Study Center, Manchester, Reino Unido. Catálogo Disponível online:

<http://www.phm.org.uk/archive-study-centre/>

University of Sussex and Brighton and Hove Royal Pavilion Museum Records, University of Sussex, Sussex, Reino Unido.

Arquivos digitais consultados

Howard Gotlib Archival Research Center, Boston University, Boston, EUA. Coleção eletrônica da revista Partisan Review. Disponível online em: <http://hgar-publ.bu.edu/web/partisan-review>

Socialist Workers Party Archive, 1939 até 1975. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/education/antifascism/index.htm>

The International Brigades Memorial Trust On-Line Archives. Londres, Reino Unido. Disponível em:

<http://www.international-brigades.org.uk/>

“Trotsky Encyclopedia”. Acervo com links para autores trotskystas. Link:
<http://www.marxists.org/history/etol/writers/index.htm>

The New International magazine archive. 1934-1970. Disponível online em:
<http://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/index.htm>

Referências sobre a obra de Orwell

ALLDRITT, Keith. *The making of George Orwell: an essay in literary history*. London : Edward Arnold, 1969.

ANDERSON, Paul. *Orwell in Tribune: "As I please" and others writings, 1943-1947*. New York: Hardcover, 2007.

BÈDARIDA, François. “Histoire et pouvoir dans 1984”. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº 1. (Janeiro, 1984). pp.7-13.
 In. <http://links.jstor.org/sici?sici=0294-1759%28198401%290%3A1%3C7%3AHEPD1%3E2.0.CO%3B2-R>

BENTES, Ivana. “984 em 2003”. In. *Orwell reloaded*. Folha de São Paulo, SP, domingo, 1º Junho de 2003, Caderno MAIS! p.7

BERNSTEIN, Gerald S. “The Architecture of Repression: The built of Environment of George Orwell's 1984”. In: *Journal of Architectural Education* (1984), vol. 38, n.2 (winter, 1985), pp.26-28. Disponível em www.jstor.org

BLUEMEL, Kristin. *George Orwell and the Radical Eccentrics: Intermodernism in Literary London*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos, de George Orwell: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Monografia (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. “A brave New Language: Orwell's invention of ‘Newspeak’ in 1984”. *Substance*, vol. 15, nº 2, Issue 50. (1986), pp.69-74. In. <http://links.jstor.org/sici?sici=0049-2426%281986%2915%3A2%3C69%3AABNLOI%3E2.0.CO%3B2-7>

CLAEYS, Gregory. ‘Malice in Wonderland: The Origins of Dystopia from Wells to Orwell’, in CLAEYS, G. (org). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 107–34,.

_____, “News from Somewhere: Enhanced Sociability and the Composite Definition of Utopia and Dystopia.” *The Journal of Historical Association*. v. 98, n. 330, abril 2013, pp. 145–173.

_____. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Editora SESC, 2014.

CRICK, Bernard. *George Orwell: A Life*. New York: Paperback, 1980.

DEVROEY, Jean-Pierre. *Ame de cristal : george orwell au present*. Bruxelles: Ed de L'universite de Bruxelles, 1984

FRANÇA, Aneta Improla. *A metáfora chomskiana e o problema de Orwell*. Tese. UFRJ, 1994.

FLEAY, C.; SANDERS, M.L. "Looking into the Abyss: George Orwell at the BBC". [Journal of Contemporary History, Vol.24, No.3](http://links.jstor.org/sici?sici=00220094%28198907%2924%3A3%3C503%3ALITAGO%3E2.0.CO%3B2-X) (Jul., 1989), pp.503, 18. Local: <http://links.jstor.org/sici?sici=00220094%28198907%2924%3A3%3C503%3ALITAGO%3E2.0.CO%3B2-X>

GLEASON, Abbott. "Totalitarianism in 1984". *Russian Review*, vol. 43, n°2. (Abril, 1984) .pp.145-159. In. <http://links.jstor.org/sici?sici=0036-0341%28198404%2943%3A2%3C145%3A%22I1%3E2.0.CO%3B2-2>

GREENBLATT, Stephen. *Three modern satirists: Waugh, Orwell, and Huxley*. New Haven : Yale University Press, 1968.

HOWE, Irving. "Orwell: history as nightmare". In. *Politics and the Novel*. New York: Fawcett Premier book, 1967 pp.241-251.

INGLE, Stephen. *The Social and Political Thought of George Orwell: A Reassessment* (Rutledge Studies in Social and Political Thought). New York: Taylor & Francis; 2007.

LEYS, Simon. *Orwell ou o horror da política*. Lisboa: Contexto, 1984.

MEYERS, Jeffrey (org.). *George Orwell: The critical heritage*. London, Boston: Routledge & K. Paul, 1975.

MARKS, Peter. "Where He Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell". [Twentieth Century Literature, Vol.41, No.4](http://links.jstor.org/sici?sici=0041462X%28199524%2941%3A4%3C266%3AWHWPAT%3E2.0.CO%3B2-D) (Winter, 1995), pp.266-283. Local: <http://links.jstor.org/sici?sici=0041462X%28199524%2941%3A4%3C266%3AWHWPAT%3E2.0.CO%3B2-D>

ORWELL, George. *A caminho de Wigan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. 1984. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1986.

_____. 1984. São Paulo: Companhia Editora nacional, 2005.

_____. *A Revolução dos bichos*. São Paulo: Editora Globo, 2002.

- _____. *Collected essays*. 2.ed. London : Secker & Warburg, 1975.
- _____. *Critical essays*. London : Secker and Warburg, 1951.
- _____. *Decline of the English murder : and other essays*. Harmondsworth, Middlesex : Penguin Books, in association with Secker & Warburg, 1953.
- _____. *Dias na Birmânia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *England, your England : and other essays*. London : Secker & Warburg, 1953.
- _____. *Lutando na Espanha*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.
- _____. *Lutando na Espanha, homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos*. São Paulo: Editora Globo, 2006
- _____. *Na pior em Paris e em Londres*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.
- _____. *Orwell in Spain*. Org. Peter Davidson. London: Penguin books, 2001.
- _____. *Orwell's England*. Org. Peter Davison. London; Penguin Books, 2001.
- _____. *Orwell and Politics*. Org. Peter Davison. London: Penguin Books, 2001
- _____. *Shooting an elephant*. London : Secker and Warburg, 1950
- _____. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. Org. Sonia Orwell and Ian Angus. London: Secker and Warburg, 1968. 4 volumes.
- _____. *The Complete Works of George Orwell*. Org. Peter Davinson. London: Sacker and Warburg, vol.1-9,1986; vol.10-20, 1998.
- _____. *The lion and the unicorn: socialism and the English genius*. with an introduction by Bernard Crick. Harmondsworth; New York : Penguin Books, 1982.
- _____. *The Orwell reader*. New York: Harvest book, 1956.
- _____. *The war broadcasts*. Harmondsworth: Penguin, 1987.

_____. *Why I Write*. London: Penguin books, 2004.

Orwell Reloaded. Folha de São Paulo, SP, domingo, Caderno MAIS!, 1º junho 2003.

PARTINGTON, John S. "The Pen as Sword: George Orwell, H.G. Wells and Journalistic Parricide". *Journal of Contemporary History*, Vol. 39, No. 1 (Jan., 2004). [Sage Publications, Ltd.](#) pp. 45-56. In: <http://www.jstor.org/stable/3180669>

REAME, Cecília Monteiro. *Sentidos de memória : considerações sobre o discurso na obra 1984*. Madrid, 2009. Disponível em : <http://www.ucm.es/info/especulo>. Indexado no MLA International Bibliography.

RODDEN, John. "On the Political Sociology of Intellectuals: George Orwell and the London Left Intelligentsia of the 1930s". [Canadian Journal of Sociology / Cahiers canadiens de sociologie](#) > Vol. 15, No. 3 (Summer, 1990), pp. 251-273. In: <http://links.jstor.org/sici?sici=03186431%28199022%2915%3A3%3C251%3AOTPSOI%3E2.0.CO%3B2-Z>

_____. *The Politics of Literary Reputation*. New Jersey: Transaction Publishers, 2006.

RODDEN, John. *Understanding Animal Farm: A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents*. The Greenwood Press "Literature in Context" Series, 1999.

SILVA, Liliam Mara Rodrigues. *Estudo de graus de politização na tradução: Animal Farm em vários contextos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000;

SILVA, Matheus C. "A Dialética como Mito? Edmund Wilson e a recepção das "Ciências Vermelhas" britânicas em Nova York nos anos de 1930". *Cadernos CEMARX*. n.7, 2014. Versão Eletrônica disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/1819>

_____. "As Cartas de Londres: a participação de George Orwell nas páginas da revista nova-iorquina Partisan Review durante a Segunda Guerra Mundial". *Faces da História*, Assis-SP, v.1, nº2, p. 132-160, jul.-dez., 2014. Disponível online em: <http://www.seer.assis.unesp.br/index.php/faces/article/download/104/145>

_____. "É possível contar a história? George Orwell e a re-invenção da linguagem sob o totalitarismo." In: *3º Simpósio Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?*. Mariana-MG, Universidade Federal de Ouro Preto, 25 a 27 agosto 2009. disponível: anais eletronicos (cd-rom).

_____. "História, memória e a (re)construção da identidade no 1984 de George Orwell". In . *IV Simpósio Nacional de História Cultural da ANPUH*. Goiânia-GO, Universidade Católica de Goiás, 13 a 17 de outubro de 2008. (cd-rom)

_____. “Memórias de uma guerra perdida: memória, identidade e imprensa na crítica orwelliana a repercussão da Guerra Civil espanhola, 1936-1937.” In: *XIX Encontro Regional da ANPUH, Seção São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 8 a 12 de setembro 2008. disponível em <http://www.anpuhsp.org.br/>

_____. *O limite do pessimismo: traços da constituição histórico-sociológica do imaginário literário orwelliano*. São Paulo/Santo André: Fundação Santo André, 2006. monografia de conclusão de curso. Exemplar disponível na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL).

_____. “O totalitarismo inventado: leitura, literatura e imaginação na obra de não-ficção de George Orwell”. In *III Encontro de Pós-graduandos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo (EPOG)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 17 a 19 de novembro de 2008. disponível em: caderno de resumos do III EPOG (cd-rom)

_____. *O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26112010-125409/>>. Acesso em: 2015-11-05.

STEINHOFF, William. *George Orwell and the origins of 1984*. London: Weindenfeld and Nicolson, 1975.

TAVARES, Débora Reis. *A revolta contra o totalitarismo em 1984 de George Orwell, a formação do herói degradado*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-12022014-125702/>>. Acesso em: 2015-10-03.

TREVAS, Leonardo Lucena. *Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George Orwell*. 2014; Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-18032015-122353/>>. Acesso em: 2015-10-03.

WILLIAMS, Raymond. *Orwell*. London: Fontana/Collins, 1971.

WOODCOOK, George. *Crystal Spirit: A Study of George Orwell*. New York: Black Rose Books, 2005.

Referências sobre a Partisan Review e o Left Book Club

AARON, Daniel. *Writers on The Left. Episodes in American literary communism*. New York: Columbia University

Press, 1992.

_____. *Literature an the Barricades: The American Writer in the 1930's*. Alabama: Universuty of Alabama Press, 1982.

BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons*. New York: Oxford University Press, 1986.

BUHLE, Paul. *Marxism in the United States*. London: Verso, 1992.

_____. BUHLE, Mary; GEORGAKAS, Dan. *Encyclopedia of American Left*. Chicago: University of Illinois Press, 1992.

BRICK, Howard. *Daniel Bell and the Decline of Intellectual Radicalism. Social Theory and Political Reconciliation in the 1940's*.

BLOOM, James. *Left Letters: The Culure Wars of Mike Gold and Joseph Freeman*. New York: Columbia Universty Press, 1992.

Catálogo Left Book Club Collection: Books published by the firm of Victor Gollancz on behalf of the Left Book Club 1936-1948. Dates: 1936-1948. Extent: 200 volumes plus, together with a art-set of "Left News". Special Collections & Library Archives Left Book Collection. University of Sheffield, England. Dispoñivel on-line: <http://www.shef.ac.uk/library/special/leftbook.pdf>

"Culture and the crisis : an open letter to the writers, artists, teachers, physicians, engineers, scientists and other professional workers of America" (1932) League of Professional Groups for Foster and Ford. Internet Archieve – Open Library. San Francisco. Versão digital em e-book disponível em: <http://archive.org/details/CultureAndTheCrisisAnOpenLetterToTheWritersArtistsTeachers>

COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals. Partisan Review and its circle, 1934-1945*. Winsconsin: The University of Winsconsin Press, 1986.

Cooney, Terry. "Cosmopolitan Values and the identification of Reaction: Partisan Review in the 1930's", *Jornal of American History* 68, n. 3 (Dezembro de 1981). pp. 580-98.

COSTA, Iná Camargo. *Panoramas do Rio Vermelho: ensaios sobre o teatro americano moderno*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

COSTELLO, David R. "My Kind of Guy': George Orwell and Dwight Macdonald, 1941-49". *Journal of Contemporary History*, Vol. 40, No. 1 (Jan., 2005), p. 79-94. In. <http://www.jstor.org/stable/30036310>

DENNING, Michael. *The Cultural Front*. New York: Verso, 1997.

_____. "The Special American Conditions: Marxism and American Studies." *American Quarterly* 38 (1986): 356-380.

DENNING, Michael. "The End of Mass Culture". *International Labor and Working-Class History* No. 37 (Spring, 1990), pp. 4-18. Versão on line disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/27671856?uid=3737664&uid=2129&uid=2134&uid=8971576&uid=877840&uid=2&uid=70&uid=3&uid=60&sid=21101506716941>

_____. "The Ends of Ending Mass Culture". *International Labor and Working-Class History* No. 38, The Working Class in World War II (Fall, 1990), pp. 63-67. Versão on line disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/27671891?uid=3737664&uid=2129&uid=2134&uid=8971576&uid=877840&uid=2&uid=70&uid=3&uid=60&sid=21101506716941>

ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

EASTMAN, Max. "Marxism: Science or Philosophy?" *New International*, August 1935, p. 159-163. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/eastman/1935/science-philosophy.htm>.

EASTMAN, Max. *The End of Socialism in Russia*. London: Martin Secker and Warbourg, 1938. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/eastman/1938/end-socialism.htm>.

GILBERT, James. "Literature and Revolution in the United States: The Partisan Review". *Journal of Contemporary History*. Vol. 2, No. 2, Literature and Society (Apr., 1967), p. 161-176. Local: <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-0094%28196704%292%3A2%3C161%3ALARITU%3E2.0.CO%3B2-J>

_____. *Writers and Partisans: A History of Literary Radicalism in America*. NY: Columbia University Press, 1993.

GOULD, Stephen Jay. "A Darwinian Gentleman at Marx's Funeral". *Natural History*. 108.7, Sept. 1999, p. 32. Disponível em: <http://go.galegroup.com/ps/i.do?id=GALE|A55698600&v=2.1&u=capes58&it=r&p=AONE&sw=w>.

HALDANE, John B.S. "Preface". In. ENGELS, F. *Dialectics of Nature*. 1939. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1883/don/preface.htm>.

HAWKINS, Desmond. *When I Was: an autobiogriography*. London: Macmillan, 1989.

HODGES, Sheila. Gollancz: The Story of a Publishing House, 1928-78. London: Gollancz, (1979)

HYNES, Samuel L. The Edwardian turn of mind. Random House UK; New Ed edition (September 27, 1992)

_____. *Auden Generation*. Random House UK; New Ed edition (September 27, 1992)

HOMBERGER, Eric. "Proletarian Literature and the John Reed Clubs 1929-1935". In: *Journal of American Studies*, Vol. 13, No. 2 (Aug., 1979), pp. 221-244. Cambridge University Press on behalf of the British Association for American Studies Disponivel em: <http://www.jstor.org/stable/27553695> .

HOWE, Irving. "I'm Not a Marxist". *New York Times Book Review*. 20 October 1985, p.11.

_____. *Politics and the Novel*. New York: Fawcett Premier book, 1967

_____. "The Dilemma of Partisan Review," *New International*, **Volume VIII, Number 1 (Whole No. 60)**, February 1942, pp. 20-23.

_____. "How Partisan Review Goes to War". *New International*. Volume XIII, Number 4 (Whole No. 116), April 1947, pp. 109-11.

LEWIS, John. *The Left Book Club. An historical Record*. London: Gollancz, 1970

MACDONALD, Dwight. "The Partisan Review Controversy". *New International*. Volume VIII, Number 3 (Whole No. 62), April 1942, pp. 90-93.

MALOSSI, Gustavo Mor. *Os americanismos e o marxismo. Semânticas em confronto no Simpósio "What is Americanism?" da revista Partisan Review (1936)*. Monografia ["Trabalho de Conclusão de pesquisa histórica", para a obtenção do grau de Bacharel em História], Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. 52p.

MARQUARDT, Virginia Hagelstein. "'New Masses' and John Reed Club Artists, 1926-1936: Evolution of Ideology, Subject Matter, and Style". In: *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, Vol. 12 (Spring, 1989), pp. 56-75. Published by: Florida International University Board of Trustees on behalf of The Wolfsonian-FIU Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1504057>

PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*. New York: Stein and Day, 1983.

PONTES, Heloisa. Cidades e intelectuais: os "nova-iorquinos" da Partisan Review e os "paulistas" de Clima entre 1930 e 1950. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, Out 2003, vol.18, no.53, p.33-52.

RAHV, Philip. "Proletarian Literature: A Political Autopsy". In *Essays on Literature and Politics, 1932-72*. Ed. Arabel J. Porter and Andrew Jdvosin, pp.292-308. Boston: Houghton Mifflin, 1978.

RAVETZ, Jerome. WESTFALL, Richard S. "Marxism and the History of Science". *Isis*, vol. 72, no. 3, Sep, 1981, p. 393-405. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/230257>.

ROBERTS, Edwin. "From the History of Science to the Science of History: Scientists and Historians in the Shaping of British Marxist Theory." *Science and Society*, vol. 69. n. 4. Outubro, 2005. p. 529-558.

ROBERTS, Edwin. *The Anglo-Marxists. Studies in Ideology and Culture*. Rowman and Littlefield, Boston, 1997.

RUSSEL, Jesse; COHN, Ronald. *Left Book Club*. Miami: Book on Demand, 2013

SAMUELS, Stuart." The Lef Book Club". *Journal of Contemporary History*, Vol. 1, No. 2, Left-Wing Intellectuals between the Wars (1966), pp. 65-86. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/259923>

SAMUELS, David. "Edmund Wilson and the Public Intellectuals". *The Wilson Quarterly* (1976-) vol. 20, no. 1 (Winter, 1996), p. 102-112. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40259305>.

SILVA, Matheus C. Em busca de outra modernidade? O marxismo como reação cultural ao modernismo e a experiência da revista nova-iorquina Partisan Review nos anos de 1930. In. DURÃO, F.; MUSSI, D.; MARANHÃO, A. *Marxismo: Cultura e Educação*. Campinas: Nankin editorial, 2015.pp.129-147.

STURDY, Steve. "Biology as Social Theory: John Scott Haldane and Physiological Regulation". *The British Journal for the History of Science*, vol. 21, no. 3 (Sep., 1988), pp. 315-340 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4026832>

TOIBIN, Colm. "Edmund Wilson: American Critic." *The New York Times*, september, 4, 2005. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/09/04/books/review/04TOIBIN.html?pagewanted=all>

URBACH, Karina. "Behind the infant Queen's gesture lies a dark history of aristocratic Nazi links". *The Guardian*. 19 de Julho de 2015. Versão on-line disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jul/19/nazi-hitler-royal-family>

WALD, Alan M. *The New York Intellectuals: The rise and decline of the Anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1987.

_____. *The Visible College*. Londres: Verso, 1978.

WILSON, Edmund. *Anos vinte: extraídos dos cadernos e diários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O castelo de Axel: estudo acerca da literatura imaginativa de 1870-1930*. São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

WILSON, Edmund. "O Mito da Dialética". In: *Rumo a Estação Finlândia: escritores e atores da história*, São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 173-91.

Referências teóricas sobre a Global History, a História Conectada, Redes Intelectuais, História Intelectual

Ángel Rama, Algunas sugerencias de trabajo para una aventura intelectual de integración. In: Ana Pizarro (org.), *La literatura latinoamericana como proceso*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

DA MATA, S. *Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal*. História da Historiografia, Ouro Preto, N. 6, Março, 2011, 247-251.

DARLIK, Arif. "Performing the World: Reality and Representation in the making of World Histor(ies)". "Teaching World History" conference at the GHI, March 3, 2005. In: Bulletin of the GHI Washington, n 37. 2005. pp.1-18.
Disponível em: https://muse.jhu.edu/journals/journal_of_world_history/.../16.4dirlik.html

DARNTON, R. *Edição e Sedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Poesia e Polícia. Redes de Comunicação na Paris do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Os Best-sellers proibidos da França pré revolucionária*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. (org.) *Revolução Impressa: A imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: EDUSP, 1996.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001; *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 2 vol.

FERNANDES, C.S. *Concepção de Estado e conhecimento histórico entre Leopold von Ranke e Jacob Burckhardt. Seminário Facetas do Império na História.ProDoc/Capes – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 6 a 10 de Novembro de 2006. Disponível on-line:people.ufpr.br/~andreadore/cassio.pdf*;

FICKER, Sandra Kuntz. “Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales”. IN: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 27 mars 2014. Disponível online em: <https://nuevomundo.revues.org/66524>

GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. IN: *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195.

GRUZINSKI, Serge. *Que horas são...lá, no outro lado? América e Islã no limiar da época moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CHAPMAN, James. *The British At War: Cinema, State and Propaganda, 1939-1945*. I. B. Tauris, 2001.

GONZÁLES, A. P.; GRILLO, M. Revistas culturales y redes intelectuales: uma aproximación metodológica. *Temas de Nuestra America*, n.54, julio-diciembre, 2013. pp.177-194. E ainda GONZÁLEZ, A. P.; GRILLO, M. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, v.5,n.1, junio, 2015. pp.1-30 Disponível em: <http://www.relmecs.fahce.unlp.edu.ar/article/view/relmecs05n01a06> .

HARTOG, François. "Experiência do tempo: da história universal à história global?". IN: *história, histórias*. Brasília, vol. 1, n. 1, 2013. p. 164-179.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWM, Eric. Prefácio. In: *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 14-15.

IGGERS, Georg. "Desafios do século XXI à historiografia". IN: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 4, mar/10, p. 105-124. e KOCKA, Jürgen. "Global History: Opportunities, Dangers, Recent Trends". IN: *CULTURE & HISTORY DIGITAL JOURNAL* 1(1) June 2012. p. 1-6.

KELLEY, Donald R. “Intellectual History in a Global Age.” *Journal of History of Ideas*, n.64, 2003, pp. 1-72.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João P.G. *As tradições de história global na América Latina e no Caribe. História, Historiografia. Ouro Preto, n.17, Abril, 2015. pp.30-49. Disponível em: www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/.../529*

MCNELLY, J. R.; MCNELLY, H. William. *Las redes humanas. Una historia global del mundo* (Barcelona: Crítica, 2004

MUSSER, Charles "Carl Marzani and Union Films: Making Left-Wing Documentaries during the Cold War, 1946–53." *The Moving Image 9.1* (2009): 104-160. *Project MUSE*. Web. 21 Jan. 2011. <<http://muse.jhu.edu/>>.

NEDER, Gizlene; SILVA, Ana Paula B. R. "Intelectuais, circulação de ideias e apropriação cultural: anotações para uma discussão metodológica". In: *Passagens: Revista Internacional de História Política e cultura jurídica*. Rio de Janeiro, vol. 1, n.1, janeiro/julho 2009, pp.29-54.

OLIVERIA, Angela Meirelles de, O papel da imprensa na circulação de ideias e de intelectuais antifascistas entre a Argentina, o Uruguai e a França (1933-1939). *Revista Faces da História*, Assis-SP, v.2, n.1, p.159-171, janeiro-junho, 2015.

RADCLIFFE BROWN, A.R."On Social Structure", *Journal of the Royal Anthropological Society of Great Britain and Ireland*, 70. 1940.

RANKE, L.V. *O conceito de história universal (1831)*. In: Estevão de Rezende Martins (org.). *A história pensada. Teoria e método na historiografia europeia do séc. XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 202-215.

REMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre. A associação política. In. REMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RÜSEN, Jörn. "Some Theoretical Approaches to Intercultural Comparative Historiography". *History and Theory* Vol. 35, No. 4, Chinese Historiography in Comparative Perspective (Dec., 1996), pp. 5-22. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2505441>

SIMMEL, Georg. *Conflict: The Web of group Affiliations*. Glacoe Free Press, 1955.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. A noção de "espaços de sociabilidade" foi também consagrado na obra de

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In: TULLY, James. (Ed.). Meaning and context: Quentin Skinner and his critics. Princeton: Princeton University Press, 1988. p. 29-67.)

SPENGLER, O. *O Declínio do Ocidente. Esboço de uma morfologia da história universal*. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

SUBRAHMANYAM, Sanjai, “Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, en *Beyond Binary Histories. Re-imagining Eurasia to c. 1830*, ed. V.Lieberman (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

VAZQUEZ, Karina R. “Redes intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920”. *Tempo social, Revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, Junho 2005, pp. 55-80.

VENGOA, Hugo Fazio. *La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente. Historia Critica Edición especial*, Bogotá, Noviembre 2009, pp. 300-319.

Referências gerais sobre a Segunda Guerra Mundial e história da esquerda no século XX

“A brief history of New Left: 1960-2010”. In. <http://newleftreview.org/history>

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Perry. Considerações sobre o Marxismo Ocidental. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Arguments within english marxism*. Londres. New Left Books 'An opportunity to fight fascism': Interview with Jack Jones. “Today”. BBC Radio 4. Saturday, 25 April 2009 . Disponível on-line em: http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid_8018000/8018004.stm

_____. *Espectro*. São Paulo: Boitempo, 2012.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Univ, 1989.

_____. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

“Author take sides on the Spanish Civil War”. Varios autores. London. Left Review, 1936. Versão digitalizada em e-book disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CCEQFjAA&url=http%3A%2F>

[%2Flibrary.fes.de%2Fpdf-files%2Fnetzquelle%2Fa-37891.pdf&ei=PoyVULmMBYWi8gTSo4DYBQ&usg=AFQjCNGM33kGF-iNml_UC2s8kd8jzHyNaA&sig2=7Eoojb2wei1nLAkviwtXJw](#)

BARBER, John, 'The Establishment of Intellectual Orthodoxy in the USSR, 1928–1934', *Past and Present*, no. 83 (May 1979)

BERNAL, John D. "Dialectical Materialism and Modern Science". *Science & Society*, vol. 2, no. 1, Winter, 1937b, p. 58-66. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40399130>.

BERNAL, John D. "Engels and Science." *Labour Monthly Pamphlets*. n. 6. S-d, 2008. The Trinity Trust. London. Marxist Internet Archive, Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/bernal/works/1930s/engels.htm>.

BERNAL, John D. "Psycho analysis and Marxism". *The Labour Monthly*. vol. 19. n. 7. Julho, 1937a. p. 435-437. Marxist Internet Archive. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/bernal/works/1930s/psycho.htm>

BERTONHA, João Fábio. Los fascismos en América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en una perspectiva comparada. In: *El fascismo en Brasil y América Latina. Ecos Europeos y desarrollos autóctonos*. México (DF), ENAH, 2012.

BUCHANAN, Tom. "The Death of Bob Smillie, the Spanish Civil War, and the Eclipse of the Independent Labour Party". *The Historical Journal*, Vol. 40, No. 2 (Jun., 1997), pp. 435-461. In: <http://www.jstor.org/stable/2640074>.

_____. "Edge of darkness: British "front-line" diplomacy in the Spanish Civil War, 1937-1938." *Contemporary European History*, 3, 2003.

_____. *Britain and the Spanish Civil War*. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. "The secret history of Britain's Spanish civil war volunteers: Do records newly released by MI5 suggest the British battalion were freedom fighters or communist dupes?". *The Guardian*, Tuesday 28 June 2011. Disponível on-line em <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/jun/28/mi5-spanish-civil-war-britain>

CAPELATO, Maria Helena. Fascismo, uma ideia que circulou pela América Latina. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 16., 1991, Rio de Janeiro, RJ. Anais... p. 51-63.

CAUTE, D. *Le communisme et les intellectuels français (1914-1966)*. Paris, 1967.

CERUTI, Mauro. O materialismo dialético e as ciências nos anos 30. In. Eric Hobsbawm. et alii. *História do Marxismo*.

São Paulo: Paz e Terra. 1989. Volume 9. pp.315-86.

CEVASCO, M. Elisa. “Questões de Teoria: o materialismo cultural”. In. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. pp.115-181.

_____. *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

CLURMAN, Harold. *The Fervent Years: The Group Theatre And The Thirties*. Da Capo Press, 1983.

COHAN, A. S. *Teoria da Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA, Alexandre A. “Londres sob bombardeios alemães: uma série de Ralph Ingersoll no jornal O Estado de S. Paulo (1940-1941)

”. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, UNESP, v. 8, n. 2, p. 128-147, julho-dezembro, 2012, pp.1-20.

CURTO, D.R.; JERÔNIMO, M.; DOMINGOS, N. “Nações e nacionalismos. (a teoria, a história, a moral)”. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 24, n. 2, novembro, 2012, p.33-58.

DASSÚ, Marta. Frente única e frente popular: O VII Congresso da Internacional comunista. In. Hobsbawm, E. (*et alli*) *História do Marxismo. O marxismo na época da Terceira internacional: da terceira internacional comunista de 1919 às frentes populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Volume 6. pp.293-336.

EASTMAN, Max. *The last stand of dialectic materialism : a study of Sidney Hook's Marxism*. New York : Polemic publishers, 1934. Versão em e-book disponível em:

<http://archive.org/details/TheLastStandOfDialecticMaterialismAStudyOfSidneyHooksMarxism>

_____. “Marxism: cience or philosophy?”. From New International, [Vol.2 No.5](#), August 1935, pp.159-163.

Versão on line disponível em: <http://marxists.org/history/etol/writers/eastman/1935/08/marxism.htm>

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

_____. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

_____. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

FARELL, James T. “Literature and ideology”. *The New International*, May, 1942. Versão on-line disponível em:

http://marxists.org/subject/art/lit_crit/works/farrell/litandideology.htm

_____. “The Language of Hollywood”. *New International*. Volume XI, Number 1 (Whole No. 94), January 1945. pp. 24-7.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A nova “velha história”: o retorno da história política”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 265-271.

GORELIK, Adrian. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In. MELO MIRANDA, Wander (org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Editora Autentica. 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979..

HALDANE, J.B.S. “Preface”. In, ENGELS, F. *Dialectics of Nature*. 1939.

KAYE, Harvey, *The British Marxists historians*. New York: St. Martin, 1984.

HOBSBAWM, Eric. *A era do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra. 2011

_____. A Era do Capital (em português). São Paulo: Paz e Terra, 1977. p. 124-129.

_____. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. “A cultura europeia e o marxismo entre os séculos XIX e XX”. In *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, vol.2. pp.75 ss.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____. “Os intelectuais e o anti-fascismo”. In. Eric Hobsbawm et alii. *História do Marxismo*. São Paulo, Paz e Terra. 1989. Volume 9. pp.257-314.

HOBSBAWM, E. Os intelectuais e o antifascismo. In HOBSBAWM, E. (org.) *História do Marxismo. O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. Vol. 9. pp.257-315.

HOBSBAWM, E. (org). *História do Marxismo: O marxismo na época da Terceira Internacional – da Internacional Comunista de 1919 às Frentes populares*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Volume 6. p.197-218.

_____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Tempos interessantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOOK, Sidney. "Karl Marx and Moses Hess". *New International*, Vol.1 No.5, December 1934, pp.140-144. Versão on-line disponível em: <http://marxists.org/history/etol/writers/hook/1934/12/hess-marx.htm>

_____. "Marx's criticism of 'True Socialism'". From *New International*, [Vol.2 No.1](#), January 1935, pp.13-16. Versão on-line disponível em: <http://marxists.org/history/etol/writers/hook/1935/01/truesoc.htm>

_____. "Marx and Feuerbach". From *New International*, [Vol.3 No.2](#), April 1936, pp.47-57. Versão on-line disponível em: <http://marxists.org/history/etol/writers/hook/1936/04/feuerbach.htm>

HYNES, Samuel L. *The Edwardian turn of mind*. Random House UK; New Ed edition (September 27, 1992)

_____. *Auden Generation*. Random House UK; New Ed edition (September 27, 1992)

HALDANE, J.B.S. "Preface". In, ENGELS, F. *Dialectics of Nature*. 1939.

"John Ford as Young Mr Lincoln text collectif" *Cahiers du Cinema* 223, 1970. In. <http://faculty.washington.edu/cbebler/glossary/cahiersjohnford.html>

LAITY, Paul(org.). *Left Book Club Anthology*. London: Gollancz (July 1, 2001)

LANN, Eugene. *Marxism and Modernism: An historical study of Luckács, Brecht, Benjamin and Adorno*. Berkeley: University of California Press, 1982.

LÊNIN, V. I. "O comunismo 'de esquerda' na Inglaterra". In: *A doença do "esquerdismo" no comunismo*. São Paulo: São Paulo: Expressão Popular, 2013. pp.319-328.

LOWY, Michael; SYRE, Robert. "A corrente romântica nas ciências sociais na Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams." In. *Anais do Colóquio Marx e Engels, CEMARX*, Unicamp. Versão em pdf disponível em www.unicamp.br/ce marx/criticamarxista/critica8parte4lowy.pdf

LOMONCIC, Flávio. *Os inventores do New Deal. Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LOMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco P. *Os intelectuais do Antiliberalismo. Projetos políticos para outras modernidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOWY, Michael. "Towards a Sociology of the Anticapitalist Intelligentsia". In Georg Luckács: *From Romanticism to Bolshevism*.

LOWY, Michael; SYRE, Robert. "A corrente romântica nas ciências sociais na Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams." In. *Anais do Colóquio Marx e Engels, CEMARX*, Unicamp. Versão em pdf disponível em

www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica8parte4lowy.pdf

“Man honoured for civil war fight”. BBC News, Shropshire, UK. Tuesday, 9 June 2009. Disponível on-line em:
http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/shropshire/8090782.stm

“Manchester remembers its Spanish Civil War heroes”. BBC News, Manchester. United Kingdom. Wednesday, 4 August 2010. Disponível on-line em:
http://news.bbc.co.uk/local/manchester/hi/people_and_places/history/newsid_8885000/8885466.stm

MANN, Thomas. *Ouvintes Alemães! Discursos contra Hitler - 1940-45*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARX, Karl. “Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores - 24 de Outubro de 1871”. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1871/10/24.htm>

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

MCILROY, John. “The Establishment of Intellectual Orthodoxy and the Stalinization of British Communism 1928–1933” In: *Past & Present*, Number 192, August 2006, pp. 187-230. Disponível em <http://muse.jhu.edu/journals/ptp/summary/v192/192.1mcilroy.html>

MCILROY, John. The Establishment of Intellectual Orthodoxy and the Stalinization of British Communism 1928–1933. *Past & Present*, n. 192, August, 2006, pp. 187-230. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/ptp/summary/v192/192.1mcilroy.html>

MEIHY, J. C. S. B. e BERTOLLI FILHO, C. *A guerra civil espanhola*. São Paulo: Ática, 1996.

MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos!: Antologia Política da Primeira Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014.

“Obituary Jack Jones: Jack Jones, the former leader of the Transport and General Workers' Union and veteran of the Spanish Civil War, has died at the age of 96.”. BBC World News, Wednesday, 22 April 2009. Disponível on-line em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/3390633.stm

PERLOF, Marjorie. *O momento futurista; avant-garde, avant-guerre e a linguagem de ruptura*. São Paulo: EDUSP, 1993.

PICKERING, M. ; CHANEY, D. "Democracy and Communication: Mass Observation, 1930-1943". *Journal of Communication*, vol.36, n.1. 1986.

PRESTON, Paul. *The Spanish Holocaust*. London: Haper Press, 2011.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROVIDA, Giorgio. « A revolução e a guerra na Espanha ». In Hobsbawm, E. (org). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, Volume 9, p.337-77.

SAUNDERS, Frances. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da Cultura*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história : indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000

_____. *Viena fin-de-siecle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOARES, Marcos César de Paula . O Projeto Inacabado de Cidadão Kane. In: Marcos Soares; Maria Elisa Cevalco. (Org.). *Crítica Cultural Materialista*. 1 ed. São Paulo: Humanitas, 2008, v. 2, p. 167-226.

"Spanish Civil War 'drew 4,000 Britons' to fight fascism". BBC News, United Kingdom. 28 June 2011. Disponível online em: <http://www.bbc.co.uk/news/uk-13937616>

STENDHAL. *Arance*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STORER, Colin. *Britain and the Weimar Republic: The History of a Cultural Relationship*. London: I.B. Tauris, 2010.

TODOROV, Tzvetan. . *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro : Record, 1999.

_____. *Memóire du mal. Tentation du bien*. Enquête sur le siècle. Paris : Roberty Laffont, 2000.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Volume 3.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas,

THE CASE OF Leon Trotsky. Report of Hearings on the Charges Made Against Him in the Moscow Trials *by the Preliminary Commission of Inquiry into the Charges Made Against Trotsky in the Moscow Trials Held April 10 to 17, 1937 at Avenida Londres, 127 COYOACAN, MEXICO*. John Dewey, *Chairman*; Carleton Beals (*resigned*); Otto Ruehle; Benjamin Stolberg; Suzanne LaFollette, *Secretary*. *Todos os relatórios da comissão estão disponíveis on-line em* <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1937/dewey/>

The International Brigade Association and Friends of Republican Spain: list of persons who fought in Spain, 1936-1939; annotated list of people who fought in the Spanish Civil War. Includes a Roll of Honour of those killed. The National Archives, Kew, Richmond, Surrey, United Kingdom. Arquivo disponível on-line em: <http://discovery.nationalarchives.gov.uk/SearchUI/Details?uri=C11541641>

THURLOW, R. *Fascism in Britain. From Oswald Mosley's Blackshirts to the National Front*. London: I.B. Tauris, 2006.

TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. Mineola, 1996.

TODOROV, Tzvetan. . *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro : Record, 1999.

_____. *Memóire du mal. Tentation du bien*. Enquête sur le siècle. Paris : Roberty Laffont, 2000.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Volume 3.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas,

UREÑAS, Pedro Henríquez. "La influencia de la revolución en la vida intelectual de México". Disponível on line em : (<http://www.ensayistas.org/antologia/xxa/h-urena/phu3.htm>) 5-86.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *A formação do romance inglês : ensaios teóricos*. Paulo, 2000.

“Veteran recalls Spanish Civil War “. BBC News, Scotland. Friday, 17 November 2006. Disponível on-line em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/scotland/6158544.stm

Werskey, P.G. “Nature and politics between the wars”. *Nature*, 1 de novembro de 1969, n. 224, pp.462-72.

Williams, Martin. *The Jazz tradition*. New York: Oxford University Press, 1993.

WILLIAMS, Raymond. “Alignment and Commitment”, in. *Marxism and Literature*. Verso, 1989.

_____. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. "Cinema and Socialism". In. *The Politics of Modernism: Against the New Conformists*. London & New York: Verso, 1989.

_____. "Language and Avant-Garde". In *Politics of Modernism*. London: Verso, 1992.

WILLIAMS, Raymond. "Alignment and Commitment", in. *Marxism and Literature*. Verso, 1989.

_____. "Language and Avant-Garde". In *Politics of Modernism*. London: Verso, 1992.

_____. *Orwell*. London: Fontana/Collins, 1971.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Politics and letters : interviews with New Left Review*. Conducted by Perry Anderson, Anthony Barnett, and Francis Mulhern of the editorial committee of New Left Review. London: New York : Verso: distributed in the USA and Canada by Schocken Books, 1981.

_____. *The Long Revolution*. London: Broadview Press, 2001)

_____. "The uses of cultural theory". New Left Review, no 158. 1986,

WILLIAMS, Martin. *The Jazz tradition*. New York: Oxford University Press, 1993.

WILSON, Edmund. *Anos vinte : extraídos dos cadernos e diários*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

_____. *O castelo de Axel : estudo acerca da literatura imaginativa de 1870-1930*. São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. *Rumo a Estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. "O Mito da Dialética". In *Rumo a Estação Finlândia: escritores e atores da história, São Paulo: Companhia das Letras, 1986*. pp.173-91.

WOOD, N. *Communism and british intellectuals*. NY, 1959.

Woodcock, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas: Volume I - A Ideia*. São Paulo: L&PM Pocket, 2002.

WOLFE, Bertram David. *Marx and America*. New York: John Day Co. 1934. Versão digitalizada em e-book disponível em: <http://archive.org/details/MarxAndAmerica>

YAGUELLO, Marina. “Introdução”. In. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009, pp.11-19